

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO, SERVIÇO SOCIAL E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

LUCAS MIRANDA PINHEIRO

**DARCY RIBEIRO E A AMÉRICA LATINA: UM PENSAMENTO
EM BUSCA DA IDENTIDADE E DA AUTONOMIA LATINO-
AMERICANAS**

FRANCA
2007

LUCAS MIRANDA PINHEIRO

**DARCY RIBEIRO E A AMÉRICA LATINA: UM PENSAMENTO
EM BUSCA DA IDENTIDADE E DA AUTONOMIA LATINO-
AMERICANAS**

Dissertação de mestrado entregue ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, Direito, Serviço Social e Relações Internacionais, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), da cidade de Franca-SP, para a obtenção do título de Mestre, na Linha de Pesquisa em História e Cultura, com Área de concentração em História e Cultura Política.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Aggio

Franca
2007

À memória de meu pai, Gualberto Miranda Pinheiro;
À presença de meu avô, José Aparecido;

À minha fonte de motivação, equilíbrio e superação,
minha amada e querida esposa,
Érica Winand.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História da FHDSSRI-UNESP/Franca, por me acolher em seu curso de Mestrado em História e Cultura, na linha de pesquisa História e Cultura Política, representado por seus coordenadores, conselheiros, professores, alunos, e funcionários (especialmente: Alan Berteli, Regina Celi dos Santos Gomes e Maísa Helena de Araújo).

Devo agradecimentos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento concedido nos 24 primeiros meses da pesquisa.

Sem dúvida alguma os maiores agradecimentos se dirigem ao meu Orientador, o Prof. Dr. Alberto Aggio. Não somente pelo apoio e respaldo institucional/acadêmico, mas principalmente pelo apoio e respaldo pessoal e humano; sem a sua compreensão, dedicação, e incrível capacidade de sempre me surpreender com a rispidez ou o acolhimento de que precisei em cada diferente momento, este trabalho não teria se realizado. Independentemente desta dissertação de Mestrado, talvez jamais consiga retribuir o que ele e sua esposa Hercídia Mara Facuri Coelho me proporcionaram, com as apostas que em mim fizeram, com a confiança que em mim depositaram, e com o carinho que me dedicaram. Novamente obrigado.

Gostaria de destacar a importância que o Programa Especial de Treinamento – PET/SeSu-MEC (atualmente denominado Programa de Educação Tutorial – PET/DEPEM-SeSU-MEC), teve em toda a minha formação acadêmica, principalmente no que se refere à sua exigência da prática de iniciação científica, o que sem dúvida alguma constituiu importante alicerce no processo de concepção do projeto para este trabalho. Ao PET, e a seu Tutor, o Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi, que também foi meu orientador ao longo de toda a graduação, portanto, atribuo boa parte da responsabilidade pelo trabalho até aqui realizado.

O Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi contribuiu ainda com sua participação em minha banca de qualificação, junto da Profa. Dra. Thereza Maria Malatian, e, assim, agradeço a ambos por suas indicações de encaminhamento à finalização do trabalho que hora apresento.

Longe de desvalorizar a importância de qualquer um dos professores que participaram de minha formação na Graduação ou no curso de Mestrado, dirijo agradecimentos especiais a: Margarida Maria de Carvalho, Vânia de Fátima Martino, Genaro Martino e Ivan Aparecido Manoel. Todos foram importantes para a realização desse trabalho não necessariamente com seu apoio acadêmico, mas com o marcante carinho e a especial atenção que sempre me ofereceram. Assim como os Professores Héctor Luís Saint-Pierre e Suzeley Kalil Mathias, cujas dedicação e carinho também indireta ou diretamente me atingem.

Estendo os agradecimentos que dirijo à UNESP/Franca às pessoas de todos os seus funcionários, em especial ao José Carlos Rezende, Jacimar Resende, Vânia C. S. Leão, Éder Siqueira, Fátima Garcia, Cláudio Rigueti, Carlos Alberto de Souza, Fátima Guiraldelli, Sebastião Granzoti, Carlos Alberto Bernardes, Marcinho, Valdinho, Marcão, Maria de Lourdes Ferro, Enide Alves e Laura Jardim; entre estes últimos destaco o nome de Márcio Augusto Garcia que, de todos os funcionários da UNESP/Franca foi o que mais me apoiou e ajudou em diversos momentos.

Agradeço de maneira bastante enfática à Associação Cultural e Educacional de Franca – ACEFRAN, por ter me aberto as portas na Universidade de Franca – UNIFRAN, ao longo de todo o ano de 2006. Especialmente à sua Pró-Reitora Acadêmica, Profa. Dra. Hercídia Mara Facuri Coelho, por ter me encaminhado aos Diretores de Curso - Julius César Pimenta (Design em Moda), Marcos Alves de Souza (História), Adriana Mantese Gáspari (Turismo) e Zulmira Guasti Lima (Pedagogia) – que por sua vez me deram a oportunidade de trabalhar nos cursos de sua responsabilidade. Para além de uma relação estritamente profissional encontro na UNIFRAN pessoas a quem dedico bastante carinho e respeito. Sem o apoio que me foi dado pela UNIFRAN, sem a menor sombra de dúvida, jamais poderia finalizar esse trabalho.

Estendo, assim, os agradecimentos aos Professores companheiros de trabalho na UNIFRAN (especialmente Milton Andreza dos Reis, Cássio Tomain, Marcos Sorrilha Pinheiro e Cláudia Regina Bovo), e aos funcionários da instituição (especialmente ao Jocimar, Luigi, Rodrigo, Juliana, Rafael,

Dagoberto, Juninho, Zé Gomes e Malu, da sala dos Professores; Mara, Ricardo, Mateus, Reis, Tiago Dias e Tiago Bonassimi, do setor de audiovisuais; Dulce e Lidiane dos Recursos Humanos; e a todos os demais funcionários que injustamente omiti).

Não poderia deixar de agradecer a todos os alunos que de alguma forma me motivaram ou incentivaram a finalizar este trabalho – em especial às pessoas que mais me ensinaram do que eu a elas, Luciana Junqueira Pimenta Sandrin e Livia Machado da Silva.

Dentro dos agradecimentos formais finalizo pelo dedicado à minha esposa Érica Winand, sem a qual nada disso teria sentido.

* * *

Me distanciando um pouco das formalidades acadêmicas desse trabalho, peço licença para agradecer meus amigos mais próximos, e também aos menos próximos, que de alguma maneira contribuíram, do início ao fim, para sua realização: Anderson de Oliveira Garcia, Jonas Rafael dos Santos, Bruno Barbeto, Gustavo Bueno, Reginaldo de Oliveira Pereira, Flávio Henrique Simão Saraiva, Leandro Salman Torelli, Michael Luiz dos Santos, Isadora Faleiros Frare, Jonis Freire, Antônio de Pádua Cardoso Neto, Flávio Henrique Dias Saldanha e sua esposa Letícia Saldanha, Douglas Biaggio Puglia, Augusto Rischitelli Bragança e sua esposa Juliana, César Russo, Marina Novaes de Sene, Angélica Araújo de Oliveira, Jonas Marangoni, Paulo Roberto de Oliveira, Edson Mtsuo Soraji, Anderson Luis Venâncio, Fernando Avelar Pinto, Ezequias, Rafael (Panda), Maninho e Ricardo Fontes (Pirata).

Dedico agradecimentos ao apoio dado pela amizade de Luis Carlos Bueno de Siqueira, Maria Cláudia Almeida Siqueira, Luis Eduardo Almeida Siqueira, e novamente a meu amigo Flávio Henrique Dias Saldanha e sua esposa Letícia (minha família no residencial Oliveira).

Obrigado aos amigos Luis Carlos Santos, José Aurélio Guimarães, Paulo José Silva e Mieko Sagara Silva.

Agradeço aos meus amigos, hoje, mais próximos: Alexandre Budaibes, Maria Cecília de Oliveira Adão e Eduardo Mei. Obrigado por tudo.

Agradeço muito à minha família: ao meu querido avô Zelão, à minha querida avó Celeste, à minha mãe, Izilda Roseli, e aos meus irmãos (Felipe e Beatriz). Obrigado a todos os familiares que nos apoiaram ao longo destes difíceis anos de 2005 e 2006 – principalmente meu primo Rodrigo Pinheiro Melges e meus tios João Bento Miranda Pinheiro, Libânio Miranda Pinheiro e Eliana R. Aparecido. Obrigado também à minha nova família: meus sogros Edilson e Maria Conceição, minha cunhada, Milena e meus sobrinhos Joaquim e Julia; e também ao Bento Winand Pinheiro.

Antes de finalizar reafirmo minha gratidão à minha querida esposa, Érica Winand. Obrigado pelos nossos momentos mais felizes; e também pelos menos felizes... obrigado por cada momento.

Finalizo meus agradecimentos me remetendo à memória de meu pai, Gualberto Miranda Pinheiro, que me deixou no meio dessa jornada: pelos exemplos, a serem seguidos e a não serem seguidos, pela dedicação – que nunca lhe faltou –, mas sobretudo pelo amor, pelo carinho e pelo respeito. Não me lembro de um só momento muito importante de minha vida em que não superou a distância que nos separava para poder observar de perto, sempre se enchendo de orgulho, e sempre me mostrando isso. Pelo orgulho que também tenho de ti, e por tudo o que para mim representa, tenha certeza que o terei por perto em mais esse momento. Obrigado por tudo.

Lucas Miranda Pinheiro

RESUMO

Este trabalho se propõe a compreender as principais idéias de Darcy Ribeiro para os países latino-americanos, na temática que, com relação a esse problema, enxergamos como central em sua obra: a condição desses países, frente às perspectivas de desenvolvimento que a eles se abrem, entre as décadas de 1950 e 1990. Portanto, trata-se de um trabalho com recorte limitado à História do Presente, que se propõe a dialogar com a História do Pensamento Político, no âmbito da História das Idéias, restrito à perspectiva da História Intelectual, por focar um personagem que se propõe a pensar o Brasil e, como nosso recorte fundamental de trabalho, a América Latina. Como fontes primárias nos utilizamos de três obras de Darcy Ribeiro: *As Américas e a Civilização*, *O Dilema da América Latina*, e *América Latina: a Pátria Grande*. E como secundárias, toda a literatura direta ou indiretamente ligada ao autor. Para envolver o autor em seus contextos, o relacionaremos aos fatos históricos em que é chamado a participar, ou dos quais recebe influências, que de alguma maneira deduzimos contribuir para a elaboração de seu pensamento em relação à América Latina; bem como procuraremos traçar as correntes de pensamento representativas das idéias políticas com que mais claramente dialoga nos diferentes períodos, principalmente as correntes interpretativas da condição dos países latino-americanos frente às suas perspectivas de desenvolvimento.

PALAVRAS CHAVE:

Darcy Ribeiro; Brasil; América Latina; Desenvolvimento; Identidade; Autonomia

RESUMEN

Este trabajo se propone a comprender las principales ideas de Darcy Ribeiro para las naciones latinoamericanas, en la temática que, con relación a esto problema, consideramos como central en su obra: la condición de estos países, frente a las perspectivas de desarrollo que a eles se abren, entre las décadas de 1950 e 1990. Por tanto, tratase de un trabajo con recorte limitado a la Historia del Presente, que se propone a dialogar con la Historia del Pensamiento Político, en el ámbito de la Historia de las Ideas, restringido a la perspectiva de la Historia Intelectual, por dirigir el análisis en un personaje que se propone a pensar el Brasil y, como nuestro recorte fundamental de trabajo, la América Latina. Como fuentes documentales primarias nos utilizamos de tres obras del autor: *As Américas e a Civilização* (*Las Américas y la Civilización*), *O Dilema da América Latina* (*El dilema de América Latina*), y *América Latina: a Pátria Grande* (*América Latina: la Patria Grande*). Y como fuentes documentales secundarias, toda la literatura directa o indirectamente ligada al autor. Para envolver el autor en sus contextos, lo relacionaremos a los eventos históricos en que é llamado a participar, o de los cuales recibe influencia, que de alguna manera deducimos contribuir para la elaboración de su pensamiento con respecto a América Latina; así como procuraremos delinear las corrientes de pensamiento representativas de las ideas políticas con que más claramente dialoga en los diferentes períodos, principalmente las corrientes interpretativas de la condición de los países latinoamericanos frente a sus perspectivas de desarrollo.

Palabras-Llave:

Darcy Ribeiro; Brasil; América Latina; Desarrollo; Identidad; Autonomía

ABSTRACT

This work intends to comprehend the Darcy Ribeiro's principal ideas about the Latin American nations, focusing the questions that, concerning to this problem, we descry as weighty in his work: the Latin American nations condition in face of their development perspectives between the decades of 1950 and 1990. Wherefore, it is a question clipped to the History of the Present, that proposes to dialogue with the History of Political Thought, in the ambit of the History of Ideas, restricted to the perspective of Intellectual History, due to its focus in a character that propounds to thought Brazil and, especially to the object of this work, the Latin America. Like primary documental sources we exploit three Darcy Ribeiro's works: *As Américas e a Civilização* (*The Americas and Civilization*), *O Dilema da América Latina* (*The Dilemma of Latin America*) e *América Latina: a Pátria Grande* (*Latin American Nation*). And like secondary documental sources we exploit all of the direct and indirect literature we know from and about him. To involve Darcy Ribeiro into the different contexts he lives, he will be linked to the historical facts we deduce he receives influences, in order to compound his thinking about Latin America; in the same way we will seek, in the different periods, the intellectual streams more representatives of the Political Ideas more exploited by our character, mainly the interpretative streams of the perspectives to development to the Latin American nations.

KEYWORDS:

Darcy Ribeiro; Brazil; Latin-America; Development; Identity; Autonomy

LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 1:	Etapas Evolutivas em Diversos Esquemas Conceituados ..	Cap.2	p.091
QUADRO 2:	Seqüências Básicas da Evolução Sociocultural em Termos de Revoluções Tecnológicas, de Processos Civilizatórios e de Formações Socioculturais	Cap.2	p.095
QUADRO 3:	Modos de Integração da Civilização, Revoluções Tecnológicas, e Formações socioculturais	Cap.2	p.097

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	011
CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE DARCY RIBEIRO	014
1.1 De sua formação intelectual às suas idas e vindas na militância comunista das décadas de 1940 e 1950.....	019
1.2 Do abandono do Comunismo na década de 1940 à adesão ao Trabalhismo das décadas de 1950 e 1960.....	036
1.3 Vivências do exílio: entre reformas universitárias e “revoluções latino-americanas”, a descoberta da América Latina (década de 1970)	046
1.4 O retorno ao Brasil e a aposta na democracia: a educação como bandeira política e o retorno à “revolução necessária” (décadas de 1980 e 1990)	061
CAPÍTULO 2 - DARCY RIBEIRO E A PROPOSTA DE UMA INTERPRETAÇÃO ACADÊMICA DA AMÉRICA LATINA	070
2.1 Estudos de Antropologia da Civilização: necessidade de compreender o Brasil	072
2.2 Os Estudos de Antropologia da Civilização e as bases teóricas para a análise de Darcy Ribeiro sobre a América Latina	088
2.3 A América Latina: de seu “processo de formação” às suas “Configurações Histórico-Culturais”	106
2.4 “Configurações Histórico-Culturais”, “Modelos de Desenvolvimento Autônomo” e “Padrões de Atraso Histórico”.....	139
CAPÍTULO 3- DO ACADEMICISMO AO ENSAÍSMO LATINO-AMERICANO: DARCY RIBEIRO, A AMÉRICA LATINA E A COMPOSIÇÃO DE UMA OBRA INTELECTUAL MILITANTE	152
3.1 Entre a antropologia acadêmica e a retórica ensaísta e militante.....	152
3.2 América Latina Socialista.....	156
3.3 Das passagens pela democracia à retomada da Revolução necessária	168
3.4 América Latina: identidade, autonomia e “emergência”	169
CAPÍTULO 4 – UMA <u>TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO</u> DOS ITINERÁRIOS INTELECTUAIS DE DARCY RIBEIRO.....	179
4.1 Da invenção das ciências sociais no Brasil: matrizes acadêmicas iniciais..	181
4.2 O diálogo com as teorias do desenvolvimento latino-americano.....	189
4.3 A adesão e a aceitação da Cultura Política de “Nuestra América”.....	194
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS – Entre fracassos e utopias: um balanço da trajetória intelectual de um militante incansável por causas impossíveis.....	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	206

APRESENTAÇÃO

Este trabalho se propõe a compreender as principais idéias de Darcy Ribeiro para os países latino-americanos, na temática que, com relação a esse problema, enxergamos como central em sua obra: a condição desses países, frente às perspectivas de desenvolvimento que a eles se abrem, entre as décadas de 1950 e 1990.

Portanto, trata-se de um trabalho com recorte limitado à História do Presente, porque se restringe ao século XX; com uma aproximação ao campo da História do Pensamento Político, na medida em que tem como problemas fundamentais teorias e práticas intelectuais em constante diálogo no campo da política sobre os países latino-americanos; podemos ainda recorrer à perspectiva da História das Idéias, quando definimos como objetivo fundamental compreender as idéias de determinado autor sobre um objeto específico, a América Latina; mas restringindo o universo todo de análise, com relação a todos os quesitos anteriores, à perspectiva da História Intelectual, quando, ao passar por diferentes contextos, em diferentes tempos e espaços, sempre temos como referencial de análise um determinado personagem intelectual, Darcy Ribeiro; e em qualquer um destes contextos, tempos ou espaços, analisamos não somente o intelectual, mas principalmente a maneira como esse mesmo intelectual pensa a condição dos países latino-americanos.

Como fontes primárias nos utilizamos de três obras de Darcy Ribeiro: *As Américas e a Civilização*¹, *O Dilema da América Latina*², e *América Latina: a Pátria Grande*³. E como secundárias, toda a literatura direta ou indiretamente ligada ao autor.

O primeiro passo consiste na efetiva compreensão das principais influências para as idéias do autor sobre a América Latina, para em seguida proceder a uma análise crítica de tais idéias buscando suas filiações em contextos ou experiências vivenciadas pelo autor. É o que se pretende no primeiro capítulo, proceder a uma revisão da trajetória intelectual de Darcy Ribeiro, não somente para identificar o autor e suas realizações como etnólogo, antropólogo, educador, romancista e político, mas também, buscar elementos

¹ RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: processo de formação e causa de desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983.

² RIBEIRO, Darcy. *O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979a.

³ RIBEIRO, Darcy. *América Latina: A Pátria Grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

que contribuíram marcadamente para a formação de seu pensamento político e construção de sua obra intelectual, tomando-se como foco, e buscando sempre, os elementos de composição de suas idéias, ou de seu pensamento político, para a sua maneira de pensar e interpretar a América Latina.

Ao tomarmos como ponto de partida a análise da obra de Darcy Ribeiro para a América Latina, cabe-nos, em seguida, interpretar de maneira sólida e consistente o projeto que o próprio Darcy Ribeiro se propunha a construir. Essencialmente, Darcy Ribeiro se propunha a responder à seguinte pergunta: “como os povos americanos vieram a ser o que são, sobre o lugar que ocupam no mundo moderno e sobre as perspectivas que têm de eliminar as desigualdades que separam as Américas Pobres das Américas Ricas”.⁴ Seu interesse se desdobra ainda no sentido de compreender:

Os modos de integração dos diferentes povos na civilização industrial, conforme esta se faça pela via da aceleração evolutiva, que lhes permite estruturar-se autonomamente como povos para si, ou da incorporação ou atualização histórica, que os conforma como povos dependentes que não existem para si, mas para atender às condições de vida e de prosperidade de outros.⁵

O segundo e o terceiro capítulos são dedicados exclusivamente à composição e análise do pensamento de Darcy Ribeiro sobre a América Latina e seus objetivos com estes trabalhos. Para tanto, a proposta do capítulo 2 é a de realizar uma contextualização e análise da primeira das fontes primárias do trabalho que, como já descrita, corresponde ao livro *As Américas e a Civilização*. As outras duas, *O Dilema da América Latina*, e *América Latina: a Pátria Grande*, divergem claramente com relação à primeira, no tocante à postura do autor quando de sua elaboração. Enquanto *As Américas e a Civilização* tem um caráter e uma forma de composição eminentemente acadêmica, *O Dilema da América Latina* apresenta uma proposta de compreensão do continente, mas com embasamento, motivações e propostas eminentemente ideológicas e retóricas. A última das três obras possui um caráter claramente ensaístico e desprendido de qualquer norma ou convenções acadêmicas, e é ainda mais condicionada por uma visão muito própria do autor, correspondente e vinculada às suas ideologias com relação ao objeto a

⁴ RIBEIRO, Darcy. *O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979a, p.9.

⁵ RIBEIRO, Darcy. *Op. cit.*, 1979a.

que se dedica, a identidade, a autonomia e a união dos países latino-americanos. Esses temas serão abordados no capítulo 3.

No quarto e último capítulo, pretendemos tentar identificar a trajetória intelectual de Darcy Ribeiro (proposta do primeiro capítulo), bem como as suas principais idéias sobre a América Latina (proposta dos segundo e terceiro capítulos), com o que chamamos de seus itinerários intelectuais, apenas identificando suas matrizes acadêmicas, bem como os principais autores com que se propôs a debater sobre o tema do desenvolvimento, da integração, da identidade e da autonomia latino-americanas entre as décadas de 1950 e 1990.

Em resumo: a proposta do trabalho é traçar a trajetória intelectual de Darcy Ribeiro para que, após a apresentação de suas principais convicções em diferentes contextos – tema do Capítulo 1 – , se possa compreender sua análise acadêmica sobre a América Latina – tema do Capítulo 2 – , a análise de suas interpretações retóricas e militantes sobre a América Latina – Capítulo 3 – , e assim relacionarmos o intelectual Darcy Ribeiro às principais referências intelectuais que acreditamos terem sido tomadas por ele para compor seu pensamento político sobre a América Latina, sua condição, suas perspectivas, seus desafios e seus dilemas – Capítulo 4.

E a partir do que já se tentou demonstrar, dividiu-se a dissertação de maneira a conseguir contemplar os objetivos a que se propõe.

CAPÍTULO 1

A Trajetória Intelectual de Darcy Ribeiro

[...] amar não é olhar um para o outro e, sim, na mesma direção. Nós todos que estamos unidos nessa grande jornada encontraremos, lá na frente, um Brasil mais lindo, mais forte, com jovens mais competentes e sábios, verdadeiros timoneiros na direção de uma grande pátria¹.

O que se pretende no primeiro capítulo é uma revisão da trajetória intelectual de Darcy Ribeiro, não somente para compreender melhor o autor e suas realizações, mas também buscar elementos que contribuíram marcadamente para a formação de seu pensamento político e também para construção de sua obra intelectual, tomando-se como foco, e buscando sempre, elementos que possam contribuir para o modo como o autor pensou e interpretou a América Latina, objeto deste trabalho.

E para a identificação de Darcy Ribeiro e de suas principais vivências em cada um de seus campos de atuação não foram encontradas dificuldades, já que, praticamente toda a literatura sobre Darcy Ribeiro, no Brasil, priorizando um ou outro de seus campos de atuação, se dedica somente a estes objetivos.

Pode-se citar como trabalho de caráter biográfico, por exemplo, o de Guilherme Azevedo², publicado como parte da coleção “*Rebeldes Brasileiros: homens e mulheres que desafiaram o poder. v.2*”, organizada pela revista *Caros Amigos*, e que se dedica especificamente a traçar uma cronologia da vida do autor, bem como de exaltar seus feitos e modos de pensar. A principal contribuição de Guilherme Azevedo para a presente dissertação é que este traz, de forma bastante sintética e precisa, a mais organizada cronologia da vida de Darcy Ribeiro, o que se constitui num ótimo referencial para a construção de uma cronologia própria, com ênfase diferenciada no tema que este trabalho se propõe a estudar e destacar, a América Latina na obra e no pensamento de Darcy Ribeiro.

¹ Palavras atribuídas a Darcy Ribeiro in: BRANT, Vera. *Darcy*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.109.

² AZEVEDO, Guilherme. Darcy Ribeiro. In: *Rebeldes Brasileiros: homens e mulheres que desafiaram o poder. V.2*. São Paulo: Casa Amarela, 2002, pp.674-691.

Outra contribuição importante é o livro de Mércio Pereira Gomes³ que, ao contrário de ser uma publicação reduzida e de caráter informativo, como a anterior, se propõe, além de uma cronologia da vida de Darcy Ribeiro, a uma análise pormenorizada de cada uma das fases de suas vivências. Constrói uma trajetória de seu pensamento sobre cada um de seus principais temas, quais sejam: os índios, a antropologia, a educação, a literatura e a política; redigindo, inclusive, uma pequena revisão das obras de Darcy Ribeiro sobre cada um destes temas. No entanto, assim como os trabalhos mencionados anteriormente, não escapa do caráter apologético de exaltação do autor e de seu pensamento. Contribui, contudo, para o recolhimento de elementos, de forma generalizada, sobre a vida e a obra de Darcy Ribeiro.

No sentido, ainda, de destacar diferentes autores que se dedicaram a uma aproximação ao intelectual em destaque, ressalta-se a existência do livro de Vera Brant, *Darcy*⁴, muito belo e, por vezes, emocionante, foi elaborado de forma a construir uma biografia romanceada de Darcy Ribeiro levando-se em conta a proximidade que pôde desfrutar a autora ao lado de seu “querido amigo” em questão. Apenas contribui para o conhecimento do autor na medida em que mostra a sua vida cotidiana e seu modo de lidar com pessoas e problemas, alguns deles de grande relevância para o Brasil e a vida política de sua capital, Brasília. Vez ou outra menciona feitos públicos de relevância por parte de Darcy Ribeiro sem os analisar pormenorizadamente, dado que nem de perto a autora se propõe a isso. Vera Brant apenas destaca algumas situações importantes da vida de “Darcy” e as insere em contextos reconstruídos para destacar a sua inegável veia poética, com a qual preenche os fatos descritos de pesada carga emotiva e os dota, invariavelmente, de grande beleza.

Eric Nepomuceno⁵ se dedicou a selecionar e organizar uma coletânea de frases e pensamentos de Darcy Ribeiro em que os elementos selecionados falam por si, de forma que, a própria catalogação da obra indica o próprio Darcy Ribeiro como autor. Interessante porque congrega “frases de efeito” e geradoras de grandes polêmicas, algumas delas reconhecidas como marcas registradas de Darcy Ribeiro. Divide-se também por temas, como reflexões sobre a vida e contextos de vivência do autor, seu pensamento

³ GOMES, Mércio Pereira. *Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ícone, 2000 (Série Pensamento Americano).

⁴ BRANT, Vera. *Op. cit.*

⁵ RIBEIRO, Darcy. *Somos todos culpados: pequeno livro de frases e pensamentos de Darcy Ribeiro/ seleção e organização de Eric Nepomuceno* – Rio de Janeiro: Record, 2001.

sobre ética acadêmica e política, sobre ideologias, índios, educação, o Brasil, o papel dos intelectuais e sobre a América Latina, ponto que mais nos interessa.

Conta-se também com a autobiografia do autor⁶, sem dúvida muito importante, pois, sendo sua última obra - publicada postumamente - analisa pormenorizadamente sua infância, sua formação como intelectual, seus dilemas políticos relacionados ao comunismo, a Getúlio Vargas, ao trabalhismo, ao nacionalismo e ao desenvolvimentismo das décadas de 1950 e 1960, ao golpe militar, ao exílio em países latino-americanos, ao retorno ao Brasil com a anistia política, às experiências no governo do estado do Rio de Janeiro, na década de 1980, e no senado, na década de 1990. Traz também uma revisão de toda a sua obra intelectual, com ponderações do autor sobre os objetivos das mesmas frente aos tempos e contextos em que foram escritas e, assim, das necessárias revisões, adequações e atualizações de temas e conceitos, de acordo com as necessidades exigidas por novos tempos e contextos, com novos problemas e possibilidades de atuação e intervenção na realidade brasileira e latino-americana. Sua leitura cativante exige, contudo, que se tenha um conhecimento prévio da trajetória do autor, já que este tende, inegavelmente, a “endeusar-se”. Sua leitura acrítica pode levar a análise da sua trajetória aos mesmos riscos assumidos pelos autores acima mencionados, que sugerem ou induzem a uma visão exaltadora e pouco crítica de Darcy Ribeiro, de sua obra, de seus feitos e pensamentos.

Contam-se ainda com dois livros de entrevistas. Um com o próprio Darcy Ribeiro⁷, em que, interpelado por Antônio Callado, Antônio Houaiss, Eric Nepomuceno, Ferreira Gullar, Oscar Niemeyer, Zelito Viana e Zuenir Ventura, o entrevistado fala de temas ainda não divulgados pela imprensa ou meios acadêmicos: assuntos ligados às suas vidas pessoal, política e intelectual. Sua principal contribuição ao presente trabalho refere-se ao tratamento da participação de Darcy Ribeiro na militância pelo Partido Comunista, nas décadas de 1940 e 1950, e, principalmente, da transição de sua filiação do comunismo ao trabalhismo nas décadas de 1950 e 1960. O livro traz ainda importantes avaliações sobre a dependência dos países latino-americanos em relação aos países desenvolvidos e, principalmente da contradição entre Estados Unidos e América Latina no contexto das reformas neoliberais das décadas de 1980 e 1990.

⁶ Idem. *Confissões*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997a.

⁷ Idem. *Mestiço é que é bom*. Rio de Janeiro: Revan, 1997b.

O outro livro de entrevistas, organizado por Haydée Ribeiro Coelho⁸, como resultado de um trabalho maior de pós-doutorado pela Universidade da República Oriental do Uruguai, dedica-se a conseguir depoimentos de eminentes intelectuais latino-americanos que conviveram com Darcy Ribeiro, de 1964 a 1968, em seus quatro primeiros anos de exílio no Uruguai, mas que chega a transcender a momentos posteriores de seu exílio em outros países latino-americanos. A melhor contribuição deste trabalho para a presente pesquisa consiste na possibilidade de acompanhar a maneira como Darcy Ribeiro foi se incorporando a debates e se propondo a discutir problemas que, antes do exílio, se restringia ao Brasil, e depois do exílio, ganharam abrangência latino-americana, em suas dimensões política, econômica, e social. O conteúdo do trabalho de Haydée Ribeiro Coelho mostra claramente quais são os elementos e debates intelectuais em que Darcy Ribeiro se envolveu, em função do exílio, que o conduziram a refletir não somente sobre o Brasil e os países latino-americanos em seu conjunto, mas também, sobre a identidade dos mesmos e destes com outros países subdesenvolvidos.

Vale destacar, ainda, um conjunto de dissertações e teses da área de filosofia, como no caso da dissertação de mestrado de Lourenço Zancanaro⁹, e antropologia, como no caso de Danilo Lazzarotto¹⁰, e portanto, tratando de temas isolados a um dos campos de atuação de Darcy Ribeiro, que não os mesmos a que nos propomos especificar e restringir – a América Latina –, somente contribuem, por este mesmo motivo, de forma específica para nosso trabalho, como também no caso da dissertação de mestrado de Paulo de Tarso Gomes¹¹, que trata das reformas universitárias que Darcy Ribeiro realizou ao longo da década de 1970, com base na experiência da fundação da Universidade de Brasília, em 1961, e pode ser estendido a outras reformas universitárias realizadas por Darcy Ribeiro posteriormente.

Em se tratando do tema “Educação”, em Darcy Ribeiro, destacamos duas obras de Helena Bomeny: *Os Intelectuais da Educação*¹², em que a autora trata das propostas de modernização da educação brasileira operadas por três intelectuais da área, tais como:

⁸ COELHO, Haydée Ribeiro (org). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay: entrevistas*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2003.

⁹ ZANCANARO, Lourenço. *A filosofia da cultura na ciência da cultura em Darcy Ribeiro*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1990 (Dissertação de Mestrado).

¹⁰ LAZZAROTTO, Danilo. *A Teoria de Darcy Ribeiro: evolução cultural da pedra lascada à cibernética*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

¹¹ GOMES, Paulo de Tarso. *A Universidade em sociedades subdesenvolvidas: estudo das propostas de Darcy Ribeiro*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1989 (Dissertação de Mestrado).

¹² BOMENY, Helena. *Os Intelectuais da Educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.

Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire; e *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*¹³, que, por tratar mais detidamente da construção do pensamento educacional de Darcy Ribeiro, assim como o livro citado anteriormente, contribuiu mais a nosso trabalho de iniciação científica¹⁴ que aos primeiros passos desta dissertação de mestrado. Cabe a Helena Bomeny a idéia de “intelectual militante” ou “intelectual engajado”, em nossa opinião uma referência fundamental para entendimento do personagem Darcy Ribeiro, que não concebe a atividade científica sem uma veia política marcadamente “militante” e “engajada”. Análise que no último capítulo desta dissertação se buscará corroborar, pela tentativa de vinculação de Darcy Ribeiro às correntes ensaístas e literárias de interpretação da América Latina, de sua condição, da reinvenção de sua “identidade”, e de suas propostas de integração e formação de uma “grande nação”.

Por fim, não poderíamos deixar de lado todo o restante das obras de Darcy Ribeiro¹⁵ que, direcionadas para o campo da educação, ou com um caráter ensaístico, tratando de temas gerais, vez ou outra contribuem para a complementação de diferentes aspectos importantes na compreensão de Darcy Ribeiro enquanto um intelectual “múltiplo”, ou para o esclarecimento de ocorrentes problemas na análise das obras tidas como centrais para o trabalho a que nos propomos.

Desta maneira, organizamos o capítulo a partir de marcos temporais que corresponderiam a acontecimentos na vida de Darcy Ribeiro, junto de análises circunstanciais e sucessivas ao longo da cronologia de 1922 a 1997, e sobre ela os elementos que pesariam como pontos de grande influência na formação do pensamento de Darcy Ribeiro sobre a América Latina, sempre buscando relacionar estes acontecimento, em diferentes contextos históricos, com as idéias do próprio intelectual.

¹³ Idem. *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2001a.

¹⁴ PINHEIRO, Lucas Miranda. *O pensamento e a ação do intelectual Darcy Ribeiro, com enfoque em suas propostas político-educacionais nas décadas de 1980 e 1990*. Franca: UNESP, 2003. (Trabalho de Conclusão de Curso, História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social).

¹⁵ Cf. Bibliografia da dissertação.

1.1 De sua formação intelectual às suas idas e vindas na militância comunista das décadas de 1940 e 1950

Definindo já alguns marcos temporais que nos servirão como referenciais para a trajetória de formação intelectual de Darcy Ribeiro, alguns elementos são importantes para o entendimento de seu modo de pensar e se comportar, de seu nascimento até o momento em que esta carreira intelectual de fato se inicia na década de 1940.

Como já dito anteriormente, Darcy Ribeiro nasceu no dia 26 de outubro de 1922, na cidade de Montes Claros, do norte de Minas Gerais: “Foi o filho mais velho do pequeno industrial Reginaldo Ribeiro e da professora Josefina Augusta da Silveira Ribeiro. Teve apenas um irmão, Mário”¹⁶. O próprio Darcy Ribeiro complementa: “Vim à luz do dia na Fazenda Fábrica do Cedro, a uma légua de Montes Claros. Fábrica grande, de cem teares, importada da Inglaterra em 1880. Esquisitíssima. (...) Meu pai era o gerente”¹⁷.

Ao se referir à família de seu pai, Darcy Ribeiro diz: “Os Ribeiro, (...), enricam fácil e gostam muito de odiar-se uns aos outros”, “têm orgulho de si mesmos como antigos garimpeiros e contrabandistas de diamantes. Não podiam ouvir falar de uma lavra de ouro sem ir lá ver e se apossar dela se pudessem”¹⁸. Algumas referências familiares do lado paterno são descritas por Darcy Ribeiro como de grande importância para sua formação pessoal, principalmente pela importância dos papéis sociais que desempenhavam, como, por exemplo, seu avô: “Simeão era homem sério e severo. Eleito presidente da Câmara, que acumulava o cargo de prefeito”¹⁹.

Em determinado momento, quando estava então com três anos de idade, de acordo com a descrição de Mércio Pereira Gomes, Darcy Ribeiro e seu irmão mais novo passariam a ser criados pela mãe, professora de escola primária²⁰; como confirma Guilherme Azevedo: “A morte prematura do pai, quando Darcy tinha apenas 3 anos de idade, estreitou os recursos da família, que passou a viver basicamente do ordenado de

¹⁶ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.674.

¹⁷ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.25.

¹⁸ *Ibidem*, p.29.

¹⁹ *Ibidem*, p.28.

²⁰ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.10.

Josefina. Mas não foi uma infância de aperto e necessidades”²¹. Exceto em momentos isolados, como relata o próprio Darcy Ribeiro:

Minha mãe, desempregada, se desdobrava fazendo doces e bolos para todo tipo de festas. Então, além de nós dois, sustentava seus irmãos menores, que tinham ficado órfãos. Nesse quadro de crise veio um mês em que não pagou a conta de luz. Pois não é que o empregado de Vidinha²², vexadíssimo, cortou o fusível, nos deixando às escuras? Quiseram voltar atrás, mas mamãe não deixou. Encheu a casa de lampião, lamparinas e velas para todo mundo ver o malfeito de Vidinha. Só voltamos a ter luz elétrica quando restabeleceram o emprego de professora de mamãe. (...) O salário de professor de mamãe dava para manter a família com independência e nunca passamos necessidade. Exceto ocasionais, como essa²³.

Um segundo episódio de dificuldade, também marcante na vida de Darcy Ribeiro, foi quando ele, seu irmão e sua mãe, por pressão de seus tios maternos, tiveram de abandonar a casa em que viviam para se instalar na casa de seu avô materno:

Minha mãe, aos 23 anos, desvairada, largou sua casa enorme, a melhor talvez de Montes Claros, com o mobiliário todo, até as panelas da cozinha. De tudo se apropriou meu tio Plínio, que chegara médico recém-casado, precisando de casa bem equipada. Para meus tios, tudo pertencia a vovó e, portanto, a eles. Mamãe se acolheu à casa de seu pai, levando a mim e ao Mário. Lá nos criou, trabalhando sempre²⁴.

Talvez por isso a figura familiar, para além de sua mãe, que mais marcou a vida de Darcy Ribeiro, tenha sido seu tio materno, Filomeno:

Meu tio e padrinho Filomeno foi o último coronelão de Montes Claros. Enricou gerindo bens da minha avó, mãe dele. Era homem no seu estilo sábio e sagaz. Dirigiu a política por décadas como o coronel mais poderoso da região. (...) Tio Filomeno cuidava dos bens meus e de Mário, que éramos menores, herdados de Vovó Deolinda. Recebia e vendia os direitos às ações do banco, prometendo comprar gado para nós. Nunca comprou²⁵.

Ao complementar a descrição da família de sua mãe, Darcy Ribeiro diz que se tratava de uma família católica, de mulheres “devotas de confissão e comunhão freqüente,

²¹ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.674.

²² O episódio do corte de luz em sua casa é lembrado por Darcy Ribeiro com bastante ênfase porque a empresa elétrica da cidade era do irmão mais velho, e falecido, de seu pai, cuja viúva, “Vidinha”, ordenara o corte no abastecimento de luz em sua casa: “Figura marcante mesmo foi meu tio Chico Ribeiro, irmão mais velho de meu pai. Quando morreu tinha duas importantes fábricas de tecido, a empresa elétrica que iluminava a cidade, fazendas e muito dinheiro com que ajudou a fundar o Banco do Comércio de Minas Gerais como um dos principais acionistas”. Cf. RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.30.

²³ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.31.

²⁴ *Ibidem*, p.34.

²⁵ *Ibidem*, p.31-2, *passim*.

parecendo virtuosas”, “os homens também”, vinculados ao “mais pleno domínio da cultura arcaica mineira”: “das velhas prendas, dos velhos cantares, da arte dos doces e das comidas salgadas, da sabedoria luso-brasileira, dos bordados, das rendas e dos tecidos”²⁶. Esta afirmação pode ser confirmada com base nos próprios relatos do autor sobre sua infância e sua origem, no livro autobiográfico *Confissões*, em que Darcy Ribeiro relata as palavras de um amigo que em determinado momento decidiu fazer um retrato do autor:

Darcy descende de fazendeiros da pesada e costuma dizer que seu belo romance, *O Mulo*, é o romance da brutalidade da sua gente, do seu pai, dos seus tios, do seu avô. A classe dominante brasileira é intrinsecamente bruta. O livro seria um mergulho nessa brutalidade, na mineiridade, na goianidade, do Brasil rural, duro, rústico e, ao mesmo tempo, sensível²⁷.

O que mais chama a atenção é que, descendendo de duas famílias que compunham, cada qual a sua maneira, a elite política e econômica da região de Montes Claros, no Norte de Minas Gerais, com a morte de seu pai, Darcy Ribeiro, bem como sua mãe e seu irmão, sem deixar de fazer parte deste modo de vivência, praticamente perdeu perspectivas de vir a se reproduzir dentro deste “habitus” de elite, perdendo inclusive o acesso a quase tudo o que, de acordo com relatos do próprio Darcy Ribeiro, lhes deveria ter sido legado por direitos de sucessão. Darcy Ribeiro relata um certo estranhamento que lhe sobrou de todo este processo:

Duas redes de genes, a dos Silveira e a dos Ribeiro, me descreviam em borrões imprecisos, mas reconhecíveis na fisionomia, nos gostos e nos pendores. São predisposições que a gente pode conformar, não para ser propriamente, mas para parecer tal ou qual. Assim compus a máscara que carrego comigo, *persona*, da pessoa que quero ser e que quero que os outros creiam que eu seja²⁸.

Vivendo na casa do avô, em contato com familiares de poder e prestígio na cidade e na região de Montes Claros, Darcy Ribeiro, desde menino foi se construindo como pessoa: “Sempre vivi enrolado em assuntos de igreja porque o povo dos Silveira não fazia outra coisa. Os moleques da cidade se dividiam nas mesmas linhas dos partidos políticos e

²⁶ Ibidem, p.25-7, *passim*.

²⁷ Ibidem, p.104.

²⁸ Ibidem, 1997, p.51.

brigavam com igual entusiasmo. Eu liderava o bando do lado de cima”²⁹. Ainda nas palavras de Darcy Ribeiro:

Queria era aderir à família Ribeiro (...). Estava enjoado do “bom” povo Silveira (...). Por essa época, ali pelos catorze anos, deu-se a virada, fiquei besta. Dei de ler. Li todos os romances que rodavam pela cidade de mão em mão, inclusive alguns com a assinatura de meu pai. Depois, li quase toda a biblioteca de tio Plínio. Eram centenas de livros, (...). Larguei a meninada, só queria saber de leitura, falar com adultos, de ver jogar xadrez, e de mal jogar. Na época em que a garotada namorava e dançava, caí nesse intelectualismo. (...). Eu me fiz rapaz mesmo foi lendo tudo o que me caía às mãos³⁰.

Destacando outros trechos em que Darcy Ribeiro fala de sua construção intelectual:

Compus assim um fundo de mim, sobre o qual se assenta minha vida, como um ser de minha geração. Algumas janelas prodigiosas se abriram à minha frente, mostrando o mundo. A primeira delas foi a literatura. Li todos os livros que andavam de mão em mão em Montes Claros. Romances de muitos volumes ou de muitíssimas páginas. (...) Outra janela esplendorosa foi o cinema, que me ofertou todos os pródigos que o mundo oferecia. Nele vi com meus olhos como a vida pode variar, as mil formas de ser do amor, da desgraça, do drama, do gozo e da dor. (...) Minha máquina de pensar foi montada com esses componentes. A vida mesma que observava ali, ao meu redor, espiando, bisbilhotando, era muito menos expressiva que a literatura me dando, revivida em palavras, destinos muito mais impressionantes³¹.

Darcy Ribeiro acreditava tanto que sua composição enquanto intelectual se devia à possibilidade de construir e imaginar novos mundos, que essas construções e imaginações passaram a ser a sua marca e profissão de fé:

Sem a livraiada do tio Plínio eu não seria quem sou. Livros são os tijolos de que são feitos os intelectuais. (...) Esse meu culto aos livros é velha adoração. Vivi mais horas de minha vida lendo, escrevendo, do que vivendo. Gastei mais com livro do que com qualquer outra coisa. Assim foi que enchi tantas estantes. (...) Essa realidade irreal, reflexa, postíça, artificial, simbólica, conceitual, é minha realidade mais real. Meu mundo é o da escritura, das idéias, da representação. Nisso é que verdadeiramente vivo, apenas saindo em fugas para atender a urgências fisiológicas ou mercar palavras com outras pessoas. (...) Na verdade, as ações concretas a que me dei por anos e anos na convivência (...) e no ativismo político foram comandos de minhas idéias, imperativos éticos que me impus, convicções a que me dei e a que me dou apaixonado³².

²⁹ Ibidem, p.35.

³⁰ Ibidem, p.37-9, *passim*.

³¹ Ibidem, p.52-3, *passim*.

³² Ibidem, p.53-5, *passim*.

Com esse espírito, quase aos dezoito anos, tutelado por seu tio Filomeno, no ano de 1939, mudou-se para Belo Horizonte para ingressar na Faculdade de Medicina: “Tinha o firme propósito de ser médico”³³, de acordo com Guilherme Azevedo. A influência do tio Plínio, médico rico, considerado o homem mais culto de Montes Claros, pesou em sua decisão”³⁴. Nas palavras de Darcy Ribeiro:

Saí feito, inteiro de MOC, para estudar em belo Horizonte, Belô, em 1939. Ia incompleto e muito mal-acabado, sobretudo ingênuo, sem ter a menor noção disso. Era realmente um moção tolo de dezessete anos. Cheguei a Belô recheado de propaganda do DIP enaltecedor de Getúlio. Horrorizado com os comunistas que tinham o mau gosto de estuprar freiras, segundo a revista pia que mamãe assinava, *Ave Maria*. (...) Vale a pena dizer: era um meninão boboca de pequena cidade do interior, precisando ser desfeito para ser refeito.³⁵

No entanto não foram as aulas de Medicina que cativaram o jovem Darcy Ribeiro, que passava mais tempo assistindo às aulas de outros cursos, quase sempre da área de ciências humanas e sociais, ou então na boemia. Novamente com Guilherme Azevedo:

Mas o pendor natural de Darcy Ribeiro por outras faculdades mudou o caminho. Ele praticamente não freqüentava as aulas de medicina, assistia às aulas em outros cursos – filosofia, direito e gastava boa parte do tempo na boemia, em discussões acaloradas com amigos, a dar seus primeiros passos escrevendo literatura. E assim Darcy foi reprovado por três anos consecutivos, no curso de medicina, o que motivou, por fim, sua desistência³⁶.

A boemia, a literatura e as conversas com os amigos entre os “debates que começavam a esquentar o ambiente de universitários de todo o Brasil, sobretudo o que girava em torno do dilema de ser comunista ou integralista”³⁷, teriam constituído a motivação que levara Darcy Ribeiro a assumir a causa comunista, o que até o final de sua vida exaltou e estimou, como se pode ver em seguida:

Três anos em Belo Horizonte me haviam transfigurado. Vivia no planeta Terra sabendo detalhadamente o que acontecia mundo afora. Não só sabendo, mas tomando partido. Isso aprendi com os comunistas, a ser responsável pelo destino humano. Tudo o que ocorra a um povo de qualquer parte me interessa supremamente, obriga-me a apoiar ou opor-me impávido. Essa postura ética que

³³ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.675.

³⁴ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.675.

³⁵ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.69.

³⁶ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.675.

³⁷ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.10.

presidiu toda a minha vida, conduzindo-me na ação política, em todas as instâncias dela, é um de meus bens mais preciosos³⁸.

Nos anos em que permaneceu em Belo Horizonte, abandonando a faculdade de Medicina, envolvido com os comunistas, militou também no movimento estudantil do Diretório Central de Minas e na criação da UNE do Rio de Janeiro. Nessa conjuntura teve a oportunidade de entrar em contato com algumas personalidades, que se dirigiam a Belo Horizonte para dar conferências aos universitários; entre eles o sociólogo norte-americano Donald Pierson, que ofereceu uma bolsa de estudos para que Darcy Ribeiro abandonasse a Medicina e Belo Horizonte, para estudar na Escola de Sociologia Política de São Paulo. Nas palavras de Darcy Ribeiro: “Voltei a Moc (Montes Claros) com esses desencantos e essas ofertas na cabeça”³⁹. Esse momento seria um divisor de águas na vida de Darcy Ribeiro, em que ele abriu mão de toda e qualquer perspectiva de vir a se integrar na vida da elite fazendeira do norte de Minas Gerais, para se tornar um estudante de sociologia, militante comunista, em São Paulo:

Decidi então aceitar o convite do professor Pierson e mandar-me para São Paulo. Fui procurar meu tio e tutor, o coronel Filomeno, para comunicar minha decisão e pedir seu apoio. Lembro-me bem de nosso encontro. Meu tio lá estava, na fazenda dele, sentado numa cadeira preguiçosa que mantinha parada, vestido num terno cáqui, fumando um cigarro de palha que ele mesmo fazia. Era o homem mais rico e poderoso da região. Enriquecera gerindo os bens de minha avó, que em parte seriam meus e de meu irmão, além do que nos coube por herança, isso porque Filomeno consentira nas espoliações que nos fizemos, depois da morte de meu pai. Eu seria, supostamente, herdeiro dele, assunto que ganhava atualidade, uma vez que eu fizera 21 anos e entrara na gestão dos bens que herdara de minha avó Deolinda. Meu padrinho Filó ouviu calado meu longo discurso apaixonado. Se sou falante e eloquente hoje, imagine o que era aos vinte anos. Discorri longamente sobre a porcaria que era a medicina, que não era a ciência da saúde e da vida, mas da morte e da prática de tratar com doentes que são feios e fedem. Disse a ele, peremptório, que ciências boas eram a sociologia e a antropologia, que tratam de gente viva, atuante, por isso é que serviam para mim. Meu tio me ouviu sem piar. Quando parei a discursaria, ele tirou o pito da boca, me olhou e só disse: “Se eu pegasse a sua idade, ia é tocar o Santo André”. Com essa fala, ele me herdava e deserdava, o que minha mãe logo percebeu, muito zangada. Punha nas minhas mãos uma das maiores fazendas de Minas, que fora a sesmaria da família Sá, Santo André do Brejo das almas, com sua sede majestosa, suas senzalas, os pastos armados, as morrarias cobertas de mata. (...) Evidentemente a oferta era atrativa, ser dono do Santo André daria alto prestígio a qualquer um, seria boa base até para o sucessor de Benedito no governo de Minas. Para mim a decisão era terrível, me cabia optar pôr um chapéu de couro e tocar a gadaria do Santo André ou insistir

³⁸ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.82.

³⁹ *Ibidem*, p.93.

contra meu padrinho, de ir estudar ciências sociais em São Paulo. Aquele intelectualzinho atônito tremeu nas bases e optou. Foi ser cientista em São Paulo⁴⁰.

Portanto, cansado da Faculdade de Medicina, no ano de 1942, a abandonou e se mudou para São Paulo, para começar a cursar Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política, vivendo da bolsa de estudos que recebia, do dinheiro da família e de seu trabalho como consultor da Justiça do Trabalho em perícias técnicas⁴¹. Assim, em São Paulo, Darcy Ribeiro se dividiu entre três atividades principais: o trabalho com perícias técnicas, a Escola de Sociologia e Política e a militância pelo Partido Comunista; das quais destacamos duas, sendo a primeira a que desempenhou junto da Escola de Sociologia e Política:

A Escola de Sociologia Políticas me contentou. Tinha professores excelentes, em tudo diferentes, até opostos, aos de Minas. Enquanto lá a tendência era para a erudição vadia, enfermidade principal da inteligência mineira, que tudo quer ler, de tudo quer saber, por pura fruição, em Sampa a coisa era séria. Ninguém buscava erudição. Lia-se o que fosse preciso, funcionalmente, como sustento do tema que se procurava dominar. A ciência não era um discurso fútil, especulativo, imaginoso, mas um exercício sério da inteligência verrumando a superfície do real. Os professores, quase todos me empolgaram⁴².

Darcy Ribeiro destacou que o período em que cursara ciências sociais na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, essa cidade era “provavelmente uma das melhores cidades do mundo para se estudar ciências sociais”⁴³; e reforça essa opinião:

Lá estavam ou tinham estado, fugindo da guerra, gente boa como Lévi-Strauss, desencantado dos paulistas, só interessado nos índios Roger Bastide, sábio francês que foi por anos o encanto de nós todos. Também vivia em Sampa o mais eminente antropólogo inglês, Radcliffe Brown, que teve pouca influência, mas marcou presença. Tantos sábios norte-americanos, alemães, franceses, ingleses, italianos criaram um ambiente muito especial na cidade e na universidade. Foi o que nos catapultou para a mata virgem. A Escola de Sociologia e Política de São Paulo, era, durante a guerra, um dos melhores centros de estudo de ciências sociais que se podiam encontrar fora dos Estados Unidos. Obviamente, tudo era muito mais avançado do que no ambiente tacanho de Minas, de onde viera. Eu, pobre estudante mineiro, querendo ser aplicado, mergulhei naquilo que, para mim, era a própria sabedoria. Na verdade, mais tarde percebi, tratava-se de uma técnica moderna com respeito à erudição arcaica de que eu saía, mas igualmente alienadora. Nessa época,

⁴⁰ Ibidem, p.96-7.

⁴¹ AZEVEDO, Guilherme. *Op.Cit.*, p.675.

⁴² RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.124.

⁴³ Ibidem, p.126.

o risco que corri foi o de ficar tão embasbacado pela doutrina nova, em moda, que não pudesse nunca mais me libertar dela. Livrei-me graças ao Partidão.⁴⁴

Darcy Ribeiro cita entre seus principais professores Donald Pierson, Sérgio Buarque de Holanda, Emílio Willems e Herbert Baldus, entre outros, que “encaminhavam toda uma geração de estudantes a fazer pesquisa sociológica e antropológica para melhor analisar e interpretar os problemas brasileiros”⁴⁵. E continua:

Pertenço à primeira geração de cientistas sociais brasileiros profissionalizados e com formação universitária específica. Meus mestres foram alguns dos pais fundadores das ciências sociais modernas no Brasil. No caso da antropologia, essa fundação se dá principalmente em São Paulo, que é onde a moderna antropologia brasileira nasce de muitas mudanças. (...) Foram contemporâneos meus os mais brilhantes antropólogos brasileiros do passado, mas só me influenciaram pela leitura de suas obras⁴⁶.

Darcy Ribeiro disse também que o principal incentivo de seus professores foi com o comprometimento de que entrassem em contato com tudo o que já tivesse sido escrito sobre determinado tema para, a partir disso, construir algo novo sobre o mesmo: “O prosseguimento no esforço coletivo de ir construindo, geração após geração, cada qual como pode, o edifício do autoconhecimento nacional. Ninguém pode contribuir para ele, é óbvio, se não conhece a bibliografia antecedente”⁴⁷. E assim, entre os principais autores que lhe serviram de referência Darcy Ribeiro destaca: Roquete Pinto, Curt Niemandaju, Artur Ramos, Manuel Bonfim, Capistrano de Abreu e Josué de Castro; e entre estes destaca ainda Gilberto Freyre:

Gilberto não só se manteve independente, sem se fazer seguidor de nenhum estrangeiro, mas se fez herdeiro de todos os brasileiros que se esforçaram por nos compreender. Ao contrário do que ocorreu com as ciências sociais *escolásticas* introduzidas no Brasil por franceses e norte-americanos – que floresceram como transplantes, ignorando solenemente, como um matinho à toa, tudo o que floresceu antes delas – , Gilberto Freyre é herdeiro e conhecedor profundo de Joaquim Nabuco, de Sílvio Romero, de Euclides da Cunha, de Nina Rodrigues, cujas obras leu todas, apreciou o que nelas permanece válido, utilizou amplissimamente e levou adiante⁴⁸.

⁴⁴ Ibidem, p.126-7.

⁴⁵ Ibidem, p.120.

⁴⁶ Ibidem, p.120.

⁴⁷ Ibidem, p.122.

⁴⁸ Ibidem, p.121.

Estes intelectuais, em sua opinião, juntos de outros obviamente, “inventaram” neste período a sociologia brasileira, já que, anteriormente, nas palavras de Darcy Ribeiro:

A maioria dos cientistas sociais brasileiros, desgraçadamente, só produziu uma bibliografia infecunda. Inútil porque, na verdade, suas contribuições são palpites dados a discursos alheios, compostos no estrangeiro para lá serem lidos e admirados. Por isso mesmo, para nós também, quase sempre as suas obras são inúteis ou fúteis, no máximo irrelevantes⁴⁹.

A proposta de realização de leituras para composição de repertório intelectual foi a Darcy Ribeiro uma exigência adicional de sua condição de bolsista, que por isto, tinha de cumprir com obrigações de trabalho com a Escola de Sociologia e Política pela realização de fichamentos de obras acadêmicas e literárias para seus professores:

Li não apenas o ciclo de romances regionalistas e coisas do gênero, como também Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna e outros. Isso foi muito importante, pois tomei contato com o pensamento brasileiro que no meu curso jamais seria objeto de interesse. (...) Obrigado pela bolsa tive de me familiarizar com os estudos brasileiros. Não somente no campo da ficção, mas também na ensaística, inteirando-me assim, de algum modo – ainda que precariamente – dos esforços dos brasileiros para compreenderem a si mesmos⁵⁰.

No entanto, como já é de conhecimento, Darcy Ribeiro era tomado por outras atividades, o que lhe condicionou, por outra doutrina, no modo como passaria a ler a realidade, principalmente por sua atuação militante no “Partidão”:

Me entreguei a um marxismo larvar, mas na realidade o importante é que eu militava como ativista. Apesar de todo o dogmatismo stalinista que imperava então, os comunistas atiçaram meu fervor utópico, fazendo ver a realidade brasileira como a base de um projeto de criação de uma sociedade solidária⁵¹.

O que retoma à segunda de suas atividades na cidade de São Paulo para as quais damos destaque, e que se trata exatamente se sua militância comunista. E como tivera já a experiência de Belo Horizonte, e também já havia participado de congressos do movimento estudantil no Rio de Janeiro, foi logo apresentado aos principais representantes de São Paulo, e assim, nos anos de 1944 e 1945, passou a aturar dentro dos

⁴⁹ Ibidem, p.121.

⁵⁰ Ibidem, p.142.

⁵¹ Ibidem, p.127.

comitês do próprio partido, ou, como chefe de campanha de alguns de seus principais líderes:

Eu ajudei a organizar o Partido Comunista porque poucos sabiam o que era uma célula. (...) O afrouxo era tão grande na sede que chegava um grupo de cinco operários e nós dizíamos a eles: “Voltem à sua fábrica e tragam 20 amanhã”. Aí organizávamos eles. (...) Então, eu organizei dezenas de células assim, recusando-me a falar com cinco, se fossem 20 eu falava. Todos estavam dispostos por causa do prestígio do Prestes, que estava preso. Eu organizava células, dava introduções, mas o Partido foi ficando desconfiado comigo: intelectual, pendoros trotskistas, tem muito trotskistas em São Paulo, ainda que eu fosse o maior inimigo dos trotskistas. Aí eu fiz a campanha eleitoral e escolhi não ser candidato a deputado estadual ou federal. Eu não queria isso, porque queria organizar um Partido Comunista bom. Então, fiz a campanha do Caio Prado, andei com ele por todo o Estado de São Paulo⁵².

E como, também no ano de 1945, estava se formando, começou a procurar perspectivas de inserção mais concretas em uma das atividades pelas quais era dividido:

Projetando meu futuro, me via em certas horas como o revolucionário profissional que seria presença dominante na revolução brasileira, (...). Também me via com igual desenvoltura como cientista que faria a antropologia dos brasileiros. (...) Por ela faria o bacharelado até 1945, depois faria o mestrado de 1946 a 1947, tudo na Escola de Sociologia. Queria seguir para a Universidade de Chicago, onde, de 1948 a 1949, completaria meu doutorado. A outra perspectiva era abraçar totalmente a militância, deixando isso de sociologia para trás, a fim de realmente militar pela revolução. Via, é claro, a incompatibilidade dessas duas carreiras, mas não avaliava nenhuma posição antagônica. Acreditava realmente que tinham oferecidos a mim, igualmente, os dois caminhos⁵³.

Darcy Ribeiro relatou ainda que, dada esta militância, e esta possibilidade de escolha em sua vida, certa animosidade à sua presença começou a crescer na Escola de Sociologia e Política; Inclusive por parte de alguns professores. E apesar de Darcy Ribeiro dizer que no Partido Comunista existia também certa reserva com relação aos intelectuais, Darcy Ribeiro optou por se dirigir à segunda das opções:

Então, me apresentei ao Partidão, ao Arruda, e disse: “Olha, o que eu quero é o seguinte: o Câmara, diretor do *Hoje*, vai passar um tempo na Rússia, vai fazer um curso, e me convidou para ficar no *Hoje*. Eu quero muito dirigir o *Hoje*. Segunda hipótese: se vocês não concordarem, me deixem ir com o Zé Brasil levantar os camponeses de São Paulo. Eu pedi ao Partido Comunista. Eu tinha outras possibilidades (...). Eu queria porém ser o diretor do *Hoje* ou chefe do levante dos

⁵² Idem, 1997b, p.127-8, *passim*.

⁵³ Idem, 1997a, p.127-8.

camponeses junto com um tal Zé Brasil que estava lá. Eu ia pra lá, quando chegou Câmara Ferreira para falar comigo e me disse: “- Olha, Darcy, a direção nacional se reuniu e decidiu o seguinte: nós agora temos o Caio Prado, o Portinari, o Jorge Amado e Oscar Niemeyer. Se nós não deixarmos alguns livres para fazerem cultura, não teremos quadros culturais amanhã, assim você está livre para fazer cultura”(...) Aqueles filhos da puta não queriam saber de mim, eu fiquei muito enciumado. Eu achava que era revolucionário profissional, que era minha hora de fazer a revolução e fui recusado. Então, fui fazer antropologia indígena porque o Partido Comunista me recusou⁵⁴.

No ano de 1946, Darcy Ribeiro completou o curso superior, com especialização em Antropologia e em 1947 com uma carta de recomendação do professor Herbert Baldus para realizar atividades de pesquisa de observação direta, ocupou o cargo de etnólogo de campo do Serviço de Proteção aos Índios: “O SPI já contava com uma sessão de estudos que vinha realizando importante documentação fotográfica e cinematográfica da vida indígena. Não tinha porém um etnólogo. Fui o primeiro”⁵⁵.

O SPI, Serviço de Proteção aos Índios foi um órgão governamental criado e comandado pelo Marechal Cândido Mariano Rondon, com quem, nas palavras de Azevedo: “Darcy Ribeiro inicia uma amizade profunda, misto de devoção”⁵⁶. Darcy Ribeiro ocupará este cargo até o ano de 1956; Mércio Pereira Gomes comenta:

O primeiro grande tema da obra intelectual de Darcy Ribeiro foi o universo cultural, social e político dos índios brasileiros. (...) O etnólogo fez pesquisas de campo e diretamente com mais de uma dezena de povos indígenas, entre eles os kaioiwá-guarani, terena, ofayé-xavante, xokleng, kaigang, bororo, tembé, guajajara, krêjê e urubu-ka’apor, e estudou as práticas culturais de tantos outros. (...) Sua obra etnológica abrange temas como parentesco, política, economia, adaptação ecológica, arte, mitologia, saber, além dos temas de política indigenista e da extinção e sobrevivência dos índios⁵⁷.

O próprio Darcy Ribeiro comentou esse período de vivência como antropólogo profissional:

[...] viver dez anos estudando índios e sertanejos das regiões mais ermas, me proporcionaram uma imagem particular do Brasil em que se destaca antes a pobreza das fronteiras da civilização ao longo das quais os brasileiros avançam sobre o deserto interior para ocupar o território nacional, do que a riqueza das grandes cidades. É ela, provavelmente, que me faz identificar os brasileiros com as multidões marginalizadas e não com as minorias que vivem na abundância”⁵⁸.

⁵⁴ Idem, 1997b, p.130-2, *passim*.

⁵⁵ Idem, 1997a, p.145.

⁵⁶ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.676.

⁵⁷ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.61.

⁵⁸ RIBEIRO, Darcy. *Os Brasileiros*: Teoria do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1991, p.9.

Sobre o desafio de estudar os povos indígenas, Darcy Ribeiro dizia que:

Eu, que estava armado para ver os índios como objeto de estudos antropológicos, cuja mitologia, religião e arte tentaria compreender e reconstruir criteriosamente, no mesmo esforço observava e registrava etnograficamente seus costumes, seus artesanatos, todo o seu modo de ser, de encarar o mundo e de viver. Como ao contato com a civilização suas culturas se deterioravam inapelavelmente, se impunham duas tarefas: documentar suas culturas originais antes que desaparecessem; e entender o processo de aculturação a que eram submetidos. Um dos objetivos da minha vida foi entender e integrar essa última temática e a sensibilidade correspondente ao campo de interesses teóricos da antropologia. (...) Eu reclamava que a antropologia brasileira deixasse de ser uma primatologia ou uma barbarologia, que só olha os índios como fósseis vivos do gênero humano, que só importam como objeto de estudo⁵⁹.

Nos meus tantos e tão gratos anos de trabalho como etnólogo, fui mudando de atitude com respeito aos índios. Originalmente, por força da visão acadêmica em que tinha sido formado, me servi deles (...) para estudar uma das matrizes formadoras da sociedade brasileira, mas eram sempre o objeto externo que se olhava de fora, como uma coisa. Aos poucos, com a acumulação das experiências e vivências, os índios foram me desasnando, fazendo-me ver que eles eram gente. Gente capaz de dor, de tristeza, de amor, de gozo, de desengano, de vergonha. Gente que sofria a dor suprema de ser índio num mundo hostil, mas ainda assim guardava no peito um louco orgulho de si mesmos como índios. Gente muito mais capaz que nós de compor existências livres e solidárias⁶⁰.

Seu primeiro tema de pesquisa versou sobre a *Religião e a Mitologia Kadiwéu*, transformando-se em uma monografia que foi publicada no ano de 1950, e ganhou o Prêmio Fábio Prado de Ensaio, que nas palavras de Darcy Ribeiro “era então o mais importante do Brasil”⁶¹; o autor complementa:

O efeito foi enorme e inesperado. Deu lugar a entrevistas e reportagens, principalmente entrevistas, uma delas no *Estado de Minas*, que era o jornal mais prestigioso, (...), em Minas Gerais, que todo mundo em Montes Claros viu. Desde então deixei de figurar como um boêmio, um filósofo, um poeta, que é como eles me viam, no melhor dos casos, para ser tido como um cientista respeitado, premiado, laureado. Isso foi muito bom, sobretudo para minha mãe, que até bem pouco tempo antes imaginava que eu tinha um emprego terrível, o de “amansador de índios”, que era como ela compreendia as minhas andanças, por meses e meses, com índios ao largo do Brasil⁶².

⁵⁹ Idem, 1997a, p.152-3.

⁶⁰ Ibidem, p.155.

⁶¹ Ibidem, p.178.

⁶² Ibidem, p.178-9.

Com a repercussão causada pelo trabalho, e pela exaltação do mesmo com o prêmio, Darcy Ribeiro ganhou reconhecimento nacional e, também, internacional. No ano de 1952, a UNESCO queria compreender a “democracia racial brasileira”, “fundada na mestiçagem de índios, negros e brancos”⁶³, e assim, propôs a alguns dos principais sociólogos e antropólogos do Brasil uma pesquisa sobre este tema em cada uma de suas regiões. Neste contexto, coube a Darcy Ribeiro coordenar o estudo da assimilação dos índios na sociedade brasileira. Ao término da pesquisa, os relatórios que apresentavam as conclusões dos diferentes grupos de pesquisadores, em todas as regiões, foram unânicos: “não havia nenhuma democracia racial nas respectivas áreas”⁶⁴. E sobre a sua pesquisa, Darcy Ribeiro deu o seguinte parecer:

Também aqui o resultado foi decepcionante, Em todos os casos que pude observar nenhum grupo indígena se converteu numa vila brasileira. É certo que, como os historiadores indicavam, diversos locais de antiga ocupação indígena deram lugar a comunidades brasileiras. Não houve, porém, nenhuma assimilação que transformasse índios em brasileiros. Os índios foram simplesmente exterminados através de várias formas de coação biótica, ecológica, econômica, cultural. Seu antigo *habitat* foi ocupado por outra gente, com a qual eles nunca se identificaram e que cresceu com base em outras formas de adaptação ecológica, tornando-se rapidamente independente de qualquer contribuição da comunidade indígena⁶⁵.

Até aquele momento, o aparato conceitual de que dispunham os antropólogos brasileiros para a interpretação do processo de integração dos indígenas a qualquer sociedade moderna, de acordo com Mércio Pereira Gomes, era o que girava em torno do conceito de *aculturação*, baseado na explicação de processos de “descaracterização e absorção das etnias indígenas as Estados Nacionais dos quais dependiam”:

Primeiramente esboçada na década de 30 e largamente difundida e discutida durante toda a década de 50, a teoria da aculturação esquematizava os efeitos do contato entre duas ou mais etnias e os possíveis caminhos de assimilação ou incorporação da mais fraca etnia pela mais forte. Enfim, tentava explicar como uma etnia era absorvida por outra, ou, de outro modo, como uma etnia era extinta⁶⁶.

Aculturação, portanto, podia ser traduzida pelo termo *extinção*:

⁶³ Ibidem, p.190.

⁶⁴ Ibidem, p.190.

⁶⁵ Ibidem, p.190-1.

⁶⁶ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.27.

Desde o fim do século XIX, a Antropologia vinha buscando documentar os costumes dos índios americanos que estavam sendo esquecidos ou abandonados. Havia uma urgência para se mapear as culturas que ainda restavam do processo de dizimação que estava ocorrendo na frente de todos. Com efeito, todo etnólogo que ia estudar um povo indígena estava imbuído de um sentimento trágico, de que ele, provavelmente, seria o último a fazê-lo⁶⁷.

Darcy Ribeiro questiona essa visão apresentando dados que, por um lado demonstravam que muitas etnias já tinham sido extintas entre 1900 e 1957, no entanto, por outro lado, os dados diziam que com uma aproximação ao número geral de indígenas em todo o Brasil, apresentava-se um quadro de aumento demográfico significativo, que analisado pormenorizadamente permitia-se a conclusão de que algumas etnias indígenas dadas como extintas estavam de alguma forma submersas e se revitalizaram a partir dos anos 60⁶⁸. O que antes se conformava em uma visão pessimista sobre o destino dos índios para a posteridade, foi relido por Darcy Ribeiro como o que é considerado a sua principal contribuição ao conhecimento das populações indígenas no Brasil, os índios não se extinguíam, se transfiguravam:

inesperadamente, surge o conceito de *Transfiguração Étnica*, pelo qual os povos que são influenciados por culturas mais potentes podem se adaptar e se transmutar, sem perder suas identidades básicas. Assim, teoricamente Darcy consegue ver a possibilidade de sobrevivência dos povos indígenas, um feito surpreendente para quem, na prática, só via sinais de cataclismos⁶⁹.

Por isso, para Darcy Ribeiro, o conceito de *aculturação* era visivelmente “incapaz de explicar o que acontecia com as culturas postas em confronto, particularmente com as culturas de nível tribal, alcançadas pela fronteira da civilização”⁷⁰; principalmente porque desconsiderava que, em alguns casos, as etnias mais fracas, ao contrário de se extinguírem, se conservavam de alguma maneira, porque se transformavam.

De acordo com Mércio Pereira Gomes, tal conceito, o de “*Transfiguração Étnica*”, em princípio, “poderia permitir a criação de bases para que se compreendesse o processo de sobrevivência dos povos indígenas brasileiros, tornado evidente a partir da década de 1970”⁷¹. Porém, o conceito não teve a devida repercussão na Antropologia Brasileira, talvez porque o autor se encontrasse no “exílio”, representado pelo afastamento de São

⁶⁷ Ibidem., p.27.

⁶⁸ Ibidem, p.72.

⁶⁹ Ibidem, p.72.

⁷⁰ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.191.

⁷¹ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.29-30.

Paulo e do Rio de Janeiro, e o embrenhamento nas florestas entre os indígenas, e assim Darcy Ribeiro não teria “influência sobre os caminhos que a antropologia brasileira estava trilhando”, de acordo com a explicação de Mércio Pereira Gomes⁷².

Depois de alguns anos, já em 1968, quando estava exilado no sentido próprio do termo, por imposição da ditadura militar instaurada no Brasil quando do ano de 1964, Darcy Ribeiro, no Uruguai, elaborou melhor sua teoria no livro *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*⁷³; em que demonstra:

que a integração dos índios às frentes econômicas que avançam sobre eles constitui uma integração inevitável, no sentido de forçá-los a produzir mercadorias ou a se vender como força de trabalho para obter bens que se tornam indispensáveis, como as ferramentas, os remédios e alguns outros. Mas essa integração não significa assimilação. Mesmo quando perdem a língua e ainda quando se completa o que se poderia chamar de aculturação, ou seja, mesmo quando eles se tornam quase indistinguíveis do seu contexto civilizado, ainda assim mantêm sua auto-identificação como indígenas de um grupo específico, que é seu povo⁷⁴.

E afirmava categoricamente:

Demonstrei ainda que havia certa tendência para que alguns grupos indígenas sobrevivessem às várias pressões exercidas sobre eles. Hoje, trinta anos depois, posso afirmar que os índios estão até aumentando de número, porque saltaram de menos de 100 mil para mais de 300 mil. Isso significa que no futuro vai haver mais índios do que hoje⁷⁵.

Na opinião de Darcy Ribeiro os índios continuariam crescendo, e continuariam não sendo integrados, mas assimilados em processos de transfiguração, em outras palavras: “como culturas imperativamente transformadas no confronto umas com as outras”⁷⁶, mas “resistindo a toda sorte de violência”, em que “os pais podem criar os filhos dentro de sua tradição” e assim “a comunidade indígena sobrevive”; o que poderia ocorrer mesmo “nas condições mais extremas de compressão”⁷⁷. Em resumo: “A transfiguração étnica consiste precisamente nos modos de transformação de toda a vida e cultura de um grupo para tornar viável sua existência no contexto hostil, mantendo sua identificação”⁷⁸.

⁷² Ibidem, p.29-30.

⁷³ RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

⁷⁴ Idem, 1997a, p.191.

⁷⁵ Ibidem, p.192.

⁷⁶ Ibidem, p.192.

⁷⁷ Ibidem, p.192, *passim*.

⁷⁸ Ibidem, p.193.

As relações da sociedade nacional com as tribos indígenas se processam como um enfrentamento entre entidades étnicas mutuamente exclusivas. Dada a desproporção demográfica e a de nível evolutivo que existe entre elas, a interação representa uma ameaça permanente de desintegração das etnias tribais. A reação destas consiste, essencialmente, num esforço para manter ou recuperar sua autonomia e para preservar sua identidade, seja através do retorno real ou compensatório a formas tradicionais de existência, sempre quando isso ainda é possível; seja mediante alterações sucessivas nas instituições tribais que tornem menos deletéria a interação com a sociedade nacional. Esta reação não é, obviamente, um propósito lucidamente perseguido, mas antes uma consequência necessária de uma natureza de entidade étnica⁷⁹.

O conceito de *Tranfiguração Étnica*, no final da década de 1940 e na década de 1950, lhe deu ainda maior repercussão fora do Brasil, e teria proporcionado a Darcy Ribeiro suas primeiras viagens internacionais, levando-o a apresentar-se como etnólogo e indigenista no Peru, na Bolívia, na Guatemala, no México, onde reforçou o conceito, pelo encontro com, e a observação das, populações indígenas de diferentes lugares da América, o que lhe ajudou a melhor sustentar o conceito frente às suas apresentações posteriores na Suíça, Alemanha, França, Itália e Espanha. Após *Os Índios e a Civilização*, de 1968 em diante, para os intelectuais estrangeiros, Darcy Ribeiro passou a ser uma referência quase obrigatória no tema indigenista brasileiro, mas como neste momento estava exilado pela ditadura militar – no sentido próprio do termo – no Brasil, nesse mesmo período, final da década de 1960 e início da década de 1970, novamente não teve quase nenhuma repercussão; foi somente tomado como referência para este tema muitos anos depois, já na década de 1980.

Mas ainda antes de tratar do exílio, retornando à passagem da década de 1940 para a de 1950, e o trabalho de Darcy Ribeiro no SPI – Serviço de Proteção ao Índio – aliando, como em todas as suas atividades, entendimento teórico com atuação prática, Darcy Ribeiro colaborou com a criação do Parque Nacional do Xingu, e fundou o Museu do Índio no Rio de Janeiro⁸⁰, e nele criou o primeiro curso de Pós-Graduação de formação de Antropólogos que se realizou no Brasil, concretizado com a ajuda da CAPES, depois transferido para o Museu Nacional⁸¹. Refletindo sobre esses “feitos” no livro *Confissões*, Darcy Ribeiro dizia:

Mas eu me pergunto agora (...): por que me meti no mato, com os índios? Por que lá permaneci, atrelado à natureza e por tanto tempo? (...) Só décadas depois,

⁷⁹ Idem, 1970, p.442-3.

⁸⁰ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.677.

⁸¹ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.197.

escrevendo *Maíra e Utopia Selvagem*, consegui expressar de alguma maneira o sentimento do mundo que hauri naqueles anos. Na verdade, aquela opção improvável a mim e aos mais parece, agora, natural e até necessária. Mas não foi assim naqueles anos. Ninguém de minha geração, de minha classe, do meu tipo de formação fazia nada parecido. Não havia nem mesmo nome para designar minha função. O mais próximo seria “naturalista”, aplicado a botânicos, zoólogos que se metiam mato adentro à frente de expedições científicas⁸².

E por discordar das mudanças que foram operadas pelo Ministério da Agricultura do governo Juscelino Kubitschek, ao qual o Serviço de Proteção aos Índios era ligado, em 1956, Darcy Ribeiro se exonerou e ingressou como professor da cadeira de Etnologia e Língua Tupi na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil⁸³. As críticas se dirigiam principalmente à “ espoliação a que os índios passaram a ser submetidos e a corrupção que se instalara entre os novos funcionários do SPI”⁸⁴:

Depois de dez anos de trabalho, metade dos quais vividos nas aldeias indígenas, algum nervo ético se rompeu em mim. Não podiam suportar mais lá ficar, testemunhando calado a espoliação dos índios por uma nova geração de funcionários que só queriam ir aos postos indígenas com o fim de ganhar dinheiro. O paternalismo dos velhos burocratas do SPI, se fazendo tratar de papais pelos índios, deu lugar a gente muito pior. Porque além de ignorantes eram corruptos. A origem dessa transformação desafortunada foi a entrega, pelo governo de JK, do controle do Ministério da Agricultura, e por extensão do Serviço de Proteção aos índios, ao PTB gaúcho, que fez uma administração desastrosa⁸⁵.

Darcy Ribeiro, assim, mudou-se para o Rio de Janeiro, e por pressão de sua própria família, fez de Berta Gleiser, que conheceu no Partido Comunista de São Paulo e o acompanhou na maior parte do tempo entre os índios, a Senhora Berta Ribeiro: “que não queria se casar porque não ligava para papelórios e até os temia”; “Berta, que deixara a Seção de Quadros do PC, vivia meio clandestina. Achava tudo aquilo uma bobagem e uma temeridade. Imaginava que a qualquer hora descobririam que era a irmã viva e escondida da célebre Jenny Gleiser”; ainda mais porque a habitação do casal “servia, às vezes, de aparelho, onde se escondiam comunistas perseguidos”⁸⁶.

A vida profissional de Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro, se dividia entre suas atividades no Museu do Índio, e depois do expediente no mesmo, as aulas na Faculdade de Filosofia, com um curso de Etnografia Brasileira de Língua Tupi.

⁸² Ibidem, p.145-6.

⁸³ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.12.

⁸⁴ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.678.

⁸⁵ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.197.

⁸⁶ Ibidem, p.198, *passim*.

Mas abandonar as pesquisas de campo com os indígenas ainda não foi suficiente. Darcy Ribeiro parecia querer mudar de campo de atuação. E nesse sentido teve dois fatores que foram bastante significativos: o abandono da causa comunista pela trabalhista; e a oportunidade de trabalho que lhe foi oferecida por Anísio Teixeira.

1.2 Do abandono do Comunismo na década de 1940 à adesão ao Trabalhismo das décadas de 1950 e 1960

O primeiro fator de transição do comunismo ao trabalhismo se refere ao abalo de suas convicções políticas que: com o sentimento de ter sido recusado pelo partido comunista em 1945; após dez anos de trabalho - de 1947 a 1956 – como etnólogo de campo do Serviço de Proteção aos Índios, e portanto distante da política partidária no cenário nacional; enquanto participava, no ano de 1954, do Congresso Internacional de Americanistas, realizado como parte das comemorações dos quatrocentos anos de São Paulo, e portanto totalmente imerso dentro do universo de pesquisas acadêmicas; Darcy Ribeiro é profundamente impactado por um fato que marcaria a sua a sua vida e o seu pensamento político, o suicídio de Getúlio Vargas. Como ele mesmo descreve: “A notícia do suicídio caiu sobre mim como uma bomba. Sobretudo a Carta-testamento, o mais alto documento jamais produzido no Brasil. O mais comovedor, o mais significativo. Desde que o li, ele é para mim a carta política pela qual me guio”⁸⁷. E complementa:

A virada da história brasileira se deu naquele momento. Naquele momento eu percebi: como é que eu podia estar contra o Getúlio, como é que eu não via que era um complô tremendo da imprensa, um mar de lama, e que para aquele homem a única forma de sair, de vencer, era se suicidar? (...). Então, isso virou minha cabeça. Ali eu deixei de ser comunista no sentido de membro do Partido, de militante do Partido, membro de célula⁸⁸.

O efeito sobre mim foi a compreensão da besteira que fazia com minha postura de comunista utópico, à base de um falso marxismo. Não tinha havia muitos anos nenhuma militância, mesmo porque vivia no meio dos índios, enquanto o Brasil estava em problemas. Seguiu-se para mim uma mudança ideológica radical. Em lugar de alimentar-me de diretivas partidárias parcas, abri os olhos para a realidade. Compreendi que me cabia tentar fazer o máximo possível, aqui e agora, para enfrentar os problemas do povo e do país. Aqui e agora. Isso é o que estava

⁸⁷ Ibidem, p.275.

⁸⁸ Idem, 1997b, p.63.

fazendo Getúlio Vargas não o Partido Comunista. Desde então afastei-me dos comunistas e acerquei-me dos trabalhistas. Primeiro querendo compreender essa corrente histórica contínua, que desde 1930 vitalizava a política brasileira, dando voz aos trabalhadores. Depois, predispondo-me a colaborador⁸⁹.

Darcy Ribeiro chega a criticar toda a perspectiva revolucionária dos comunistas, taxando-a de uma “revolução cerebrina”⁹⁰, distante das necessidades da maior parte da população, e por isso mesmo sem receber apoio dela acaba ficando à cargo de um grupo de intelectuais que tomam suas convicções políticas a ferro e fogo sem de fato se aproximarem da realidade. Nas palavras de Mércio Pereira Gomes:

A aclamação popular genuína que Getúlio recebia em vida e recebeu na sua morte, mudou a visão política de Darcy, que, embora sem renegar seu ideal de revolução, passou a lutar no aqui e agora pelo que era possível de se realizar através do jogo político⁹¹.

Por isso Darcy Ribeiro passou a se alinhar ao trabalhismo Trabalhismo:

Desde de 1954 eu me alinhei com os que retomam essa tradição para levá-la adiante, lutando a partir de duas posturas. O trabalhismo sectariamente pró-assalariado, tanto quanto as correntes opostas são sectariamente pró-patronais. E o nacionalismo, que é o compromisso de lutar por um Brasil autônomo e próspero, reordenado para que sirva, prioritariamente, a seu próprio povo⁹².

Mas Darcy Ribeiro ainda percorreria um longo caminho de aprendizado com a política trabalhista até passar, de certa forma, a protagonizá-la. O segundo fator de abandono do comunismo e adesão ao trabalhismo, se inicia com o convite, no ano de 1956, realizado por Anísio Teixeira, no momento diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEPE), para que Darcy Ribeiro compusesse com ele o programa que fazia parte do projeto de reelaboração das diretrizes da educação no Brasil para o governo de Juscelino Kubitschek. Sobre Anísio Teixeira, escreve Darcy Ribeiro:

Anísio Spinola Teixeira representou para mim o que fora Rondon em outro tempo e dimensão. Baixinho, irrequieto, falador, mais cheio de dúvidas que de certezas, de perguntas que de respostas. Anísio me ensinou a duvidar e a pensar. Ele dizia de si mesmo que não tinha compromisso com suas idéias, o que me escandalizava, tão cheio eu estava de certezas. Custei a compreender que a lealdade que devemos é à busca da verdade, sem nos apegarmos a nenhuma delas. De mim dizia que tinha a coragem dos inscientes, referindo-se à minha ignorância e à ousadia de investir

⁸⁹ Idem, 1997a, p.276.

⁹⁰ Ibidem, p.276.

⁹¹ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.53.

⁹² RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.279.

sobre os problemas educacionais, optando rapidamente entre alternativas. Anísio exerceu uma influência muito grande sobre mim. Tanto que costumo dizer que tenho dois *alter egos*. Um, meu santo-herói, Rondon, com quem convivi e trabalhei por tanto tempo, aprendendo a ser gente. Outro, meu santo-sábio, Anísio. Por que santos os dois? Sei lá... Missionários, cruzados, sim, sei que eram. Cada qual de sua causa, que foram ambas causas minhas. Foram e são: a proteção dos índios e a educação do povo. Fui para a educação pelas mãos de Anísio, de quem passei a ser discípulo e colaborador⁹³.

A Darcy Ribeiro, no INEPE, caberia a coordenação de um programa de pesquisas que, analisando os problemas de cada uma das regiões do Brasil, ajudasse a definir políticas educacionais específicas para cada uma dessas regiões, capazes de contribuir para a superação dos problemas diagnosticados. Nas palavras de Mércio Pereira Gomes:

Cooperei com Anísio, (...) no campo de minha especialidade. Principalmente na organização e direção, para o Ministério da Educação, do mais amplo programa de pesquisas sociológicas e antropológicas realizado no Brasil. Seu propósito era proporcionar aos condutores da política educacional brasileira toda a base informativa indispensável sobre a sociedade e a cultura brasileira, bem como sobre o processo de urbanização caótico e de industrialização intensiva a que ela vinha sendo submetida⁹⁴.

A tarefa principal de Darcy foi dirigir um programa de pesquisas sobre o rural e o semi-urbano, para melhor entender as condições sociais e culturais das diversas regiões do país, sobre as quais se pudessem implantar programas educacionais que alavancassem o Brasil para dar um salto de quantidade com qualidade na educação do povo⁹⁵.

Essas pesquisas eram realizadas pelo CBPE – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, órgão subordinado ao INEPE. Para fortalecer a equipe que contribuiria nesse conjunto de pesquisas, Darcy Ribeiro transferiu o programa de formação de pesquisadores que antes mantinha no Museu do Índio, para o CBPE, do qual passou a ser o diretor, e no qual abriu um novo Programa de Pós Graduação: “organizei a equipe interna de pesquisadores e um corpo externo de colaboradores”⁹⁶. Sobre essas bases, levou a cabo um triplo programa de pesquisas que tinha o Brasil como objeto de estudo: o primeiro para identificar as comunidades típicas das principais regiões brasileiras⁹⁷; o segundo como um estudo síntese

⁹³ Ibidem, p.223.

⁹⁴ Ibidem, p.226.

⁹⁵ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.37.

⁹⁶ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.226.

⁹⁷ Muito provavelmente o que acabou por influenciar o autor na construção de sua tipologia sobre as especificidades das diferentes regiões do Brasil no capítulo “Os Brasis na História”, dividido nas seções: “O Brasil Crioulo”, “O Brasil caboclo”, “O Brasil Sertanejo”, “O Brasil Caipira” e “Brasis Sulinos” In: RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b, p.269-444.

de base bibliográfica, destinados a compendiar o conhecimento já alcançado sobre os aspectos básicos dos processos de urbanização e industrialização; e o terceiro na forma de um grupo de pesquisas sociológicas sobre os processos de urbanização e industrialização e suas conseqüências com o problema educacional brasileiro. A partir dessas pesquisas, nas palavras de Mércio Pereira Gomes:

Darcy estabeleceu uma visão própria dos principais problemas sociais brasileiros, do racismo ao classismo, das diferenças regionais e dos seus processos de colonização, bem como do potencial que havia na sociedade brasileira para superar seus impasses⁹⁸.

Dentro desse trabalho de pesquisas, de acordo com dados de Gomes, mais de trinta teses foram desenvolvidas no instituto, até o ano de 1964, quando o regime militar interferiu no instituto, perseguindo muitos de seus principais nomes⁹⁹. Com base nesses anos de pesquisa e estudos, Darcy escreveu, já no exílio, a primeira versão de seu livro, *O Povo Brasileiro*, cuja versão final só ficaria pronta em 1995¹⁰⁰.

Planejei e conduzi esses estudos tendo sempre a idéia de redigir um livro de síntese sobre o Brasil com base no material nele resultante. Entretanto, as tarefas a que fui chamado, depois, à frente da Universidade de Brasília, do Ministério da Educação e, mais tarde, como chefe da Casa civil da Presidência da República não permitiram que eu fizesse minha parte. Só no exílio retomei essa temática, já com outra visão da ciência antropológica e da realidade brasileira. Não poderia ser a síntese daqueles estudos, mesmo porque, dos 32 programados, apenas catorze foram publicados, e também porque eu queria, então, coisa diferente – porque o Brasil teimava em não dar certo?¹⁰¹.

Trabalhando com Anísio Teixeira no CBPE e no INEPE, Darcy Ribeiro se envolveu em outros debates que envolviam temas educacionais, como por exemplo, no contexto de discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, que somente veio a ser promulgada no ano de 1961, Darcy Ribeiro participou da discussão sobre a distribuição dos recursos federais entre escolas públicas ou privadas, que na visão de Darcy Ribeiro acontecia de acordo com os seguintes princípios:

uma luta memorável, em que o melhor da intelectualidade lúcida e progressista se opunha à reação, comprometida com o privatismo, que condena o povo à ignorância. Nos dois campos os líderes mais atuantes eram Anísio e seu

⁹⁸ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.37.

⁹⁹ *Ibidem*, p.12.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p.12.

¹⁰¹ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.227.

colaboradores, eu inclusive, de um lado, e Carlos Lacerda e Dom Hélder Câmara, no campo oposto¹⁰².

O que se debatia, em essência, era, por um lado, o caráter da educação popular que se devia dar e, por outro lado, como destinar ao ensino popular os escassos recursos públicos disponíveis para a educação. Não nos opusemos jamais à liberdade de ensino no sentido do direito, de quem quer que seja, a criar qualquer tipo de escola a suas expensas, para dar educação do colorido ideológico que deseja. Nos opúnhamos, isso sim, em nome dessa liberdade, a que o privatismo se apropriasse, como se apropriou, dos recursos públicos para subsidiar escolas confessionais ou meramente lucrativas¹⁰³.

O envolvimento de Darcy Ribeiro na política educacional brasileira foi descrita pelo próprio autor da seguinte maneira:

Quando saí do SPI para trabalhar com Anísio no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, imaginava estar deixando um ambiente de tensão insuportável para um posto tranqüilo de antropólogo, estudioso da sociedade e da cultura brasileira. Pouco depois percebi meu engano. Tinha entrado no meio da tempestade, na voragem da maior guerra ideológica que o Brasil viveu. Era o enfrentamento da elite intelectual católica contra um homenzinho só, que metia medo neles. Medo tanto apavorado porque viam sua luta pela escola pública e gratuita como a comunicação das crianças brasileiras. A Igreja, dona delas, que as vinha conformando ao longo dos séculos, sentia-se ameaçada de perdê-las para esse homem que vinha com um projeto totalmente diferente. Dizia ele que o projeto era norte-americano, mas a Igreja desconfiava que fosse russo¹⁰⁴.

Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira escreveram a quatro mãos um manifesto que foi publicado em diversos jornais do Brasil:

Ditei um artigo, único que alguém fez para Anísio – (...)–, expondo brevemente o conflito que se abria e desdobrando-se numa exposição daquilo que Anísio apoiava e daquilo que ele combatia:

Sou contra:

A educação elitista e antipopular;
O analfabetismo da maioria dos brasileiros;
A evasão e a repetência na escola;
A falta de consciência dessa calamidade;
O caráter enciclopédico e ostentatório do nosso ensino;
O funil que só deixa cinco mil dos alunos chegarem à universidade;
O esvaziamento do ensino superior;
A multiplicação das escolas privadas e ruins;

Sou a favor:

De uma escola primária popular séria;

¹⁰² Ibidem, p.225.

¹⁰³ Ibidem, p.226.

¹⁰⁴ Ibidem, p.230.

De educação média formadora do povo brasileiro;
Do uso dos recursos públicos nas escolas públicas;
Da educação para o desenvolvimento econômico e social;
Da educação fundada na consciência lúcida¹⁰⁵.

Sem realizar qualquer juízo de valor sobre as observações de Darcy Ribeiro e de Anísio Teixeira acerca do conflito público-privado da educação brasileira da década de 1950, o fato é que, de qualquer maneira, a participação de Darcy Ribeiro nesses debates políticos o municiaram para que ele não somente se envolvesse cada vez mais como passasse a participar também cada vez de forma mais incisiva deste cenário:

Ao fim da crise fui feito vice-diretor do INEP, me transformei em educador. (...) Continuei dirigindo o Departamento de Pesquisas do CBPE, onde tinha em execução os mais ambiciosos programas de pesquisas socioculturais no Brasil. Tudo marchou bem e com o maior entusiasmo. Foi o tempo quente de reuniões de intelectuais no CBPE para discutir não só a LDB, mas a Universidade de Brasília. Fazia tudo isso dizendo que não gostava, para reclamar saudades da paz das aldeias indígenas. Era mentira¹⁰⁶.

Responsável por encaminhar os debates acerca da LDB, assim como elaborando e redigindo a parte que tratava de educação no discurso presidencial de Juscelino Kubitschek, em pouco tempo, Darcy Ribeiro começou a ser requisitado para participar, e para encabeçar novos debates: “Importantíssimo para mim foi a eleição de JK para a presidência e seu projeto de edificar a nova capital, Brasília. (...) Eu tinha já contato com ele através da política de Minas e da minha família. (...) O certo é que aderi logo a seu governo”¹⁰⁷.

Em 1959, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro foram comissionados pelo mesmo presidente para elaborar o projeto de uma universidade a ser instalada na nova capital do país, a Universidade de Brasília (UnB):

O projeto da UnB empolgou a intelectualidade brasileira, a comunidade científica principalmente. Os principais cientistas aceitaram postos de coordenadores dos departamentos básicos da universidade. Eu argumentava sem descanso que Brasília, para funcionar bem como capital do país, necessitava ter uma assessoria autônoma, independente, cobrindo todos os campos do saber, que só uma universidade pública poderia dar. Essa universidade deveria, simultaneamente, dar ao Brasil o domínio, em nível doutoral, de todas as ciências e das principais tecnologias. Esses eram os propósitos fundamentais da UnB, cuja tarefa seria

¹⁰⁵ Ibidem, p.233.

¹⁰⁶ Ibidem, p.234.

¹⁰⁷ Ibidem, p.235.

diagnosticar criteriosamente os problemas brasileiros e procurar dar soluções concretas para eles¹⁰⁸.

Após aproximadamente dois anos de trabalho sobre o planejamento da Universidade de Brasília, passado o governo de Juscelino Kubitschek e já iniciado o governo de Jânio Quadros, finalmente o projeto de lei para abertura da Universidade foi aprovado, em 25 de agosto de 1961, dia da renúncia de Jânio Quadros e inauguração da crise da legalidade sucessória à presidência da República entre o presidencialismo e o parlamentarismo. Darcy Ribeiro, nesse contexto, apenas cobrava dos dirigentes políticos, quaisquer que fossem, que colocassem a execução da Lei de abertura da UnB em execução:

Eu tinha então um outro problema, que era conversar no Rio com Anísio. Outra vez se apresentava a situação em que eu tomava a frente de Anísio, o que me constrangia. Eu o chamei à minha casa e disse a ele francamente: “Anísio, o cargo de reitor é seu, mas você tem que ir para Brasília. Essa universidade não pode ser criada por interposta. Em Brasília todos são ressentidos porque estão lá. Não vão atender ninguém que não esteja lá também. Então, é evidente que cabe a você ir para Brasília. Eu, que sou vice-presidente do INEP, ficarei cuidando dele, e darei todo o apoio a você como vice-reitor. Mas não é possível eu ser o vice-reitor lá, fazendo a universidade, e você criar a universidade daqui. Isso não vai pegar”¹⁰⁹.

Tentando convencer Anísio Teixeira a se mudar do Rio de Janeiro para Brasília, Darcy Ribeiro foi surpreendido por Anísio Teixeira:

Experimentei outra vez a grandeza de Anísio. Ele me disse que eu estava trocando as bolas. Ele seria o vice-reitor e eu seria o reitor da Universidade de Brasília. Tratei com Hermes Lima e com Jango e fui feito reitor da UnB, função que passei a ocupar todos os meus dias e meses seguintes¹¹⁰.

Essa experiência na construção da Universidade de Brasília conferiria a Darcy Ribeiro renome internacional pelas características que ele e Anísio Teixeira nela imprimiram em função de ser uma universidade com preocupação de corresponder às necessidades dos países subdesenvolvidos e atrasados: “Seria um novo modelo de Universidade, que, segundo Darcy, deveria simultaneamente dar ao Brasil o domínio, em nível doutoral, de todas as ciências e das principais tecnologias”¹¹¹.

¹⁰⁸ Ibidem, p.238.

¹⁰⁹ Ibidem, p.245-6.

¹¹⁰ Ibidem, p.246.

¹¹¹ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.679.

Foi também, no CBPE que armei todo o processo de planejamento e criação da Universidade de Brasília. Lá realizei várias reuniões com a cúpula da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência – SBPC – e com os principais intelectuais brasileiros, para examinarmos as linhas que se abriam para a criação de uma universidade que não repetisse o modelo existente, mas que inovasse o ensino superior brasileiro. Eu dizia que até então só se tinham feito universidades-fruto, inspiradas nos velhos modelos. Cumpri, dali em diante, uma universidade-semente. Das reuniões e daqueles debates foi emergindo um projeto novo que eu compendiei e divulguei. Primeiro, na forma da crítica mais severa que se fez no Brasil das universidades existentes, o que provocou reuniões dos reitores das universidades de todo o Brasil para discutir as suas deficiências. Compus, depois, a proposição de uma universidade de tipo novo, articulada de forma diferente, como deveria ser a universidade da capital da República¹¹².

Encabeçando este debate de reforma universitária em nível nacional, Darcy Ribeiro ganhou visibilidade como “educador”. Jânio Quadros chegou a pedir que Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira elaborassem um projeto nacional de reforma educacional, que seria lançado como prioridade do governo em determinado momento¹¹³. Mas, com a renúncia de Jânio Quadros, esses projetos não saíram do papel. Da renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961 a setembro de 1962, Darcy Ribeiro se ocupou com as já mencionadas experiências de reforma universitária, quando, nesse momento, dentro do governo parlamentarista de João Goulart, em um clima extremamente tumultuoso e tenso, Hermes Lima foi nomeado primeiro-ministro pelo presidente:

Meu amigo Hermes Lima foi feito primeiro-ministro. Um de seus primeiros atos foi convidar-me para o cargo de ministro da Educação. Disse a Hermes que a posição cabia era a Anísio, velho amigo dele também. Claro que ele quisera dar o posto a Anísio, mas a animosidade contra o mestre era tão pesada que nem no governo progressista de Jango se admitia fazê-lo ministro. Assim é que fui ministro no lugar de Anísio, carregando para o ministério suas idéias¹¹⁴.

Darcy Ribeiro deixou o cargo de reitor da Universidade de Brasília, passou o cargo a Anísio Teixeira, e assumiu o Ministério da Educação do Governo de João Goulart, e assim, cada vez mais, não somente se inteirou da política educacional brasileira, como passou a ser a sua principal referência. Nas palavras de Darcy Ribeiro: “Apesar de exercitar-me por poucos meses como ministro da Educação, pude fazer, nessa área, muitas

¹¹² RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.236.

¹¹³ *Ibidem*, p.239.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.234.

coisas de que me orgulho”¹¹⁵. A primeira delas seria a execução da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961:

A execução da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional se deu quando eu era ministro da Educação. Melhorei um pouco a lei através de vetos, mas no fundamental continuou conservadora e ruim. Pudemos, entretanto, dar passos à frente, criando o Conselho Nacional de Educação, instituindo os fundos de investimento – um para o ensino primário, outro para o médio e o terceiro para o superior – e aprovando o primeiro Programa de Educação¹¹⁶.

Darcy Ribeiro se exaltava muitíssimo essa Programa de Educação, como seu plano de emergência para adequar a educação brasileira à LDB recém promulgada. Junto do Conselho Nacional de educação, composto, dentre outras personalidades, por Anísio Teixeira e dom Helder câmara, exalta-se também por “ter feito gastar”, no governo João Goulart, com o Plano Nacional de Educação a cargo de seu Ministério, 12,4% do Orçamento federal em Educação; e comenta: “Implantada a ditadura, esse percentual caiu para 4% a 5%, tornando impossível fazer qualquer coisa séria”¹¹⁷.

Mas a participação mais importante, na visão de Darcy Ribeiro, junto do Ministério da Educação, foi a campanha para o plebiscito que propunha o retorno ao presidencialismo, ainda no Governo João Goulart. De acordo com Guilherme Azevedo, Darcy Ribeiro teria sido um de seus principais articuladores¹¹⁸. Em 1963 o plebiscito a favor do retorno ao presidencialismo saiu vitorioso por 9 milhões de votos a 1 milhão de votos. Nesse momento Darcy Ribeiro deixa o Ministério da Educação e retorno à Universidade de Brasília, mas lá ficou pouco tempo, porque foi chamado para o cargo de chefe da Casa Civil do governo João Goulart. Nesse momento Darcy Ribeiro passa a se identificar, de fato, como um político trabalhista. Nas palavras de Mércio Pereira Gomes: “Darcy entrou de corpo e alma no governo Goulart”¹¹⁹.

Como Ministro Chefe da Casa Civil, Darcy Ribeiro foi responsável pela coordenação dos dois projetos que, de acordo com o relato de Mércio Pereira Gomes, o próprio Darcy Ribeiro considerava como os mais importantes daquele governo, e que no seu entender foram as causas fundamentais da sua derrubada pelo golpe militar de abril de

¹¹⁵ Ibidem, p.265-6.

¹¹⁶ Ibidem, p.234.

¹¹⁷ Ibidem, p.266.

¹¹⁸ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.679.

¹¹⁹ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.13.

1964¹²⁰. Um desses projetos era o das Reformas de Base, cujos pontos principais eram a reforma agrária, com a desapropriação dos latifúndios improdutivos, a continuidade da reforma educacional, uma reforma tributária e outras mais. O outro projeto era a regulamentação da lei que impunha controles sobre o capital estrangeiro no Brasil; em outras palavras, restringia a remessa de lucros de empresas estrangeiras. De acordo com Guilherme Azevedo, a função de Darcy Ribeiro seria a de: “liderar as negociações políticas pra a implementação das chamadas reformas de base”. E o objetivo dessas medidas seria “livrar o país de entraves para o seu crescimento socioeconômico, localizados na concentração da posse da terra e na dependência externa”¹²¹. Azevedo continua:

Jango anunciava diante de uma multidão, uma série de mudanças de caráter popular: a desapropriação por decreto de extensas propriedades ao longo de estradas e das refinarias de petróleo privadas, além de uma reforma urbana, com o tabelamento dos aluguéis dos imóveis vazios. Jango dava mostras de que confiava no apoio popular, contra os adversários das reformas¹²².

Na visão de Darcy Ribeiro: com a intensificação das tensões entre políticos reformistas e as elites político-econômicas do país, articuladas com grandes grupos de fazendeiros, empresários nacionais e estrangeiros com atividades no Brasil, principalmente estadunidenses; todos estes contando ainda com o apoio de extratos do corpo militar que se opunham ao perigo comunista que para eles representavam os trabalhistas; com a fragilidade do governo que não conseguia negociar o apoio das esquerda não reformistas, e portanto mais radicalmente revolucionárias; com a decisão do governo, no momento de maior tensão desses conflitos, de radicalizar o processo de reformas, expresso no comício do dia 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro - o chamado comício das reformas – surgiu a legitimação e o estopim final para a intervenção militar, ou na visão de outros, o golpe, que se levaria a cabo dias depois:

Darcy Ribeiro, ministro chefe do Gabinete Civil, tentou comandar, a partir de Brasília, uma reação ao golpe. Acreditava que o dispositivo militar ainda fiel ao governo pudesse fazer frente, também pelas armas, ao foco golpista liderado por Mourão Filho. Darcy apostava também no apoio das massas que o governo tinha a

¹²⁰ Ibidem, p.13.

¹²¹ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.680, *passim*.

¹²² Ibidem, p.680.

intenção de lutar parou nas mãos de Jango. O presidente decidiu não oferecer resistência armada, para evitar uma luta fratricida¹²³.

Darcy Ribeiro resistiu por algum tempo em Brasília, e foi o último ministro a tomar o caminho do exílio¹²⁴.

1.3 Vivências do exílio: entre reformas universitárias e “revoluções latino-americanas”, a descoberta da América Latina (década de 1970)

Com o golpe militar de 31 de março de 1964, e com seus direitos políticos cassados pelas forças de repressão após a promulgação do AI-1, Darcy Ribeiro parte para o Uruguai ao lado de outros integrantes do governo de João Goulart, se asilando na capital, Montevidéu.

Logo que chegou no Uruguai, quase sem ter tempo para pensar no exílio, Darcy Ribeiro foi procurado pelo Reitor da Universidade da República, na época única do Uruguai, que de pronto lhe propôs uma entrevista para contratá-lo como professor de Antropologia da Faculdade de Humanidades e Ciências, em regime de dedicação exclusiva. O que de fato acabou acontecendo, com o adicional de Darcy Ribeiro ter sido nomeado presidente do seminário de reformas da universidade:

O seminário foi a tarefa mais gratificante que tive. (...) Eu o organizei com base na estrutura da Universidade de Brasília, dividindo os 45 professores e estudantes avançados que dele participaram em três grupos: ciências básicas e humanidades, faculdade de tecnologia aplicada, órgãos complementares. Abri o seminário com umas cinco conferências sobre a estrutura das universidades, comparando-as e as opondo ao projeto da UnB. (...) Minhas conferências introdutórias foram publicadas num texto resumido, muitas vezes editado em vários países da América Latina. Acabaram sendo publicados na íntegra no meu livro *La universidad latinoamericana*, editado na Venezuela, no Chile no México, cujas edições Brasileiras têm o título *A Universidade Necessária*. Nele estão as minhas idéias, geradas na invenção de Brasília, aprofundadas pelas meditações do exílio e pela experiência de reforma das universidades do Uruguai, da Venezuela e do Peru¹²⁵.

¹²³ Ibidem, p.681.

¹²⁴ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.51.

¹²⁵ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.361-2.

Ao comentar o seu exílio uruguaio Darcy Ribeiro disse: “Como se vê, meu longo exílio no uruguaio, se não foi de flores, também não foi de espinhos”; e complementa:

Entrei logo em convivência com intelectuais uruguaios, sobretudo o grupo da revista *Marcha* e os amigos de Angel Rama e de Eduardo Galeano, um meninão já jornalista profissional. Junto com eles planejei e produzimos uma bela e lúcida *Enciclopédia da cultura uruguaia*, que me permitiu tomar o pulso da intelectualidade do país¹²⁶.

Além do mais, Darcy Ribeiro tinha bastante liberdade para viajar para aonde quisesse, com um passaporte uruguaio que recebera. Só não podiam viajar para o Brasil. Mas para a Europa foi algumas vezes, uma delas para dialogar do Juscelino Kubitschek para traçar estratégias que forçassem a ditadura a convocar eleições diretas para a presidência do Brasil. Viajou para a União Soviética e, em outra viagem foi para Cuba, ter duas conversas muito importantes sobre um contragolpe no Brasil: a primeira delas com Che Guevara, e a outra com Fidel Castro:

A conversa com Che, cordialíssima, na cobertura do edifício onde ficava seu ministério, cheia de livros e de objetos pessoais, foi também duríssima. Ele não se arredava da idéia de que só a guerrilha levaria à revolução. Tratava-se de ter peito para as primeiras semanas. Depois a coisa fluiria, como se fosse um canal, da serra ao poder. Eu insistia na idéia contrária, de que havia, ao menos para países como o Brasil, outros caminhos mais eficazes. (...) A segunda conversa importante que tive foi com Fidel, numa praia próxima de Havana. (...) E ali começamos a conversar. Repetiu-se o mesmo diálogo que tive com Che Guevara. Cordial e mais firme ainda. Fidel expondo suas convicções e ponderando que um certo componente político era indispensável, mesmo para viabilizar a guerrilha. (...) Vi então que não podia convencê-lo nem ele me convencer-me¹²⁷.

Por causa destas viagens, a ditadura brasileira pressionou o governo uruguaio, que, por sua vez, limitou as viagens de Darcy Ribeiro, assim como fizera com quase todos os outros exilados, dentre eles Brizola:

Eu, sendo professor da universidade, fiquei confinado em Montevideu, com um carimbo posto no passaporte dizendo que o portador, saindo do país, não poderia retornar. Eu me tornara um apátrida, essa condição aterrorizadora para as empresas de navegação e aviação, que, o aceitando, correm o risco de passar anos com o passageiro a bordo, sem que ele possa desembarcar em lugar algum. (...) Não pude

¹²⁶ Ibidem, p.363.

¹²⁷ Ibidem, p.368-9.

ir nem mesmo a Buenos Aires, a vinte minutos de distância. Nem aos outros centros urbanos argentinos¹²⁸.

A partir deste momento, com o suceder dos primeiros anos do exílio no Uruguai, Darcy Ribeiro dizia se encontrar em uma situação “desesperante”:

[...] tanto que eu ocupava quase todo o meu tempo lendo livros de ficção científica para alimentar a fera de minhas frustrações. Li centenas deles. Também ia a casa de Brizola participar do circuito paranóico do exílio. Uns dez homens coexistiam ali, tensos, falando de um contragolpe que se tornava cada vez mais verossímil¹²⁹.

O mais importante deste período no Uruguai é que, se antes, com a participação de Darcy Ribeiro nos campos educacional e político no Brasil, “faltava-lhe tempo para desenvolver qualquer trabalho de fôlego maior”¹³⁰, o fato de não poder mais sair do Uruguai levou Darcy Ribeiro a retornar às suas reflexões acadêmicas. Sobre isso o próprio autor disse: Nunca vivi um período tão fecundo na minha vida¹³¹. E complementa:

O Uruguai foi para mim um exílio fecundo. Lá, nas longas horas que o exílio nos dava, estudei e escrevi muito. De fato, não tendo família que cuidar, nem velhos amigos que receber e visitar, nem obrigações sociais, (...), nem mesmo ativismo político, a sobre de tempo era imensa, para espreguiçar ou para trabalhar. O ambiente intelectual do Uruguai e da universidade era muito estimulante. E eu tinha gente (...) que ouvia pacientemente a leitura de meus textos. Foi também muito útil a biblioteca pública, onde encontrei toda a bibliografia que podia desejar sobre a América Latina¹³².

O que se confirma ao se analisar o conjunto de publicações que Darcy Ribeiro concebeu nesse período:

Lá escrevi a primeira versão de *O Povo Brasileiro*, que abandonei para escrever uma teoria explicativa do Brasil, indispensável para que nossa história fosse compreensível e explicada. Resultou nos seis volumes de meus estudos de antropologia da civilização, todos escritos ou esboçados lá. Completei no Uruguai *O Processo Civilizatório* e *Os índios e a civilização*, livro que eu me devia fazia muitos anos. Lá também, para descansar do duro trabalho de elaboração desses livros teóricos, escrevi a primeira versão de *Maíra*¹³³.

¹²⁸ Ibidem, p.370.

¹²⁹ Ibidem, p.371.

¹³⁰ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.33.

¹³¹ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.363.

¹³² Ibidem, p.372.

¹³³ Ibidem, p.372-3.

Sobre a concepção o romance de Darcy Ribeiro mais reproduzido em todo o mundo¹³⁴, *Maíra*:

Estando eu carpindo meu longo exílio, encontrei como modo de fugir por algumas horas, diariamente, daquele desterro, escrever um romance *Maíra*, sobre minhas vivências nas aldeias indígenas. Nunca escrevi nada com tão grande emoção, mesmo porque meu tema ali era dar expressão ao que aprendi, no longo convívio com os índios, sobre a dor de ser índio, mas também sobre a glória e o gozo de ser índio. Enquanto o escrevi, eu estava lá na aldeia com eles. Era outra vez, um jovem etnólogo, aprendendo ver seu povo e a ver o meu mundo com os olhos deles¹³⁵.

Essa premissa, comenta posteriormente o autor, o levou a escrever um livro que se cobrava havia muitos anos: *Os índios e a civilização*, que juntamente com os esboços sobre um livro que retratasse o Brasil, motivaram Darcy Ribeiro a compor o conjunto de livros, que constituem a obra intelectual mais conhecida de Darcy Ribeiro, no mundo todo, chamada de *Estudos de Antropologia da Civilização*, composta ao seu final por seis livros, como já mencionado. Os que não foram finalizados entre os anos de 1964 e 1968, que por sua vez correspondem ao período em que Darcy Ribeiro se manteve no Uruguai, lá foram esboçados: “De fato, a obra antropológica de Darcy só amadureceu no seu primeiro período de exílio, entre 1964 e 1968, precisamente quando era professor da Universidade Oriental do Uruguai, em Montevideu¹³⁶”.

Sua intenção inicial era motivada por preocupações tanto intelectuais quanto políticas. Ele queria escrever um grande livro sobre o Brasil, que explicasse a formação cultural e o desenvolvimento social do país para os próprios brasileiros, que expusesse as razões pelas quais o país não se consolidava em um desenvolvimento político-econômico permanente, que deixasse claro quais teriam sido as razões do recente golpe de Estado em abril de 1964, e que esse contra do atraso a que o Brasil ficara relegado em comparação com Estados Unidos e Canadá, países também de origem colonial. Darcy escreveu duas versões desse primeiro livro, fê-lo ser traduzido para o espanhol e levou-o ao prelo, desistindo na última hora, ainda com dúvidas sobre a validade do seu conteúdo. Essa obra, *O Povo Brasileiro*, só foi publicada em 1995, depois de reescrito diversas vezes¹³⁷.

Insatisfeito com o conteúdo do livro que concebera sobre o Brasil, Darcy Ribeiro se propõe não somente a reescrevê-lo, como a elaborar uma série de livros preparatórios

¹³⁴ De acordo com o que conseguimos encontrar, são: quinze edições brasileiras, uma portuguesa, duas italianas, três alemãs, duas francesas, uma espanhola, uma mexicana, uma polonesa, duas inglesas, uma hebraica, e uma húngara.

¹³⁵ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.166.

¹³⁶ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.33.

¹³⁷ *Ibidem*, p.34.

que permitissem com que se chegasse ao conteúdo que queria. Estes estudos preparatórios foram, progressivamente, se transformando em novos livros:

Os cinco volumes dos *Estudos de Antropologia da Civilização*, que saíram entre 1968 e 1972, tanto em português como em espanhol (e depois em inglês, francês, italiano, alemão e outras línguas), foram *O Processo Civilizatório*, *As Américas e a Civilização*, *O Dilema da América Latina*, *Os Brasileiros*, e *Os Índios e a Civilização*¹³⁸.

Esse conjunto de livros, os já identificados como os seus Estudos de Antropologia da civilização, são a principal referência na obra de Darcy Ribeiro, para se entender o seu pensamento sobre a América Latina, objeto deste trabalho. Para os quais nos voltaremos mais a frente. O fato é que no Uruguai, sem poder sair do país, produzindo compulsivamente obras de caráter literário e antropológico, sobre o Brasil e a América Latina, é que Darcy Ribeiro diz ter descoberto a latino-americanidade: “Esses anos permitiram que me tornasse latino-americano, através dos uruguaios, que me domesticaram. Eu era um provinciano brasileiro, e eles me ensinaram a ser latino-americano”¹³⁹. Não somente por sua produção acadêmica, mas pela participação em outras esferas intelectuais, como revistas, jornais, cafés, e reformas universitárias:” O exílio político na América Latina abriu outros horizontes na carreira de educador de Darcy”¹⁴⁰. Mas, nas palavras de Guilherme Azevedo: “Darcy não suportava mais a distância do Brasil e, no segundo semestre de 1968, decidiu retornar”¹⁴¹. De acordo com o relato do próprio Darcy Ribeiro:

Ao fim de quatro anos de confinamento em Montevideu, eu não agüentava mais. Queria fugir de qualquer jeito. Cheguei até a negociar minha ida para a China por dois anos (...). Ia receber um *laisser-paasser* e voar quando mudei de idéia. Lendo as notícias dos jornais brasileiros sobre a Marcha dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, eu me perguntava o que é que eu estava fazendo no Uruguai, se os meninos estavam oferecendo os corações às balas. Contra a opinião de todos, especialmente de Jango e Brizola, que achavam aquilo uma temeridade, voltei. Chamei meu advogado, Wilson Mirza, e só pedi que avisasse a ditadura que eu iria desembarcar no avião tal, à hora tal, no aeroporto do Galeão. Não queria ser preso pelo oficial de dia, e sim pela ditadura, se essa fosse sua resolução. (...) No Rio, passei pelo aeroporto só com a advertência de que deveria procurar, no dia seguinte, a Ordem Política e Social. Fomos lá e eu respondi a um questionário tolo, com sins e não.

¹³⁸ Ibidem, p.34.

¹³⁹ RIBEIRO, Darcy. *Somos todos culpados: pequeno livro de frases e pensamentos de Darcy Ribeiro* / seleção e organização de Eric Nepomuceno. – Rio de Janeiro: Record, 2001, p.165.

¹⁴⁰ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.42.

¹⁴¹ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.682.

Instalei-me com Berta num apartamento emprestado, porque o nosso estava alugado, e vivi quase três meses feliz¹⁴².

Contente por poder retornar ao Brasil, participando de muitas recepções e festas, Darcy Ribeiro disse ter se esbaldado, inclusive em dar entrevistas a jornais e revistas falando bem do governo deposto e falando mal da ditadura: “Começou então a fazer ataques públicos ao novo regime, através da imprensa. Uma provocação”¹⁴³. A reação militar, que fora tranqüila a meu retorno, foi áspera contra essas manifestações: “Certa manhã, o general comandante do Primeiro Exército mandou um oficial com tropa armada me prender no apartamento em que me instalei, na rua Toneleiros”¹⁴⁴. Neste mesmo momento acabava de sobrevir o ato Institucional no 5 (AI-5): “Mirza e outros amigos se assanharam, me aconselhando, peremptórios, a sair do país urgentemente. Eu não admitia voltar com minhas pernas para o exílio. Fui preso no dia seguinte à edição do ato”¹⁴⁵.

No período em que ficou preso, no Rio de Janeiro, “A situação foi ficando ruim”: “Eu preso, Berta sem poder trabalhar. As reservas foram ficando esgotadas. Raspamos o fundo do tacho umas ações de banco que me restavam. O pior foi saber, depois que Berta vendera sua máquina de escrever”¹⁴⁶. Enquanto isso Darcy Ribeiro, dentro da cadeia, como maneira de fazer passar o tempo, decidiu registrar os fatos, condensando-os em uma espécie de “Diário de Prisão”. Em um dos trechos Darcy Ribeiro diz:

Que fazer? Que perspectivas tenho? Não sei nada e não posso influir na decisão que eles irão tomar. Nesta posição passiva, só posso planejar minha atividades dentro de limites exíguos. Vejamos.

Primeiro. Ficarei no Brasil, volto a afirmar: não posso ajudar mais aceitando o convite para ir para a América, ou para qualquer outro lugar. O que cumpre, entretanto, é lhes impor minha presença. Esse é o preço maior que lhes posso cobrar: a duvidosa censura da opinião pública à prisão de um intelectual.

Segundo. Devo enfrentar o inquérito mantendo-me no que sou, sem nada que pareça bravata. Mas dando de mim a imagem que eu próprio tenho de mim: um brasileiro deliberado a lutar contra tudo o que se oponha ao desenvolvimento autônomo e sustentado do Brasil. Um brasileiro convicto de que pesa um veto sobre o nosso desenvolvimento: 1) os interesses do patronato mais retrógrado, sobretudo os 32 mil grandes fazendeiros; 2) a incapacidade e a venalidade do patriciado político nativo que dirigiu o país até agora e, tendo sido incapaz de conquistar o desenvolvimento, se tornou também incapaz de renovar sua própria ideologia liberal; 3) a ticanhez dos políticos militares, que são manobrados por interesses que desconhecem, servindo como custódios de uma ordem que eles

¹⁴² RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.373.

¹⁴³ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.682.

¹⁴⁴ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.374.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p.375.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p.376.

próprios desaprovam, mas se comprometendo e afundando-se cada vez mais no papel de mão repressora; 4) os interesses estrangeiros, sobretudo os norte-americanos, que têm, hoje, no Brasil, seu alterno, porque a condição essencial à preservação de seu âmbito mínimo admissível de hegemonia é manter-se como potência continental – é manter o Brasil subjugado à sua órbita de poder e aberto às suas empresas. (...) Não vale a pena estar escrevendo mais sobre esses assuntos que tantas vezes analisei. De prático, só fica a disposição de enfrentar o inquérito, assumindo as responsabilidades que me cabem pelo que eles chamam de caráter subversivo do governo passado, no que tange às reformas. No correr do inquérito, responderei a perguntas das autoridades que me julgarão e ficarei sabendo se o coronel pode encerrar o inquérito me libertando no período de julgamento ou, o que é mais provável, se o encerrará me mandando a outra prisão. A hipótese mais provável é um longo tempo de prisão. Se for assim, tratarei de aproveitar. A única forma possível é produzir mais livros, que se publicarão ou não¹⁴⁷.

Negociando sua prisão, ou sua liberdade, Darcy Ribeiro utilizava o argumento de que o melhor mesmo era os militares consentirem com sua liberdade, já que sua prisão custava mais ao governo do que deixá-lo sair. Quando um Coronel lhes respondeu que Darcy Ribeiro queria sair para continuar conspirando, como fazia no Uruguai. Darcy Ribeiro respondeu que era assim, e complementa:

Mas minha conspiração era de intelectual que atua através de seus livros e estes eles não podiam impedir. Nem mesmo me mantendo preso, porque a própria prisão daria maior repercussão a meus livros, que já se encontravam nas mãos de editoras dos Estados Unidos, da França, da Argentina, da Itália e da Espanha. O procurador quis dessa vez envolver-me em frases globais que me definiam como marxista e comunista. Disse que eu era um herdeiro de Marx, que procurava sê-lo enquanto cientista social, porque Marx fora fundador das ciências sociais, mas assim como os físicos não são einsteinistas pelo fato de serem herdeiros de Einstein, eu também não era marxista. Evidentemente o argumento excedeu a capacidade de compreensão de ambos. (...) Caí então no papel de esclarecer que, sendo minha função a de ideólogo, e exigindo de mim mesmo uma conduta de patriota, não deixarei jamais de atuar, enquanto puder, sobre a juventude, sobre o clero e sobre os próprios militares, no sentido de ajudá-los a compreender a situação em que atuavam e exercer um papel patriótico de luta pelo desenvolvimento autônomo do Brasil¹⁴⁸.

Na prática, para além de seu discurso retórico de enfrentamento à ditadura, depois de alguns dias no Rio de Janeiro, foi levado para a Fortaleza de Santa Cruz e ainda depois para a Ilha das Cobras – o quartel general dos fuzileiros navais –, onde ficou preso até que por orientação do advogado, que lhe pediu que escrevesse uma carta ao “ditador do dia”, correspondeu dirigindo um pedido a Costa e Silva no sentido de que este autorizasse a emissão de um novo passaporte e lhe permitisse se exilar novamente, e poder trabalhar

¹⁴⁷ Ibidem, p.384-5.

¹⁴⁸ Ibidem, p.390.

como professor para sustentar sua família: “Precisava de um passaporte, cuja emissão só ele, presidente, poderia autorizar. Concluí a carta com a velha saudação positivista: “Saudações republicanas!”¹⁴⁹.

Darcy Ribeiro vai a julgamento em um tribunal da Marinha, é absolvido, recebe o passaporte assinado por Costa e Silva e, após ter passado a noite escondido no apartamento do advogado, no dia seguinte á libertação, procura a embaixada dos Estados Unidos, para obter um visto de entrada, já que tinha um convite para trabalhar na Universidade de Colúmbia, como professor visitante. Retornando à casa do advogado, busca alternativas para sair do Brasil. O Regime militar já havia determinado, novamente, a sua prisão quando soube da presença, no Rio de Janeiro, de um antigo amigo, o sociólogo venezuelano, José Augustin Silva Michelena, a quem chamou para uma conversa:

Chamei-o à casa do Mirza e consegui através dele um visto consular para entrar em Caracas. Iria trabalhar como professor visitante na Universidade Central da Venezuela. Na mesma noite, fui para ao aeroporto com Berta e Zé de Catão, que ficou na fila por mim até o último momento. Aí entrei na fila e no avião. Voei para Caracas. Era meu segundo exílio¹⁵⁰.

Na mesma semana, em que chegou na Venezuela, já em setembro de 1969, Darcy Ribeiro foi falar com o reitor da Universidade Central de Venezuela – UCV –, que, de pronto, o mandou me contratar como professor de antropologia. A isso se acrescentaram, depois programas de pós-graduação sob sua coordenação, assim como a direção de mais um seminário de renovação universitária, agora na própria UCV. Nas palavras de Darcy Ribeiro, a partir do seminário: “resultou um diagnóstico acurado da universidade e um plano de renovação estrutural a ser implantado em dez anos”; e complementa:

Essas duas proposições foram publicadas pela Universidade, num volume precioso de que saíram outras edições, consentidas e clandestinas, porque a procura era grande. Trabalhei também com a Universidade de Mérida, plantada numa encosta dos Andes, em frente a escarpas vertiginosas. Muitos de meus livros foram editados pela UCV e adotados nos cursos de ciências humanas¹⁵¹.

Ganhando repercussão na Venezuela, Darcy Ribeiro Andou pelo país todo dando conferências e principalmente observando e conhecendo¹⁵². Este período o levaria a

¹⁴⁹ Ibidem, p.401.

¹⁵⁰ Ibidem, p.404.

¹⁵¹ Ibidem, p.407.

¹⁵² Ibidem, p.408.

reformular algumas de suas observações sobre a América Latina e seus diferentes povos. Quando, em 1970, estoura então a vitória de salvador Allende nas eleições presidenciais do Chile. Darcy Ribeiro disse: “Nada me seguraria mais em Caracas”¹⁵³.

Sobre a figura de Salvador allende, Darcy Ribeiro diria:

Conheci Allende como senador socialista chileno que foi visitar o Jango logo que nos exilamos no Uruguai. Convivi com ele uma semana em Montevideú, encantado com sua simpatia, seu pensamento claro, seu socialismo libertário, seu sentimento de latino-americanidade. Nessas conversas, Allende me deu sua visão da nossa queda e da importância dela. Vi em, suas palavras mais do que alcançara antes, a compreensão da extraordinária importância do governo de João Goulart. Estávamos travando uma batalha mundial. Só nós, pequenos Davis, contra o Golias. Allende me disse, textualmente: “A queda de Goulart foi para nós como uma montanha que mergulhasse no mar. Nele teríamos o aliado para a libertação da América Latina. Sem ele, tudo seria muito mais difícil.”¹⁵⁴

Eleito Allende como presidente, Darcy Ribeiro entrou em contato com, e consegue um emprego no, Instituto de Estudos Internacionais do Chile, e assim, muda-se para Santiago: “Encontrei Allende recém-instalado na Presidência e me pus logo a seu serviço, ao lado de um outro assessor, o espanhol Juan Garcez. Tínhamos acesso a todas as reuniões ministeriais e redigíamos documentos. Era um alegre trabalho que fazíamos ao lado de Allende, aprendendo”¹⁵⁵. Darcy Ribeiro passa então a nutrir intensa admiração por Allende:

Eu estava no Chile e era assessor de Salvador Allende. Trabalhava com o presidente para uma coisa lindíssima, que era o projeto de socialismo em liberdade. (...) O fato é que eu estava como ajudante do Salvador Allende, fazia discurso para ele. Posso dizer, porque ele era tão grande sujeito que, depois de fazer discurso de posse, no estádio, ele chegou com três edecanes – os presidentes do Chile andam com três generais, do mais alto padrão – e disse aos edecanes: - Vocês gostaram do meu discurso? E eles disseram: - Ah! Presidente, foi um discurso sábio, bonito, etc. E o Allende: - Pois é, quem escreveu foi esse brasileiro aqui. É claro que eu escrevi o pensamento dele e ele era um homem suficientemente competente para dizer que eu escrevia o discurso para ele. Eu escrevi para muita gente mais, que nunca admitiria que eu dissesse isso¹⁵⁶.

O tema principal do discurso do Estádio Nacional, discutido previamente entre o orador, Allende, e o relator do discurso, Darcy Ribeiro, tratava da “responsabilidade que pesava sobre o Chile de inaugurar a via do socialismo em liberdade”¹⁵⁷; e fala mais:

¹⁵³ Ibidem, p.412.

¹⁵⁴ Ibidem, p.413.

¹⁵⁵ Ibidem, p.413.

¹⁵⁶ Idem, 1997b, p.65-6.

¹⁵⁷ Idem, 1997a, p.413-4.

Salvador Allende era um pensamento muito claro, cinco vezes foi candidato, aceitando derrota. Depois, assumiu a Presidência. Era muito claro para ele que estava tendo que fazer o socialismo em liberdade, coisa que não existia. E se viu muito mal, porque ele tinha o apoio de Cuba, que ele nem queria mais, porque era ruim. O apoio que podia ter da União Soviética era muito pequeno, só serviria se fosse muito indiretamente, ele não podia entregar aos soviéticos. Numa conjuntura mundial, se sabia que aqui, no Brasil, havia uma conspiração de quatro mundos para derrubá-lo e, lá, havia a desorganização da economia¹⁵⁸.

Darcy Ribeiro complementa:

Eu tinha varias outras idéias que havia discutido com ele, , naqueles dias, sobre as bases do socialismo legal; a estrutura agrária; a reforma agrária; sobre jogar gente no campo; e uma quantidade de coisas. Ocorre que, três anos depois, já no fim do período dele – ele foi um caso um pouco raro, porque a votação dele aumentou extraordinariamente no poder, apesar da crise econômica, que era muito séria, faltava tudo no país, por causa da sabotagem¹⁵⁹.

Sobre alguns temas que Darcy Ribeiro considerava de maior importância para a transição do Socialismo em Liberdade no Chile, como por exemplo o projeto de Nacionalização do Cobre, Darcy Ribeiro foi contrariado na visão de que Allende deveria reorganizar a economia sem tocar nas minas de cobre:

Nas conversas com Allende, propunha que não se pedisse ao Congresso a Nacionalização das minas de cobre, que era a aspiração maior dos chilenos. Propunha quem, antes disso, se criasse uma legalidade democrática da transição ao socialismo. Seus assessores chilenos foram contrários a essa idéia. O resultado não foi bom. A direita votou com a esquerda pela nacionalização, fortalecendo-se¹⁶⁰.

A partir da nacionalização imediata das minas de cobre chilenas, na visão de Darcy Ribeiro, a classe dominante fortalecida, e seus corpos políticos, apoiados pela ditadura brasileira e pelo governo norte-americano, não só conspiravam, mas atuavam concretamente, criando situações críticas. Apesar disso, Allende continuou tendo forte apoio popular por três anos. Mas a subversão ia ganhando força¹⁶¹. Principalmente porque as esquerdas se puseram também a conspirar contra o governo: “As esquerdas radicais entraram a conspirar, querendo elas próprias dar o golpe para cubanizar o processo chileno”¹⁶². O clima era de caos e como assessor de Allende Darcy Ribeiro acreditava que

¹⁵⁸ Idem, 1997b, p.73.

¹⁵⁹ Ibidem, p.74.

¹⁶⁰ Idem, 1997a, p.414.

¹⁶¹ Ibidem, p.415.

¹⁶² Ibidem, p.415.

se fazia ouvir muito pouco: “Nesse quadro eu fui procurado em Santiago por um dos mais altos intelectuais políticos da América Latina, o peruano Carlos Delgado. Ele me trazia um convite de presidente Velasco Alvarado para “ajudar a penar a revolução peruana”¹⁶³.

Ao saber do convite feito a Darcy Ribeiro pelo governo peruano, e ainda por saber que saber que Darcy Ribeiro já tinha se decidido a ir para o Peru, Allende o mandou chamar:

O Allende me disse: - “Se puder juntar o pessoal, vou juntar para a gente dar uma prosa”. O pessoal eram os cabeças que trabalhavam com ele. Eu fui para lá. Ele fez a tal reunião e ocorreu uma coisa estranha, porque ele me disse: “ – Oh, Darcy, não é hora de você dizer aqui, ao pessoal, que você tinha razão, que o projeto bom era aquele? Porque o Pedro dizia que temos uma institucionalidade socialista tão grande que podemos ir adiante sem mudar a lei, e você dizia que era preciso mudar a lei, que era preciso fazer mudanças”. Eu tive que dizer alguma coisa engraçada, e disse: “– Olhe, Presidente, nós sabemos quais são os efeitos na história da opção do Pedro, não sabemos quais teriam sido os efeitos da nossa opção. A situação está muito difícil, mas ela tem que continuar é por esse caminho, porque qualquer coisa quando é posta na história é diferente”. Então, você veja a grandeza do Allende de ter o seu projeto político como alguma coisa que era um projeto intelectual. Ele não era um homem apaixonado, um louco, não era chefe de bando, era um pensador profundo, sabendo que enfrentava a extrema dificuldade de fazer o que nunca se fez, o socialismo em liberdade, garantindo uma unidade democráticas e mudando o regime social¹⁶⁴.

Para Darcy Ribeiro, pelo carinho e admiração que dizia nutrir por Allende, sair do Chile lhe “dava pena”:

Allende me pedia que ficasse, mas concordava comigo em que não se abria ao Brasil nenhuma perspectiva de alcançar o socialismo por via eleitoral. Era pensável, entretanto, um nasserismo, em que os militares deixassem de ser o braço armado de classes dominantes retrógradas para passar ao papel de renovadores de sua sociedade¹⁶⁵.

Darcy Ribeiro não poderia supor que o jantar acima descrito estaria acontecendo apenas três meses antes do golpe militar que, a 11 de setembro de 1973, derrubaria a experiência socialista comandada por Allende e o levaria à morte: “Nessa conversa última, Allende reiterou para mim sua afirmação de que a ele não derrubariam no berro,

¹⁶³ Ibidem, p.415.

¹⁶⁴ Idem, 1997b, p.75.

¹⁶⁵ Idem, 1997a, p.416.

como fizeram com Jango, e concluiu: “Só sairei de La Moneda coberto de balas”. Assim foi¹⁶⁶.

Mas antes ainda de tudo isso acontecer, Darcy Ribeiro se sentia tentado pela revolução peruana:

O Carlos Delgado, que era o principal intelectuais daquele país, amigo do Velasco Alvarado, veio me convidar para ir ajudar a pensar a revolução peruana. Os peruanos estavam fazendo uma revolução profunda, a reforma agrária mais profunda das Américas, não deixaram nenhuma propriedade com mais de cem hectares. Isso convulsionou o país também¹⁶⁷.

Nada podia ser mais tentador para mim que observar e conviver com militares que haviam trocado de pele e realizavam uma profunda revolução social no Peru. Tinham feito a reforma agrária mais profunda de que se tem notícia, garantindo a posse das terras, depois de séculos de esbulho, às populações incaicas da montanha peruana. Haviam tomado e reorganizado a imprensa, destinando cada jornal, rádio e televisão a uma corrente corporativa, como os camponeses, os operários fabris etc. Estavam reordenando a propriedade para garantir a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, enquanto acionistas delas e muita coisa mais¹⁶⁸.

A tarefa principal de Darcy Ribeiro era, sob a tutela da Organização Internacional do Trabalho, órgão das Nações Unidas, criar um instituto de estudos sobre as formas de participação social na propriedade e nas empresas peruanas.

Fui para o Peru via genebra, porque tive que visitar antes a sede da Organização Internacional do Trabalho, para detalhar o centro de estudos da Participação Popular – CENTRO, que íamos implantar em Lima. (...) O plano básico era pôr todo o povo peruano dentro de um computador, com base nos dados estatísticos com que se contava e nas avaliações qualitativas que fizéssemos. Lá estaria a população inteira, com sua distribuição por sexo, idade, níveis educacionais, de consumo, de saúde, bem como sua distribuição espacial e temporal. Quer dizer, como a população evoluiria nos próximos vinte anos. Teríamos assim m Peru conceitual, virtual, que nos permitiria fazer quaisquer projeções sobre a imagem futura de sua população e principalmente, um exercício que nunca se fizera antes (...) Uma vez construído o símile, passaríamos a projetar as linhas de ação que no prazo intermédio permitissem à sociedade peruana chegar lá. Seria o “socialismo cibernético”, de desejabilidade incontestável. Não se fundava em nenhuma ideologia, mas num jogo de números dentro do computador¹⁶⁹.

Trabalho que consumiu três anos da vida de Darcy Ribeiro, de 1973 a 1976:

¹⁶⁶ Ibidem, p.416-7.

¹⁶⁷ Idem, 1997b, p.66.

¹⁶⁸ Idem, 1997a, p.415.

¹⁶⁹ Ibidem, p.418.

Fiz em três anos tudo o que alcancei para atingir nossa meta. Ingênuo que sou, me perguntava todo o tempo por que os peruanos não me davam os dados censitários indispensáveis ao projeto nem acesso aos computadores do Ministério do Planejamento. Só muito depois descobri que, para eles, era demais aceitar de um estrangeiro uma fórmula para sua revolução¹⁷⁰.

Durante esses três anos de trabalho, além de perceber certa animosidade e recusa à sua presença, ainda divergia fortemente dos rumos que eram dados à revolução peruano, no tocante ao tratamento do povos do Altiplano Andino, num processo de intensa europeização dos povos andinos, como bandeira revolucionária¹⁷¹:

Percebi outra posição antagônica com o general Leônidas, autoridade superior do SINAMOS, órgão de condução ideológica da revolução peruana. Eu dizia a ele tão somente que o verdadeiro povo peruano era o povo incaico do altiplano, com sua língua e costumes próprios, que tinha sobrevivido a quinhentos anos de opressão e não seria erradicado nunca. Dizia ainda que Lima era uma praça de ocupação espanhola que continuava exercendo o triste papel de opressão europeizadora sobre os remanescentes da civilização incaica. Era demais para ele. Calou-se e levantou-se, interrompendo o diálogo. (...) Soube depois por seu auxiliar mais qualificado, meu grande amigo Carlos Delgado, juntamente com Pancho Guerra e Carlos Franco, que eu forçava portas trancadas. Efetivamente, para mim a revolução peruana se justificava principalmente como o primeiro gesto de restauração do incário, a grande civilização sul-americana, o que é pouco assimilável para a maioria da intelectualidade peruana. Os cientistas sociais acham que seu caminho é uma modernização que force os índios a deixar da mania de ser índios para compor, com os peruanos europeizados, uma espécie de Uruguai do altiplano¹⁷².

Nesse ambiente de disputas Darcy Ribeiro saiu de férias. Viajou para Lisboa, e depois para Coimbra, onde faria conferências sobre a Universidade de Brasília e sobre o desafio de pensar uma universidade para o “Terceiro Mundo”. Depois de algum tempo viajando, enquanto na cidade do Porto, onde ia dar outra conferência na Universidade local, Darcy Ribeiro, durante a madrugada, passou mal:

[...] fui ao banheiro e tive uma copiosa hemoptise. Alarimei-me. Chamei o reitor, que me hospitalizou imediatamente. De manhã tiraram radiografias. Vi de tarde na cara trêmula do reitor, que era câncer. (...) No dia seguinte (...), me levou para Paris. Lá com o apoio de Luís Hildebrando, do Instituto Pasteur, e do Partido Comunista, consegui internar-me no principal hospital de câncer pulmonar da Europa: Creteil. O exame que me fizeram ao vivo, arrancando *morceaux* de meus brônquios até encher uma meia taça, me doeu muito. Era câncer mesmo, me disseram numa sexta-feira, marcando a operação para segunda¹⁷³.

¹⁷⁰ Ibidem, p.418-9.

¹⁷¹ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.682.

¹⁷² RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.419.

¹⁷³ Ibidem, p.420, *passim*.

Esse câncer pulmonar abalou profundamente Darcy Ribeiro, que não queria ser operado na França ou nos Estados Unidos – alternativas que lhe foram dadas. Queria era ser operado no Brasil. Impetuosamente decidiu fazer as malas e retornou para Lima, tentando convencer os militares a o deixarem entrar no Brasil:

Expus o problema claramente ao embaixador do Brasil: não pedia autorização para retornar a meu país, comunicava que desembarcaria no dia tal, hora tal, no aeroporto do Galeão, onde uma ambulância me esperaria para levar-me ao hospital em que seria esperado. Ele reagiu com uma frieza gélida. Seria tão fácil para um diplomata ser gentil, mas aquele cara encarnava era o inimigo. Queria a minha desgraça. Disse só que me comunicaria a instrução que recebesse do governo. Eu deveria esperar em Lima até que houvesse decisão governamental. Depois quis aconselhar o adiamento da viagem para que houvesse tempo para suas consultas a Brasília. Eu me neguei a adiar, argumentando que o tempo urgia para mim. Nisso, ele me disse da forma mais peremptória e boçal que me transmitia ordens do Golbery: “O senhor está proibido de entrar no Brasil”, gritou como uma ordem. (...) eu disse a ele que não podia me proibir de viajar para o Brasil quando tinha já passagem e lugar marcado para partir às duas da manhã daquele dia. O que o governo podia fazer era mandar me prender ao chegar. E esse risco eu corria por minha conta¹⁷⁴.

Pela noite, por contato dos militares com a empresa aérea que levaria Darcy Ribeiro para o Rio de Janeiro, foi impedido de entrar no avião. O máximo que conseguiu posteriormente, foi, por meio da embaixada norte-americana, uma reserva no hospital mais especializado em câncer: “Eu saíra de um excelente hospital francês pelo desejo de ser operado em português e no Brasil. Via com horror aquela perspectiva de ir para Baltimor ou seja lá onde fosse”¹⁷⁵. Nesse ínterim foi dada a autorização de seu ingresso no Brasil para ser operado:

A condição era de que só recebesse parentes e não desse nenhum tipo de declaração. Viajei. No aeroporto, um automóvel do chefe da polícia política me esperava ao pé da escada, plantado no meio do campo. (...) Partimos para o Hospital da Beneficência Portuguesa, onde seria preparado para o internamento¹⁷⁶.

No hospital, membros da polícia política permaneceram na porta do quarto de Darcy Ribeiro, impedindo ou controlando o acesso de parentes e poucos amigos: “Vivo assim debaixo do sentimento de que estou sob prisão, como quando voltei ao Brasil nos

¹⁷⁴ Ibidem, p.433.

¹⁷⁵ Ibidem, p.434.

¹⁷⁶ Ibidem, p.434.

idos de 1968-9”¹⁷⁷. Além da privação à liberdade de movimentar-se e de ver quem queria ver, foi operado: “O câncer que me roia os peitos foi ao lixo com o pulmão”¹⁷⁸. Mas isso ainda não era tudo. Ainda sem estar completamente recuperado, por decreto do governo militar, Darcy Ribeiro deveria novamente se retirar do Brasil:

O velho e amplo leque dos possíveis modos de mim, que se vinha estreitando desde o princípio, agora quase fechou. Sou o que os anos fizeram de mim, em mim e nos olhos dos outros. Dessa fantasia não posso mais me libertar. No passado me desfiz e me refiz muitas vezes, tomando novos caminhos e vivendo novas sinas. Assim o quê? De revolucionário militante – que foi meu primeiro ofício como jovem comunista – saltei á carreira de antropólogo e vivi quase dez anos nas aldeias indígenas, dormindo nas redes e me exercendo como instrumento de pesquisa. Depois, me fiz sociólogo da educação, educador, planejador de universidades. O fiz com tal ímpeto e jeito que cheguei a reitor, a ministro e a administrador do governo. Mais tarde, compelido ao exílio, me fiz antropólogo teórico e ideólogo, buscando fundir em mim minhas consciências díspares de cientista de tempos passados com a do político fracassado dos anos mais recentes. Hoje já não me é dado repetir nenhum desses saltos. O tempo que resta é o de exercer-me ao que me reduzi: aquele que volta, apenas consentido e sob a ameaça de ser mandado para fora outra vez, da pátria e da vida¹⁷⁹.

Darcy Ribeiro retorna ao Peru, para o que chamou de seu terceiro exílio:

Meu terceiro exílio foi o do retorno ao Peru, depois de operado e salvo do câncer pulmonar. Tudo estava mudado. O presidente Velasco Alvarado enfermo, irrecuperável de um aneurisma, já não governava. (...) O governo peruano havia dado instruções às organizações internacionais, especificamente à OIT, de que não pretendia manter funcionando o meu centro. Só me cabia facilitar a tarefa, encerrando os contratos com o pessoal internacional e fechando a casa que criara sem que ela cumprisse minimamente seus fins. Uma tristeza. (...) Para mim representou o total desastre de um dos projetos mais ambiciosos que elaborei, minha revolução cibernética não ideológica (...). Eu, que já era um estrangeiro inventor de modas metido a ideólogo da revolução peruana, passei a ser *persona non grata*¹⁸⁰.

E como seu contrato de trabalho ainda existia, passou a trabalhar mais fora do que dentro do Peru; relata Darcy Ribeiro:

Fui diversas vezes ao México, ajudando a pensar a faculdade de educação e de comunicação dentro da UNAM e uma universidade do Terceiro Mundo, encomendada pelo presidente Echeverría. Estive também várias vezes na Costa rica, onde projetei a Universidade Nacional (...). Visitei outras vezes a Argélia, em

¹⁷⁷ Ibidem, p.437.

¹⁷⁸ Ibidem, p.438.

¹⁷⁹ Ibidem, p.421-2.

¹⁸⁰ Ibidem, p.445-6.

que Oscar Niermeyer trabalhava na arquitetura das novas universidades, onde queriam minha ajuda. Elaborei o Plano Geral de reestruturação da Universidade de Argel, de modelo propositadamente não francês¹⁸¹.

Nesse período, de 1976 a 1979, Darcy Ribeiro retornava ao Brasil, a cada seis meses, apenas para consultas médicas, e depois tinha novamente de se retirar. Até que se estabeleceu de vez no Brasil, a partir de 1979, quando o país está sob o comando do General Ernesto Geisel, que assumira a presidência da república em 1974, prometendo uma distensão “lenta, gradual e segura”¹⁸².

1.4 O retorno ao Brasil e a aposta na democracia: a educação como bandeira política e o retorno à “revolução necessária” (décadas de 1980 e 1990)

Apesar de autorizado o retorno de Darcy Ribeiro para o Brasil, ele identificou como a sua maior dificuldade conseguir um emprego, já que o veto à sua contratação, de acordo com uma resolução do Serviço Nacional de Inteligência, impedia a contratação de qualquer ex-exilado por qualquer universidade, desde o tempo da ditadura, e após a anistia, continuava a valer:

Leite Lopes tinha suas razões quando disse que a ditadura nos anistiou, mas nossos colegas não. Na verdade, nossos postos estavam ocupados e aparentemente ninguém precisava de nós. O grave é que com o passar dos meses, caí em angústia de desemprego. Sempre vivi de meu salário mensal e era muito ruim descontar todo mês um cheque dos poucos dinheiros que juntei no exílio. Todas as minhas esperanças de trabalho se frustraram. Minha esperança maior era um contrato de pesquisa para concluir minha série de estudos de antropologias da civilização, mas a única oferta que tive envolvia o financiamento da “Ford Foundation”. Isso seria muito constrangedor para alguém visto como ideólogo da América Latina¹⁸³.

Tive mais sorte com meu posto de professor de antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, graças ao espírito amplo e democrático do ministro Eduardo Portela. Para não me constranger com um pedido de reintegração, ele mandou-me um telegrama em que me comunicava que, sabendo do meu desejo de voltar ao convívio de meus colegas professores da universidade, determinara minha reintegração como professor de antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Para isso, Portela teve que enfrentar toda a boçalidade do SNI, que exigia

¹⁸¹ Ibidem, p.446.

¹⁸² AZEVEDO, op.cit., p.684.

¹⁸³ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.466.

dele não incorporar nenhum exilado à universidade. É bom existir gente como meu ministro Eduardo Portela. Seu gesto me reconciliou com o mundo acadêmico brasileiro¹⁸⁴.

Deste modo, Darcy Ribeiro passou imediatamente a dar aulas no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais:

Praticamente ninguém sabia nada de mim, senão como um político errado e como um subversivo. Nenhum aluno tinha lido nada meu. Até meus colegas, jovens antropólogos, achavam que eu era descartável. Percebi isso mais cruamente quando verifiquei que alunos que faziam mestrado em filosofia sobre Heidegger e outros sábios nunca tinham ouvido falar em Álvaro Vieira Pinto, o único filósofo ativo que nossa casa havia produzido. O veto ditatorial a todos nós exilados funcionou. Foi interiorizado pela maioria dos professores. São coisas de ecologia, uma raça nova, diante do vazio, se expande formidavelmente¹⁸⁵.

Nesse momento Darcy Ribeiro ficou sabendo que entre os exilados que também retornavam ao Brasil estavam Leonel Brizola e Luis Carlos Prestes. Darcy Ribeiro foi receber Leonel Brizola no rio Grande do Sul, em São Borja: “[...] porque ele quis regressar por lá, terra de Getúlio, de Jango e de sua mulher Neuza, irmã de Jango”¹⁸⁶; além de ser o Estado que governava antes de exilado. A amizade de Darcy Ribeiro e Brizola se estreita:

Nos anos seguintes de convívio intenso, aprendi a ver e a admirar Brizola pela sua personalidade extraordinária, lúcida e temerária. Ele já era visto pela elite brasileira como seu principal adversário nos idos de 1964; agora o viam com maior pavor, diante da possibilidade de chegar à presidência da República para lá realizar as grandes reformas sociais, desde sempre postergadas¹⁸⁷.

Com a queda do sistema bipartidário, instalado no país em 1965, e com a reabertura política propiciada pela anistia política aos ex-exilados, dava-se ensejo ao surgimento de novas agremiações políticas. Com a amizade de Darcy Ribeiro e Brizola se estreitando, decidem-se a trabalhar para recuperar a velha legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Darcy Ribeiro escreve o novo estatuto do partido e inicia-se, assim, uma luta judicial no Tribunal Superior Eleitoral, uma vez que a sigla é também pretendida por Ivete Vargas, filha de Getúlio:

¹⁸⁴ Ibidem, p.467-8.

¹⁸⁵ Ibidem, p.468.

¹⁸⁶ Ibidem, p.471.

¹⁸⁷ Ibidem, p.472.

Reintegrados no quadro político graças à anistia, nosso primeiro objetivo foi reconquistar a legenda do Partido Trabalhista Brasileiro, legenda historicamente nossa, e que só nós podíamos conduzir com dignidade. Ainda no exílio, Brizola promoveu duas reuniões em Lisboa, a que compareceram tanto exilados como gente vinda do Brasil, com o objetivo de definir o programa do futuro PTB. Escrevi os estatutos do novo PTB e entramos em luta judicial em Brasília contra uma aventureira, Ivete Vargas, que, associada ao General Golbery, disputava a mesma legenda. Ela ganhou. Brizola sofreu tamanha decepção que o vi ficar hirtos e chorar quando a notícia nos foi levada, na sala em que, com uma centena de companheiros, esperávamos a resolução da Justiça. Pouco depois Doutel de Andrade me procurava para escrever um novo estatuto. Agora para o Partido Democrático Trabalhista, que seria nossa trincheira. Com a legenda voltamos à política¹⁸⁸.

Como alternativa ao PTB, no mesmo mês de agosto do ano de 1980, surge, portanto, com base na herança dos governos de Getúlio Vargas e João Goulart, o novo Partido Democrático Trabalhista (PDT); com estatutos também redigidos por Darcy Ribeiro e sob a liderança de Leonel Brizola: “Fundamentavam a atuação do partido na participação popular e de minorias e tinham uma inabalável certeza de que esse partido iria retomar a história do Brasil, que fora interrompida pelo regime militar”¹⁸⁹. De acordo com Guilherme Azevedo:

O presidente Figueiredo seguia então o processo de reabertura política que se comprometera a fazer. Eleições diretas para os governos estaduais e para o Congresso Nacional, as primeiras desde o golpe de 1964, foram marcadas para novembro de 1982. Darcy Ribeiro se tornou vice na chapa encabeçada por Leonel Brizola para concorrer ao governo do Rio de Janeiro. Nas eleições de 15 de novembro a oposição ao regime militar teve forte avanço, elegendo dez governadores – inclusive nos principais estados: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais – (...). Nas eleições para o Legislativo, realizadas no mesmo dia, a oposição passou a ser maioria na Câmara dos Deputados; no Senado, a maioria governista persistiu¹⁹⁰.

Em 1982, eleito vice-governador do Rio de Janeiro, na chapa de Leonel Brizola e foi logo nomeado Secretário Extraordinário de Ciência, Cultura e Educação. Darcy criou o Sambódromo, onde desfilam as escolas de samba do carnaval carioca, a Biblioteca Pública do Estado, e, entre outras instituições de relevo no panorama da cultura carioca, o

¹⁸⁸ Ibidem, p.472.

¹⁸⁹ BRAGA, Roberto Saturnino. As propostas dos Partidos: a proposta do PDT. In: *Lua Nova: cultura e política*. São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), v.1, n.1, 1984, pp. 49-53.

¹⁹⁰ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.685.

projeto de implantação de 500 escolas de turno integral, os CIEPs¹⁹¹. Brizola teria eleito o desenvolvimento da educação como prioridade máxima de seu governo.¹⁹²

Num país acostumado a dar trato de terceira – ou última – categoria às obras destinadas aos pobres, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), talvez o maior projeto e obra de Darcy, soou para muitos como um disparate. Uma escola pública em tempo integral, laica, gratuita e que fosse muito melhor e mais bem equipada do que qualquer outra escola, inclusive particular, já criada no Brasil. Que fosse tão boa que o rico comesse a disputar uma vaga para ali estudar.¹⁹³

Em uma avaliação de Darcy Ribeiro sobre a importância desse projeto educacional para o Rio de Janeiro:

A educação brasileira era realmente uma calamidade, pois continuava não somente a produzir analfabetos como reproduzindo o sistema de extrema desigualdade social através da exclusão, ou melhor, da expulsão da esmagadora maioria de sua população do segundo grau e conseqüentemente do nível superior de escolaridade¹⁹⁴.

Com essa postura, ao final do mandato encabeçado por Leonel Brizola, a repercussão do projeto educacional foi tão grande que ele próprio, Darcy Ribeiro, no ano de 1986, assume o primeiro nome na chapa do PDT para o governo do Estado do Rio de Janeiro. O principal tema da campanha era a ampliação dos CIEPs:

No final do primeiro governo Brizola, cerca de 127 CIEPs estavam em funcionamento, sendo 97 na capital; outros 190 estavam em conclusão e 87 estavam em construção, a maioria localizada nas cidades pobres da Baixada Fluminense¹⁹⁵.

Mas Darcy Ribeiro não obteve sucesso no pleito eleitoral. Dado que, de acordo com Azevedo:

Em fevereiro, o presidente José Sarney, que assumira o cargo com a morte de Tancredo Neves, em abril de 1985, anuncia o Plano Cruzado, que lança uma nova moeda, congela os preços em todo o país e cria o “gatilho salarial”, um mecanismo para reajustar os salários sempre que a inflação atingisse certo patamar. O Brasil vive momentos de euforia, que repercute nas urnas. O PMDB do presidente sai vitorioso no pleito de novembro. No Rio de Janeiro – onde estão em atividade 51

¹⁹¹ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.15.

¹⁹² AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.686.

¹⁹³ Ibidem, p.674.

¹⁹⁴ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.44.

¹⁹⁵ Ibidem, p.45.

CIEPs da rede municipal e 66 da estadual –, Darcy é derrotado pelo peemedebista Wellington Moreira Franco. O projeto do CIEP fica praticamente congelado nos quatro anos seguintes. Já que o novo governo não deseja executar uma obra identificada com Brizola¹⁹⁶.

Darcy Ribeiro considerava sua derrota no pleito de 1986 como seu maior desapontamento desde a ditadura militar. E dizia ainda mais, sobre os CIEPs:

Creio que o maior golpe que eu sofri na vida foi ver esse programam ser abandonado em plena realização, por puro sectarismo político do governo que nos sucedeu. Tiraram do regime de tempo integral 360 mil crianças – quase todas de áreas pobres, porque foi nelas que concentramos a implantação dos CIEPs – para devolve-las às ruas, ao lixo e à delinquência.¹⁹⁷

Em 1987, Darcy Ribeiro aceita o convite do governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, do PMDB, e assume a Secretaria Extraordinária de Desenvolvimento Social, com a missão de implantar cem CIEPs no Estado. O Projeto não sai do papel, sob a justificativa de falta de verbas e, assim Darcy Ribeiro deixa o governo, fazendo críticas ao governador¹⁹⁸.

Entre 1987 e 1989, acolhe proposta do governador de São Paulo, Orestes Quércia, também do PMDB, para elaborar o projeto cultural e implantar o Memorial da América Latina, em São Paulo, com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. Sobre o Memorial, Darcy fala em entrevista:

É preciso que o Oscar confirme que não fomos nós que dissemos para fazer o Memorial, foi o Quércia. Então, de repente, em São Paulo, surge uma consciência da América Latina, (...). De repente, São Paulo se comporta como a capital da América Latina e faz um Memorial, que custou ao Estado mais de cem milhões de dólares (...). Então faz aquela coisa que o Oscar considera como a obra mais realizada dele. (...). O Parlamento Latino Americano, que se reunia de dois em dois anos, cada vez num país diferente da América Latina, aceita ter uma sede permanente (...). Vai fazer São Paulo a Capital da América Latina. Em São Paulo não sabem disso, mas vai sim, porque a consciência depende das coisas e São Paulo é tão poderosa, tão grande, tem tal pujança econômica que é capaz de fazer o Memorial e, dentro dele, fazer um centro político. Não é formidável?¹⁹⁹

Ainda sobre o Memorial da América Latina e a participação de Darcy Ribeiro na elaboração do projeto:

¹⁹⁶ Ibidem, p.68.

¹⁹⁷ RIBEIRO, op. cit., 1997a, p.477.

¹⁹⁸ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.688.

¹⁹⁹ RIBEIRO, *Op.Cit.*, 1997b, p.70 et seq.

No encontro com o governador Quéricia, Darcy articulou em linhas gerais, o que lhe parecia devesse ser o Memorial, no qual se organizaria a mais completa biblioteca sobre a América Latina, ao mesmo tempo valorizada pelas obras, as mais diversas, dos escritores latino americana. O argumento do Darcy era inquestionável: como continuarmos a bater às portas das Universidades da América do Norte, toda vez que se quiser estudar a América Latina? (...) Darcy foi desenvolvendo o Memorial onde se criaria, completando a grande síntese que a biblioteca encarnaria, o Pavilhão de Arte Popular, rico em cores e de formas, com artesanatos mexicanos, incaicos, bolivianos; e, como se não bastasse, distribuindo de dois em dois anos, o Prêmio Literatura para a melhor obra de autor latino americano. (...). Darcy ainda encontrou vaga para propor um Teatro Latino Americano, onde se encenassem peças de nossos dramaturgos, danças folclóricas, orquestras sinfônicas, um teatro aberto ao povo para que, pela cultura, a integração latino americana deixasse de ser um mero enunciado²⁰⁰.

Em 1989, Leonel Brizola disputou a presidência. Mas também não obteve sucesso, foram apenas o terceiro candidato mais votado – o segundo turno foi disputado pelos presidenciais Fernando Collor de Mello, vitorioso ao final do pleito eleitoral, e Luís Inácio Lula da Silva.

No entanto, nas eleições de 1990, Leronel Brizola retorna ao governo do Rio de Janeiro, e Darcy Ribeiro é eleito senador pelo mesmo estado, sendo o segundo mais bem votado do país. A partir de 1991, Darcy Ribeiro exerceu simultaneamente o cargo de senador e, pela segunda vez, o cargo de Secretário de Educação e Projetos Especiais do Rio de Janeiro. Assim, concluiu as obras de implantação dos CIEPs, que, até o final do governo de Brizola, em 1994, seriam mais 406 em todo o estado (junto com os Ginásios Públicos), e fez o projeto de uma nova Universidade para o Estado do Rio de Janeiro, que se chamaria Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF).

Os Ginásios Públicos (GPs) visavam a uma complementação do projeto dos CIEPs. Enquanto esse se destinaria aos primeiros cinco anos de escolaridade básica, aquele seria para o aluno permanecer até completar dez anos na escola, e terminar, assim, o ensino fundamental. Em outras palavras, poderia completar o segundo grau de escolaridade e sair apto para enfrentar o mercado de trabalho. “Mas com o fim do governo Brizola, os CIEPs e os GPs voltaram a ser postos em plano inferior passando a sofrer do mesmo descaso do restante da rede pública de ensino”²⁰¹.

²⁰⁰ BRANT, op.cit., 2002, p.90 et. seq.

²⁰¹ AZEVEDO, Guilherme. *Op.cit.*, p.688.

Em 1994, sofreu uma nova derrota nas urnas, quando participou das eleições presidenciais como candidato a vice-presidente na chapa de Leonel Brizola. “O resultado do velho caudilho nas urnas é pífio: pega o quinto lugar. Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, se torna presidente”²⁰².

No mesmo ano de 1994, Darcy Ribeiro retoma suas atividades no Senado, mas o mesmo período marca o início de novos problemas de saúde para ele: o câncer volta a se manifestar. No entanto resiste, e depois de sair de um coma muitos dias, foge da UTI, sem autorização dos médicos, o que nas palavras de Vera Brant repercutiu nos jornais como um verdadeiro escândalo²⁰³:

Fugido da UTI, me fixei na casa de praia de Maricá. (...) Ali vivi a maior obsessão intelectual da minha vida – escrever *O Povo Brasileiro*, coroando meus estudos de antropologia da civilização. Não queria morrer sem completar esse sexto volume, em que trabalhei durante trinta anos. Consegui fazê-lo usando as últimas versões que tinha escrito e entregado ao editor como o que eu queria que fosse: um espelho para os brasileiros se verem a si mesmos. Aventurosa e desventurada aventura dos quinhentos anos de nosso fazimento. Com plena consciência do que custou milhões de negros e índios, e também de brancos, a construção de um povo novo, tropical e mestiço. Com plena consciência e orgulho da nossa grandeza e com o coração cheio de esperanças do que havemos de ser como uma nova civilização, feliz, generosa e lúcida²⁰⁴.

Mas logo depois de ter finalizado *O Povo Brasileiro*, retorna às suas atividades no Senado. E assim qu chega faz um discurso em agradecimento às ‘pessoas que a ele demonstraram solidariedade’²⁰⁵:

Voltei às minhas atividades no Senado e ao convívio de gente que passou a querer verme. Ao prestígio que eu pudera ter antes pelo que havia feito se somavam dois prestígios novos em flor: eu havia fugido da UTI e conseguira vencer o câncer. Mas tive uma recaída, já em Brasília, e tive que internar-me novamente, dessa vez no Hospital Sarah Kubitschek, que me arrancou de uma nova pneumonia. Apesar desses percalços, consegui escrever um livro novo, que eu sempre quis fazer, meus *Diários Índios*, e a afundar-me na tarefa em que estou, de dar forma a essas *Confissões*²⁰⁶.

Darcy Ribeiro sobreviveria ainda por mais dois anos, tempo suficiente para acabar de escrever suas últimas obras: *Diários Índios*, que são seus diários de campo dos meses

²⁰² Ibidem, p.689.

²⁰³ BRANT, Vera. *Op.Cit.*, p.105.

²⁰⁴ RIBEIRO, Darcy. *Op.cit.*, 1997a, p.538.

²⁰⁵ BRANT, Vera. *Op.Cit.*, p.105.

²⁰⁶ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1997a, p.538-9.

em que conviveu com os índios Kaapor, entre 1949 e 1951; e *Confissões*, um livro de memórias em caráter autobiográfico, que só foi publicado postumamente.

Do Senado, liderou a campanha pelo projeto da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei n.9.394, aprovada pelo Congresso em dezembro de 1996, sancionada no mesmo mês pelo presidente Fernando Henrique Cardoso que, em homenagem ao senador fluminense, batizou-a de “Lei Darcy Ribeiro”. A aprovação se deu dois meses antes de sua morte. Nas palavras de Mércio Pereira Gomes, a intenção de Darcy Ribeiro era “estabelecer uma legislação enxuta e flexível para regulamentar o processo educacional, através da qual o governo federal, os estados e os municípios formulassem as linhas gerais e os estabelecimentos de ensino pudessem realizar os programas que melhor lhes aproovessem”²⁰⁷:

De todo modo, a nova LDB vem sendo criticada tanto pela direita quanto pela esquerda. Para Darcy, couberam diversas críticas, inclusive a de ter propiciado a oportunidade para o governo federal realizar as mudanças de cunho neoliberal, que vem tentando aplicar em todo o sistema educacional brasileiro”²⁰⁸.

Apesar das críticas, ainda assim, Darcy Ribeiro se orgulhava de ter sido relator da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996:

Tive a satisfação de ver alguns projetos meus aprovados no senado. Principalmente a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, que me custou mais de dois anos de trabalho árduo e contínuo. Tratava-se de recusar o anteprojeto aprovado pela Câmara dos deputados, enxundioso de tão grande – duzentos e tantos artigos -, que era mais uma expressão de pensamentos desejosos do que um corpo de normas para estruturar o sistema nacional de educação, além de fazer impensáveis concessões corporativas. Nosso substitutivo era enxuto – 91 artigos – e direto. Tratava sucintamente de cada assunto, fixando normas operativas. Agora, aprovado, abre perspectivas reais de revisão, ampliação e aperfeiçoamento de nossas redes de ensino de primeiro e segundo graus²⁰⁹.

Darcy Ribeiro faleceu em Brasília, aos 17 de fevereiro de 1997, vítima do recrudescimento do câncer. Seu corpo foi velado no Congresso Nacional, em Brasília, e na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Em seu testamento, deixa a maior parte do que sob responsabilidade de administração de uma antiga amiga, Tatiana Chagas Memória, no sentido de que esta

²⁰⁷ GOMES, Mércio Pereira. *Op.cit.*, p.40.

²⁰⁸ Ibidem, p.42.

²⁰⁹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1997a, p.493.

continuasse procurando viabilizar algumas de suas idéias. Daí surge a FUNDAR, Fundação Darcy Ribeiro, atualmente com sede no Rio de Janeiro, e que continua levando o nome de seu criador com numerosos projetos.

CAPÍTULO 2

Darcy Ribeiro e a proposta de uma interpretação acadêmica da América Latina

“A tarefa mais ambiciosa e mais ousada que enfrentei na vida foi compor meus estudos de antropologia da civilização”. Assim Darcy Ribeiro abre a seção destinada a fazer uma auto-análise de seus *Estudos de Antropologia da Civilização*, na mesma obra em que se propõe a fazer uma auto-análise de toda a sua vida, de suas experiências e vivências: *Confissões*¹. De fato, para além de sua atuação como político – no Brasil ao lado de João Goulart; no Chile, ao lado de Salvador Allende; e no Peru, ao lado do General Velasco Alvarado –, das reformas universitárias que realizou por toda a América Latina e na África – Universidade de Brasília, Universidade da República Oriental do Uruguai, Universidade Central de Venezuela, Universidade do Chile, Universidade da Argélia, Universidade do México e Universidade do Peru –, e de seus romances – lidos e editados em dezenas de países –, Darcy Ribeiro ficou conhecido por todo o mundo pelo que se convencionou chamar de seus *Estudos de Antropologia da Civilização*.

Em verdade, Darcy Ribeiro ficou conhecido como cientista e acadêmico, mais pela primeira parte destes *Estudos de Antropologia da Civilização*, composta basicamente dos dois primeiros livros que pelos outros três. Tais *Estudos*, inicialmente, ainda no final da década de 1960 e início da de 1970, compunham-se de quatro obras principais: *O Processo Civilizatório*², *As Américas e a Civilização*³, *O Dilema da América Latina*⁴, e,

¹ RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997a, p.501.

² A primeira edição desta obra foi publicada pela editora Civilização Brasileira, no ano de 1968. A edição que usaremos ao longo do trabalho é: RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório: etapas da evolução sócio cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³ A primeira edição desta obra foi publicada na Argentina, em 1969. A primeira edição brasileira foi também publicada pela editora Civilização Brasileira, no ano de 1970. A edição que usaremos ao longo do trabalho é: RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: processo de formação e causa de desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983.

⁴ A primeira edição da obra foi publicada no México, em 1971. A primeira edição Brasileira foi publicada no ano de 1978, pela Editora Vozes. Utilizamos ao longo do trabalho a segunda edição publicada pela mesma editora: RIBEIRO, Darcy. *O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979a.

por fim, *Os Brasileiros*⁵. Todas essas obras pensadas a partir de um mesmo projeto e compostas de modo a se complementar. Projeto intelectual perseguido por Darcy Ribeiro por toda a sua vida, dado que somente na década de 1990 o tomaria como acabado, com a publicação da obra *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*⁶ que, além de aumentar em um volume a mais o total da obra, resgata quase todas as discussões realizadas anteriormente com enfoque e proposta de valorização do Brasil, o mote inicial da composição de todas as outras, como se poderá ver adiante.

No corpo dos *Estudos de Antropologia da Civilização*, Darcy Ribeiro também incluiu o livro *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*⁷, mas que, nas palavras de Mércio Pereira Gomes:

Os Índios e a Civilização destoa um tanto da série *Estudos de Antropologia da Civilização* já que se constitui de um conjunto de artigos publicados ainda na década de 50, os quais tentam dar conta do grave problema da extinção ou sobrevivência étnica dos povos indígenas no Brasil no século XX⁸.

Assim, o conjunto da obra, os *Estudos de Antropologia da Civilização*, compor-se-ia de seis livros, todos com os mesmos objetivos: no geral, compreender “como os povos americanos chegaram a ser o que são, sobre o lugar que ocupam no mundo moderno e sobre as perspectivas que têm de eliminar as desigualdades que separam as Américas Pobres das Américas Ricas”⁹; e, no específico, “a necessidade de publicar (...) um texto antropológico explicativo” que “quer ser um gesto meu na nova luta por um Brasil decente”¹⁰.

⁵ A primeira edição foi publicada no Uruguai, no ano de 1969. A primeira edição brasileira foi publicada no ano de 1972, pela Editora Paz e Terra. Utilizamos para o trabalho: RIBEIRO, Darcy. *Os Brasileiros: Teoria do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁶ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.

⁷ Idem, 1970.

⁸ GOMES, Mércio Pereira. *Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ícone, 2000, p.72.

⁹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1979a.

¹⁰ Idem, 1995b, p.17.

2.1 – Estudos de Antropologia da Civilização: necessidade de compreender o Brasil

Os *Estudos de Antropologia da Civilização* teriam surgido de um projeto de Darcy Ribeiro no sentido de “entender o Brasil do passado e do presente”¹¹. O problema que Darcy Ribeiro perseguia era, com relação ao Brasil: “por que uma nação tão populosa – a maior das latinas – e das mais ricas em recursos naturais, permanece subdesenvolvida e só é capaz de promover uma prosperidade de minorias, não generalizável ao grosso da população”¹².

Em verdade, essa proposta de entender o Brasil e de transformá-lo segundo sua linha de orientação ideológica se tornou quase uma obsessão intelectual em Darcy Ribeiro. Ela constitui-se como o norte na construção de quase toda a sua obra intelectual e também a finaliza e conclui, com a que o próprio autor considerava sua obra-prima: *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Esse projeto de construir uma teoria explicativa sobre o Brasil, como já dito, teria início na década de 1950 e somente se concluiria na década de 1990:

Há mais de trinta anos que escrevo e reescrevo incansável (...) Nunca pus tanto de mim, jamais me esforcei tanto como neste empenho, sempre postergado, de concluí-lo. (...) Ultimamente essa angústia se aguçou porque me vi na eminência de morrer sem concluí-lo. Fugi do hospital, aqui para Maricá, para viver e também para escrevê-lo¹³.

Darcy Ribeiro fugiu do hospital, após um longo período de coma, pelo agravamento de uma pneumonia e um câncer de pulmão, com a única motivação de cumprir com a última missão que acreditava possuir, escrever *O Povo Brasileiro*, que fecharia sua obra intelectual e cumpriria a missão antiga que ainda carecia de um fecho. Por meio de *O Povo Brasileiro*, acreditava que poderia “contribuir na luta por um Brasil decente”¹⁴. Darcy Ribeiro dizia que a motivação maior para a sua atividade intelectual era conseguir compreender bem e intervir nos problemas do Brasil. Mesmo que para isso precisasse realizar uma série de estudos introdutórios, na construção de um embasamento ou preparação, para a realização efetiva e apropriada de sua proposta. Assim, até

¹¹ Idem. *Os Brasileiros: Teoria do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991, p.9.

¹² Ibidem, p.9.

¹³ Idem, 1995b, p.11.

¹⁴ Ibidem.

conseguir constituir e finalizar o livro *O Povo Brasileiro*, Darcy Ribeiro o teria escrito e reescrito ao longo das décadas, chegando a elaborar diversas versões:

A primeira tentativa de escrevê-lo, que nem chegou a compagnar-se, se deu em meados da década de 50, quando eu dirigia um amplo programa de pesquisas do Ministério da Educação, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Eu o concebia, então, como síntese daqueles estudos, com todas as ambições de ser um retrato de corpo inteiro do Brasil, em sua feição rural e urbana. E nas versões arcaica e moderna, naquela instância que, a meu ver, era de vésperas de uma revolução social transformadora¹⁵.

A primeira versão de uma teoria sobre o Brasil seria, então, uma síntese dos estudos coordenados por Darcy Ribeiro no programa de pesquisas do CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais), órgão vinculado ao Ministério de Educação e Cultura entre 1957 e 1960. O CBPE teria coordenando uma série de pesquisas com o objetivo de compreender cada uma das regiões do Brasil e seus problemas específicos, para poder, a partir disso, definir propostas de intervenções educacionais direcionadas para essas especificidades e diferentes necessidades. Com uma participação cada vez mais expressiva nos problemas educacionais e políticos no Brasil, e com o seu comprometimento com João Goulart no sentido de realizar reformas políticas também cada vez mais expressivas em todo o Brasil, somente após o primeiro exílio em Montevideu no ano de 1964, é que Darcy Ribeiro, já em 1965, teria publicado a obra *Teoria do Brasil*¹⁶:

No meu primeiro exílio, no Uruguai, (...) a primeira versão deste livro, umas quatrocentas páginas densas, tomou forma, depois de dois anos de trabalho intenso. Não era já a síntese que me propusera. Era, isto sim, a versão resultante de minhas vivências nos trágicos acontecimentos do Brasil de que havia participado como protagonista. Esse era o nervo que pulsava debaixo do texto, a busca de uma resposta histórica, científica, na argüição que nos fazíamos nós, os derrotados pelo golpe militar. Por que, mais uma vez, a classe dominante nos vencia?¹⁷.

Mas Darcy Ribeiro não ficou satisfeito com a obra, por acreditar que ela “não respondia às questões que propunha”, e complementa:

Sua própria elaboração demonstrou a carência de uma teoria interpretativa que permitisse compreender efetivamente o processo de formação do povo brasileiro. Para isto seria necessário refazer previamente, a partir de uma perspectiva brasileira e latino-americana, uma série de esquemas teóricos. Primeiro, as teorias

¹⁵ Ibidem, p.12.

¹⁶ Idem. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

¹⁷ Idem, 1995b, p.13.

da história, particularmente o esquema marxista de sucessão das formações econômico-sociais, porque os disponíveis eram, evidentemente inaplicáveis. Segundo, as classificações dos povos americanos e as análises comparativas das causas do seu desenvolvimento desigual, também inadequadas. Terceiro, as tipologias das classes sociais e das estruturas de poder que eram, por igual, insatisfatórias. Finalmente, os estudos críticos das culturas e das ideologias com vistas à avaliação das circunstâncias em que elas florescem ou fenecem e o seu papel no processo de dominação dos povos dependentes¹⁸.

Enfrentando estas “tarefas teóricas” Darcy Ribeiro inicia suas reiteradas revisões de texto que, com o passar do tempo, foram se avolumando e compondo novas obras no sentido de contemplar às necessidades de seu projeto:

O que devia ser uma introdução teórica, no meu plano de revisão do texto, foi virando livros. A necessidade de uma teoria do Brasil, que nos situasse na história humana, me levou à ousadia de propor toda uma teoria da história. As alternativas que se ofereciam eram impotentes. Serviriam, talvez, como uma versão teórica do desempenho europeu, mas não explicavam a história dos povos orientais, nem o mundo árabe e muito menos a nós, latino-americanos.¹⁹

Darcy Ribeiro começaria por uma revisão das teorias da evolução sócio-cultural, de modo que as sociedades americanas pudessem ser inclusas na história humana a partir de uma perspectiva própria, não centrada na visão européia:

Meu sentimento era o de que nos faltava uma teoria geral, cuja luz nos tornasse explicáveis em nossos próprios termos, fundada em nossa experiência histórica. As teorizações oriundas de outros contextos eram todas elas eurocêntricas demais e, por isso mesmo, impotentes para nos fazer inteligíveis. Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum.²⁰

Essa perspectiva, de acordo com o próprio Darcy Ribeiro, “permitiu criticar o eurocentrismo das teorias correntes sobre a evolução cultural”²¹, e, assim, revisar as teorias evolutivas a partir de estudos centrados, também, e fundamentalmente, na América como um todo; não para atribuir-lhe nova centralidade, que antes era dada à Europa, mas para inserir todas as sociedades humanas dentro de uma linha comparativa de seus processos de desenvolvimento. O que possibilitaria a Darcy Ribeiro se aventurar a algo tão grande, e supostamente pretensioso da perspectiva de um latino-americano e, portanto, subdesenvolvido, seria:

¹⁸ Idem, 1991, p.16.

¹⁹ Idem, 1995b, p.13-4.

²⁰ Ibidem, p.13.

²¹ Idem, 1998, p.9.

uma base factual – representada pela copiosa bibliografia americanista de fontes primárias e por nossa própria experiência no estudo antropológico de sociedades tribais e nacionais –, o que nos proporcionou um conhecimento acurado de sociedades que exemplificam quase todas as etapas da evolução e quase todas as situações de conjunção de povos; isso nos permitiu reexaminar a teoria evolucionista com maior amplitude de visão. Desse modo é que, no esforço por estabelecer critérios de classificação dos povos americanos, tivemos de alargar nossa perspectiva de análise no tempo e no espaço, acabando por elaborar uma primeira esquematização dos passos da evolução tecnológica, social e ideológica das sociedades humanas²².

A obra em que Darcy Ribeiro realizaria essa revisão das teorias da evolução histórica seria *O Processo Civilizatório: etapas da evolução sociocultural*, cuja proposta tem a intensão de: “proceder a uma revisão crítica das teorias da evolução sociocultural e propor um novo esquema do desenvolvimento humano”²³. Betty J. Meggers, antropóloga que redigiu o prólogo da primeira edição de *O Processo Civilizatório* publicada nos Estados Unidos, em 1968, enfatizou que o trabalho de Darcy Ribeiro seria de grande importância pelo seguinte motivo:

Nos Estados Unidos herdamos a tradição da civilização ocidental européia, por nós considerada como a corrente principal ou central da evolução humana. Em consequência, julgamos todos os demais povos segundo nossos pontos de vista e os consideramos carentes. Nossos objetivos políticos nacionais se baseiam no pressuposto de que o sentido do progresso consiste em fazer os outros povos mais parecidos a nós, do ponto de vista político, social, industrial e ideológico. Acresce ainda que os melhores estudos sobre a evolução cultural foram elaborados por estudiosos europeus ou norte-americanos e, em virtude disso, corroboram, implícita ou explicitamente, esse ponto de vista. Ribeiro, entretanto, não é um produto da nossa tradição política ou acadêmica. É um cidadão do chamado “Terceiro Mundo”. Como tal, encara o desenvolvimento cultural sob um prisma distinto e percebe nuances que para nós permanecem encobertas. O fato de não compartilhar do nosso parcialismo não significa, simplesmente que ele seja imparcial. Todavia, os pontos focais de sua análise que mais se contrapõem a nossas concepções não podem ser rejeitados sob a alegação de preconceito. Não apenas porque suas qualificações profissionais o recomendam à nossa atenção, mas sobretudo porque só combinando outras perspectivas com a nossa própria poderemos distinguir entre a verdade e a distorção e alcançar, finalmente, uma concepção realista do processo civilizatório. A conquista de tal percepção é, sem qualquer dúvida, crucial para a existência humana sobre a Terra²⁴.

Anísio Teixeira, na apresentação da primeira edição brasileira da obra, também exaltaria o problema de tê-la realizado, como um trabalho “ousado e de longa perspectiva e alcance”, um homem do mundo subdesenvolvido:

²² Ibidem, p.9.

²³ Ibidem, p.7.

²⁴ Ibidem, p.22.

Mas o fato de havê-la concebido um homem do terceiro Mundo tem, sem dúvida, conseqüências. (...) O aspecto mais paradoxal de certa falta intrínseca de autonomia da inteligência do subdesenvolvimento está na consciência demasiado lúcida do subdesenvolvimento: isso leva o “subdesenvolvido” a considerar “presunçoso”, “ridículo”, levar-se a sério²⁵.

Anísio Teixeira ressaltaria que jamais teria percebido em Darcy Ribeiro a tal “subordinação mental do subdesenvolvimento”²⁶, e afirma que com este ensaio, *O Processo Civilizatório*, “a antropologia brasileira ganhou categoria mundial, intervindo decisivamente na elucidação dos grandes problemas da evolução das sociedades humanas”²⁷; o que poderia ainda não convencer a comunidade acadêmica internacional, já que tal afirmação partia de outra figura intelectual do “mundo subdesenvolvido” e, conforme *O Processo Civilizatório* foi ganhando edições por toda a América Latina, Estados Unidos, Inglaterra e Europa, o próprio Darcy Ribeiro mostrou ter consciência deste problema:

Publiquei este livro com medo. Temia que a ousadia de enfrentar temas tão amplos e complexos me levasse a um desastre. Meu medo devia ter aumentado quando um conhecido intelectual marxista, leitor de importante editora, deu um parecer arrasador sobre *O Processo Civilizatório*. Dizia ele que o autor, etnólogo de índios, brasileiro, que não era nem marxista, pretendia nada menos que reescrever a teoria da história, o que equivalia, pensava ele, a reinventar o moto-contínuo. (...) Só não fiquei aplastado debaixo daquele parecer competentíssimo porque fui salvo por um ataque de raiva possessa contra todos os que pensavam que intelectuais do mundo subdesenvolvido têm de ser subdesenvolvidos também²⁸.

Com o passar do tempo, conforme o livro ganhava traduções em número cada vez maior de países, e em número também cada vez maior de edições, é que Darcy Ribeiro ganhou não somente projeção, mas também repercussão internacional. No ano de 1970, a revista *Current Anthropology*, nas palavras de Darcy Ribeiro “a mais importante publicação de Antropologia”²⁹ do período, incluiu *O Processo Civilizatório* em seus debates conhecidos como “*CA Treatment*”, que consistia em “submeter os trabalhos de grande relevância teórica que deseja publicar a uma avaliação crítica prévia por um grupo de antropólogos de diversas nacionalidades escolhidos entre os mais interessados no

²⁵ Ibidem, p.13.

²⁶ Ibidem, p.13.

²⁷ Ibidem, p.14.

²⁸ Ibidem, p.23.

²⁹ Idem. *Configurações Histórico-Culturais dos Povos Americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p.IX.

tema”³⁰. Darcy Ribeiro procedeu a um resumo de *O Processo Civilizatório* e também dos estudos que posteriormente comporiam *As Américas e a Civilização*, e os enviou para a revista que, por sua vez o remeteu a um número aproximado de vinte antropólogos das mais diferentes nacionalidades. As avaliações foram enviadas para o autor para redigir sua réplica, e, finalmente, foram publicados o texto original, os comentários críticos de somente sete dos antropólogos, as réplica de Darcy Ribeiro aos comentários publicados e a bibliografia citada pelo autor e pelos comentadores³¹.

Desse modo, apesar de *O Processo Civilizatório* ter sido escrito por um intelectual do mundo subdesenvolvido, em 1978, quando a obra completava dez anos de sua publicação, já contava com quinze edições internacionais e cerca de 160 mil exemplares vendidos³². Em 1997, ano da morte de Darcy Ribeiro, *O Processo Civilizatório* trouxe uma relação de 26 edições da obra em países como: Brasil, Argentina, Venezuela, México, Cuba, Portugal, Itália, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, o que acabou por se constituir como o livro de Darcy Ribeiro mais lido e debatido em todo o mundo. E que, juntamente com *As Américas e a Civilização*, se constituíram na referência principal do reconhecimento acadêmico internacional de Darcy Ribeiro.

Mas ainda antes de toda essa repercussão, Darcy Ribeiro não tinha se dado por satisfeito com o que produzira com *O Processo Civilizatório*. Os problemas tratados nesse volume estavam ainda muito distantes de algo que de fato permitisse compreender e explicar o Brasil. Continuava, portanto, a perseguir elementos que o permitissem prosseguir no projeto inicial, e se propôs a uma nova aproximação, agora com foco na América Latina. O que exigia, para além de uma revisão das “teorias da evolução e desenvolvimento das civilizações”, o estabelecimento de uma relação mais estreita entre as tais teorias e os povos americanos. Definiu como próximo passo, como já dito, o de compreender a América Latina:

O Processo Civilizatório não bastava. A explicação que oferece para 10 mil anos de história é ampla demais. Suas respostas, necessariamente genéricas, apenas dão tênues delineamentos do nosso desempenho histórico. (...) Vista sob essa luz, a nossa realidade se retrata em seus traços mais gerais, resultando num discurso explicativo útil para fins teóricos e comparativos, mas insuficientes para dar conta

³⁰ Ibidem, p.IX.

³¹ Esse debate foi publicado nos volumes 11 a 14 de 1970 de *Current Anthropology* e republicado na forma de livro, como segue: RIBEIRO, Darcy. *Configurações Histórico-Culturais dos Povos Americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. A Publicação teve edições, também, no México (1972), no Uruguai (1972) e em Buenos Aires (1976).

³² RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1998, p.24.

da causalidade de nossa história. (...) Saí, então, em busca de explicações mais terra-a-terra, em mais anos de trabalho. O tema que me propunha agora era reconstituir o processo de formação dos povos americanos, num esforço para explicar as causas de seu desenvolvimento desigual. Salto, assim, da escala de 10 mil anos de história geral para os quinhentos anos da história americana com um novo livro: *As Américas e a Civilização*, em que me proponho uma tipologia dos povos americanos, na forma de uma ampla explanação explicativa³³.

As Américas e a Civilização, nas palavras de Darcy Ribeiro, “constitui uma tentativa de interpretação antropológica dos fatores sociais, culturais e econômicos, que presidiram a formação das etnias nacionais americanas”, com o objetivo básico de proceder a uma análise “das causas” de seu “desenvolvimento desigual”³⁴, ou, em outras palavras, buscando “compreender os processos sócio-culturais que dinamizaram a vida dos povos americanos, alçando alguns deles ao pleno desenvolvimento e outros condenando ao atraso”³⁵.

Para Darcy Ribeiro, os estudos sobre o “desenvolvimento desigual das sociedades americanas, inspiravam-se basicamente em dois “esquemas conceituais profundamente interpenetrados mas distintos por suas orientações opostas”: o da sociologia e o da antropologia acadêmicas, e o do marxismo dogmático³⁶. Na visão de Darcy Ribeiro, o primeiro deles:

se baseia na idéia de descompassos num “processo natural” de transição entre formações arcaicas e modernas, pela passagem de economias de base agro-artesanal e economias de base industrial. E na idéia adicional de que neste trânsito se configuram áreas e setores progressistas e retrógrados em cada sociedade, cuja interação seria o fator dinâmico ulterior do processo. Sua expressão mais elaborada são os chamados estudos de “dualidade estrutural”, “modernização reflexa”, “mobilidade social” e de transição do “modo tradicional” ao “modo industrial” das sociedades³⁷.

Ainda sobre o primeiro dos esquemas conceituais, Darcy Ribeiro ressaltaria que:

Nas formulações mais extremadas deste esquema conceitual, as sociedades subdesenvolvidas chegam a ser descritas como entidades híbridas ou duais caracterizadas pela coexistência de duas economias e de duas estruturas sociais defasadas de séculos. Uma delas, como pólo do tradicionalismo, se caracterizaria pelo isolamento, a estabilidade e o atraso que tenderiam a espalhar-se sobre o conjunto. A outra, como o pólo da modernidade, se caracterizaria pela vinculação e contemporaneidade com o mundo do seu tempo, por suas tendências industrialistas e capitalistas de que seria o foco difusor³⁸.

³³ Idem, 1995b, p.14-5.

³⁴ Idem, 1983, p.9.

³⁵ Ibidem, p.13.

³⁶ Ibidem, p.15.

³⁷ Ibidem, p.15.

³⁸ Ibidem, p.16.

O arcaico é caracterizado como uma ordem tradicionalista, fundada nos costumes, impregnada de concepções sagradas e místicas, temerosa de qualquer mudança e resistente ao progresso. O moderno pelo espírito progressista, exaltador das mudanças, laicizador das instituições e secularizador dos costumes. (...) Por isto suas descrições nada retratam das Américas de ontem e de hoje, com suas populações, primeiro, maciçamente degradadas pelo escravismo e compulsoriamente deculturadas e, depois, marginalizadas do sistema produtivo e imersas numa “cultura da pobreza”³⁹.

Nos casos examinados, Darcy Ribeiro acredita que a proposta conduzida pela sociologia e antropologia acadêmicas, aplicadas às explicações da pobreza e da riqueza dos povos das Américas, propõem uma tese de progressão espontânea do desenvolvimento que, tal como a que aconteceu com os estadunidenses e canadenses – “os paradigmas da evolução sociocultural humana para a qual estariam encaminhando todos os demais povos do continente”⁴⁰ –, partindo de condições de atraso dos povos subdesenvolvidos, “progrediria por adições de traços modernizadores até atingir a situação presente das sociedades capitalistas industriais convertidas em modelos ideais de ordenação social”⁴¹, como se o fator de manutenção dos povos atrasados nesta condição, que não os permitia encaminharem-se para a tal “progressão espontânea” de desenvolvimento”, fosse a sua incapacidade e sua “ falta de espírito empresarial capitalista”⁴². E constrói a sua crítica:

Escamoteia-se, assim, o fato de que os povos da América Latina sofreram o impacto da revolução industrial – tal como os demais povos atrasados – na condição de consumidores dos produtos da industrialização alheia, introduzidos até os limites necessários para tornar suas economias mais eficazes como produtoras de matérias-primas, mas sempre com a preocupação de mantê-las dependentes⁴³.

Sobre o segundo esquema conceitual, o “marxismo dogmático”, Darcy Ribeiro diria que este “se assenta na idéia de que as diferenças de desenvolvimento das sociedades modernas se explicam como etapas de um processo de evolução, unilinear e irreversível, comum a todas as sociedades humanas” segundo o qual “as sociedades latino-americanas são entidades autárquicas e descompassadas que estariam vivendo agora, com séculos de

³⁹ Ibidem, p.17-8.

⁴⁰ Ibidem, p.18.

⁴¹ Ibidem, p.18.

⁴² Ibidem, p.17.

⁴³ Ibidem, p.17.

atraso, os mesmos passos evolutivos experimentados pelas sociedades avançadas”⁴⁴. Para Darcy Ribeiro:

Os estudos inspirados nesta concepção raramente excedem a um esforço de transpor mecanicamente às Américas os esquemas interpretativos de Marx. Reduzem-se, assim, a meras ilustrações com exemplos locais de teses marxistas clássicas sobre o desenvolvimento do capitalismo na Europa. (...) Abandonando a perspectiva de análise dos clássicos marxistas, estes estudos se reduzem a exercícios pueris de demonstração da universalidade das teses de Marx.⁴⁵

Portanto, para Darcy Ribeiro, as duas abordagens seriam “igualmente infrutíferas como explicação do desenvolvimento desigual das sociedades contemporâneas e inoperantes como esforços de formulação de estratégias de luta que conduzam ao rompimento com o atraso”⁴⁶. E complementa:

Afundadas num objetivismo míope, a sociologia e a antropologia acadêmicas se contentam em acumular dados empíricos sem serem capazes de formular uma teoria científica que os explique em sua dinâmica e variedade. O marxismo dogmático, partindo, embora, de uma teoria explicativa e de uma perspectiva histórica fecunda, se perde na busca de evidências de uma reiteração cíclica de estágios, ou se desencaminha em tentativas vãs de enquadrar a realidade em antinomias formais⁴⁷.

Darcy Ribeiro pretendia, assim, reavaliar criticamente as abordagens da sociologia e da antropologia acadêmicas, bem como a abordagem marxista, da mesma forma como fizera com *O processo Civilizatório*, mas agora tendo como foco de análise as Américas: “Nosso propósito aqui é proceder a uma análise dos processos de formação e dos problemas de desenvolvimento dos povos americanos, com base nas generalizações alcançadas naquele estudo”⁴⁸. E ainda: “Deste modo, esperamos chegar a uma compreensão melhor das disparidades de desenvolvimento registráveis nas Américas e, também, a novas generalizações significativas sobre a natureza dos processos de dinâmica social”⁴⁹. E complementa:

Nestas análises, partimos do pressuposto, geralmente aceito, de que o desenvolvimento desigual dos povos americanos contemporâneos se explica como efeito de processos históricos gerais de transformação que atingiram diferencialmente a todos eles. Estes processos é que geraram, simultânea e correlativamente as economias metropolitanas e as coloniais, conformando-as

⁴⁴ Ibidem, p.22.

⁴⁵ Ibidem, p.22-3.

⁴⁶ Ibidem, p.23.

⁴⁷ Ibidem, p.23.

⁴⁸ Ibidem, p.24.

⁴⁹ Ibidem, p.24.

como um sistema interativo integrado por pólos mutuamente complementares de atraso e de progresso. E configuraram as sociedades subdesenvolvidas, não como réplicas de estágios passados das desenvolvidas, mas como contrapartes necessárias à perpetuação do sistema que ambas compõem⁵⁰.

Em outras palavras, Darcy Ribeiro tentava demonstrar que, dentro deste sistema interativo, composto por nações ricas e pobres de um mesmo sistema mundial, cada uma dessas nações exerceria “papéis prescritos, mutuamente complementares e tendentes à perpetuação das posições e relações recíprocas”⁵¹. De maneira mais clara:

Nossa hipótese é a de que os povos do mundo moderno tiveram, como geratriz do seu modo de ser atual (fator causal básico), o impacto que sofreram das forças transformadoras desencadeadas pelas duas revoluções tecnológicas, a Mercantil e a Industrial, que produziram a “civilização européia ocidental” em suas feições, primeiro, capitalista-mercantil e, depois, imperialista-industrial. E de que ambas as revoluções tecnológicas, operando diferencialmente sobre os diversos contextos nacionais – conforme atuassem como um processo de evolução autônoma ou como uma ação reflexa de núcleos anteriormente desenvolvidos – privilegiaram alguns povos, instrumentando-os com poderes de domínio e exploração sobre os demais, na forma de núcleos reitores; e degradaram a outros, transformando-os em condições de existência dos primeiros⁵².

Para Darcy Ribeiro, o fator de diferenciação das sociedades americanas, em suas palavras, as “causas do seu desenvolvimento desigual”, seria determinado pelo modo de “incorporação da nova tecnologia ao sistema produtivo das sociedades dominadas”⁵³. Esse processo de modernização, para Darcy Ribeiro, seria regido pelos “agentes da dominação colonial em associação com as camadas privilegiadas locais” num esforço de “apropriação dos produtos do trabalho dos povos colonizados e de preservação dos privilégios das classes dominantes”⁵⁴. Essa dinâmica:

condicionou as potencialidades da nova tecnologia à manutenção dos vínculos externos e à perpetuação de interesses minoritários. Operada sob esses condicionamentos, a tecnologia industrial foi apenas parcialmente absorvida pelas sociedades dependentes, modificando os modos de vida de grandes parcelas de sua população, mas só incorporando uma parte dela à força de trabalho dos setores modernizados. Deste modo, estabeleceram-se situações antagônicas: de privilégios àqueles que se integraram na civilização industrial e de miserabilidade ainda maior aos que dela ficaram à margem⁵⁵.

⁵⁰ Ibidem, p.24-5.

⁵¹ Ibidem, p.25.

⁵² Ibidem, p.33.

⁵³ Ibidem, p.33.

⁵⁴ Ibidem, p.33.

⁵⁵ Ibidem, p.33.

A proposta da obra era também, além a de “repensar os caminhos pelos quais os povos americanos chegaram a ser o que são agora” por meio de uma “análise das causas do seu desenvolvimento desigual”, a de “discernir as perspectivas de desenvolvimento que a eles se abrem”⁵⁶ – o que será tema exclusivo do item seguinte deste capítulo. Darcy Ribeiro se propõe, ainda, à identificação de “modelos de desenvolvimento autônomo” e de “padrões de atraso histórico” para, diante destes referenciais de desenvolvimento, articular um pensamento capaz de encontrar alternativas que pudessem conduzir os povos latino-americanos ao pleno e autônomo desenvolvimento:

O Estudo das perspectivas de desenvolvimento, que se abrem aos povos latino-americanos, exige uma análise preliminar dos *modelos de desenvolvimento industrial* e dos *padrões de atraso histórico*. (...) Através do primeiro, procuraremos estabelecer os caminhos pelos quais evoluíram as sociedades desenvolvidas; o segundo permitirá focalizar as configurações do atraso, a fim de determinar os principais obstáculos, gerais e particulares, que se opõem ao desenvolvimento.⁵⁷

Certamente estes estudos dos “modelos de desenvolvimento autônomo” e dos “padrões de atraso histórico” seriam de grande importância na elaboração das obras posteriores do autor, já que, ainda não satisfeito, se propunha a buscar novos elementos:

Ocorre, porém, uma vez mais, que, completada a tarefa, vejo os limites daquilo que alcancei em relação ao que buscava. Meu livro ajuda, é certo, a nos fazer inteligíveis, mas é claramente insuficiente para nossas ambições. Mergulho outra vez buscando, numa escala nova, sincrônica, as teorias de que necessitávamos para nos compreender⁵⁸.

Já que nos estudos anteriores Darcy Ribeiro se dedicou à maneira como as sociedades se diferenciaram quanto aos seus modos de desenvolvimento, se propunha agora a identificar as causas que, no interior das sociedades americanas, contribuíram para integrá-las ao sistema internacional. Para Darcy Ribeiro, na busca por novas teorias interpretativas e explicativas dos povos americanos, “eram três as mais urgentemente requeridas para tomar o lugar dos esquemas menos eurocêtricos do que toscos com que se contava”⁵⁹.

⁵⁶ Ibidem, p.9.

⁵⁷ Ibidem, p.509.

⁵⁸ Idem, 1995b, p.15.

⁵⁹ Ibidem, p.15.

uma teoria de base empírica das classes sociais, tais como elas se apresentam no nosso mundo brasileiro e latino-americano. Visivelmente, o esquema marxista aceito, sem demasiados reparos, no mundo europeu e no anglo saxão de ultramar, feito de povos transplantados, empalidece frente á nossa realidade ibero-latina. (...) mas, havendo lutas de classe, existiriam blocos antagonistas embuçados a identificar e caracterizar.⁶⁰

Após a análise do que chama de “estratificação social”, Darcy Ribeiro se proporia a uma análise das “estruturas de poder”:

Nos faltava, por igual, uma tipologia das formas de exercício do poder e de militância política, seja conservadora, seja reordenadora ou insurgente. (...) Efetivamente, falar de liberais, conservadores, radicais, ou de democracia e liberalismo e até revolução social e política pode ter sentido e definição concreta em outros contextos; no nosso não significa nada, tal a ambigüidade com que essas expressões se aplicam aos agentes mais diferentes e às orientações mais desconexas⁶¹.

Darcy Ribeiro perseguiria, ainda, os elementos que, no interior das sociedades americanas, do ponto de vista cultural, atuassem para a manutenção da situação de dependência em relação aos centros de poder:

Faltava ainda uma teoria da cultura, capaz de dar conta da nossa realidade, em que o saber erudito é tantas vezes espúrio e o não-saber popular alcança, contrastantemente, altitudes críticas, mobilizando consciências para movimentos profundos de reordenação social. Como estabelecer a forma e o papel de nossa cultura erudita, feita de transplante, regida pelo modismo europeu, frente à criatividade popular, que mescla as tradições mais díspares para compreender essa nova versão do mundo e de nós mesmos?⁶².

Darcy Ribeiro prosseguiria escrevendo de acordo com essas necessidades de novas revisões no modo como eram compostas as teorias interpretativas e explicativas dos povos americanos:

Para dar conta dessa necessidade é que escrevi *O Dilema da América Latina*. Ali proponho novos esquemas das classes sociais, dos desempenhos políticos, situando-os debaixo da pressão hegemônica norte-americana em que existimos, sem nos ser, para sermos o que lhes convém a eles⁶³.

Todas estas propostas tinham uma motivação igualmente acadêmica, como as anteriores. No entanto, por influência de seus envolvimento cada vez mais freqüentes em

⁶⁰ Ibidem, p.15.

⁶¹ Ibidem, p.16.

⁶² Ibidem, p.16.

⁶³ Ibidem, p.16.

movimentos políticos de diferentes países latino-americanos, e por entrar em contato também com a literatura produzida em cada um desses países, tanto o processo de construção de seus estudos, como a própria linguagem, se modificaram de modo gritante. Ganhando um caráter mais ensaístico, e, portanto menos acadêmico para o período, ele perde legitimidade no interior da comunidade acadêmica internacional – já que, ainda hoje, Darcy Ribeiro não foi efetivamente aceito e debatido pela comunidade acadêmica brasileira, senão pela exaltação de *O Povo Brasileiro*. Em verdade, *O Dilema da América Latina*, passou a ser entendido mais como uma obra de militância, marcada por um exaltado caráter ideológico de oposição aos Estados Unidos e a favor de uma “Revolução Latino-Americana”.

O Dilema da América Latina (...) dedicado a elucidar o caráter do subdesenvolvimento em que estamos submersos, a natureza de nossa dependência com respeito à América do Norte e, ainda, analisar as lutas que se travam no continente entre as estruturas de poder que querem manter a ordenação social tal qual é e as forças virtualmente insurgentes que querem transformá-la⁶⁴.

A questão fundamental dentro desse tema é a realidade contrastiva entre a América do Norte e a América Latina. Pontos de grande importância nesses dois livros, *As Américas e a Civilização* e *O Dilema da América Latina*, são os conceitos que articulam politicamente os povos latino americanos, “subdesenvolvidos e dependentes” em relação à América do Norte e, ainda, as perspectivas que a eles se abrem para eliminar suas desigualdades, diante do que é chamado de “dilema da América Latina”, representado pela necessidade de opção entre a “aceleração evolutiva”, como quase sinônimo da idéia de crescimento autônomo, e a contínua imposição de meros movimentos de “atualização histórica”, por sua vez, com significação aproximada à idéia de modernização reflexa.

Na ânsia por conseguir efetivar sua “interpretação do Brasil”, vinculando a origem de seus problemas pela integração de classes dirigentes latino e norte-americanas em oposição à maior parte da população latino-americana com destaque para a brasileira, e recorrendo, a uma vasta bibliografia de interpretação ensaística, histórica, sociológica, econômica e antropológica sobre o Brasil, Darcy Ribeiro concretizou *Os Brasileiros: Teoria do Brasil*, definido pelo próprio autor como “um exercício puramente didático”, como um resumo, com vistas direcionadas para o Brasil, dos corpos teóricos

⁶⁴ Idem, 1979a, p.9.

desenvolvidos nos três livros anteriores – *O Processo Civilizatório*, *As Américas e a Civilização* e *O Dilema da América Latina*. Em relação ao último – *O Dilema da América Latina – Os Brasileiros* “só traz de novo a teoria da cultura a que aludi. Não situei no *Dilema...*, para não ter de tratar tema tão copioso dentro da dimensão latino-americana”⁶⁵, diria o autor.

Essa trajetória de “ensaios que foram se avolumando e se transformando em livros”, para compor os *Estudos de Antropologia das Civilizações*, contava também com a publicação de *Os índios e a civilização*, ainda que resultasse de uma pesquisa realizada anteriormente – entre os anos de 1947 e 1956, quando Darcy exercia suas atividades de etnólogo e antropólogo de campo no Maranhão e em outras localidades das regiões Norte e Nordeste brasileiras. O certo, porém, é que não se integrando efetivamente ao todo da obra, seu corpo teórico era o mesmo: “efetivamente, todos eles são fruto da busca de fundamentos teóricos que, tornando o Brasil explicável, me permitissem escrever o livro que tenho em mãos”⁶⁶.

Para Darcy Ribeiro, somente a partir de todo este percurso seria possível adequar estes esquemas teóricos a um foco de análise centrado no Brasil, e poder, enfim, após diversas reescrituras e versões, chegar à reelaboração e atualização de toda a sua obra escrita anteriormente e que, na década de 1990, corresponde às suas idéias para o Brasil, com *O Povo Brasileiro*.

Antes de se opor ao “fator inimigo” externo, representado pelos Estados Unidos, seria necessário vencer os “fatores inimigos” internos que, na visão de Darcy Ribeiro, para o caso brasileiro, consistia na elite política e econômica condutora do “destino da nação”. Para a oposição ao tal “fator interno”, Darcy Ribeiro sugeriu um caminho:

Nessas condições de distanciamento social, a amargura provocada pela exacerbação do preconceito classista e pela consciência emergente da injustiça, bem pode eclodir, amanhã, em convulsões anárquicas que conflagrem toda a sociedade.⁶⁷

Darcy Ribeiro propõe, assim, uma mudança social, proveniente de uma “compulsão social” necessária, para a superação do atraso e da dependência e compor, o que chamava de “Pequena Utopia” para o Brasil, ou “A revolução necessária”:

⁶⁵ Idem, 1995b, p.16.

⁶⁶ Ibidem, p.17.

⁶⁷ Ibidem, p.25.

O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso auto-sustentado. Estamos nos construindo pra florescer amanhã como uma nova civilização mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da terra⁶⁸.

A resultante histórica de séculos de esforços para produzir, nas condições mais adversas, com o desgaste cruel de milhões de trabalhadores, e para fundir, num povo único de mais de 140 milhões de habitantes, matrizes humanas oriundas de todo o mundo, não pode ser a sociedade perversa que temos, desgarrada pela desigualdade social e atormentada pela injustiça. Nossa tarefa é edificar aqui uma Pequena Utopia, para, a partir dela, fazermos a sociedade bela, justa e fraterna que podemos ser⁶⁹.

Para Darcy Ribeiro, havia, ainda, uma grande dificuldade para se chegar a isso:

O grande desafio que o Brasil enfrenta é alcançar a necessária lucidez para concatenar essas energias e orienta-las politicamente, com clara consciência dos riscos de retrocessos e das possibilidades de liberação que elas ensejam. (...) Faltou sempre, e falta ainda, clamorosamente, uma compreensão da história vivida, como necessária nas circunstâncias em que ocorreu, e um claro projeto alternativo de ordenação social, lucidamente formulado, que seja adotado como seu pelas grandes maiorias.⁷⁰

Darcy Ribeiro falava ainda que essa tal “revolução necessária”, projeto vinculado ao restante da América Latina, faria do Brasil – junto de toda a América Latina - uma nação autônoma, soberana e independente”; e continua, acreditando oferecer elementos para esse tal “reclamo de lucidez”.

Nosso destino é nos unificarmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América Anglo-Saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade européia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar. Hoje, somos 500 milhões, amanhã seremos 1 bilhão. Vale dizer, um contingente humano de magnitude suficiente para encarar a latinidade em face dos blocos chineses, eslavos, árabes e neobritânicos na humanidade futura. Somos povos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante. (...) É hora de passar o Brasil a limpo, para que o povo tenha vez. No dia em que todo brasileiro comer todo dia, quando toda criança tiver um primeiro grau completo, quando cada homem e cada mulher

⁶⁸ Ibidem, pp.454-5.

⁶⁹ Idem. *Nossa escola é uma calamidade*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984, p.9.

⁷⁰ Idem, 1995b, p.26.

encontrarem em emprego estável em que possam progredir, se edificará aqui a civilização mais bela do mundo⁷¹.

Essa filiação ideológica a causas utópicas se tornou uma característica constante de todas as atuações de Darcy Ribeiro nos diferentes campos em que participou: etnologia, antropologia, educação, política e até mesmo literatura. Outra característica foi o desejo de renovação. O próprio Darcy Ribeiro tentou, certa vez, explicar essa atitude:

Eu acredito que o que caracteriza a nossa geração, a geração que começou a atuar depois de 1945, é essa consciência mais lúcida e mais clara de que o nosso mundo tinha de ser desfeito para ser refeito, porque do jeito que está só serve às camadas privilegiadas⁷².

Para além dessa necessidade de renovação que, como nos mostra o próprio Darcy Ribeiro, fazia parte da mentalidade de parte da comunidade acadêmica formada dentro da “nova sociologia brasileira” da década de 1920, existia ainda um “clamor” por originalidade:

A maioria dos cientistas sociais brasileiros, desgraçadamente, só produziu uma bibliografia infecunda. Inútil porque, na verdade, suas contribuições são palpites dados a discursos alheios, compostos no estrangeiro para lá serem lidos e admirados. Por isso mesmo, para nós também, quase sempre as suas obras são inúteis ou fúteis, no máximo irrelevantes⁷³.

Ainda hoje os intelectuais brasileiros não lêem os pensadores brasileiros mas citam e recitam os autores estrangeiros. Eles se recusam a criar um pensamento original⁷⁴.

Esses seriam os princípios que norteariam as tentativas de Darcy Ribeiro, efetivas ou não, em construir, dentro da trajetória de interpretação do Brasil e de seus problemas, uma interpretação, também renovada e original, dos problemas latino-americanos; e ainda traçar propostas ideologizadas e militantes para a resolução dos mesmos. Dado que toda a obra conhecida como *Estudos de Antropologia da Civilização* é bem vasta – cerca de 2000 páginas –, e mesmo sabendo que muitos seriam os temas que poderiam ganhar destaque e aprofundamento mais acurado, decidiu-se, para este trabalho, por realizar um recorte em torno da América Latina na interpretação de Darcy Ribeiro, e tomar,

⁷¹ Idem. *Somos todos culpados: pequeno livro de frases e pensamentos de Darcy Ribeiro* / seleção e organização de Eric Nepomuceno. – Rio de Janeiro: Record, 2001, p.241.

⁷² Ibidem, p.89.

⁷³ Ibidem, p.155.

⁷⁴ Ibidem, p.157.

efetivamente, tal recorte, como objeto de estudo. Em outras palavras, após localizar o tema da América Latina no conjunto da obra de Darcy Ribeiro, passa-se, de agora em diante, a realizar sobre este tema uma análise mais apurada.

2.2 Os Estudos de Antropologia da Civilização e as bases teóricas para a análise de Darcy Ribeiro sobre a América Latina

O estudo do processo de formação étnica dos povos americanos e dos problemas de desenvolvimento com que eles se defrontam em nossos dias exige uma análise prévia das grandes seqüências histórico-culturais em que eles foram gerados. Tais são as *revoluções tecnológicas* e os *processos civilizatórios* através dos quais se propagam seus efeitos e que correspondem aos principais movimentos da evolução humana⁷⁵.

Com respaldo na visão do próprio autor, não há a menor possibilidade de bem estudar o pensamento de Darcy Ribeiro para a América Latina sem, antes, delinear os principais fundamentos teóricos que o autor define como parâmetros para tal análise.

Com o primeiro livro da série de Estudos de Antropologia da Civilização, O Processo Civilizatório, Darcy Ribeiro se propõe a retomar a perspectiva evolucionista da antropologia para analisar as etapas da evolução sociocultural a partir de uma perspectiva que, de acordo com as palavras do próprio autor, “permita situar qualquer sociedade, extinta ou atual, dentro do continuum do desenvolvimento sociocultural”⁷⁶. Essa reformulação das concepções da evolução sociocultural serviriam de base para “os estudos sobre o processo de formação étnica e sobre os problemas de desenvolvimento com que se defrontam os povos latino-americanos”⁷⁷.

Darcy Ribeiro cita como base para tal revisão obras clássicas da teoria do evolucionismo antropológico, assim como estudos antropológicos modernos que procuraram retomar essas teorias clássicas, tais como: Lewis W. Morgan, com *Ancient Society*, de 1877; Friedrich Engels, com *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de 1884; Karl Marx, com *Formações econômicas pré-capitalistas*, redigido em 1857-8, mas somente publicado em 1939-41; Gordon Childe, com as obras *Man makes himself*, de 1937, *What happened in history*, de 1946 e *Social evolution*, de 1951; Leslie

⁷⁵ Idem, 1983, p.34.

⁷⁶ Idem, 1998, p.33.

⁷⁷ Ibidem, p.34.

White, com as obras *The science of culture*, de 1949, e *The evolution of culture*, de 1959; Julian Steward, com *Theory of culture change: the methodology of multilineal evolution*, de 1955; e, por fim, Karl Wittfogel, com as obras *Developmental aspects of hydraulic societies*, de 1955, e *Oriental despotism*, de 1964; entre outros⁷⁸.

A partir da revisão de tais obras, Darcy Ribeiro diz:

Nosso esforço consistirá, principalmente, em sistematizar os esquemas faseológicos e os princípios dinâmicos da evolução sócio-cultural, formulados nos estudos clássicos e modernos. A isso acrescentaremos um corpo de conceitos analíticos novos. Esperamos que esta tentativa de sistematização e de renovação contribua para determinar as etapas básicas de desenvolvimento tecnológico distinguíveis no continuum da evolução humana; para discernir, em termos de formações econômico-sociais ou socioculturais; para identificar as forças dinâmicas responsáveis pela sucessão de etapas e de formações; e, finalmente, para definir as condições em que essa sucessão se acelera, ou se retarda, ou entra em regressão e estagnação⁷⁹.

Para Darcy Ribeiro, o conceito de “evolução sociocultural” definir-se-ia da seguinte maneira:

Concebemos a evolução sociocultural como o movimento histórico de mudanças dos modos de ser e de viver dos grupos humanos, desencadeado pelo impacto de sucessivas revoluções tecnológicas (Agrícola, Industrial etc.) sobre as sociedades concretas, tendentes a conduzi-las à transição de uma etapa evolutiva a outra, ou de uma formação sociocultural⁸⁰.

Essas formações socioculturais seriam definidas historicamente, com referência às sociedades que em diferentes locais e tempos, vivenciariam a sua cultura. Esta seria formada por diversas dimensões, dentre as quais: um “sistema adaptativo”, que compreenderia “o conjunto integrado de modos culturais de ação sobre a natureza, necessários à produção e à reprodução das condições materiais de existência de uma sociedade”; um “sistema associativo”, que compreenderia, fundamentalmente, “os modos de regulamentação das relações entre as pessoas para o efeito de atuarem conjugadamente no esforço produtivo e na reprodução biológica do grupo”; e, por fim, um “sistema ideológico”, entendido como algo que “além das técnicas produtivas e das normas sociais, em seu caráter de saber abstrato”, corresponderia também a:

⁷⁸ As obras encontram-se mencionadas e comentadas em: RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório*: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.34-9; e ganham novo tratamento em “Observações sobre a bibliografia” na mesma obra, p.285-92.

⁷⁹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1998, p.39.

⁸⁰ *Ibidem*, p.51.

todas as formas de comunicação simbólica, como a linguagem, as formulações explícitas de conhecimentos com respeito à natureza e à sociedade, os corpos de crenças e as ordens de valores, bem como as explanações ideológicas, em cujos termos os povos explicam e justificam seu modo de vida e conduta⁸¹.

Em resumo, Darcy Ribeiro considera como características elementares de cada cultura os elementos tecnológico, social e ideológico. E, apesar de reconhecer a complementaridade e as influências recíprocas entre estes três elementos, o autor define-se com alto grau de concordância com relação aos estudiosos que admitem o poder de determinação dos conteúdos tecnológicos sobre os sociais e ideológicos:

O presente estudo procura demonstrar que o desenvolvimento das sociedades e das culturas é regido por um princípio orientador assentado no desenvolvimento acumulativo da tecnologia produtiva e militar; de que a certos avanços nessa linha progressiva correspondem mudanças qualitativas de caráter radical, que permitem distingui-los como etapas ou fases da evolução sociocultural; de que a essas etapas de progresso tecnológico correspondem alterações necessárias, e por isso mesmo uniformes, nos modos de organização da sociedade e de configuração da cultura, que designamos como formações socioculturais⁸².

Para definir uma teoria da evolução das formações socioculturais aplicável a todas as sociedades, Darcy Ribeiro leva em conta quase todos os sistemas de referência considerados apenas individualmente por uma ou outra das teorias clássicas e os congrega de forma complementar, num só sistema de referências, de modo a conseguir localizar cada uma das sociedades – com suas respectivas culturas e formações socioculturais – em relação às suas respectivas etapas evolutivas:

Apelamos para elementos referentes a atividades produtivas (caça e coleta, pastoril, agrícola, rural-artesanal, regadio, industrial); a elementos concernentes à estratificação social e às relações de trabalho e propriedade (indiferenciada – em oposição à estratificada –, coletivista, privatista, escravista, mercantil, capitalista, socialista); a termos descritivos de unidades políticas (tribal, horda, aldeia, chefia, estado, império, colônia); e, finalmente, a qualificativos do perfil ideológico e de atributos especiais de certas formações (teocrático, salvacionista, despótico, revolucionário, evolutivo, modernizador)⁸³.

⁸¹ Ibidem, p.52.

⁸² Ibidem, p.46-7.

⁸³ Ibidem, p.54.

QUADRO 1 – ETAPAS EVOLUTIVAS EM DIVERSOS ESQUEMAS CONCEITUADOS

K. MARX (1857)	L.H. MORGAN (1877)	F. ENGELS (1884)	V. GORDON CHILDE (1937)	JULIAN STEWARD (REGADIO) (1955)	D. RIBEIRO		
COMUNISMO		COMUNISMO		(Impérios Econômico-Políticos dos Séculos XIX e XX) (Expansão Centro e Norte-Européia) (Conquistas Espanholas)	SOCIEDADES FUTURAS		
		SOCIALISMO			SOCIALISMO REVOLUCIONÁRIO	SOCIALISMO EVOLUTIVO	
		CAPITALISMO INDUSTRIAL			IMPERIALISMO INDUSTRIAL	NEOCOLONIALISMO	NACIONALISMO MODERNIZADOR
		CAPITALISMO MERCANTIL			CAPITALISMO MERCANTIL	COLONIALISMO MERCANTIL COLONIALISMO DE POVOAMENTO	
FEUDALISMO		FEUDALISMO	FEUDALISMO	FEUDALISMO	IMPÉRIOS DESPÓTICOS SALVACIONISTAS		
		FORMAÇÃO ASIÁTICA	ESCRAVISMO	IDADE DO FERRO	(GRÉCIA E ROMA)	IMPÉRIOS MERCANTIS ESCRAVISTAS	IMPÉRIOS TEOCRÁTICOS DE REGADIO
				IDADE DO BRONZE	ESTADOS MILITARISTAS DE REGADIO Estados Teocráticos Comerciais Estados Teocráticos de Regadio		
COMUNIDADE GENTÍLICA		BARBÁRIE	ALTA BARBÁRIE DO BRONZE	FLORESCIMENTO REGIONAL FORMATIVO	ALDEIAS AGRÍCOLAS INDIFERENCIADAS	CHEFIAS PASTORIS NÔMADES	
			BARBÁRIE NEOLÍTICA	AGRICULTURA INCIPIENTE		HORDAS PASTORIS NÔMADES	
COMUNIDADE PRIMITIVA	SELVAGERIA	COMUNISMO PRIMITIVO	SELVAGERIA	CAÇA E COLETA	TRIBOS DE CAÇADORES E COLETORES		

FONTE: RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório*: etapas da evolução sócio-cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.61.

Outro ponto fundamental da teoria da evolução sociocultural de Darcy Ribeiro seria o fato de a mesma considerar que:

A construção teórica das formações socioculturais apresenta duas dificuldades adicionais, dada sua natureza de categorias abstratas de análise. A primeira delas decorre da necessidade de conciliar seu caráter de etapa do continuum evolutivo das sociedades humanas e, portanto, de uma categoria temporal, com seu caráter assíncronico. Para perceber essa dupla característica, basta considerar que, embora se escalonem temporalmente como etapas da evolução sociocultural, sua seqüência não é histórico-temporal, porque em cada momento coexistem sociedades classificáveis nas etapas mais díspares: por exemplo, os povos tribais e as estruturas industriais imperialistas, contemporâneas mas não coetâneas dentro do mundo moderno ¹.

Os conceitos fundamentais a partir dos quais Darcy Ribeiro pensaria a sucessão de uma etapa evolutiva a outra, o que quer dizer “as progressões socioculturais”, seriam o de “revolução tecnológica” e o de “processo civilizatório”. Sobre o primeiro, Darcy Ribeiro diz que:

Empregamos o conceito de revolução tecnológica para indicar que a certas transformações prodigiosas no equipamento de ação humana sobre a natureza, ou de ação bélica, correspondem alterações qualitativas em todo o modo de ser das sociedades, que nos obrigam a tratá-las como categorias novas dentro do continuum da evolução sociocultural. Dentro dessa concepção, supomos que ao desencadeamento de cada revolução tecnológica, ou à propagação de seus efeitos sobre contextos socioculturais distintos, através dos processos civilizatórios, tende a corresponder a emergência de novas formações socioculturais ².

Assim, para além da concepção tradicional – definida por Gordon Childe em *Man Makes Himself* - que considerava as “revoluções culturais” em número de três – Revolução Agrícola, Revolução Urbana e Revolução Industrial –, Darcy Ribeiro se propõe a desdobrá-las em número maior e, também, a identificar novas, de modo a adequá-las aos distintos processos civilizatórios correspondentes a todas as civilizações de que se pudesse ter notícia. Darcy Ribeiro chega a oito revoluções tecnológicas reiterando que são:

Caracterizáveis pelo vulto das inovações que introduziram nas potencialidades produtivas e no poderio militar das sociedades humanas e pelas mudanças que provocaram nos sistemas adaptativo, associativo e ideológico dos povos que as experimentaram, direta ou reflexamente ³.

As revoluções tecnológicas seriam, assim: a “Revolução Agrícola” que, “introduzindo o cultivo de plantas e a domesticação de animais no sistema produtivo,

¹ Ibidem, p.54.

² Ibidem, p.57.

³ Ibidem, p.59.

transfigura a condição humana, fazendo-a saltar da situação de apropriadora do que a natureza provê espontaneamente à posição de organizadora ativa da produção”⁴; A “Revolução Urbana”, “fundada em novos processos produtivos, como agricultura de regadio, a metalurgia e a escrita” que “conduziu à dicotomização interna das sociedades numa condição rural e numa condição urbana e à sua estratificação em classes sociais”⁵; A “Revolução do Regadio”, que:

proporcionou as bases tecnológicas para a configuração das primeiras civilizações regionais, através de inovações prodigiosas na construção de grandes canais de irrigação e de novos barcos de navegação, de sistemas de estradas, de cidades urbanizadas, além das escrituras ideográficas, de sistemas uniformes de pesos e medidas e de desenvolvimentos científicos sobretudo no campo da matemática e da astronomia ⁶.

A quarta revolução tecnológica do esquema conceitual de Darcy Ribeiro sobre a evolução sociocultural seria a “Revolução Metalúrgica”, no curso da qual “se aprimoraram e difundiram a tecnologia do ferro forjado, a manufatura de ferramentas, a moeda cunhada, e se inventaram o alfabeto e a notação decimal”⁷. A quinta seria a “Revolução Pastoril”, “com a aplicação criadora de algumas dessas inovações aos problemas da utilização de animais para a tração e para a cavalaria de guerra, bem como o aperfeiçoamento do emprego da energia hidráulica e eólica para fins produtivos”⁸. A seguinte seria a “Revolução Mercantil”, “assentada na tecnologia de navegação oceânica e das armas de fogo responsável pela ruptura com o feudalismo europeu”⁹. A “Revolução Industrial” seria a sétima, “com a descoberta e a generalização de conversores de energia inanimada para mover dispositivos mecânicos, responsável também por novas alterações fundamentais na estratificação social, na organização política e na visão do mundo de todos os povos”¹⁰. Por fim, teríamos a “Revolução Termonuclear” que, para Darcy Ribeiro, “parece desencadear-se em nossos dias com a eletrônica, a energia atômica, a automação, os raios laser etc., cujas potencialidades de transformação da vida humana serão provavelmente tão radicais quanto as das revoluções tecnológicas anteriores”¹¹.

⁴ Ibidem, p.58. Cf. o primeiro capítulo da obra: “A Revolução Agrícola”, p.81-91.

⁵ Ibidem, p.58. Cf. o segundo capítulo da obra: “A Revolução Urbana”, p.92-120.

⁶ Ibidem, p.58. Cf. o terceiro capítulo da obra: “A Revolução do Regadio”, p.123-38.

⁷ Ibidem, p.59. Cf. o quarto capítulo da obra: “A Revolução Metalúrgica”, p.139-50.

⁸ Ibidem, p.59. Cf. o quinto capítulo da obra: “A Revolução Pastoril”, p.151-62.

⁹ Ibidem, p.59. Cf. o sexto capítulo da obra: “A Revolução Mercantil”, p.165-89.

¹⁰ Ibidem, p.59. Cf. o sétimo capítulo da obra: “A Revolução Industrial”, p.190-227.

¹¹ Ibidem, p.59. Cf. o oitavo capítulo da obra: “A Revolução Termonuclear e as ‘Sociedades Futuras’”, p.231-53.

E, para Darcy Ribeiro, mesmo sendo a Revolução termonuclear responsável por mudanças substanciais no processo produtivo e nos modos de vida das sociedades humanas, “não deu lugar ao surgimento de novas formações socioculturais”. Acreditava Darcy Ribeiro ser esta uma característica das revoluções tecnológicas desde os tempos da “Revolução Industrial”, em que os progressos ocorridos não mudaram as características socioculturais das sociedades. Mas, ainda assim, complementa, tais progressos deveriam caracterizar uma nova revolução tecnológica, dado que:

A relevância dos progressos alcançados e o próprio caráter irruptivo da nova onda de inovações parecem indicar que se trata de uma revolução (...) e desde a última guerra acumulou tal soma de inovações na capacidade humana de ação, de pensamento, de organização e de planejamento que já parece configurar-se como uma revolução tecnológica nova ¹².

Sobre o conceito de “Processo Civilizatório”, Darcy Ribeiro o introduz da seguinte forma:

A sucessão dessas revoluções tecnológicas não nos permite, todavia, explicar a totalidade do processo evolutivo sem apelo ao conceito complementar de *processo civilizatório*, porque não é a invenção original ou reiterada de uma inovação que gera conseqüências, mas sua propagação sobre diversos contextos socioculturais e sua aplicação a diferentes setores produtivos ¹³.

O que determina o “processo civilizatório” para Darcy Ribeiro, como já visto, são os impactos causados pelos progressos técnicos e institucionais correspondentes às revoluções tecnológicas nas sociedades que os vivenciam. Os “processos civilizatórios” referir-se-iam à maneira como as sociedades assimilariam as mudanças tecnológicas e se modificariam em função das mesmas, derivando em novas formações socioculturais:

Os *processos civilizatórios gerais* correspondem às seqüências evolutivas genéricas, em que vemos difundirem-se os efeitos de um surto de inovações culturais como um movimento de dinamização da vida de diversos povos, em conseqüência do desencadeamento de uma revolução tecnológica. Cada um deles, ao propagar-se, mescla racialmente e uniformiza culturalmente diversos povos, incorporando-os a todos em novas formações socioculturais ¹⁴.

Nesse sentido, a cada revolução tecnológica podem corresponder um ou mais processos civilizatórios, através dos quais ela desdobra suas potencialidades de transformação da vida material e de transfiguração das formações socioculturais ¹⁵.

¹² Ibidem, p.232.

¹³ Ibidem, p.59.

¹⁴ Ibidem, p.64-5.

¹⁵ RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.60.

A título de exemplificação, podemos acompanhar no Quadro 2, junto de cada uma das “revoluções tecnológicas” os correspondentes “processos civilizatórios” e suas “formações socioculturais”, além de alguns exemplos dessas “formações socioculturais”:

QUADRO 2: Seqüências Básicas da Evolução sociocultural em Termos de Revoluções Tecnológicas, de Processos Civilizatórios e de Formações Socioculturais

Revoluções tecnológicas	Processos civilizatórios gerais	Formações socioculturais	Paradigmas históricos
I Revolução Agrícola	1º Revolução Agrícola	Aldeias agrícolas indiferenciadas	Tupinambá (séc.XVI) Guaná (séc.XVIII)
	2º Expansão Pastoril	Hordas pastoris nômades	Quirquiz (séc.XX) Guaicuru (séc. XVIII)
II Revolução Urbana	3º Revolução Urbana	Estados rurais artesanais coletivistas	Urartu (séc.X a.C.) Mochicha (séc.II)
	4º Expansão Escravista	Estados rurais artesanais privatistas	Fenícios (séc. XX a.C.) Kushana (séc.V a.C.)
	5º Segunda Expansão Pastoril	Chefias pastoris nômades	Hicsos (séc. XIII a.C.) Hunos (séc. IV)
III Revolução do Regadio	6º Revolução do Regadio	Impérios teocráticos de regadio	Egito (séc. XXI a.C.) Incas (séc. XV)
IV Revolução Metalúrgica	7º Revolução Metalúrgica	Impérios mercantis escravistas	Grécia (séc. V a.C.) Roma (séc. II)
V Revolução Pastoril	8º Revolução Pastoril	Impérios despóticos salvacionistas	Islão (séc. VII) Otomano (séc. XV)
VI Revolução Mercantil	9º Revolução Mercantil	Impérios mercantis salvacionistas	Ibéria (séc. XVI) Rússia (séc. XVI)
		Colonialismo escravista	Brasil (séc. XVII) Cuba (séc. XVIII)
		Capitalismo mercantil	Holanda (séc. XVII) Inglaterra (séc. XVII)
	10º Expansão Capitalista	Colonialismo mercantil	Indonésia (séc. XIX) Guianas (séc. XX)
		Colonialismo de povoamento	EUA (séc. XVIII) Austrália (séc. XIX)
		Imperialismo industrial	Inglaterra (séc. XIX) EUA (séc. XX)
VII Revolução Industrial	11º Revolução Industrial	Neocolonialismo	Brasil (séc. XX)
		Socialismo revolucionário	Venezuela (séc. XX) URSS (1917)
	12º Expansão Socialista	Socialismo evolutivo	China (1949) Suécia (1950) Inglaterra (1965)
		Nacionalismo modernizador	Egito (1953) Argélia (1962)
			Sociedades futuras
VIII Revolução Termonuclear	13º Revolução Termonuclear		

FONTE: RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.62.

Portanto, no presente esquema da evolução sociocultural, Darcy Ribeiro reconhece oito revoluções tecnológicas, que se desdobram em doze processos civilizatórios, responsáveis pela cristalização de dezoito formações socioculturais, em que algumas das quais se dividem em dois ou mais complexos complementares.

A evolução sociocultural, concebida como uma sucessão de processos civilizatórios gerais, nas palavras de Darcy Ribeiro teriam um caráter progressivo, que se evidenciaria “no movimento que conduziu o homem da condição tribal às macrossociedades nacionais modernas”, em um processo contínuo de integração das sociedades¹⁶. Em outras palavras, as sociedades de organização nuclear arcaica se integrariam umas às outras para formar as “civilizações regionais” que, com o tempo, se integrariam para formar um conjunto de civilizações de abrangência mundial, compondo assim as “civilizações mundiais”, e subsequentemente, até chegar à “civilização da humanidade”. Essas etapas sucessivas de integração da civilização podem ser acompanhadas no Quadro 3, relacionadas às “Revoluções tecnológicas” e às “Formações socioculturais”:

¹⁶ Ibidem, p.66.

QUADRO 3: Modos de Integração da Civilização, Revoluções tecnológicas, e Formações socioculturais

Modos de Integração da Civilização	Revoluções Tecnológicas	Formações Socioculturais
As sociedades Arcaicas	Revolução Agrícola	Aldeias agrícolas indiferenciadas
		Hordas pastoris nômades
	Revolução Urbana	Estados rurais artesanais coletivistas
		Estados rurais artesanais privatistas
		Chefias pastoris nômades
As Civilizações Regionais	Revolução do Regadio	Impérios teocráticos de regadio
	Revolução Metalúrgica	Impérios mercantis escravistas
	Revolução Pastoril	Impérios despóticos salvacionistas
As Civilizações Mundiais	Revolução Mercantil	Impérios mercantis salvacionistas
		Colonialismo escravista
		Capitalismo mercantil
		Colonialismo mercantil
		Colonialismo de povoamento
	Revolução Industrial	Imperialismo industrial
		Neocolonialismo
		Socialismo revolucionário
		Socialismo evolutivo
		Nacionalismo modernizador
<i>Civilização da Humanidade</i>	Revolução Termonuclear	Sociedades futuras

FONTE: RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.62.

Em uma perspectiva mais ampla, na visão de Darcy Ribeiro, as sociedades evoluíam de acordo com uma dinâmica de transformação e auto-superação que se desenvolveria dentro das culturas – em outras palavras, a partir de uma perspectiva de ordem interna –, e também, dado o fato de as sociedades não existirem isoladamente, a partir de uma perspectiva de permanente interação com outras sociedades.

O conceito básico subjacente às teorias de evolução sócio-cultural é o de que as sociedades humanas, no curso de longos períodos, experimentam dois processos simultâneos e mutuamente complementares de autotransformação, um deles responsável pela diversificação, o outro pela homogeneização das culturas. Por força do primeiro processo, as sociedades tendem a multiplicar seus contingentes populacionais, a desdobrar as entidades étnicas em que se aglutinam e a diversificar seus respectivos patrimônios culturais. Por força do segundo processo, porém, essa diversificação, em lugar de conduzir a uma diferenciação crescente dos grupos humanos, conduz a uma homogeneização de seus modos de vida através da

fusão das entidades étnicas em unidades cada vez mais inclusivas e da construção de seus patrimônios culturais dentro de linhas paralelas, tendentes a uniformizá-las¹⁷.

A uniformização, acima mencionada por Darcy Ribeiro, pode ser melhor definida como se segue:

A concatenação das revoluções tecnológicas e dos processos civilizatórios com as respectivas formações socioculturais permite falar de um processo civilizatório global, diversificado em etapas sucessivas, que, mesmo cumprindo-se em povos separados uns dos outros no tempo e no espaço, promoveu reordenações da vida humana em áreas cada vez maiores, até unificar toda a humanidade num só contexto interativo¹⁸.

Mas essa homogeneização, longe de igualar as sociedades que vivem em um mesmo tempo, sendo portanto contemporâneas, como já dito anteriormente, não as torna coetâneas quanto à sua evolução sociocultural. Do contrário de as igualar, e devido exatamente a essas diferenças, as integra de modo desigual quanto às possibilidades de determinação de uma em relação à outra. De modo mais claro, gerando uma relação de dominação da mais avançada sobre a de menor evolução dentro do esquema das formações socioculturais:

É o que ocorre com a expansão de uma civilização de mais alto nível tecnológico sobre contextos de povos atrasados na história, os quais são subjugados e engajados nos sistemas de dominação e de influência da sociedade civilizadora como parcelas delas dependentes, passíveis de assimilação ou de reconstituição posterior como novas entidades étnicas. Nessas sociedades traumatizadas, as compreensões comuns que regem a vida social configuram-se como uma cultura espúria. Só através de longos períodos tais culturas podem refazer-se pela combinação de traços sobreviventes do seu antigo patrimônio com elementos tomados do complexo cultural em expansão, amadurecendo para aspirar à retomada da autonomia na condução de seu destino¹⁹.

E ainda:

Nesse caminho, o homem, que venceu a competição com outras espécies na luta pela sobrevivência, desenvolvendo uma conduta cultural que lhe permitiu disciplinar a natureza e coloca-la a seu serviço, acabou por ver-se submergido num ambiente cultural hoje muito mais opressivo sobre ele do que o meio físico ou qualquer outro fator²⁰.

¹⁷ Ibidem, p.42.

¹⁸ Ibidem, p.262-3.

¹⁹ Ibidem, p.67.

²⁰ Ibidem, p.264.

Para Darcy Ribeiro, esses movimentos de expansão de tradições culturais singulares, associadas a movimentos econômicos e políticos de dominação, cristalizariam um sistema centralizado por uma rede metropolitana, e nações subjugadas, deculturadas, e traumatizadas culturalmente, sendo assimiladas como parcelas indiferenciadas de “macroetnias imperiais”, somente podendo tomar como alternativa, senão a de permanecer desse modo integradas, a de reativarem-se para “amadurecerem como entidades étnicas aspirantes à autonomia e a expansão”²¹.

Para entender como esses “processos civilizatórios” operariam de modo a influenciar e alterar as sociedades, Darcy Ribeiro lança mão de dois conceitos: o de “aceleração evolutiva” e o de “atualização” ou “aceleração histórica”:

Os processos civilizatórios operam por duas vias opostas, conforme afetem os povos como agentes ou como pacientes da expansão civilizadora. A primeira via é a da **aceleração evolutiva**, que prevalece no caso das sociedades que, dominando autonomamente a nova tecnologia, progridem socialmente, preservando seu perfil étnico-cultural e, por vezes, o expandindo sobre outros povos, na forma de macro-etnias. A segunda via, a da **atualização histórica**, prevalece no caso dos povos que, sofrendo o impacto de sociedades mais desenvolvidas tecnologicamente, são por elas subjugados, perdendo sua autonomia e correndo o risco de ver traumatizada sua cultura e descaracterizado seu perfil étnico.²²

Tratando de cada um desses conceitos, por “aceleração evolutiva”, designa Darcy Ribeiro:

os processos de desenvolvimento de sociedades que renovam autonomamente seu sistema produtivo e reformam suas instituições sociais no sentido de transição de um a outro modelo de formação sociocultural, como povos que existem para si mesmos. Por atraso histórico, (...) o estado de sociedades cujo sistema adaptativo se funda numa tecnologia de mais baixo grau de eficácia produtiva do que o alcançado por sociedades contemporâneas. Por atualização ou incorporação histórica, (...) os procedimentos pelos quais esses povos atrasados na história são engajados compulsoriamente em sistemas mais evoluídos tecnologicamente, com perda de sua autonomia ou mesmo com sua destruição como entidade étnica²³.

E complementa:

O conceito de incorporação ou atualização histórica retrata tanto situações de caráter regressivo – do ponto de vista de entidades étnicas avassaladas, traumatizadas ou destruídas – como conteúdos progressistas, enquanto um procedimento de incorporação de povos atrasados a sistemas sócio-econômicos mais avançados²⁴.

²¹ Ibidem, p.68.

²² Idem, 1983, p.34.

²³ Idem, 1998, p.69.

²⁴ Ibidem, p.69.

A característica fundamental do processo de atualização histórica está no seu sentido de modernização reflexa, com perda de autonomia e com risco de desintegração étnica. No corpo desses processos de incorporação ou atualização histórica é que se devem situar os movimentos através dos quais uma sociedade sofre os efeitos indiretos de alterações havidas no sistema adaptativo de outras sociedades. Em muitos casos, esses efeitos produzem profundas transformações progressistas em seu modo de vida, mas conduzem fatalmente ao estabelecimento de relações de dependência entre a sociedade reitora e a sociedade periférica, sujeita à ação reflexa.²⁵

Assim, Darcy Ribeiro entende a evolução sociocultural como uma série de etapas evolutivas expressas numa seqüência de formações socioculturais geradas pela atuação de sucessivas revoluções culturais e respectivos processos civilizatórios, mas, também, e fundamentalmente, como um movimento dialético de progressões e de regressões culturais, de atualizações históricas e de acelerações evolutivas, como duas linhas divergentes de trânsito de uma a outra etapa da evolução.

Para Darcy Ribeiro, assim, o conceito de aceleração evolutiva referir-se-ia aos “procedimentos diretos, intencionais ou não, de indução do progresso, com a preservação da autonomia da sociedade que o experimenta, e, por isso mesmo, com a conservação de suas características étnico-culturais”²⁶. Ou ainda os processos de “reconstituição étnica através dos quais sociedades, antes avassaladas por processos de atualização reconstituem seu próprio ethos para conquistar sua independência política e retomar a autonomia perdida”²⁷.

Enfatizando a idéia geral do conceito de atualização histórica, Darcy Ribeiro afirma que:

No corpo desses processos de incorporação ou atualização histórica é que se devem situar os movimento através dos quais uma sociedade sofre os efeitos indiretos de alterações havidas no sistema adaptativo de outras sociedades. Em muitos casos, esses efeitos produzem profundas transformações progressistas em seu modo de vida, mas conduzem fatalmente ao estabelecimento de relações de dependência entre a sociedade reitora e a sociedade periférica, sujeita à ação reflexa²⁸.

Da oposição entre aceleração evolutiva e incorporação ou atualização histórica, ou ainda, segundo a concepção do autor, do equivalente em relação aos processos de desenvolvimento quanto a seu caráter, respectivamente, por via autônoma ou reflexa,

²⁵ Ibidem, p.68.

²⁶ Ibidem, p.70.

²⁷ Ibidem, p.70-1.

²⁸ Ibidem, p.70.

Darcy Ribeiro não as distingue enquanto processos, mas como diferentes possibilidades dentro de um mesmo processo:

Dentro dessa concepção, os povos desenvolvidos e subdesenvolvidos do mundo moderno não se explicam como representações de etapas distintas e defasadas da evolução humana. Explicam-se, isto sim, como componentes interativos e mutuamente complementares de amplos sistemas de dominação tendentes a perpetuar suas posições relativas e suas relações simbióticas como pólos do atraso e do progresso de uma mesma civilização. No mundo contemporâneo, são desenvolvidas as sociedades que se integram autonomamente na civilização de base industrial por aceleração evolutiva, e são subdesenvolvidas as que nela foram engajadas por incorporação histórica como “proletariados externos”, destinados a preencher as condições de vida e de prosperidade dos povos desenvolvidos com os quais se relacionam²⁹.

A inserção da civilização em uma ou outra dessas dinâmicas, “aceleração evolutiva” ou “atualização histórica”, teriam como base, e ao mesmo tempo como fim, inserir as tais civilizações dentro do que Darcy Ribeiro veio a chamar de “modelos de desenvolvimento autônomo” ou “padrões de atraso histórico”. Esses seriam os parâmetros analíticos para classificar qualquer uma das civilizações em uma perspectiva de integração, por uma via ou por outra, dentro de uma só dinâmica representada pelas duas vias de maneira mutuamente complementar.

Sobre a origem dos processos de desenvolvimento autônomo, numa perspectiva histórica, na visão de cientista social do autor:

A Revolução Industrial, (...), configurou como novos centros de poder as nações pioneiras na industrialização. Em torno delas foram aglutinados povos vizinhos ou longínquos para formar grandes constelações imperialistas. As primeiras dessas constelações se constituíram com a industrialização da Inglaterra (1750-1800), da França (1800-1890), dos Países-Baixos (1800-1850) e dos Estados Unidos (1840-1890). Havendo-se industrializado pioneiramente, estas nações se fizeram os novos centros de dominação mundial, configurando o modelo precoce de desenvolvimento industrial³⁰.

Como consequência desse “modelo precoce de desenvolvimento industrial” se define o primeiro exemplo de “padrão de desenvolvimento autônomo”, que seria o “Capitalista Precoce”:

Implantado originalmente pela Inglaterra, pioneira na utilização da tecnologia de alta energia e na transformação estrutural a ela correspondente. Seguiram-se os

²⁹ Ibidem, p.71.

³⁰ Idem, 1983, p.509.

Países Baixos, a França e, mais tarde, os Estados Unidos. Em todos estes casos, o desenvolvimento econômico e social se processou mais ou menos espontaneamente, em estruturas abertas ao comércio internacional, pela combinação do progresso interno com a exploração de economias periféricas. Todas estas nações preservaram e aprimoraram, internamente, instituições liberais, que permitiram às suas populações metropolitanas exercer certo grau de participação no poder político. Simultaneamente, porém, contribuíram de todos os modos para impedir que essas mesmas condições amadurecessem em suas áreas de dominação política ou econômica ou nas nações virtualmente concorrentes que se haviam retardado na industrialização³¹.

Para além do modelo “Capitalista Precoce”, operado por movimentos naturais de aceleração evolutiva, Darcy Ribeiro diz que do mesmo processo civilizatório, porém operado simultaneamente pela via da atualização histórica, surtiram três modalidades de reordenação das relações entre os povos:

Primeiro, tornando obsoletos vínculos que ligavam as antigas metrópoles mercantis às suas colônias, ensejou à maioria destas condições de emancipação política para se inserirem dentro do novo complexo como áreas de exploração neocolonial. **Segundo**, projetando-se sobre áreas não dominadas pelas ondas anteriores da expansão européia, submeteu seus povos ao jugo colonial ou lhes impôs estatutos de dependência neocolonial. **Terceiro**, estabelecendo um sistema econômico mundial autoperpetuante, hierarquizou as nações livres em potências industriais capacitadas ao comando autônomo do seu destino, e em nações dependentes, não só deserdadas na distribuição do mundo em áreas de influência, mas também condenadas a um desenvolvimento meramente reflexo³².

A partir desta divisão dos países entre “exploradores” e “explorados” teriam surgido novos modelos de desenvolvimento autônomo, mesmo que como “esforços deliberados de rompimento com a dominação imperialista e de enfrentamento das causas do atraso”³³, em relação aos países de desenvolvimento precoce. O primeiro exemplo de rompimento com o “sistema auto-perpetuante” se deu, de acordo com a visão de Darcy Ribeiro, inicialmente por dois países: Alemanha (1850-1914) e pelo Japão (1890-1920): “Ambos conseguiram industrializar-se mediante esforços deliberados para alcançar autonomia, condição fundamental de sobrevivência num mundo submetido às potências pioneiras na industrialização”. Estes países estabeleceram o “modelo tardio de desenvolvimento industrial”, “que configurou a primeira via de ruptura com o complexo imperialista mundial”. De acordo com Darcy Ribeiro, esta via foi adotada, mais tarde, pela Itália (1920-1940) e tomada como roteiro posteriormente, com menor sucesso, por

³¹ Ibidem, p.537.

³² Ibidem, p.510.

³³ Ibidem, p.512.

muitas outras nações (Turquia, de Mustafá Kemal; Egito, de Nasser; Brasil, de Vargas; Argentina, de Perón; etc)³⁴. Ainda definindo as características do que chamou de “modelo de desenvolvimento capitalista tardio”:

É o caso da Alemanha, do Japão e da Itália que progrediram mediante processos intencionais de desenvolvimento dirigidos por regimes autocráticos, os quais estruturam autarquicamente suas economias para fugir às compulsões a que eram submetidas pelas potências pioneiras na industrialização. Todos eles descambaram, mais tarde, para formas totalitárias de governo e para o expansionismo imperialista, no esforço de conseguir uma redivisão das áreas coloniais que os beneficiasse. A redução deste expansionismo só pôde ser alcançada através de duas guerras mundiais³⁵.

O terceiro modelo de desenvolvimento autônomo, Darcy Ribeiro definiu, para além do desenvolvimento do “capitalismo precoce” ou do “capitalismo tardio”, o “capitalismo de desenvolvimento recente”, com a industrialização de áreas marginais:

Estas últimas surgiram menos como frutos de projetos deliberados de auto-perpetuação, do que como efeitos dos períodos de isolamento com relação ao domínio inglês que experimentaram, em virtude da crise de 1929 e das duas grandes guerras mundiais. Em condições normais, estas relações não ensejariam possibilidades de progresso autônomo em virtude do caráter intrinsecamente espoliativo da interação entre economias defasadas historicamente. Com a emergência de conjunturas de guerra, ou de crises econômicas, aquelas nações puderam exportar mais do que importavam, acumulando divisas, mas sobretudo puderam exportar autonomamente suas próprias fontes de riqueza, realizando potencialidades de progresso até então anuladas. Restabelecidos os contatos, aquelas nações se achavam fortalecidas economicamente e haviam criado condições para negociar novas formas de intercâmbio, capazes de preservar os interesses econômicos nacionais e de viabilizar um desenvolvimento autônomo³⁶.

Darcy Ribeiro afirma que a partir do “modelo de desenvolvimento recente”, ou com a industrialização de áreas marginais, como os países escandinavos (1890-1930), ou como superação da situação de áreas dependentes, como o Canadá (1900-1920), a Austrália e a Nova Zelândia (1930-1950), desenvolver-se-iam para derivarem ao padrão socialista-evolutivo, no caso dos povos escandinavos, ou ao padrão capitalista-liberal, como o caso do Canadá e da Austrália. Países como o Uruguai e a Argentina teriam fracassado neste último intento³⁷.

³⁴ Ibidem, p.510.

³⁵ Ibidem, p.537.

³⁶ Ibidem, p.510-1.

³⁷ Ibidem, p.537.

Para Darcy Ribeiro, por fim, ainda dentro destes modelos de desenvolvimento autônomo, é que se pôde falar no quarto e último modelo de rompimento com o “atraso histórico”, e o segundo de oposição ao imperialismo mundial, o “modelo socialista de desenvolvimento industrial”:

tendente já não a reiterar antigas formações, através da criação de novos centros capitalistas industriais, mas a configurar uma formação sócio-cultural nova, a *socialista revolucionária*. Esta ruptura de novo tipo foi alcançada pioneiramente pela União Soviética (1930-1940) através de uma revolução socialista, que permitiu induzir sua população aos esforços indispensáveis para integrar-se também na tecnologia industrial moderna. Assim se estabeleceu, juntamente com o quarto modelo de desenvolvimento industrial, uma nova via de aceleração histórica, que inspiraria, mais tarde, a reordenação social e a industrialização de diversas nações da Europa Oriental, da China e de outros países do Extremo Oriente e, por último, Cuba³⁸.

Além do “desenvolvimento capitalista precoce”, as três formas de ruptura com o atraso em relação à primeira, Darcy Ribeiro destaca duas formas variantes e intermediárias de reordenação sócio-econômica. A primeira seria o amadurecimento de formações socialistas evolutivas:

Em algumas sociedades altamente industrializadas através da acumulação de renovações estruturais e institucionais conseqüentes do próprio progresso tecnológico, da luta das camadas assalariadas pela melhoria de suas condições de vida e dos movimentos de emancipação das áreas coloniais, este é o caso dos países escandinavos e principalmente da Inglaterra, nos quais o novo modelo começa a emergir³⁹.

E, por fim, “os movimentos de libertação nacional de antigas colônias e de nações dependentes estruturadas como nacionalismos modernizadores”,

cujos representantes principais são o Egito e a Argélia. Tendem também a perfilar esse modelo o México, a Bolívia, e o Peru, apesar dos avanços e retrocessos experimentados em seus esforços de desenvolvimento autônomo. Eles não constituem, todavia, um modelo de desenvolvimento industrial porque nenhuma dessas nações alcançou, até agora, industrialização autônoma por esta via⁴⁰.

Ainda sobre os “nacionalismos modernizadores”:

³⁸ Ibidem, p.511.

³⁹ Ibidem, p.511.

⁴⁰ Ibidem, p.511.

Eles não constituem, todavia, um modelo de desenvolvimento industrial porque nenhuma dessas nações alcançou, até agora, industrialização autônoma por esta via. São, antes, formas de ruptura com a dependência ao imperialismo e com a constrição oligárquica (através de uma reforma agrária) conducente a uma formação sócio-econômica híbrida que procura conciliar procedimentos socialistas com a preservação de conteúdos capitalistas. Seu surgimento e consolidação se explicam pela bipartição do mundo em dois grandes campos opostos, o socialista e o capitalista, que enseja rupturas parciais com a economia privatista e estes apelos precários a procedimentos socialistas⁴¹.

No entanto, em todos os casos mencionados, para Darcy Ribeiro:

grupos político-militares se apossaram da máquina do Estado por caminhos heterodoxos, no decorrer de crises econômicas, e procuraram conduzir suas nações a um esforço de desenvolvimento autônomo mediante a mobilização das suas populações contra a capacidade auto-defensiva do imperialismo que via nesses movimentos uma ameaça a seus interesses. Todos conciliaram com a estrutura agrária tradicional, fundada no latifúndio. Todos fracassaram, afinal, apenas alcançando representar um papel de agentes mais eficazes da modernização reflexa e da conscientização política de seus povos para futuras lutas contra o sistema de dominação externa e interna que os mantém subdesenvolvidos. O modelo nacionalista-modernizador contrasta com estas variantes de “capitalismo de estado” pela capacidade que revela de enfrentar simultaneamente a constrição do imperialismo e a do latifúndio⁴².

Em oposição a esses padrões de desenvolvimento industrial autônomo, viriam os padrões de atraso histórico, encontrados em vários padrões de estagnação, e abarcando todos os povos do mundo que os ainda não mencionados e, assim, designados como subdesenvolvidos:

Dentre estes destacam-se as nações européias que se marginalizaram do processo de industrialização, como Espanha e Portugal (...) que, não conseguindo ascender ao capitalismo Industrial e experimentar as transformações estruturais correspondentes, congelaram suas estruturas rígidas, regidas por camadas oligárquicas e patriciados burocráticos, vendo-se, afinal, reduzidas a áreas de exploração neocolonial. (...) A Grécia forma também ao lado das nações proletárias, como resultados de séculos de dominação externa em que se degradaram seus padrões de cultura, e do arcaísmo de sua estrutura agrária, só comparável à dos dois outros povos subdesenvolvidos da Europa⁴³.

Mas, nessa primeira categoria de “países subdesenvolvidos”, o autor apenas se refere às sociedades européias, deixando para uma segunda categoria de subdesenvolvidos, os povos extra-europeus. Em outras palavras, tentando “classificar” os

⁴¹ Ibidem, p.512.

⁴² Ibidem, p.516-7.

⁴³ Ibidem, p.538.

povos extra europeus dentro desses “modelos de desenvolvimento autônomo” ou “padrões de atraso histórico”, ou ainda mais, tentando “classificar” os países latino-americanos de acordo com as categorias já mencionadas a partir de suas origens extra-européias, é que Darcy Ribeiro lançará mão de quatro novas designações, definindo que os povos americanos:

podem ser classificados em quatro grandes configurações histórico-culturais. Cada uma delas engloba populações muito diferenciadas, mas também suficientemente homogêneas quanto às suas características básicas e quanto aos problemas de desenvolvimento com que se defrontam, para serem legitimamente tratadas como categorias distintas. Tais são os *Povos-Testemunhos*, os *Povos-Novos*, os *Povos-Transplantados* e os *Povos Emergentes*⁴⁴.

A partir de um processo de derivação civilizatória, definida por uma dinâmica de atualização histórica dos extra-europeus por atuação de povos europeus, de acordo com o modo como cada uma dessas sociedades traçou sua “evolução”, do contato com os europeus até o mundo dividido entre os que se desenvolveram autonomamente ou os que se mantiveram atrasados e subjugados, é que Darcy Ribeiro incluiria, também, toda a América, dentro de um contexto de interações mutualísticas e complementares de atraso e progresso. Como já dito, os fatores condicionantes para a inclusão em um ou outro plano, “modelos de desenvolvimento autônomo” ou “padrões de atraso histórico”, seriam definidos pelo processo de derivação civilizatória dos povos extra-europeus, e portanto os americanos, desde o impacto do contato com os europeus até a condição que apresentavam nas décadas de 1960 e 1970. É o que se verá adiante.

2.3 A América Latina: de seu “processo de formação” às suas “configurações histórico-culturais”

O estudo do processo de formação étnica dos povos americanos e dos problemas de desenvolvimento com que eles se defrontam em nossos dias exige uma análise prévia das grandes seqüências histórico-culturais em que eles foram gerados. Tais são as *revoluções tecnológicas* e os *processos civilizatórios* através dos quais se propagam seus efeitos e que correspondem aos principais movimentos da evolução humana⁴⁵.

⁴⁴ Ibidem, p.87.

⁴⁵ Ibidem, p.34.

Se há, por parte de Darcy Ribeiro, de um lado, uma vontade de pensar a América Latina em termos originais, há também, por outro, o reconhecimento de que não se pode simplesmente esquecer a participação européia no processo de transfiguração dos povos que nela existiam.

A história do homem nos últimos séculos é, principalmente, a história da expansão da Europa Ocidental que, ao constituir-se em núcleo de um novo processo civilizatório, se lança sobre todos os povos em ondas sucessivas de violência, de cobiça e de opressão. Nesse movimento, o mundo inteiro foi revolvido e reordenado segundo os desígnios europeus e na conformidade de seus interesses. Cada povo e até mesmo cada pessoa humana, onde quer que houvesse nascido e vivido, acabou por ser atingido e engajado no sistema econômico europeu ou nos ideais de riqueza, de poder, de justiça, ou de santidade nela inspirados⁴⁶.

De acordo com os conceitos e idéias do próprio autor, dentro do quadro geral de “processos civilizatórios” e “evoluções sócio-culturais”, o fator de definição dos europeus como agentes civilizadores sobre outras sociedades com que se encontraram fora da Europa seria o fato de terem se antecipado em duas revoluções tecnológicas, a “Mercantil” e a “Industrial”, e assim, “havam se colocado na vanguarda da evolução sócio-cultural”⁴⁷. Para aprofundar e explicar melhor o processo de “movimentos de vanguarda”, nas palavras de Darcy Ribeiro:

A partir do século XVI, se registraram duas revoluções tecnológicas responsáveis pelo desencadeamento de quatro processos civilizatórios sucessivos. Primeiro, a *Revolução Mercantil* que, num impulso inicial de caráter mercantil-salvacionista, atinou os povos ibéricos e os russos, lançando aqueles às conquistas oceânicas e a estes, à expansão continental sobre a Eurásia. Num segundo impulso, de caráter mais maduramente capitalista, a Revolução Mercantil, depois de romper a estagnação feudal em certas áreas da Europa, lançou os holandeses, ingleses e franceses à expansão colonial além-mar. Seguiu-se a *Revolução Industrial* que, a partir do século XVIII, entrou a promover uma reordenação do mundo sob a égide das nações pioneiras na industrialização, através de dois processos civilizatórios: a expansão imperialista e a reordenação socialista⁴⁸.

E complementa:

O processo global que descrevemos com estes conceitos é o da expansão de novas civilizações sobre amplas áreas, através da dominação colonial de territórios

⁴⁶ Ibidem, p.51.

⁴⁷ Ibidem, p.51.

⁴⁸ Ibidem, p.35.

povoados ou da transladação intencional de populações. Seu motor é um desenvolvimento tecnológico precoce, que confere aos povos que o empreendem o poder de impor-se a outros povos, vizinhos ou longínquos, submetendo-os ao saqueio episódico ou à exploração econômica continuada dos recursos do seu território e do produto do trabalho de sua população. Seus resultados cruciais, porém, são a difusão da nova civilização mediante a expansão cultural das sociedades que promovem a conquista e, por esta via, a formação de novas entidades étnicas e de grandes configurações histórico-culturais⁴⁹.

As atualizações históricas, elemento definidor do processo de interação entre as sociedades européias e as não européias, operariam:

por meio da dominação e do avassalamento de povos estranhos, seguidas da ordenação econômico-social dos núcleos em que se aglutinam os contingentes dominados para o efeito de instalar novas formas de produção ou explorar antigas atividades produtivas. Esta ordenação tem como objetivo fundamental vincular os novos núcleos à sociedade em expansão, como parcela do seu sistema produtivo e como objeto de difusão intencional de sua tradição cultural, por meio da atuação de agentes de dominação⁵⁰.

Em outras palavras, na visão de Darcy Ribeiro o processo de formação dos povos americanos, como no caso de outros povos extra-europeus, não poderia se desvincular do fato de que este foi operado extrinsecamente, não como “resultado da conjunção entre entidades autônomas”, mas, como uma parte de um “processo de expansão de impérios ativados por processos civilizatórios e da subjugação de populações por ele avassaladas por força da atualização histórica” que tiveram como resultado “recorrentes processos de transfiguração e aculturação” dos povos que fora da Europa existiam, entre eles os da América, no sentido de vincular seus territórios e tudo o que neles existia, à satisfação de necessidades estipuladas por projetos traçados pelos “povos dominadores” europeus, com base na, e no sentido de reprodução da, exploração dos “povos dominados” do Novo Mundo⁵¹.

Em sua expansão, as fórmulas européias da verdade, da justiça e da beleza se impõem progressivamente como valores compulsórios. Tão poderosos pela força persuasiva de sua universalidade, quanto pelos mecanismos coativos através dos quais se difundiam. No mesmo passo se espriam pelo mundo as línguas européias, originárias todas de um único tronco, que passam a ser faladas por maior número de pessoas que qualquer grupo de línguas anteriormente existente. Seus vários cultos, nascidos de uma mesma religião, se tornam ecumênicos. Sua ciência e as

⁴⁹ Ibidem, p.35.

⁵⁰ Ibidem, p.36.

⁵¹ Ibidem, p.38.

tecnologias delas decorrentes se difundem também pela terra inteira. Seu patrimônio artístico com a multiplicidade de estilos em que se exprime transforma-se em cânones universais de beleza. Suas instituições familiares, políticas e jurídicas, moldadas e remoldadas segundo as mesmas premissas, passam a ser ordenadoras da vida social da maioria dos povos⁵².

No caso da América, o processo não teria fundamentos e objetivos diferentes:

Dentro dos processos civilizatórios descritos e pela via da atualização histórica é que foram avassaladas as sociedades americanas de nível tribal, as estruturadas já em estados rurais-artesanais e mesmo os impérios teocráticos de regadio (Inca, Maia, Asteca) para se integrarem no sistema econômico de âmbito mundial, como suas áreas de exploração colonial. Deste modo é que os indígenas americanos e também os negros africanos conduzidos à América saltaram a uma etapa mais alta da evolução humana – enquanto participantes de formações mercantis – mas foram sendo, simultaneamente, engajados como “proletariados externos” das economias metropolitanas. Esta progressão, processando-se pela via da atualização histórica, importa na perda de sua autonomia étnica e na descaracterização de suas culturas. E, por fim, na sua conversão em componentes anciliares de complexos imperiais modelados como áreas coloniais-escravistas de uma formação mercantil-salvacionista ou do capitalismo mercantil⁵³.

Considerada a participação européia como definidora de tudo o que historicamente passará a ocorrer nas Américas, Darcy Ribeiro procede à caracterização dos povos extra europeus, e o que mais nos interessa, junto destes os povos americanos, para poder retornar, posteriormente, em sua localização quanto às perspectivas de “desenvolvimento autônomo” ou, como contraparte, de “atraso histórico”:

Nos termos destas amplas configurações de povos – mais do que das nacionalidades que as compõem, das respectivas composições raciais ou de diferenciadores climáticos, religiosos e outros -, é que se pode situar cada povo extra-europeu do mundo moderno, para explicar como ele chegou a ser o que é agora; para entender por que viveu processos históricos de desenvolvimento sócio-econômico tão diferenciados; e para determinar os fatores que, em cada caso, atuaram como aceleradores ou como retardadores da sua integração no estilo de vida das sociedades industriais modernas⁵⁴.

Para Darcy Ribeiro, portanto, era possível classificar os povos extra-europeus do “mundo moderno”, por designações genéricas e aproximativas dos diferentes povos nela enquadráveis, de acordo com o que veio a chamar de “Configurações Histórico-Culturais”. Em número de quatro - *Povos-Testemunho*, *Povos-Novos*, *Povos-*

⁵² Ibidem, p.62-3.

⁵³ Ibidem, p.41.

⁵⁴ Ibidem, p.88.

Transplantados, e, por fim, *Povos-Emergentes* - : “Cada uma delas engloba populações muito diferenciadas, mas também suficientemente homogêneas quanto às suas características básicas para serem legitimamente tratadas como categorias distintas”⁵⁵.

Voltando seus olhos apenas para as Américas, pensará na inclusão dos povos americanos dentro das *Configurações Histórico-Culturais* levando em conta as características híbridas de seus diferentes estágios de desenvolvimento, determinados pela conjunção dos “processos de formação” em relação aos povos europeus que com eles entraram em contato, juntamente com as causas e suas características específicas de seu “desenvolvimento desigual” dentro desses processos⁵⁶. Resumidamente:

Os primeiros, *Povos-Testemunho*, são constituídos pelos representantes modernos de velhas civilizações autônomas sobre as quais se abateu a expansão européia. O segundo bloco, designado como *Povos-Novos*, é representado pelos povos americanos plasmados nos últimos séculos como um subproduto da expansão européia pela fusão e aculturação de matrizes indígenas, negras e européias. O terceiro – *Povos-Transplantados* – é integrado pelas nações constituídas pela implantação de populações européias no ultramar, com a preservação do perfil étnico, da língua e da cultura originais. *Povos-Emergentes* são as (...) populações que ascendem de um nível tribal ou da condição de meras feitorias coloniais para a de etnias nacionais⁵⁷.

De modo mais detalhado, à primeira dessas designações Darcy Ribeiro daria o nome de *Povos Testemunho*⁵⁸, que corresponderiam “aos representantes modernos de velhas civilizações”, “que sofreram o impacto traumatizador da expansão européia”⁵⁹. Em outras palavras, “os representantes modernos de antigas civilizações como a Índia, a China, o Japão, a Coreia, a Indochina, a muçulmana nos países islâmicos, e alguns outros com as quais a Europa se chocou em sua expansão”⁶⁰. Exemplificariam essa categoria nas Américas, o México, a Guatemala, bem como os povos do Altiplano Andino:

Designamos como *Povos Testemunho* as populações mexicanas, meso-americanas e andinas, enquanto sobreviventes de antigas civilizações – Asteca, Maia, Incaica – que desmoronaram ao impacto da expansão européia, entrando num processo secular de aculturação e de reconstituição étnica, ainda inconcluso para todas elas. (...) Paralisadas pelo ataque espanhol, tanto a sociedade mexicana, como a maia e a

⁵⁵ Idem, 1975, p.16.

⁵⁶ Idem, 1983; Idem, 1975.

⁵⁷ Idem, 1975, p.17.

⁵⁸ Cf. Segunda Parte: Os Povos Testemunho. In: RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1983, p.107-203; detalhadamente: Os Meso-Americanos, p.116-51, Os Andinos, p.152-203; e, também: RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1975, p.18-26.

⁵⁹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1983, p.539.

⁶⁰ Idem. *Confissões*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997a, p.504.

incaica entraram em colapso; viram substituídas suas classes dirigentes por minorias estrangeiras que, desde então, passaram a remodelar suas culturas através de toda a sorte de compulsões. Este desígnio cumpriu-se mediante vários mecanismos, dentre eles, a dizimação intencional da antiga cúpula governamental e sacerdotal depositária da tradição erudita daquelas culturas; e a depopulação provocada, a seguir, pelas epidemias com que foram contagiados, pelo engajamento do trabalho escravo e por efeito de inovações técnicas e agrícolas que desequilibraram seu antigo sistema de subsistência, alterando sua base ecológica.⁶¹

Assim, os Povos-Testemunho americanos originar-se-iam precipuamente “do encontro de duas altas culturas - a indígena e a européia”⁶². Em outras palavras, constituir-se-iam basicamente a partir de duas heranças culturais civilizatórias ainda sobreviventes, a asteca, ou a maia, ou ainda a incaica - “das quais seriam sobreviventes mas não poderiam deglutir suas vetustas heranças”⁶³ -, e as européias - que com elas entraram em contato, em uma dinâmica de radical interação:

Sob estas condições de hecatombe social é que as duas tradições culturais – a européia e a indígena – entraram em conjunção. A primeira representada pela minoria de agentes da dominação externa, mantendo-se íntegra e se armando de todos os poderes para impor-se; a última decepada dos conteúdos mais avançados de uma sociedade urbana, que eram seus setores letrados; traumatizada sob a pressão das forças desencadeadas pela depopulação e pela deculturação compulsória; despojada de suas riquezas acumuladas através do saqueio; e desprovida de seus corpos de técnicos e artesãos pela conversão de toda a sua população em “proletariado externo”, degradado à condição que trabalhadores braçais das minas e das fazendas para servir a uma economia de exportação⁶⁴.

Dentro de um quadro geral dos *Povos-Testemunho*, diria Darcy Ribeiro que “apenas o Japão e a China conseguiram alcançar o desenvolvimento industrial moderno, mais maduro o primeiro, mas com potencialidades economicamente muito maiores de consolidação e expansão a segunda”⁶⁵:

Dentre os *Povos-Testemunho* apenas o Japão e, mais recente e parcialmente, a China conseguiram incorporar às respectivas economias a tecnologia industrial moderna e reestruturar suas próprias sociedades em novas bases. Todos os demais são povos bipartidos em um estamento dominante mais europeizado, por vezes biologicamente mestiçado e culturalmente integrado nos estilos modernos de vida,

⁶¹ Idem, 1983, p.108-9.

⁶² Ibidem, p.113.

⁶³ Ibidem, p.90.

⁶⁴ Ibidem, p.109.

⁶⁵ Ibidem, p.539.

oposto a amplas massas marginalizadas – sobretudo camponesas – por seu apego a modos de vida arcados e resistentes à modernização⁶⁶.

Assim, com as exceções mencionadas anteriormente, para Darcy Ribeiro, o que de fato caracterizaria os *Povos Testemunho*, principalmente os meso-americanos e andinos, seria que:

Mais do que povos atrasados na história, eles são os povos espoliados da história. Contando originalmente com enormes riquezas acumuladas que poderiam ser utilizadas, agora, para custear sua integração nos sistemas industriais de produção, as viram saqueadas pelo europeu; saqueio que prosseguiu com a espoliação do produto do trabalho de seus povos através de séculos. Quase todos eles se encontram ainda engajados na economia mundial como áreas neo-coloniais e que lhes fixa um lugar e um papel determinado, limitando ao extremo suas possibilidades de desenvolvimento autônomo. Séculos de subjugação ou de dominação direta ou indireta impuseram-lhe profundas deformações que não só depauperaram seus povos como também traumatizaram toda a sua vida cultural⁶⁷.

Dessa relação adviria a característica principal dos Povos-Testemunho americanos: “ao longo de todo este tempo, porém, conservaram e transmitiram, de geração a geração retalhos dos velhos valores, cuja atualização na conduta era inviável, mas que ainda comovia os seus descendentes”⁶⁸:

Estas células híbridas, por metade neo-indígenas, por metade neo-européias, é que atuariam sobre o contexto traumatizado, assimilando parcelas cada vez maiores dele para um novo modo de ser e de viver. Mergulhavam, assim, continuamente, na cultura original, para dela emergir cada vez mais ampliadas e também mais diferenciadas, tanto na tradição antiga, como do modelo europeu⁶⁹.

E exatamente dessa característica híbrida essencial é que surgiriam, por conseguinte, os principais conflitos:

Como problema básico, enfrentam a integração dentro de si mesmos das duas tradições culturais de que se fizeram herdeiros, não apenas diversas, mas em muitos aspectos contrapostas. Primeiro, a contribuição européia de técnicas, de línguas, de costumes e crenças, cuja incorporação do antigo patrimônio cultural se processou à custa da redefinição de todo o seu modo de vida e da alienação de sua visão de si mesmos e do mundo. Segundo, seu antigo acervo cultural que, apesar de drasticamente reduzido e traumatizado, preservou costumes, formas de organização

⁶⁶ Ibidem, p.90.

⁶⁷ Idem, 1975, p.18.

⁶⁸ Idem, 1983, p.109.

⁶⁹ Ibidem, 1983, p.110.

social, corpos de crenças e de valores profundamente arraigados em vastas camadas de população, além de um patrimônio de saber vulgar e de estilos artísticos peculiares que encontraram, agora, oportunidade de reflorescer como instrumentos de auto-afirmação nacional. Atraídos simultaneamente pelas duas tradições, mas incapazes de fundi-las numa síntese significativa para toda a sua população, conduzem dentro de si, ainda hoje, o conflito entre a cultura original e a civilização européia⁷⁰.

Em meio a esse conflito étnico-cultural, os fatores de ordem econômica contribuiriam de forma ainda mais significativa para a divisão essencial entre a “cultura arcaica” e a “cultura civilizatória”, pois a partir do momento em que passaram a ser dominadas pela cultura européia, os *Povos Testemunho* americanos, na visão de Darcy Ribeiro, deixaram de possuir um modo de vida próprio:

O velho morrera como força integradora e não surgira um novo (...) desgastados pelas epidemias, conduzidos ao desespero pela escravidão, se transformaram em rebanhos, cujos membros nasciam e morriam, apenas vivendo para cumprir a sina que lhes era imposta⁷¹.

Deste modo:

Ao contrário do que se sucedia nas colônias de povoamento da América do Norte, onde um povo crescia pela multiplicação de núcleos dotados de condições para prover sua própria subsistência e de exprimir suas concepções de vida, aqui se engajavam enormes contingentes humanos utilizados como combustível para operar o sistema produtivo colonial e para servir a projetos alheios⁷².

Uma imposição de ordenação social que não apenas conformava a organização social, mas também o papel a ser desempenhado por esta sociedade em relação a outras, e de modo bastante marcante, em relação às Metrôpoles coloniais:

Esta ordenação não apenas conformava as novas sociedades mas as incorporava ao mercado mundial como áreas coloniais escravistas da formação mercantil-salvacionista que assumira a Espanha. (...) Essa mesma ordenação daria sentido às formas de contingenciamento da mão-de-obra para o trabalho, desde a escravista dos primeiros dias até a assalariada de hoje. Por todos esses processos de constrição, um vínculo capitalista-mercantil cada vez mais vigoroso iria atrelando as populações americanas à economia mundial. No mesmo passo, as faria avançar para etapas mais altas da evolução sócio-cultural, através de um processo de mera

⁷⁰ Idem, 1975, p.19.

⁷¹ Idem, 1983, p.109.

⁷² Ibidem, p.110.

atualização histórica que as converteria de sociedades autônomas em áreas de dominação colonial de nações mais evoluídas⁷³.

E assim como a dualidade étnico-cultural se propalou ao longo das gerações, a dualidade sócio-econômica também:

Os modos de contingenciamento das populações indígenas mexicanas e incaicas pelo conquistador e, especialmente, os mecanismos de dominação utilizados durante o longo período colonial foram responsáveis, também, por deformações estruturais visíveis ainda hoje. Entre outras, o profundo distanciamento social entre as camadas dominantes e o povo, e a bipartição daquelas em setores patriciais e oligárquicos distintos, mas mutuamente complementares⁷⁴.

Mesmo depois dos processos de Independência das Metrôpoles Coloniais, os *Povos-Testemunho* americanos não perderam essa perspectiva de “atualizações históricas” sucessivas – como algo que se comparara, como já dito, a processos de modernização reflexa e dependente. Até pretendiam derivar a processos de “acelerações evolutivas”, como processos de desenvolvimento autônomos, com finalidades definidas e direcionadas para o auto-sustento, a estabilidade e a autonomia, mas:

Reintegradas em sua independência, não voltaram a ser o que eram antes, porque se haviam transfigurado profundamente, não só pela conjunção das suas tradições com as européias, mas pelo esforço de adaptação às condições que tiveram de enfrentar como integrantes subalternos de sistemas econômicos de âmbito mundial e também pelos impactos econômicos e reflexos que sofreram da revolução mercantil e da industrial⁷⁵.

Para Darcy Ribeiro, no curso do processo civilizatório desencadeado pela revolução industrial, é que os *Povos-Testemunho* das Américas teriam emergido para a Independência, mas:

Três séculos de avassalamento colonial os haviam tornado mais pobres do que eram antes e os haviam modelado como uma cultura espúria, incapaz de aceitar a sua própria imagem étnica, orgulhosos dela, e de integrar nas suas tradições originais tomados ao dominador. Viram-se assim, compelidos a prosseguir o processo aculturativo, uma vez que, somente completando sua europeização alcançariam certa homogeneidade como etnia nacional. Aos problemas mediante a inserção no sistema capitalista e na civilização industrial se somavam, para eles, as

⁷³ Ibidem, p.112-3.

⁷⁴ Ibidem, p.114.

⁷⁵ Ibidem, p.89.

tarefas de absorção étnica de enormes massas marginalizadas social e culturalmente⁷⁶.

Para Darcy Ribeiro, a herança fundamental do sistema colonial teria ficado no modo de composição da sociedade, reprodutora das conservações étnico-culturais, por um lado, e segregacionista e excludente, do ponto de vista sócio-econômico, por outro:

A classe dominante nativa que liderou a independência dos *Povos-Testemunho* o fez com o intuito de substituir-se aos agentes metropolitanos de dominação. Uma vez colocada no comando das novas sociedades nacionais procurou acelerar, por todos os modos, o processo de europeização, mas, simultaneamente, tratou de fazer com que a modernização e o desenvolvimento se processassem sob a égide de seus interesses. Este fator de constrição passou a operar, desde então, como o condicionador básico do processo e renovação social e como seu deformador⁷⁷.

A partir desse processo, desde o contato dos povos americanos com os povos europeus, Darcy Ribeiro estabelece os laços de causalidade para descrever a composição étnico-social predominante nas sociedades caracterizadas como *Povos-Testemunho* americanos:

Os *Povos-Testemunho* das Américas, como produto desse processo peculiar de formação étnica, caracterizam-se pela partição de suas sociedades em três segmentos superpostos, diferenciados por sua identificação étnica como indígenas ou como neo-americanos e por sua participação desigual ao acesso à riqueza nacional e ao controle do poder político. O estamento superior é formado pela camada dos “brancos por auto-definição”, racial e culturalmente mais hispanizado que, controlando a economia e as instituições políticas e militares, as rege de acordo com seus interesses. O estamento intermédio considerado *mestiço* o é menos racialmente – embora tenha absorvido vasta proporção de genes europeus ou africanos – do que por sua integração na cultura hispano-americana através da espanholização lingüística, da conversão ao catolicismo e da incorporação orgânica na força de trabalho da sociedade nacional. O terceiro estamento é formado pela massa dos marginalizados culturalmente como indígenas. Hoje eles pouco têm de comum com a indianidade pré-colombiana porque seu modo de ser indígena é também um produto da dominação, primeiro colonial, depois nacional-oligárquica que, ao integrá-los parcialmente no sistema econômico como o setor mais explorado, os fez indígena-modernos sem fazê-los neo-americanos⁷⁸.

Para completar nossa aproximação da visão de Darcy Ribeiro sobre os *Povos Testemunho*, destacamos mais algumas de suas palavras: “A integração deste contingente marginalizado cultural, social e economicamente no corpo da nação é o grande desafio

⁷⁶ Idem, 1975, p.24-5.

⁷⁷ Ibidem, p.25.

⁷⁸ Ibidem, p.25-6.

com que se defrontam os *Povos-Testemunho* para completar a construção do seu perfil étnico-nacional”⁷⁹.

À segunda “Configuração Histórico-Cultural” extra-européia Darcy Ribeiro dará o nome de *Povos Novos*⁸⁰: “oriundos da conjugação, deculturação e caldeamento de matrizes étnicas muito díspares como a indígena, a africana e a européia”⁸¹:

Os Povos-Novos constituíram-se pela confluência de contingentes profundamente díspares em suas características raciais, culturais e lingüísticas, como subproduto de projetos coloniais europeus. Reunindo negros, brancos e índios para abrir grandes plantações de produtos tropicais ou para a exploração mineira, visando tão-somente atender aos mercados europeus e gerar lucros, as nações colonizadoras acabaram por plasmar povos profundamente diferenciados de si mesmas e de todas as outras matrizes formadoras. (...) Postos em confronto nas mesmas comunidades, estes contingentes básicos, embora exercendo papéis distintos, entraram a mesclar-se e a fundir-se culturalmente em maior intensidade do que em qualquer outro tipo de conjugação⁸².

De acordo com Darcy Ribeiro os *Povos-Novos* constituiriam a *Configuração Histórico-Cultural* “mais característica das Américas”, porque teriam surgido em todo o continente⁸³:

Assim, ao lado do branco, chamado a exercer os papéis de chefia da empresa; do negro, nela engajado como escravo; do índio, também escravizado ou tratado como mero obstáculo a erradicar, foi surgindo uma população mestiça que fundia aquelas matrizes raciais e culturais nas mais variadas proporções⁸⁴.

Seriam exemplificados pelo Brasil, pelo Paraguai, pela Venezuela e pela Colômbia, pelos chilenos e pelos antilhanos, uma parte da América Central e do Sul dos Estados Unidos⁸⁵: “povos sem um passado vetusto a cultuar, abertos para o futuro que estão construindo”⁸⁶. Portanto, a designação “*Povos-Novos*”, de acordo com Darcy Ribeiro, teria sido dada:

⁷⁹ Ibidem, p.26.

⁸⁰ Cf. Terceira Parte: Os Povos Novos. In: RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1983, p.205-412; detalhadamente: Os Brasileiros, p.219-96, Os Grã-Colombianos, p.297-348, Os Antilhanos, p.349-79, Os Chilenos, p.380-412; e, ver também: RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1975, p.26-42.

⁸¹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1997a, p.504.

⁸² Idem, 1983, p.92.

⁸³ Ibidem, p.206.

⁸⁴ Idem, 1975, p.28.

⁸⁵ Ibidem, p.27.

⁸⁶ Idem, 1997a, p.504.

em atenção à sua característica fundamental de *specia novae*, enquanto entidades étnicas distintas de suas matrizes formadoras e porque representam antecipação do que virão a ser, provavelmente, os grupos humanos de um futuro remoto: cada vez mais mestiçados e uniformizados e, desse modo, homogeneizados racial e culturalmente⁸⁷.

Nenhum constituindo uma nacionalidade multiétnica, “em todos os casos, seu processo de formação foi suficientemente violento para compelir a fusão das matrizes originais em novas unidades homogêneas”⁸⁸. Porém, embora cada vez mais uniformizados e homogeneizados pela mistura de diferentes culturas, em cada região, “de acordo com as condições de vida que lhes eram oferecidas pelo patrimônio cultural que melhor se ajustava às suas condições de vida”⁸⁹, os “Povos Novos” se “transfiguraram” de maneiras diferentes em cada área em que se desenvolveram⁹⁰:

Como populações plasmadas pela amalgamação biológica e pela aculturação de etnias díspares dentro e um enquadramento escravocrata e fazendeiro, são Povos-Novos os brasileiros, os venezuelanos, os colombianos, os antilhanos, uma parte da população da América central e do Sul dos Estados Unidos. Os dois últimos, experimentando o mesmo processo formativo, configuram-se também como Povos-Novos, embora os centro-americanos se singularizem por uma presença maior de conteúdos culturais indígenas, e a região sulina norte-americana se descaracterizasse, posteriormente, porque, não tendo conseguido estruturar-se como nação, foi compelida a sobreviver como corpo estranho dentro de uma formação de Povo-Tranplantado. Foram Povos-Novos do mesmo tipo destes últimos, embora mais tarde etnicamente transfigurados por um processo de sucessão ecológica que os europeizou maciçamente, o Uruguai e a Argentina⁹¹.

Essa derivação de Povos-Novos a Povos-Transplantados do Sul dos Estados Unidos, do Uruguai e da Argentina, por processos bem diferentes obviamente, poderá ser bem explicada quando se falar de Povos-Transplantados. O mais importante, por hora, é compreender o que aproxima e o que diferencia a todos os Povos Novos dentro desta designação. E há a sugestão de que o elemento definidor da *configuração histórico cultural* dos mesmos seja, em primeiro lugar, o tipo de ação imprimida pelos europeus em seu caldeamento com africanos e indígenas, bem como o tipo de sociedade que entre os Povos Novos, de maneira geral, se conformou:

Deparamos com o surgimento de Povos-Novos pela conjunção e amalgamação de etnias originalmente muito diferenciadas, sob condições de domínio despótico por

⁸⁷ Idem, 1975, p.27.

⁸⁸ Idem, 1983, p.92.

⁸⁹ Idem, 1975, p.28.

⁹⁰ Idem, 1983, p.206.

⁹¹ Idem, 1975, p.27.

parte de agentes coloniais de sociedades mais desenvolvidas (...) capazes de conquistar e dinamizar sociedades (...) e de integrá-las em corpos imperiais e em sistemas mercantis internacionais (...). Os *Povos-Novos* das Américas são, também, o resultado de formas específicas de dominação e de organização produtiva sob condições de extrema opressão social e deculturação compulsória que, embora exercidas em outras épocas e em distintas áreas do mundo, alcançaram na América colonial a mais ampla e a mais rigorosa aplicação. Tais foram, em primeiro lugar, a colonização européia do Novo Mundo, mediante a escravidão utilizada como processo capitalista-mercantil de aliciamento de mão-de-obra de povos tribais, africanos e aborígenes, para a produção agrária e a exploração mineral. Em segundo lugar, a implantação da *fazenda* como instituição social básica e como modelo de organização empresarial capitalista que reunindo o domínio da terra e o monopólio da força de trabalho, permitia produzir artigos destinados ao mercado mundial, a fim de obter lucros pecuniários⁹².

Para Darcy Ribeiro, o modelo ou tipo de sociedade característica da relação metrópole-colônia dos *Povos-Novos* se conformaria em torno da, ou baseado na, fazenda:

Na sua forma escravocrata e, depois, “livre”, a fazenda tem sido a instituição básica conformadora do perfil dos *Povos-Novos*. Dento do seu condicionamento é que se modelaram a família, a religiosidade, a nação mesma, como projeção de sua estrutura elementar sobre a ordenação legal do Estado, e do seu papel hegemônico sobre os poderes públicos. Modeladora básica da sociedade, a fazenda se imprimiu tanto nos descendentes dos que nela mourejavam como escravos ou como força de trabalho livre, quanto sobre as camadas dominantes, rurais e urbanas, deformados todos pelo espírito autocrático-paternalista, pelos gestos senhoriais, pela discriminação racial e social⁹³.

O mesmo modelo básico serviu para abrir grandes monoculturas de cana e de fábricas de açúcar; para organizar as grandes plantações de algodão, de café, de tabaco, de cacau, de bananas, abacaxis e outros produtos; primeiramente, dentro do regime escravocrata e, após a abolição, com trabalhadores livres. Foi também empregado com as necessárias adaptações, à criação extensiva de gado com objetivos comerciais e até ao extrativismo vegetal. Estas formas diferenciadas do modelo de fazenda tinham de comum o domínio do território onde operavam e o controle de um contingente humano posto a serviço da empresa, sem qualquer respeito por seus costumes ou aspirações que se pudessem opor aos imperativos da produção e do lucro. Todas tinham também, como dominador comum, o seu caráter de instituição mercantil que permitia vincular as colônias às economias metropolitanas⁹⁴.

Assim, para além de um princípio de modelação da sociedade, e da dinâmica da relação metrópole-colônia, de modo mais próximo aos senhores e escravos, as fazendas modelaram também todo o cotidiano dos mesmos:

⁹² Idem, 1983, p.206-7.

⁹³ Idem, 1975, p.29.

⁹⁴ Idem, 1983, p.207.

Em certo sentido, a fazenda colonial se antecipa á fábrica moderna, por suas características de concentração de trabalhadores, sob o comando patronal do proprietário dos meios de produção, visando à apropriação do produto do seu trabalho. Era, contudo, uma “fábrica” esdrúxula, porque rural e escravocrata e, por isso, capacitada a isolar os que nela estavam internados, configurando comunidades atípicas, cujo ritmo de trabalho e de lazer, cujos costumes, cujas crenças, cuja organização familiar, cuja vida interna se sujeitavam à intervenção dominadora de uma vontade estranha⁹⁵.

A “vontade estranha” a que Darcy Ribeiro se refere, com toda a “intervenção dominadora” a ela atribuída, era personificada pela “classe senhorial”, ou “patronal”:

Na fazenda, sob o regime escravista, não havia lugar para o pai de família em relação à companheira e aos filhos, também peças pertencentes ao amo e não a ele. Ainda hoje, não cabe ao cidadão, porque a pátria é a fazenda para quem nasce e vive nos limites dos seus cercados. Entre a fazenda e o mundo exterior – dos negócios, da sociedade, da nação, da religião – só cabe um mediador, que é o fazendeiro, com seus papéis de patrão, de padrinho, de protetor, de chefe político e de empresário⁹⁶.

Mas para Darcy Ribeiro, apesar de existir um princípio de integração social regida pelos senhores fazendeiros, havia também um princípio de diferenciação social muito marcado, em que “a própria classe dominante das sociedades configuradas como *Povos-Novos*, sob a égide do sistema de fazendas se formou, por isto, mais como um corpo gerencial de um empreendimento econômico europeu do que a cúpula de uma sociedade autêntica”⁹⁷. E complementa, dizendo que essa “cúpula social”:

só muito lentamente se capacitou para assumir à sociedade inteira, transformada em nacionalidade, uma ordenação oligárquica fundada no monopólio da terra que asseguraria a preservação do seu papel reitor e a conscrição do povo como força de trabalho, servil ou livre, posta a serviço de seus privilégios⁹⁸.

Nessa divisão, “elite dirigente patronal” e “classes subalternas proletárias”, se definiria, de fato, a dinâmica de interação dos diferentes elementos que comporiam a “estratificação social” dos *Povos-Novos*:

A oposição natural e irreduzível entre os interesses patronais que visam extrair o máximo de lucro da empresa e os “proletários” que buscam obter uma parcela maior dos valores que criam, se restringe, dentro da fazenda tradicional, a limites extremos. Nestas condições, o trabalhador só pode diminuir seu ritmo de trabalho

⁹⁵ Ibidem, p.207.

⁹⁶ Ibidem, p.207-8.

⁹⁷ Idem, 1975, p.31.

⁹⁸ Ibidem, p.31.

para desgastar-se menos rapidamente, ou fugir pra ser caçado, se se trata de um escravo, ou ainda, procurar outra fazenda de regime equivalente, quando cai numa dessas formas espúrias de assalariamento que sucederam à escravidão⁹⁹.

Essa divisão social marcaria toda e qualquer reforma no modo de organização social que da estrutura baseada na fazenda viria no futuro a se desenvolver:

Implantadas sobre uma sociedade assim estruturada, as instituições republicanas se conformaram como um simulacro de autogoverno popular incapaz de disfarçar o caráter efetivamente oligárquico do poder que se esconde atrás da aparatosidade democrático-representativa. A própria revolução industrial, operando sobre tal contexto, encontra resistências que desfiguram todas as suas potencialidades de reordenação social. Estas resistências decorrem do caráter exógeno da economia de fazendas, estruturada antes para atender a necessidades alheias do que às da população nela engajada¹⁰⁰.

Considerados, em primeiro lugar o modo como derivaram em processos civilizatórios de atualização histórica operado pelos europeus sobre todos os *Povos-Novos* de modo a integrar etnias européias, indígenas e africanas, e em segundo, definindo um modo de organização social baseado na “fazenda” e com um processo de estratificação social a opor “elites dirigentes patronais” e “classes subalternas proletárias”, definindo assim as características fundamentais dos povos enquadráveis na designação que corresponde à *Configuração Histórico-Cultural* em questão, o que resta, ainda, é definir, de que modo todos esses povos se diferenciam, e que na visão de Darcy Ribeiro, ocorreria de acordo com “três ordens de variáveis, correspondentes à predominância das matrizes européias, africanas e americanas que se conjugaram para constituir-los”¹⁰¹.

No primeiro caso, opõem-se os diversos povos europeus que promoveram a colonização das Américas, principalmente, no que contrasta os colonizadores latinos dos demais; o que implicaria, na visão de Darcy Ribeiro, como já visto, em diferenças “irrelevantes com respeito ao processo de formação dos *Povos-Novos*, em face do poder uniformizador do dominador comum representado pelo escravismo e pelo sistema de *plantation* que presidiu a atuação de todos os colonizadores”¹⁰².

É certo que a maior maturidade institucional e econômica como formação capitalista dos colonizadores não latinos acrescentou coloridos distintos a certas

⁹⁹ Idem, 1983, p.207.

¹⁰⁰ Idem, 1975, p.31.

¹⁰¹ Idem, 1983, p.209.

¹⁰² Ibidem, p.209.

áreas. Mas não chegou a diferenciá-las tão substancialmente que pudesse infundir características peculiares às etnias nacionais resultantes¹⁰³.

O que de fato diferenciaria os *Povos-Novos* de matrizes culturais predominantemente européias seriam, justamente, as diferentes matrizes culturais européias, específicas, agentes da colonização. De modo mais claro:

Os poderes de dominação exercido pelos agentes europeus da colonização dos *Povos-Novos* fizeram de cada unidade, linguisticamente, luso-americanas, hispano-americanas, franco-americanas, anglo-americanas, batavo-americanas e as aculturou segundo tradições católicas ou protestantes, no espírito dos corpos de instituições, de costumes e hábitos prevaletentes na metrópole colonial. Estas diferenças altamente significativas para a compreensão das entidades nacionais em suas singularidades são, contudo, irrelevantes na construção de modelos mais gerais e explicativos. Sua importância maior está no seu caráter de enquadramentos culturais gerais, qualificadores da ação de cada contingente europeu. Sobre estes fatores culturais diferenciadores prevaleceram, porém, os sócio-econômicos, condicionadores da subjugação e da conformação das populações americanas, através da colonização escravista que as configurou como *Povos-Novos*¹⁰⁴.

A segunda variante, referente à matriz indígena, de acordo com Darcy Ribeiro, constituiria o segundo dos dois elementos básicos e fundamentais do processo de formação de células de “adaptação ecológica dos primeiros núcleos americanos”¹⁰⁵, surgidos, ou formados, da “miscigenação e deculturação de contingentes europeus e aborígenes”¹⁰⁶.

Estas células elementares nasceram híbridas porque mestiças e porque herdeiras do patrimônio cultural indígena na sua forma de adaptação ao meio; e do europeu por sua estruturação como núcleos vinculados a sociedades mercantis distantes, das quais receberam elementos culturais e a cuja ordenação social tiveram de ajustar-se¹⁰⁷.

Essa dinâmica de integração cultural fica mais clara quando, em diferentes momentos, o autor ressalta os processos de interação entre povos indígenas e europeus:

Apesar de rapidamente exterminados pelo contágio de enfermidades antes desconhecidas e pela escravização, estes povos tribais deram às populações que os sucederam as formas fundamentais de provimento da subsistência que lhes permitiram sobreviver nos trópicos¹⁰⁸.

¹⁰³ Idem, 1975, p.32.

¹⁰⁴ Ibidem, p.32.

¹⁰⁵ Idem, 1983, p.210.

¹⁰⁶ Idem, 1975, p.37.

¹⁰⁷ Ibidem, p.37.

¹⁰⁸ Ibidem, p.35.

Em todas as regiões a configuração cultural primitiva em que predominava a contribuição indígena sofreu posteriormente profundas transformações pela introdução de elementos culturais europeus ou africanos e pela especialização econômica como áreas de plantações de produtos tropicais e de pastoreio comercial¹⁰⁹.

Todos os grupos indígenas transmitiram alguns traços do seu patrimônio cultural às novas etnias nacionais, que floresceram em seus territórios, integradas principalmente por mestiços de índias com europeus. Neste processo, também naquelas áreas surgiram etnias neo-americanas resultantes da multiplicação de protocélulas culturais formadas pela fusão de elementos indígenas com europeus¹¹⁰.

O autor chega a detalhar as grandes matrizes culturais indígenas em cada lugar do “Novo Mundo” que sofreram o impacto da chegada do europeu:

Na costa do Pacífico, os espanhóis defrontaram-se ao Sul, com vários grupos indígenas dentre os quais se destacam os *Araucanos*, sobre cujas primeiras aldeias subjugadas se plasmou o chileno moderno. Na Venezuela e na Colômbia, bem como na América central, os espanhóis depararam com os *Chica* os *Timote* e as confederações, *Fincenú*, *Pancenú* e *Cenufaná*; com os *Cuna* (Panamá), os *Jicaque* (Nicaragua) e alguns outros¹¹¹.

Assim, seria possível também, definir o modo como cada um derivou nas sociedades americanas que hoje conhecemos: “Configuraram, no Sul, os chilenos e, no Noroeste, os venezuelanos e colombianos, bem como os panamenhos e nicaragüenses, na América Central, plasmando a todos eles como *Povos-Novos*”¹¹². Destes,

...só os paraguaios e, em escala menor, os brasileiros, conservam, ainda hoje, nítidos traços lingüísticos e culturais resultantes da herança indígena Tupi-Guarani que, por sua distribuição espacial pré-colombiana e por sua uniformidade cultural pré-configuraram o que viriam a ser as etnias nacionais da costa atlântica da América do Sul¹¹³.

E como o processo, que dentro dessa perspectiva de interação entre indígenas e europeus, na dinâmica de deculturações e integrações recíprocas já acima descritas, pode, de acordo com o autor, ser tomado como elemento que a todos identifica, seria ainda importante e indispensável, com relação á segunda ordem de variantes dos *Povos-Novos*:

¹⁰⁹ Idem, 1983, p.210.

¹¹⁰ Ibidem, p.211.

¹¹¹ Idem, 1975, p.35-6.

¹¹² Idem, 1983, p.211.

¹¹³ Ibidem, p.210.

[...] reportar ao papel conformador das matrizes indígenas em suas diversas variantes, para compreender as singularidades que os distinguem como variantes dos *Povos-Novos* e os contrapõem aos *Povos-Testemunho* e aos *Povos-Transplantados* das Américas¹¹⁴.

O que não pode ser feito sem considerar em conjunto a participação do terceiro elemento constitutivo dos *Povos-Novos*, e tomado como, com relação à sua predominância em determinadas áreas, como uma “terceira ordem de variáveis” de diferenciação dos povos que constituem essa *Configuração Histórico-Cultural*, a determinada predominantemente pela participação da matriz africana, que, nas palavras de Darcy Ribeiro: “enquanto negros e mulatos, constituiriam um dos maiores contingentes da população dos *Povos-Novos*, avaliado em cerca da metade do total”, além de contar com “parcelas ponderáveis dos habitantes da América do Norte”¹¹⁵. E prossegue:

Constituem, igualmente, a parte da população que mais tende a crescer e, por isso mesmo, a que dará o colorido futuro dos povos latino-americanos como “gente de cor”. Ao contrário das etnias indígenas contemporâneas, em grande parte inassimiladas, todo este contingente negro e mulato foi deculturado de seu patrimônio original e engajado nas novas formações americanas¹¹⁶.

Apesar de em diferentes momentos destacar a importância da diversidade de tribos africanas que foram trasladadas da África para participar da conformação de um “*Povo-Novo*” do outro lado do Oceano Atlântico¹¹⁷, Darcy Ribeiro destaca que:

... é mais significativa a presença e a proporção dos seus contingentes integrados em cada população neo-americana do que a variação cultural dos diversos grupos tribais negros trazidos à América. Isto porque a deculturação, sob condições da escravidão, deixou pouca margem para a impressão de traços culturais específicos dos povos africanos nas etnias nacionais modernas das Américas. Apenas no terreno religioso são assinaláveis suas contribuições. Mesmo estas, impregnadas de sincretismo, são mais expressivas do protesto do negro contra a opressão a que é submetido, do que da preservação de corpos originais de crenças¹¹⁸.

Considerando, portanto, estas trasladações de diferentes contingentes negros, da África para as Américas, como um empreendimento comum, Darcy Ribeiro diria:

¹¹⁴ Idem, 1975, p.36.

¹¹⁵ Idem, 1983, p.215.

¹¹⁶ Idem, 1975, p.33.

¹¹⁷ Cf. Idem, 1995b.

¹¹⁸ Idem, 1975, p.32.

A destribalização do negro e sua fusão nas sociedades neo-americanas constituiu um dos mais poderosos movimentos de população e o mais dramático processo de deculturação da história humana. Para efetuá-lo, o europeu arrancou da África, em quatro séculos, mais de 100 milhões de negros vitimando cerca da metade no apresamento e na travessia oceânica, mas conduzindo a outra metade para as feitorias americanas onde prosseguiu o desgaste¹¹⁹.

Relacionando essas duas grandes matrizes, a indígena e a africana, Darcy Ribeiro diz que nesse grande processo de homogeneização dos *Povos-Novos* por meio da miscigenação, hibridização, por processos progressivos de interações deculturativas recíprocas, o que os aproximaria ou diferenciaria seria, como já dito, a predominância de uma em relação à outra:

As duas modalidades de estruturação dos *Povos-Novos* construídos principalmente com mão-de-obra escrava trazida da África distinguiam-se, assim, pela presença ou ausência daquela célula cultural índio-européia, que imprimiu as marcas distintivas das variantes dos *Povos-Novos* do Brasil, da Nova Granada, das Antilhas espanholas em oposição às outras formações antilhanas e do Sul dos Estados Unidos. Todas elas têm, porém, de comum o que receberam os seus povos da matriz africana e as uniformidades impressas pelas compulsões comuns que sofreram do sistema de fazenda e do escravismo. Ambos representam o resultado de um dos maiores empreendimentos mercantis da história, aquele que permitiu generalizar em todo o mundo o uso do açúcar, das vestimentas de algodão, do tabaco, do café, do cacau e, mais tarde, de muitos outros produtos. Com ela, também, é que foram exploradas muitas das minas das Américas e edificadas as cidades de todas as nações conformadas como *Povos-Novos*¹²⁰.

Após diferenciar os diferentes tipos de “*Povos-Novos*” presentes nas diferentes “*Configurações Histórico-Culturais dos povos Americanos*”, Darcy Ribeiro tenta novamente os reaproximar:

Os traços comuns a todas estas nações e enclaves, que as caracterizam como *Povos-Novos*, não se revelam apenas no seu processo formativo. Manifestam-se também, nos seus perfis atuais e nos problemas de amadurecimento étnico-nacional e de desenvolvimento sócio-econômico com que se defrontam. Manifestam-se, sobretudo, pelo seu desatrelamento de qualquer tradição arcaica, que permitiu configurar as parcelas mais atrasadas de suas populações como componentes marginais de tipo diverso daquele que encontramos nos *Povos-Testemunho*, porque marginalizados antes social do que culturalmente¹²¹.

Na origem desse processo de diferenciação social não baseado em fatores predominantemente culturais, como aconteceu com os *Povos-Testemunho*, a categoria de

¹¹⁹ Ibidem, p.32-3.

¹²⁰ Ibidem, p.38-9.

¹²¹ Idem, 1983, p.212.

Povos-Novos, em cuja formação representaram papel fundamental a miscigenação de índios e europeus no plano cultural, não pode perder de vista o já mencionado sistema de fazendas, e no seu seio existência da escravidão africana, com tudo ao que ela diz respeito. De modo mais claro, nas palavras do próprio autor, em diferentes momentos:

A categoria de *Povos-Novos*, em cuja formação representaram papel fundamental a escravidão africana e o sistema de fazendas, conformou-se segundo dois padrões básicos. O primeiro deles tem de singular a situação em que foram geradas suas primeiras células étnicas – a antes da chegada do negro – pela miscigenação e deculturação de contingentes europeus e aborígenes. Estas células elementares nasceram híbridas porque mestiças e porque herdeiras do patrimônio cultural indígena na sua forma de adaptação ao meio; e do europeu, por suas estruturas como núcleos vinculados a sociedades mercantis das quais receberam muitos elementos culturais e a cuja ordenação social tiveram de ajustar-se¹²².

Poucas décadas após a localização de europeus em cada área americana, estas protocélulas já se haviam cristalizado na forma de uma configuração cultural nova, já não indígena, nem européia. Multiplicando-se por cissiparidade, permitiam ocupar amplos espaços, formando uma primeira matriz que se transformaria, com o tempo, pela especialização em diversos tipos de produção, e pelo ingresso dos contingentes negros. Assim cresceram, vinculados à terra pela herança indígena e ao mundo exterior pelas formas mercantis que viabilizaram seu desenvolvimento como “proletariado externo” de centros reitores europeus. Desenvolveram-se como resultado de projetos exógenos, devotados a atividades agro industriais de exportação, como os engenhos de açúcar; mineradoras, como a extração de metais preciosos; extrativistas, na coleta de produtos florestais; e, ainda, pastoris, com a introdução do gado. Estas protocélulas índio-americanas, como primeiras cristalizações culturais dos *Povos-Novos*, absorvendo os contingentes negros e brancos chegados mais tarde é que presidiram à aculturação de ambas, chamando-os a integrar-se nas suas formas de vida, como o modo de ser das sociedades neo-americanas¹²³.

O final do trecho se refere à importância do papel do “negro” e do “europeu chagado mais tarde” na configuração dos *Povos-Novos*. Com relação ao primeiro, é possível complementar que, na conformação de suas sociedades:

[...] o negro contribuiu duplamente. Primeiro, como mercadoria, uma vez que o tráfico negreiro se constituiu, durante séculos, num dos maiores negócios do mundo. Segundo, como força de trabalho que produziu as safras das fazendas e os minérios americanos, cuja comercialização possibilitou aquele fantástico acúmulo de capitais, para a dissipação e para a aplicação produtiva. O rápido amadurecimento do capitalismo mercantil bem como o alto ritmo de aceleração evolutiva experimentado pelos países pioneiros da Revolução Industrial só se tornaram possíveis graças à contribuição deste vasto “proletariado externo”, cujo

¹²² Ibidem, p.212.

¹²³ Idem, 1975, p.37.

consumo era comprimido até o limite biológico para produzir o máximo de excedentes¹²⁴.

A contribuição da mão-de-obra escrava africana excedeu, de muito estes elementos. Dela resultaram duas outras ordens de efeitos, de vital importância para a compreensão do mundo moderno. Em primeiro lugar, a contribuição provavelmente maior para a acumulação de capitais posteriormente investidos na Europa, para a construção das suas cidades, o armamento dos seus exércitos e, mais tarde, para a implantação de parques industriais¹²⁵.

Os negros passaram a ser vistos, assim, de acordo com Darcy Ribeiro, como um “subproduto de empresas capitalistas que importavam combustível humano, na forma de negros escravos, para gastar nas plantações”, com suas “fazendas, dirigidas por capatazes”, “eficientemente capitalistas”, que “alcançaram maior eficácia no rendimento de cada peça”¹²⁶. E complementa:

Lançados nesses currais humanos, o negro tribal não tinha condições de conservar sua língua e sua cultura, nem de integrar-se numa protocultura já cristalizada que facilitasse sua adaptação à terra nova. Sua aculturação consistiu, assim, num esforço por imitar a fala e as idéias de seus capatazes; em comer o que lhe destinavam; e, sobretudo, em adestrar-se nas singelas tarefas produtivas das fazendas e das minas¹²⁷.

Com relação ao aspecto do processo de “integração social” do o elemento africano nas diferentes sociedades enquadráveis na designação de *Povos-Novos*:

[...] acima da diferença entre citadinos e rurícolas e até mesmo a de ricos e pobres, passaram a ressaltar as reações fundadas na escravidão que opunham os homens livres aos escravos. Separadas por este distanciamento social, as relações humanas impregnaram-se das vicissitudes de uma coexistência desigualitária que bipartia a condição humana numa categoria superior de “gente” oposta a outra de “bichos”: a primeira com todos os direitos, a última somente com os deveres. Muito da discriminação racial e social que ainda hoje padecem os povos americanos tem suas raízes nesta bipartição que fixou, tanto nos brancos quanto nos negros e seus mestiços, rancores, reservas, temores e ascos até agora não erradicados. Seu efeito mais dramático foi a introjeção no negro de uma consciência alienada de sua subjugação, aurida da visão do branco, e que associa à cor negra a noção de sujo e de inferior, explicando e justificando por ela, e não pela exploração, a inferioridade social do negro¹²⁸.

Distinção cultural e social que se reproduziu com o passar do tempo:

¹²⁴ Idem, 1983, p.214.

¹²⁵ Idem, 1975, p.39.

¹²⁶ Ibidem, p.38, *passim*.

¹²⁷ Ibidem, p.38.

¹²⁸ Ibidem, p.33.

Incorporados, originalmente, às suas sociedades como escravos, os negros emergiram para liberdade como a parcela mais pobre e mais ignorante, incapaz de integrar-se maciçamente nos modos de vida modernos, concentrando-se nas camadas mais marginalizadas, social e politicamente da vida nacional. A miscigenação, atuando ao longo dos séculos, fez das camadas mestiças de negros e brancos uma das matrizes genéticas fundamentais das populações neo-americanas. Mas, simultaneamente as condenou, enquanto “mulatos”, condições de discriminação apenas mais brandos do que as que pesaram sobre os negros, não lhes ensejando canais de ascensão e de integração social correspondentes àqueles que foram dados aos outros estratos. A erradicação destas discriminações e preconceitos não é um problema do contingente negro e mulato, mas um dos desafios fundamentais das sociedades neo-americanas que, só pela integração de todas as duas matrizes e pela franca aceitação de sua própria imagem mestiça, preencherão as condições mínimas para chegarem a ser povos autônomos e culturas autênticas¹²⁹.

A exclusão social do elemento “africano” nos *Povos-Novos*, seria ainda intensificada pela reinserção do elemento europeu no bojo de suas diferentes sociedades:

Em algumas sociedades classificadas como *Povos-Novos* encontramos intrusões de contingentes imigrantes transplantados da Europa e da Ásia no século passado. Em certos casos, eles estão ilhados em determinadas regiões às quais emprestam característica peculiares, como a zona européia do Sul do Brasil, algumas áreas da América Central ou do Chile. Em outros casos se dispersam em meio à população nacional só sendo distinguíveis dela pelas marcas raciais que conduzem, como os diversos contingente centro e norte-europeus, os japoneses, chineses e indianos do Brasil, do Peru, e da Caribe respectivamente¹³⁰.

De acordo com Darcy Ribeiro, “uma grande parcela dos imigrantes destes contingentes, principalmente os europeus: exerceu um papel dinamizador da maior importância na modernização tecnológica, social e política dos *Povos-Novos*”¹³¹. E complementa:

Habilitava-os para o exercício deste papel uma série de características decorrentes de serem oriundos de sociedades mais desenvolvidas a cujos níveis de tecnificação e de aspiração estavam ajustados. Em consequência, destaca-se como uma de suas características a de serem contingentes com mais alta qualificação profissional que as populações locais. Em geral, incluíam certa proporção de artesãos capacitados a criar pequenas oficinas – algumas das quais se tornariam fábricas – ou para trabalhar nas tarefas de modernização tecnológica, como a instalação de ferrovias, portos etc¹³².

¹²⁹ Idem, 1983, p.215.

¹³⁰ Idem, 1975, p.40.

¹³¹ Ibidem, p.40.

¹³² Ibidem, p.40-41.

Para Darcy Ribeiro, outros fatores contribuíam também para o desempenho desse “papel dinamizador” pelos imigrantes; quais sejam:

- o fato de manterem vínculos culturais com sociedades mais adiantadas, de cujo progresso industrial se podiam informar mais facilmente, e a cujas aspirações de educação escolar eles eram também mais sensíveis que as populações locais, encontrando, assim, canais especiais de ascensão social.
- em razão de terem uma ampla pauta de consumo que incluía diversos artigos industriais, infligindo, com isso, para alargar o mercado nacional e pela difusão de novos hábitos de consumo.
- por sua adaptação prévia a formas mais avançadas de organização do trabalho, fundadas no assalariado e na sua capacidade de aceitar encargos de trabalho manual recusados pelas parcelas brancas das populações locais por serem tidos como próprios de escravos.
- por sua atitude de “estranhos” desobrigados das responsabilidades sociais tradicionais, as quais, acrescidas às suas habilitações intelectuais e técnicas, os tornavam capazes de explorar oportunidades de enriquecimento não perceptíveis ou não aceitáveis para os trabalhadores locais.
- pela capacidade da maioria destes contingentes de se integrarem nas novas sociedades sem constituírem quistos étnicos inassimiláveis¹³³.

Considerando, ainda, a participação dos imigrantes na conformação dos *Povos-Novos*, para o autor, se por um lado, ao se inserirem entre os trabalhadores rurais e urbanos, modificaram a relação entre, as “classes dirigentes” e as “trabalhadoras”, por outro, com relação à camada trabalhadora anteriormente existente, não mudariam em nada o modo de a sociedade se dividir:

A massa de imigrantes europeus e asiáticos era, em geral, maleável à assimilação por sua própria atitude integracionista. Queriam fundar na América um novo lar, dentro de uma sociedade mais promissora do que aquela que deixaram para trás, porque distanciada das guerras, da humilhação e da opressão que experimentaram. Não traziam, também, uma ideologia remarcada, mesmo porque as nacionalidades européias modernas emergiram à época daquelas migrações maciças. Eram antes gente de sua província e religião, freqüentemente tão opostos aos seus co-nacionais de outros cultos e dialetos, e às vezes até mais do que a gente de outras nacionalidades. (...) Vinham dispostos a engajar-se na hierarquia ocupacional, situando-se conscientemente na camada trabalhadora, aceitando disciplinadamente o comando patronal, procurando demonstrar sua eficácia e aspirando, essencialmente, a tornarem-se granjeiros ou proprietários urbanos. Eram, porém, altivos diante de qualquer abuso, sobretudo frente às sobrevivências do trato escravocrata, que impregnavam todas as relações de trabalho. Contribuíam, assim, para a fixação de um perfil novo de trabalhador mais independente e mais altivo em face do patronato e capacitado a estabelecer relações contratuais antes que paternalísticas¹³⁴.

¹³³ Ibidem, p.40-41.

¹³⁴ Idem, 1983, p.216-7.

se deve assinalar que eles contribuíram também para retardar a integração dos antigos estratos nas sociedades nacionais. Tal como ocorreu tanto com as camadas de brancos e mestiços pobres que lutavam pela ascensão à condição de granjeiros e por isto resistiam à sua incorporação no sistema de fazendas como força de trabalho assalariada. E com os estratos negros de ex-escravos que procuravam ascender à condição de proletários. Ambos foram marginalizados pela competição da mão-de-obra barata exportada maciçamente da Europa e, depois, do Oriente, à medida que as respectivas estruturas agrárias eram renovadas pela expansão do capitalismo industrial. Em todas as nações de *Povos-Novos* se encontram, por isso, vastas massas camponesas que não experimentaram qualquer progresso assinalável no período em que um alude migratório se implantou, absorvendo a maioria das possibilidades de ascensão social¹³⁵.

E se não contribuíram em nada no modo de a sociedade se dividir, operaram , ainda, pelo contrário, no sentido de reafirmar a antiga divisão de classe:

Nos primeiros tempos, não se envolviam na vida política nem tinham lugar nela. Mais tarde, os que alcançaram maior sucesso econômico ingressaram na camada patronal e, por via desta ascensão, tiveram acesso à vida político-partidária. A massa, porém, inclinava-se a conduzir-se como classe trabalhadora, não se identificando ideologicamente com o liberalismo formal das oligarquias locais. (...) Os que se fixaram no campo, criando áreas granjeiras, fizeram-se cada vez mais conservadores, sobretudo os de tradição católica, que nem chegaram a alfabetizar-se. Aqueles que se dirigiram às cidades atuaram predominantemente como força política de esquerda e, também aqui, como fator de modernização institucional¹³⁶.

O que não significa que os imigrantes tenham conseguido de fato se integrar no padrão de comportamento das classes dirigentes já existentes. Na prática, grande parte conseguiu apenas, de fato, se inserir no corpo da grande massa proletária dos campos e das cidades:

Depois da primeira guerra mundial, a intensificação do processo de industrialização de modernização reflexa da América Latina ensejaram uma grande ampliação das camadas assalariadas urbanas. Os descendentes de imigrantes, que não conseguiram ascender à condição de proprietário, foram maciçamente incorporados ao proletariado industrial e às novas camadas de empregados burocráticos como a “aristocracia” do estrato assalariado. A partir daí, passaram a viver o destino desse estrato, vendo-se integrados à ordem política através de processos heterodoxos, como a identificação com lideranças autocráticas, populistas ou reformistas. Em qualquer caso, porém, como uma força eleitoral antipatrimonial e antioligárquica¹³⁷.

Sobre seu processo de formação, portanto, em linhas gerais, do ponto de vista político-social, poucas décadas depois de inaugurados os empreendimentos coloniais-

¹³⁵ Idem, 1975, p.41.

¹³⁶ Idem, 1983, p.217.

¹³⁷ Ibidem, p.218.

escravistas nas Américas, a nova população, nascida e integrada nas plantações e nas minas, “já não era européia, nem africana, nem indígena, mas configurava protocélulas de um novo corpo étnico”¹³⁸:

Os Povos-Novos surgiram hierarquizados como *Povos-Testemunho* pela enorme distância social que separava a sua camada senhorial de fazendeiros, mineradores, comerciantes, funcionários coloniais e clérigos da massa escrava engajada na produção. Sua classe dominante não se fez, porém, uma aristocracia estrangeira reitora do processo de europeização, mesmo porque não encontrou uma antiga camada nobre e letrada para substituir e implantar, nem uma camada subalterna local já condicionada à exploração. Eram rudes empresários, senhores de suas terras e de seus escravos, forçados a viver junto a seu negócio e a dirigi-lo pessoalmente com a ajuda de uma pequena camada intermédia de técnicos, capatazes e sacerdotes. Onde a empresa prosperou muito, como nas zonas açucareiras e mineradoras do Brasil e das Antilhas, puderam dar-se ao luxo de residências senhoriais e tiveram de alagar a camada intermédia, tanto dos engenhos como das vilas costeiras, incumbida do comércio com o exterior. Estas vilas, se fizeram cidades, exprimindo principalmente nos templos a sua opulência econômica, com menos galas do que alcançara a aristocracia dos Povos-Testemunho, mas com muito mais brilho e “civilização” do que os Povos-Transplantados¹³⁹.

Em resumo, teriam assim se diferenciado os Povos-Novos da seguinte maneira:

Situados todos na América Latina, diferenciam-se em três grandes blocos. Primeiro, os 120 milhões de chilenos, brasileiros e paraguaios, que, em conjunto formam o grupo mais populoso. Os dois primeiros contam com uma industrialização avançada e diversificada, que lhes assegura certas condições de desenvolvimento independente. Mas o fazem com fins e meios militares, buscam a prosperidade das grandes empresas, predominantemente estrangeiras, e de uma estreitíssima classe dominante que concentra o poder e a riqueza. O Chile, orientado entre 1970 e 1973, a um socialismo evolutivo, buscou alcançar um progresso generalizável a toda a população dentro de um regime parlamentar pluripartidário, mas foi derrotado. Segundo, os povos das Nova Granada, integrada pela Colômbia, pela Venezuela e pelas Guianas, de economias profundamente deformadas pela intervenção das grandes corporações monopolistas norte americanas e pela hegemonia da velhas classes dominantes de composição patronal-oligárquica, patronal-parasitária e patricial-burocrática, mancomunadas todas para perpetuar o atraso e assim, salvaguardar seus interesses minoritários. Todos estes países têm como problema básico a emancipação deste duplo domínio para alcançar o desenvolvimento. Terceiro, os 23 milhões de antilhanos, também polarizados entre dois modelos de ordenação econômica e social: o socialista cubano e o imperialista norte-americano; mais proibidos pelo veto deste último de deliberar sobre o caminho que mais convém a seus povos¹⁴⁰.

¹³⁸ Idem, 1975, p.29.

¹³⁹ Ibidem, p.41-2.

¹⁴⁰ Idem, 1983, p.540-1.

Na sua forma acabada, de acordo com Darcy Ribeiro, o resultado da “seleção de qualidades raciais e culturais das matrizes formadoras que melhor se ajustaram às condições que lhes eram impostas”; “do seu esforço de adaptação ao meio, bem como da força de compulsão do sistema sócio-econômico em que se inseriram” ¹⁴¹. O papel decisivo em sua formação foi representado pela escravidão que, operando como força destribilizadora, desgarrava as novas criaturas das tradições ancestrais para transformá-las no subproletariado da sociedade nascente: “Nesse sentido, os *Povos-Novos* são o produto, tanto da deculturação redutora de seus patrimônios tribais, indígena e africano, quanto da deculturação seletiva desses patrimônios e da sua própria criatividade face ao novo meio”¹⁴².

Crescendo vegetativamente e pela incorporação de novos contingentes aquelas protocélulas foram conformando os *Povos-Novos* que, aos poucos tomam consciência de sua especificidade e acabam por constituir-se em novas configurações culturais e, por fim, em etnias aspirantes à autonomia nacional¹⁴³.

O processo de integração compulsória, a que foram submetidos, deculturou-os drasticamente, conformando-os como massas propensas à mudança e, por isso mesmo, menos conservatistas e mais flexíveis. Mesmo as camadas mais humildes destes povos são, por isto, antes atrasada que conservadoras e, como tal, mais aberta às inovações¹⁴⁴.

Desvinculados de suas matrizes americanas, africanas e européias, desatrelados de suas tradições culturais, configuram, hoje, povos em disponibilidade, condenados a integrar-se na civilização industrial como gente que só tem futuro no futuro do homem. Vale dizer, na sua integração progressiva no processo civilizatório que lhes deu nascimento, já não como áreas coloniais escravistas das formações Mercantil-Salvacionista ou Capitalista-Mercantil, nem como dependências neocoloniais do Imperialismo Industrial, mas como formações autônomas, sejam capitalistas, sejam socialistas, capacitadas a incorporar a tecnologia da civilização moderna em suas sociedades e de alcançar para toda a sua população o nível de educação e de consumo dos mais avançados¹⁴⁵.

E, assim como os *Povos Testemunho*, continuam em uma condição de exploração, regida por fatores externos e internos, e a superação dessa condição seria o seu principal desafio:

Nas últimas décadas, a identificação maciça das camadas urbanas com posições políticas renovadoras criou uma situação de crise política porque tornou inviável para o patriciado tradicional a manutenção dos procedimentos liberal-

¹⁴¹ Idem, 1975, p.42.

¹⁴² Ibidem, p.42.

¹⁴³ Ibidem, p.29.

¹⁴⁴ Ibidem, p.37.

¹⁴⁵ Ibidem, p.42.

democráticos. Em consequência, prescreveu-se o voto livre e direto em quase toda a América Latina ou se condicionou os procedimentos burocráticos ao controle de tutelas militares e civis, que inviabilizavam a expressão da vontade popular. Nestas circunstâncias, os descendentes de imigrantes foram condenados a assumir posições mais radicais por verem somente nela perspectivas de ruptura da hegemonia política das camadas dominantes tradicionais¹⁴⁶.

[...] e, por isto mesmo, menos conservantistas e mais flexíveis¹⁴⁷.

A terceira *Configuração Histórico-Cultural* dos povos americanos seria a constituída pelos *Povos-Transplantados*¹⁴⁸, que nas palavras do autor corresponderiam às “nações modernas criadas pela migração de populações européias para novos espaços mundiais, onde procuraram reconstituir formas de vida essencialmente idênticas às de suas matrizes de origem”¹⁴⁹; e complementa: “Cada um deles estruturou-se segundo modelos de vida econômica e social da nação de que provinha, levando adiante, nas terras adotivas, processos de renovação que já operavam nos velhos contextos europeus”¹⁵⁰.

Ou ainda, em outras palavras, dirigidas ao caso específico das Américas, os Povos Transplantados corresponderiam aos: “resultantes contemporâneos das migrações para os amplos espaços do Novo Mundo de contingentes europeus que para cá vieram com suas famílias, aspirando reconstituir a vida social de suas matrizes, com maior liberdade e com melhores chances de prosperidade”¹⁵¹. E que nesse processo: “conservaram suas características étnicas originais ou só as alteraram superficialmente”¹⁵².

Como exemplificação, em uma perspectiva mais ampla, seriam assim representados: “A Austrália e a Nova Zelândia; em certa medida também os bolsões neo-europeus de Israel, da União Sul-Africana e da Rodésia”; e com os olhos voltados para as Américas: É o caso dos Estados Unidos e do Canadá, “que estenderam para as imensas extensões americanas as sociedades européias de que foram tirados, cujas potencialidades aqui desabrocharam com maior liberdade e maior riqueza”¹⁵³; e também, considerados o

¹⁴⁶ Idem, 1983, p.218.

¹⁴⁷ Ibidem, p.212.

¹⁴⁸ Cf. Quarta Parte: Os Povos Transplantados. In: RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1983, p.413-506; detalhadamente: Os Anglo-Americanos, p.421-60, Os Rio-Platenses, p.461-506; e, ver também: Idem, 1975, p.43-51.

¹⁴⁹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1983, p.94.

¹⁵⁰ Idem, 1975, p.43.

¹⁵¹ Idem, 1983, p.414.

¹⁵² Idem, 1997a, p.505

¹⁵³ Ibidem, p.505

seu processo inicial de *Povo-Novo*, que foi alterado para uma configuração mais próxima às dos *Povos-Transplantados*, “pela Argentina e pelo Uruguai”¹⁵⁴.

De acordo com Darcy Ribeiro, a característica principal dos *Povos Transplantados*, isoladamente, seria sua “homogeneidade cultural que mantiveram, desde o início, pela origem comum de sua população, ou que plasmaram pela assimilação dos novos contingentes”¹⁵⁵; e continua, dizendo que exatamente o que os diferenciaria, ou até os contrastaria das demais configurações sócio-culturais das Américas seria:

seu perfil caracteristicamente europeu, expresso na paisagem que plasmaram, no tipo racial predominantemente caucasóide, na configuração cultural e, ainda, no caráter mais maduramente capitalista de sua economia, fundada principalmente na tecnologia industrial moderna e na capacidade integradora de sua estrutura social, que incorporou quase toda a população no sistema produtivo e a maioria dela na vida social, política e cultural da nação. Por isto mesmo, eles se defrontam com problemas nacionais e sociais diferentes e têm uma visão do mundo também distinta dos povos americanos das outras configurações¹⁵⁶.

Apesar de identificar tanto Estados Unidos e Canadá, por um lado, como Uruguai e Argentina, por outro, todos como *Povos-Tranplantados*, pela sua forma de derivação em relação aos europeus, Darcy Ribeiro os diferencia em dois blocos, com base em novos critérios diferenciadores e aproximativos:

Nos primeiros casos deparamos com nações resultantes de projetos de colonização implantados em territórios cujas populações tribais foram dizimadas ou confinadas em *reservations* para que uma nova sociedade neles se instalasse. No caso dos rio-platenses encontramos a resultante de um empreendimento peculiaríssimo de uma elite crioula – inteiramente alienada e hostil à sua própria etnia de *Povo-Novo* – que adota como projeto nacional a substituição de seu próprio povo por europeus brancos e morenos, concebidos como gente com mais peremptória vocação para o progresso. A Argentina e o Uruguai resultam, assim, de um processo de sucessão ecológica deliberadamente desencadeado pelas oligarquias nacionais, através do qual uma configuração de *Povo-Novo* se transforma em *Povo-Transplantado*. Neste processo, a população *ladina* e *gaúcha*, originária da mestiçagem dos povoadores ibéricos com o indígena, foi esmagada e substituída como contingente básico da nação por um alude de imigrantes europeus¹⁵⁷.

Alguns como os colonizadores da América do Norte, se instalaram em territórios ermos ou ralmente ocupados por grupos tribais de cultura agrícola incipiente, que hostilizaram e desalojaram sem com eles conviver ou caldear-se, tal como sempre fez o colonizador europeu – tanto o inglês ou o holandês, como o português ou o

¹⁵⁴ Idem, 1975, p.44.

¹⁵⁵ Idem, 1983, p.95.

¹⁵⁶ Ibidem, p.414.

¹⁵⁷ Idem, 1975, p.44.

espanhol – onde quer que operou, integrado em grupos familiares e acompanhado de mulheres brancas. Outros, como os argentinos e uruguaios, resultaram de correntes migratórias européias que, atraídas para a região rio-platense, entraram em competição com grupo mestiços espanholizados, formados anteriormente, aos quais também desalojaram ou submeteram com violência pouco menor¹⁵⁸.

Portanto, apesar de localizar todos dentro da mesma designação de *Povos-Transplantados*, Darcy Ribeiro demonstra claramente as suas diferenças:

Entre os *Povos-Transplantados*, sobretudo os do Norte e os do Sul do continente, medeiam profundas diferenças, decorrentes não só de matrizes culturais, predominantemente latina e católica num caso, anglo-saxônica e protestante, no outro, mas também de grau de desenvolvimento. Estas discrepâncias aproximam e identificam mais os argentinos e uruguaios com os demais povos latino-americanos, também neo-ibéricos, também católicos e também pobres e atrasados. Pela maioria de suas outras características, porém, eles são *Povos-Transplantados* e, como tal, apresentam muitos traços comuns com os colonizadores do norte¹⁵⁹.

Darcy Ribeiro destaca também, que não apenas os povos já mencionados podiam ser incluídos sob a designação de *Povos Transplantados*:

Além dos citados blocos étnico-nacionais do Norte e do Sul, que se configuram como *Povos-Transplantados*, encontramos através do continente bolsões com características de *Povos-Transplantados* presentes nas demais configurações histórico-culturais. Entre outros, as amplas manchas de colonização européia que plasmaram certas paisagens sociais do Sul do Brasil e da Costa Rica e uma pequena área de antiga colonização alemã no Chile. Cada uma delas, sendo formada predominantemente por populações européias transplantadas, compõem uma variante das respectivas etnias nacionais e operou como um agente dinâmico, de importância por vezes decisiva, no desenvolvimento dos respectivos povos¹⁶⁰.

Ponto importante destacado por Darcy Ribeiro é o que diz respeito ao fato de que nenhum dos povos classificados nessas diferentes categorias representaria um “tipo puro”¹⁶¹:

As quatro categorias de povos examinados até agora, embora significativas e instrumentais para o estudo das populações do mundo moderno, sobretudo das americanas, não retratam tipos puros. Cada um dos modelos experimentou intrusões que afetaram áreas mais ou menos extensas de seu território e diferenciaram parcelas maiores ou menores de sua população. (...) É de assinalar que algumas populações do mundo extra-europeu moderno parecem não se

¹⁵⁸ Idem, 1983, p.414.

¹⁵⁹ Ibidem, p.414-5.

¹⁶⁰ Ibidem, p.420.

¹⁶¹ Idem, 1997a, p.505.

enquadrar nestas categorias. (...) No caso dos demais povos extra-europeus, o caráter nacional e o perfil étnico-cultural básico de cada unidade são explicáveis como resultante de sua formação global enquanto *Povos-Testemunho*, *Povos-Novos*, *Povos-Emergentes* e *Povos-Transplantados*¹⁶².

Mas antes de partir para as diferenças de “desenvolvimento”, dentro do aparato conceitual articulado por Darcy Ribeiro, com referência nos já mencionados “*modelos de desenvolvimento autônomo*” e “*padrões de atraso histórico*”, correspondentes às diferentes “*Configurações Histórico Culturais*” dos povos “*extra-europeus*”, e entre eles os “*povos americanos*”, cabe ainda tratar, por fim, da quarta e última *configuração*, a dos “*Povos Emergentes*”¹⁶³, representados por nações “que emergem da condição tribal à nacional”¹⁶⁴, ou ainda, correspondentes “às nações que surgem agora na África e na Ásia, no curso de movimentos de descolonização”, “ascendendo de um nível tribal ou da condição de meras feitorias coloniais à de sociedades nacionais aspirantes à autonomia”¹⁶⁵. O que as caracterizaria seria o fato de, apesar de sua “situação de atraso ainda maior do que o enfrentado pelas nações latino-americanas quando de sua Independência no primeiro quartel do século passado”¹⁶⁶, para Darcy Ribeiro, elas contariam com “possibilidades de um desenvolvimento mais acelerado e menos dependente, em virtude da conjuntura mundial bipartida pela oposição entre o campo socialista e o capitalista”¹⁶⁷.

Antes de considerar essas possibilidades abertas pela divisão entre os mundos capitalista e socialista, com relação aos povos das Américas, Darcy Ribeiro, inicialmente, acreditava que os Povos Emergentes nelas não existiam, “apesar do avultado número de populações tribais” que, ao tempo da conquista, “contavam com centenas de milhares e com mais de um milhão de habitantes”, o que denotaria a “violência da dominação, primeiro européia, que se prolongou por quase quatro séculos, depois nacional, a que estiveram submetidos os povos tribais americanos”¹⁶⁸:

Acreditávamos que assim fosse há alguns anos. Supúnhamos que na América Latina não surgiriam etnias indígenas reivindicativas de sua autonomia, na

¹⁶² Idem, 1983, p.98-9.

¹⁶³ Cf. Idem, 1975, p.52-7.

¹⁶⁴ Idem, 1983, p.539.

¹⁶⁵ Idem, 1997a, p.505.

¹⁶⁶ Idem, 1983, p.539.

¹⁶⁷ Ibidem, p.539.

¹⁶⁸ Ibidem, p.97.

condição de *Povos-Emergentes*, como ocorre na África e na Ásia. Aqui, aparentemente, o processo de europeização havia progredido tanto que tendi a prosseguir incorporando os contingentes indígenas às etnias nacionais, ou só permitindo a sobrevivência das micro-etnias tribais, cada vez mais aculturadas. Hoje, entretanto, são evidentes algumas tendências que exigem uma revisão destes conceitos¹⁶⁹.

Como já dito, a partir de algumas revisões do conceito de *Povos Emergentes*, Darcy Ribeiro identificou o desenvolvimento de resistências, como “energias diferenciadoras que prometem preservar, para o mundo do futuro, múltiplas faces étnicas singulares”¹⁷⁰:

(...) não se trata de tribalidades emergentes, mas de conteúdos arcaicos de sociedades como a da Guatemala ou do altiplano andino, em que populações de milhões de pessoas aspiram a restaurar suas caras originais maias e incaicas como sociedades autônomas do mundo futuro.¹⁷¹

Dizimados prontamente alguns deles, mais lentamente outros, apenas sobrevivem uns poucos que submetidos às mais duras formas de compulsão, acabaram sendo anulados como etnias e como base de novas nacionalidades, enquanto seus equivalentes africanos e asiáticos, apesar da violência do impacto que sofreram, ascendem hoje para a vida nacional¹⁷².

Em verdade Darcy Ribeiro vê, sob a designação de *Povos Emergentes*, um tipo novo de manifestação étnico-cultural, em todos os lugares, inclusive no interior da Europa, como movimentos de reivindicação de uma identidade específica e diferenciada das matrizes convencionais:

Com efeito, os bascos nunca foram tão fanaticamente bascos como agora. O mesmo ocorre com os catalães, os galegos, a despeito de toda a opressão da velha Espanha, sectariamente hispanista. Na Europa, observa-se o mesmo com os flamengos e os bretões e vários outros povos e, na América do Norte, com os negros e os “chicanos”, o que indica tratar-se de um fenômeno geral. É como se se houvesse rompido uma mola oculta que até agora manteve em silêncio essas maiorias étnicas e raciais. Surpreendentemente, elas começaram a agitar-se dentro dos quadros nacionais que sempre as constrangeram, protestando contra as discriminações de que foram vítimas e reivindicando uma nova oposição e um novo papel. E fazem com um vigor e uma ousadia raramente registrados no passado¹⁷³.

¹⁶⁹ Idem, 1975, p.52.

¹⁷⁰ Ibidem, p.52-3.

¹⁷¹ Idem, 1997a, p.505.

¹⁷² Idem, 1975, p.52.

¹⁷³ Ibidem, p.53.

Darcy Ribeiro não explica exatamente a que se devem estas manifestações étnico-raciais, mas estende sua existência, sim, à América Latina:

Em face disto, é perfeitamente previsível que, nas próximas décadas, estes anseios de libertação étnica passem a atuar também entre as populações indígenas latino-americanas, dando voz a reclamos seculares, e ativando tensões que imponham mudanças importantes em alguns dos quadros nacionais cristalizados depois da independência. Talvez não tanto entre os *Povos-Novos* e os *Povos-Transplantados* porque estes se construíram sobre os territórios e os corpos de etnias indígenas de nível tribal, que, em sua maioria, não resistiram ao impacto da colonização. Mas sim nos quadros nacionais dos *Povos-Testemunho* que acolhem milhões de “pessoas” falando seus idiomas originais e auto-identificando-se como indígenas¹⁷⁴.

Com o objetivo de caracterizar os *Povos-Emergentes* americanos, Darcy Ribeiro procede a algumas exemplificações:

Um rápido exame da situação das populações indígenas da América Latina mostra que a maior parte delas desapareceu nos *Povos-Novos* nos *Povos-Transplantados* ou só sobrevive como pequenos enclaves étnicos marginalizados frente à massa da população nacional. Seu destino, qualquer que seja, não afetará o destino nacional. Ainda assim, nestes casos se observam algumas exceções; isto é, povos tribais que resistirão o suficiente para sobreviver e crescer como uma face étnica própria no futuro. Isto sucederá, por exemplo, com os *Mapuche* (700 mil) que representam atualmente 7% da população chilena, mas que crescem a ritmo tão intenso que tendem a dobrar e a triplicar sua proporção dentro da população total do Chile nas próximas décadas. Como esse crescimento se processa num povo consciente de sua individualidade, amargurado pela opressão secular que sofreu e continua sofrendo e reivindicante de seus direitos, é de supor que voltem a ativar-se as tensões interétnicas que tantas vezes convulsionaram o Sul do Chile. O mesmo tende a ocorrer, ainda que dentro de um quadro menos tenso, com outros grupos indígenas que contam com populações relativamente grandes, tais como: os *Cuna* do Panamá (200 mil), os *Guajiro* (100 mil) das fronteiras da Venezuela com a Colômbia e os *Chiriguano* (70 mil) do Paraguai¹⁷⁵.

E complementa:

Em todos esses casos, estamos frente a populações oriundas de etnias indígenas pré-colombianas de nível tribal que, apesar de experimentarem, ao longo dos séculos, o impacto da civilização, conseguiram manter um núcleo populacional considerável. Sua situação é diversa, portanto, das numerosas micro-etnias tribais que conseguiram sobreviver – na Amazônia, por exemplo, – por terem-se distanciado das fronteiras da civilização, esquivando-se aos contatos aos seus efeitos letais. Os casos mencionados são diferentes porque se tratam de povos que sofreram todos os efeitos deletérios do impacto com a civilização e, ainda assim,

¹⁷⁴ Ibidem, p.53.

¹⁷⁵ Ibidem, p.54-5.

resistiram, cresceram e refizeram seu *ethos*. Agora aspiram a ressurgir do futuro, como Povos-Emergentes ou como componentes de novas unidades multi-nacionais que reconheçam seu direito de ser eles próprios¹⁷⁶.

E diferencia a condição de povos oriundos de micro-etnias tribais que ressurgem como *Povos-Emergentes*, da condição de grupos minoritários ressurgindo do seio de macro-etnias indígenas pré-colombianas, que portanto fazem parte de um “status quo” muito mais marcadamente definido:

Mais dramática é a situação das etnias originárias das altas civilizações pré-colombianas que sobreviveram no interior dos quadros nacionais construídos pelos *Povos-Testemunho*. Aqui nos defrontamos com sociedades multiétnicas que, se reconhecendo como tais, organizaram como estados uninacionais o que gera uma situação estrutural de opressão sobre as etnias dominadas e, conseqüentemente, produz tensões suscetíveis de conduzir ao desencadeamento de lutas de libertação nacional. Um caso extremo é o representado pela Bolívia com seus milhões de índios *Aymara* e pela Guatemala com seus milhões de *Quiché*, *Mam* e *Quecchi*. Estas massas indígenas que constituem a maioria da população estão submetidas a minorias de mestiços europeizados que assumiram o poder depois da independência e cujo projeto continua sendo, até nossos dias, o mesmo dos conquistadores: a hispanização compulsória dos índios através de todas as formas de opressão¹⁷⁷.

O problema existe igualmente e tende a aguçar-se, nas próximas décadas, no caso de outros contingentes populacionais minoritários dos *Povos-Testemunho*, como Peru e México que se auto-identificam como indígenas. Vale assinalar aqui, que se tratam de populações numerosas como os quatro milhões de fala quéchua do Altiplano Andino e outros tantos milhões de descendentes dos *Maia*, *Mahua*, *Mizteco*, *Zapateco* e outros povos do México. Nesses casos, tratamos com etnias correspondentes aos bascos, flamengos, eslovenos e outras minorias nacionais européias. Como estas, além de crescentemente conscientes de si próprias como povos diferentes de quantos existem, os grandes contingentes indígenas latino-americanos se estão igualmente predispondo para lutar por um reexame da organização nacional que lhes abra perspectivas de realizar suas potencialidades étnicas. Na medida em que os quadros nacionais permaneçam rígidos, como até o presente, e em que as expectativas das camadas dirigentes sejam de “desindianização” compulsória, estas tensões interétnicas crescerão e tenderão a gerar situações dramaticamente conflitivas. Provavelmente, mais graves que os conflitos interétnicos europeus e norte-americanos porque as populações indígenas latino-americanas sofreram e continuam suportando uma opressão muito mais odiosa, continuada e desumana¹⁷⁸.

Mas o mais significativo desta “condição de existência” dos *Povos-Emergentes*, está exatamente no fato de serem emergentes quando às suas reivindicações de autonomização em relação aos países centrais da fase de desenvolvimento pós-industrial.

¹⁷⁶ Ibidem, p.55.

¹⁷⁷ Ibidem, p.55.

¹⁷⁸ Ibidem, p.56-7

Em verdade, Darcy Ribeiro chega mesmo a propor o conceito de “*Civilização Emergente*” como fator de integração entre os *Povos-Testemunho*, os *Povos-Novos*, e mais o Uruguai e a Argentina, ou seja, de todos os latino-americanos, em oposição ao papel desempenhado pelos *Povos-Transplantados* americanos do norte – como também com relação a todos os outros países desenvolvidos - como Canadá e principalmente Estados Unidos, para a manutenção não somente das distinções histórico-culturais, mas principalmente de fases de desenvolvimento quanto aos já reiteradamente mencionados “modelos de desenvolvimento autônomo” e “padrões de atraso histórico”.

2.4 “Configurações Histórico-Culturais”, “Modelos de Desenvolvimento Autônomo” e “Padrões de Atraso Histórico”

Algumas observações são importantes, a partir deste quadro de “*Configurações Histórico Culturais*”. A primeira, seria a de que, para Darcy Ribeiro, somente uma designação específica para os povos extra-europeus, à parte dos olhos e da explicação do “dominador europeu”, poderia explicá-los a partir de uma de uma nova interpretação, centrada nas características dos próprios povos americanos: “Essas configurações histórico culturais nos dão uma visão mais objetiva da América Latina em suas similitudes e diferenças. Explicam, também, melhor que os outros esquemas, o contraste de desenvolvimento entre os vários povos americanos”¹⁷⁹.

Restaria, portanto, examinar as diferentes “tipologias” das *Configurações Histórico-Culturais* para demonstrar sua instrumentalidade na caracterização dos povos extra-europeus “como entidades étnico-culturais e como complexos, raciais” e de que modo isso poderia ajudar na “compreensão dos problemas de desenvolvimento com que se defrontam os povos classificados nas quatro referidas categorias”¹⁸⁰.

Considerando em conjunto os povos de cada bloco, com respeito ao grau de desenvolvimento que alcançaram, observa-se que eles apresentam tanto uniformidades como discrepâncias significativas. Acima de suas semelhanças étnico culturais, os mesmos contrastam flagrantemente por descompassos econômicos que fazem de alguns deles, povos modernos porque incorporados no processo civilizatório de seu tempo; e de outros, povos arcaicos e subdesenvolvidos

¹⁷⁹ Ibidem, p.64.

¹⁸⁰ Ibidem, p.65.

porque traumatizados nesse processo de modernização. Entretanto, observam-se certas uniformidades altamente expressivas¹⁸¹.

Assim é que, de acordo com o autor:

Entre os *Povos-Testemunho*, apenas os japoneses alcançaram o desenvolvimento industrial e os chineses, em nossos dias, se encaminham para a mesma façanha. Dentre os *Povos-Transplantados*, um número muito maior – USA, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Israel – atingiu precocemente o desenvolvimento. Entre os *Povos-Novos* nenhum alcançou ainda este nível. Até que ponto suas diferenças de formação explicam estas performances contraditórias?¹⁸²

Para explicar essas diferenças de desenvolvimento, recortando especificamente a análise aos povos americanos, é possível identificar na leitura de Darcy Ribeiro dois grupos nitidamente diferenciados quanto ao seu estágio de desenvolvimento. Darcy Ribeiro coloca de um lado os *Povos-Transplantados* do Norte – Estados Unidos e Canadá – e de outro, todos os demais povos americanos.

Parece óbvio que os *Povos-Transplantados* contaram com vantagens oriundas do seu tipo de formação para se integrarem na civilização industrial moderna, enquanto que os povos de outras categorias tiveram de enfrentar obstáculos maiores em sua luta pelo desenvolvimento. Tais obstáculos decorrem, principalmente, do modo de estratificação social que resultou da forma de implantação de cada qual. Esta assumiu uma configuração mais flexível e igualitária no caso dos *Povos-Transplantados* e mais rigidamente hierarquizada nos demais¹⁸³.

O que definiria, para Darcy Ribeiro, o processo de desenvolvimento dos povos latino-americanos é que:

Desde o surgimento, estes últimos tiveram a maioria de suas populações condenadas a uma marginalização cultural ou social que não ensejou sua integração nos estilos de vida modernos. Tal marginalidade, como foi assinalado, assume caráter sobretudo cultural no caso dos *Povos-Testemunho* a braços com problemas de incorporação de seus contingentes mais arcaicos, quase sempre monolíngues e apegados a costumes e valores das antigas culturas. E é de caráter principalmente social, nos *Povos-Novos*, enquanto resultantes de um empreendimento mercantil que, trasladando multidões de africanos para submetê-los à escravidão ou destribalizando populações indígenas com o mesmo objetivo, os homogeneizou através da deculturação, mas os configurou como estratos atrasados e reduzidos a níveis incomprimíveis de miséria. Para se desenvolverem, devem uns alçar-se de sua condição indígena nitidamente diferenciada da ladina e,

¹⁸¹ Ibidem, p.65.

¹⁸² Idem, 1983, p.541.

¹⁸³ Ibidem, p.541.

outros, desde a profundidade de sua penúria de ex-escravos, enfrentando, nos dois casos, oligarquias locais degradadas pelo exército secular do jugo escravista e atadas aos interesses externos que se associaram na exploração da miséria de seus povos¹⁸⁴.

Darcy Ribeiro desenvolve seu argumento:

Os *Povos-Novos* e os *Povos-Testemunho* das Américas se destacaram como sociedades fundadas e remoldadas por atos de vontade do núcleo colonizador e ordenadas intencionalmente em todo o seu modo de ser, para servir a interesses e a objetivos exógenos. Como tal, experimentaram uma dominação externa mais poderosamente instalada e mais duradoura do que qualquer outra área do mundo. Em ambos (*Povos-Novos* e *Povos-Testemunho*), os núcleos econômicos jamais se devotaram a criar e recriar as condições de sobrevivência e reprodução de suas populações, mas para, com o desgaste destas, produzir o que não consumiam, a fim de suprir necessidades alheias e enriquecer oligarquias locais. Nelas sempre foi tão grande a distância social entre as classes dominantes e o povo em si, tão vasta a alienação oligárquica com respeito à etnia nacional, que as lideranças dos *Povos-Novos* se propuseram até substituir a própria população em programas sistemáticos de branquização racial, como se tentou fazer no Brasil e como efetivamente se fez na Argentina e no Uruguai que, por esta via, se implantou da forma mais despótica, sem reconhecer jamais quaisquer direitos individuais que acaso se pudessem impor à dominação e à ordenação oligárquica. Nelas finalmente, jamais se estabeleceram instituições democráticas de auto-governo, nem foram admitidos quaisquer mecanismos de participação popular no poder; e as distâncias sociais entre homens livres e escravos eram similares às que medeiam entre homens e animais, sendo enorme, também, a dissimetria de relações entre ricos e pobres¹⁸⁵.

Para Darcy Ribeiro, operando sobre esse mundo despótico e escravocrata, latifundiário e monocultor, as forças transformadoras da revolução industrial encontraram resistências muito maiores à implantação de uma economia moderna e a uma reordenação que assegurasse oportunidades de participação popular nos benefícios do progresso:

Nestas circunstâncias, os antagonismos que na Europa – e nas sociedades de tipo europeu transplantadas para novos espaços – apenas limitaram as potencialidades da civilização industrial, submetendo-a a uma ordenação classista ou atrasando sua implantação, aqui conseguiram deformar todo o processo. Cada núcleo industrial emerge nestas áreas como um enclave ilhado em meio a uma economia arcaica dominante que só lhe permite expandir-se quando não se opõe aos interesses oligárquicos investido no latifúndio e na economia de exportação. Sendo todo o poder político monopolizado pelos setores importadores que só aspiram uma integração mais lucrativa para eles próprios no sistema mundial, não surge um empresariado moderno oposto à oligarquia. Essa mesma é que se desdobra em empresariado industrial e se associa aos empreendimentos modernizadores promovidos por corporações internacionais¹⁸⁶.

¹⁸⁴ Idem, 1975, p.66.

¹⁸⁵ Ibidem, p.67.

¹⁸⁶ Ibidem, p.67-8.

Dessa maneira, Darcy Ribeiro acreditava que o processo de transição da economia agrário-mercantil para a industrial, nos povos latino-americanos, teria ocorrido de uma maneira muito traumática, garantidora da instauração, ou da manutenção, de sua condição de subdesenvolvimento:

Ou seja, à distrofia social caracterizada pela contradição entre as potencialidades de fartura ensejadas pela tecnologia industrial e a miséria provocada pelo seu condicionamento a uma ordenação social oligárquica. Isto conduziu a um aumento explosivo da população, a translações maciças de rurícolas para as cidades, simultaneamente com a redução drástica da acessibilidade aos meios de trabalho e de sobrevivência. Surgem, assim, enormes camadas marginalizadas, condenadas à penúria¹⁸⁷.

Para Darcy Ribeiro, “transferindo para os centros reitores as oportunidades de industrialização e os lucros operacionados pelos progressos da mecanização do sistema produtivo alcançados com a modernização”, “o que se implanta nesses países é um processo acelerado de marginalização sócio-econômica que atinge camadas cada vez maiores da população”, “estabelecendo-se uma bipartição entre uma pequena parcela de privilegiados e a nação”¹⁸⁸. Disso resultaria em um “enrijecimento da ordenação social e do sistema político”:

destinados a garantir à oligarquia e ao patriciado o exercício do poder e a fruição dos benefícios do progresso, como sócia menor da espoliação imperialista de seus próprios povos, que absorve a massa principal do produto do trabalho nacional. Mas resulta também na constituição de uma mole humana de marginalizados que se concentram nas orlas das cidades e das metrópoles, uniformizada culturalmente pela singeleza de seus modos de vida e tendente a unir-se, um dia, por sua comunidade de destino, como os que só terão oportunidade de integrar o sistema ocupacional e de participar da vida social e política da nação, com a erradicação da ordem vigente¹⁸⁹.

Uma industrialização que conduziria os *Povos-Novos*, assim como os *Povos-Testemunho*, a um sistema condicionado pela atuação oligárquico-patricial do ponto de vista interno, e também, de uma dinâmica reprodutora de espoliação externa. Na visão de Darcy Ribeiro, de acordo com os seguintes fatores:

¹⁸⁷ Ibidem, p.68.

¹⁸⁸ Ibidem, p.68, passim.

¹⁸⁹ Ibidem, p.68-9.

- Primeiro, porque se fez reflexamente, pela montagem de mecanismos modernizadores destinados a ativar seu papel de produtores de matérias primas;
- Segundo, porque tornou-se meramente substitutiva de importações e desenvolveu-se estrangulada por diversos procedimentos limitadores: a propriedade estrangeira da maioria das plantas industriais que as transforma em mecanismos de captação de recursos; o seu caráter predominante de indústrias de consumo que multiplicam a oferta de artigos suntuários, drenando parcelas ponderáveis da renda nacional para gastos supérfluos que as nações industrializadas só se puderam proporcionar tardiamente; a sua incapacidade de assegurar autonomia do processo de desenvolvimento nacional por lhe faltarem precisamente, as indústrias de base e de produção de maquinaria.
- E, finalmente, por serem operadas as suas fábricas como bens importados, frutos do desenvolvimento tecnológico ocorrido alhures, do qual permaneceram sempre dependentes¹⁹⁰.

Outro efeito da pseudo-industrialização assim implantada, de acordo com a leitura de Darcy Ribeiro, foi a substituição do empresariado nacional, que o Capitalismo Industrial fez surgir onde quer que amadurecesse, por uma camada meramente gerencial de interesses estrangeiros, ou por uma burguesia burocrática e cosmopolita, mais interessadas no destino internacional do próprio capitalismo do que no desenvolvimento de um corpo nacional de cientistas e tecnólogos, capazes de dominar o saber moderno, em virtude da transferência de suas funções para os departamentos de investigação das sedes das corporações estrangeiras que gerem a industrialização nacional¹⁹¹.

A diferença dos efeitos da introdução da tecnologia industrial entre aquelas duas categorias de povos e os *Povos-Transplantados* exprime, essencialmente a flexibilidade estrutural destes últimos em relação à rigidez dos primeiros, com respeito ao papel constritor de suas oligarquias. Os USA, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, instituídas como nações pela transladação de populações marginalizadas da Europa para áreas desertas ou raramente povoadas, puderam estruturar suas sociedades sem enfrentar as barreiras da obstrução oligárquico-patrimonial de acordo com a visão do mundo que já traziam como populações originárias de países em via de industrialização. Beneficiam-se, inicialmente dos vínculos com a Inglaterra que, por um lado, lhes assegurava mais fácil domínio das fontes de saber tecnológico moderno e, por outro, da influência de uma tradição política democrática, que permitia certo grau de participação popular na ordenação social. Esta participação é que deu base à política de expropriação das fazendas pertencentes ao inimigo, depois da guerra de independência dos Estados Unidos e, depois, às leis do *Homestead* que abriram o Oeste a milhões de granjeiros¹⁹².

Elencando fatores que em sua opinião contribuiriam ainda mais para a aproximação entre os *Transplantados do Norte* em um bloco diferenciado em suas formas

¹⁹⁰ Ibidem, p.69 passim.

¹⁹¹ Ibidem, p.70.

¹⁹² Ibidem, p.70.

de viver e existir do outro bloco de países aproximados também por características comuns como “Latino-Americanos” – abarcando todos os *Povos Testemunho*, assim como todos os *Povos Novos*, e também os *Povos Transplantados do Sul*, Uruguai e Argentina – Darcy Ribeiro os diferenciaria também por seus processos de derivação religiosa predominante, ou oficial:

Representou também, um papel relevante na configuração da América do Norte, a circunstância de, como povos protestantes, os colonizadores procurarem alfabetizar toda a população para tornar acessível a palavra bíblica, o que não ocorreu nos países católicos. Este fato é provavelmente tão importante quanto o paralelo weberiano do espírito capitalista e da ética protestante. Efetivamente, a alfabetização em massa capacitou amplas camadas da população norte-americana a participar da vida política, a concorrer às eleições e permitiu preencher um dos pré-requisitos básicos de qualificação da mão-de-obra de uma civilização industrial que não se forma pela tradição oral, mas pela transmissão escrita dos conhecimentos¹⁹³.

A diferença principal entre os “transplantados do norte” e os do “sul”, no tocante à suas respectivas formas de ordenação social, para além dos processos de derivação étnica, ou religiosa, diriam respeito exatamente às diferentes dinâmicas impingidas por suas sociedades na incorporação de suas populações na sociedade industrial, e também na definição das bases sobre as quais passariam a ser organizadas as suas economias do ponto de vista agrário:

Comparada a progressão norte-americana com a argentina e a uruguaia, também *Povos-Transplantados*, verifica-se que as diferenças nos respectivos desenvolvimentos se explicam pela existência, nesses últimos, de uma oligarquia latifundiária que, mesmo após a independência, preservou o monopólio da terra; e de uma burguesia comercial portuária que limitou a expansão da atividade criativa dos imigrantes a uma mera indústria artesanal mantendo um regime de estímulo às importações. Esta constrição é que estrangulava o desenvolvimento argentino e o uruguaio, em comparação ao dos outros povos transplantados não sujeitos a tais controles paralizantes. O monopólio da terra, sobretudo, é que conduziria a uma situação crítica, nas duas últimas décadas, as economias argentina e uruguaia de exportação de carne, de lã e de cereais, produzidos em latifúndios, em face da competição dos granjeiros canadenses, australianos e neo-zelandeses¹⁹⁴.

Assim, este seria mais um fator que, do ponto de vista da assimilação, ou no caso da não-assimilação, ao progresso industrial, aproximaria Uruguai e Argentina dos demais latino-americanos e os diferenciaria dos outros *Povos Transplantados*. Darcy Ribeiro reforça seu argumento:

¹⁹³ Ibidem, p.70-1.

¹⁹⁴ Ibidem, p.71.

Teve, também, grande importância para os *Povos-Transplantados* do Sul, o fato de emergirem da dominação ibérica para cair sob a influência britânica, quando os Estados Unidos dela se libertavam, através da independência, escapando, assim, da sujeição do pacto colonial para cair numa dependência neo-colonialista. Enquanto os norte americanos se dedicavam à expansão de sua fronteira interna, através de uma economia agrícola grangeira de implantação de uma infra-estrutura industrial autônoma, já com vistas a uma política de potência, a Argentina e o Uruguai independentes procuravam proporcionar-se o consumo de bens manufaturados, esforçando-se para alargar suas lavouras e sua pecuária de exportação, através da expansão do latifúndio e das explorações estrangeiras de recursos naturais¹⁹⁵.

Em determinado momento, Darcy Ribeiro se propõe a discutir as diferentes teorias que, ao longo da história, se propuseram a explicar a diferenciação dos povos desenvolvidos da América do Norte e os não desenvolvidos da América do Sul. Avalia as explicações de acordo com o critério de diferenciação em função do progresso ou do atraso que adotam, tais como: a condição racial, a mestiçagem, a heterogeneidade cultural, as condições climáticas, a identificação religiosa, o tipo de colonização, entre outros. Mas como conclusão, apreende que nenhuma das teorias era completamente coerente para identificar as causas das desigualdades dos povos americanos, senão sendo somadas para dar conta de explicar a conjunção de fatores externos e internos que levariam a tais diferenças.

Em resumo, o que Darcy Ribeiro tentava demonstrar eram as perspectivas de desenvolvimento opostas. De um lado, se instaurando um projeto de povoamento difundido com base na pequena propriedade rural, que por sua vez propiciava a formação de um intenso mercado sobre o qual se assentaria o desenvolvimento industrial posterior e, de outro lado: “a manutenção das funções complementares tradicionais da economia herdada do regime colonial, e a criação de novas *dependências* externas, cada vez mais imperativas”¹⁹⁶. E complementa: “Invicta, ainda, na América Latina, (...), esta economia de fazendas, com interesses patrimoniais que representa e por seu papel conformador fundamental das sociedades nacionais, constitui a causa básica do atraso de todo o continente”¹⁹⁷.

A partir das reflexões apresentadas, a divisão dos povos americanos, para além das designações aproximativas de seus desenvolvimentos étnico-raciais, determinantes da

¹⁹⁵ Ibidem, p.72.

¹⁹⁶ Ibidem, p.72.

¹⁹⁷ Ibidem, p.72-3.

maneira como, com a conjunção de outros fatores, viriam a se estruturar, do ponto de vista econômico industrial, e portanto de como assimilariam ou seriam assimilados pelas diferentes perspectivas de desenvolvimento por aceleração evolutiva ou atualização histórica – o que poderia ser entendido como perspectivas de desenvolvimento autônomo ou reflexo, dependente –, é que se definiria a conformação de países desenvolvidos e atrasados. Os indicativos para a condição de desenvolvimento autônomo ou atraso histórico seriam bastante claros: suas respectivas estruturas econômicas – que definiriam sua relação com outros povos quaisquer que fossem – e suas respectivas estruturas político-sociais – que definiria o modo como se organizariam internamente as sociedades para a garantia da reprodução de tal condição:

Estas diferenças explicam o retardamento, em grau maior, dos *Povos-Novos* e dos *Povos-Testemunho* da América Latina, anquilosados pela rigidez de sua estrutura social, vale dizer, pelo papel constritor de suas minorias dominantes que condenaram o grosso da população à ignorância e à pobreza em que vegeta até hoje, marginalizada econômica, social, política e culturalmente da vida nacional¹⁹⁸.

Preocupado em direcionar a análise para os problemas do Brasil, e dos países latino-americanos com ele identificados na necessidade de superar a condição de atraso nos dois sentidos apresentados, o do ponto de vista externo e também o interno, Darcy Ribeiro faz novas ponderações:

Superar estes percalços foi, até agora, um desafio insuperável para os *Povos-Novos* e muito difícil para os *Povos-Testemunho*. Importa para todos eles, num enorme esforço reordenador de toda a sociedade que seguramente só poderá ser conduzido intencionalmente, ao contrário do que ocorreu com os *Povos-Transplantados* do Norte, onde pôde se realizar mais ou menos espontaneisticamente. (...) A dificuldade fundamental encontrava-se e ainda se assunta no caráter da trama de interesses oligárquico-privatistas que presidiu a ordenação original destas sociedades fundadas no sistema de fazendas e no *escravismo* e que após a independência, apenas as modernizou reflexamente como formações neocoloniais. O enfrentamento e a superação deste enquadramento retrógrado não se pode fazer mediante qualquer intensificação de sua modernização reflexa porque esta seria perpetuante do seu atraso. Só se pode alcançar por meio da reestruturação prévia da sociedades, por via de uma profunda revolução social capaz de liberar as energias secularmente contidas de seus povos. (...) Uma vez aberta e refeita a ordem social, estes povos poderão orientar-se para o pleno desenvolvimento mediante a aceleração de seu ritmo de progresso até um nível que lhes permita alcançar, em prazo previsível, o grau de desenvolvimento já conseguido pelos povos avançados¹⁹⁹.

¹⁹⁸ Ibidem, p.73.

¹⁹⁹ Ibidem, p.73.

Enfrentar o desafio da aceleração evolutiva no sentido do desenvolvimento autônomo para abandonar a condição de atraso e de dependência pelos latino-americanos, na visão de Darcy Ribeiro, seria uma tarefa paradoxalmente, a um só tempo, mais simples e mais complexa do que os processos originais pelos quais teriam passado as sociedades já teriam vencidos essa etapa:

Mais simples, porque se trata de induzir suas próprias sociedades operadas, desde há muito, nas nações desenvolvidas, através da industrialização. Só por constituir a repetição de experiências já vividas por outras nações, o processo se torna menos difícil e passível de ser conduzido racionalmente, com economia de tempo e de recursos e menos penosamente. É todavia, muito mais complexo, porque toda uma conjuntura mundial e local de interesses investidos no velho sistema se opõe à indispensável renovação prévia da estrutura social, temerosa dos prejuízos que representará para os povos cêtricos uma reordenação da economia dos periféricos, e para as oligarquias locais, a perda de seus privilégios²⁰⁰.

De acordo com os princípios adotados por Darcy Ribeiro somente essa nova maneira de proceder ou aderir a uma nova revolução tecnológica por parte dos países subdesenvolvidos, acompanhado por um segundo processo de revolução social com perspectivas de enfrentamento em níveis nacionais e internacionais, poderia, de fato, retirar os instrumentos de poder das mãos de grupos minoritários no interior de cada sociedade subdesenvolvida e alçá-la, como um todo, à superação de exploração associada com outras sociedades que, externamente, contribuiriam para a manutenção do de seu atraso, como “associados internacionais” que, também, usufruiriam dos existentes “projetos lucrativos compartilhados”²⁰¹.

Darcy Ribeiro, relacionando proposições obtidas através de estudos de alto alcance histórico, tentando reduzi-las a análises conjunturais, dentro do contexto de cada país latino-americano, procurou demonstrar que a sucessão das etapas evolutivas por que passaram os povos latino-americanos se processaram mediante a interação conflitiva entre diferentes sociedades, bem como, a partir da integração entre elites coloniais externas, com elites gerenciais internas, coniventes com projetos exógenos de incorporação das sociedades latino-americanas a um sistema de exploração, garantidor da organização social e econômica das sociedades latino-americanas, bem como contribuiriam reiteradamente para a sua manutenção. Assim o autor explica a

²⁰⁰ Ibidem, p.73-4.

²⁰¹ Ibidem, p.74.

conformação de uma classe “euro-tupinambá” arrecadadora de bens destinados, antes, “a enriquecer à sua condição de uma nobreza ostentatória e senhorial”, “do que a inverter produtivamente”²⁰², dentro de um “contexto extra europeu de povos supridores de matérias-primas e consumidores de manufaturas” que “foi construído através de séculos”, “mediante todas as formas de opressão e terrorismo”²⁰³.

Nesta interação, as sociedades se organizam em estruturas de dominação e subordinação e, dentro de cada sociedade, se estamentam classes sociais formando grandes complexos interdependentes. Ambos se modelam em formas estáveis, capazes de operar durante largos períodos pela manutenção das posições relativas²⁰⁴.

Essa “manutenção de posições relativas” não implicava em uma concepção de sociedade estática, sem mudanças significativas, pelo contrário, para Darcy Ribeiro, significavam “progressões e adaptações nas instituições sócio-políticas”, no sentido, não só da manutenção da dinâmica de exploração, mas principalmente, como uma forma de torná-la cada vez mais acentuada. Esse era o princípio “inventivo e reorganizador” do “Novo Mundo” e do “Velho Mundo”:

Com fundamento nas novas formas de ação, nas novas instituições e nas novas idéias, o europeu reconstrói o mundo como um contexto destinado a supri-lo de bens e de serviços. Saqueando as riquezas entesouradas por todos os povos, engajando para o trabalho escravo e servil centenas de milhões de homens, pôde a Europa acumular os capitais necessários para levar à frente a Revolução Industrial, transfigurando suas próprias sociedades, renovando e enriquecendo suas cidades, engalanando-se de poderes e glórias que induziriam o homem branco-europeu a ver a si próprio como eleito da criação²⁰⁵.

A Revolução Industrial ocorrida na Europa, como uma nova “evolução sócio-cultural”, geradora de novos “processos civilizatórios”, repercutiria nas colônias americanas pela recorrência de novas “atualizações históricas”:

Os povos ibero-americanos, plasmados no curso da Revolução Mercantil, não experimentaram uma aceleração evolutiva, mas uma mera atualização histórica. Esta os fez ascender um degrau na evolução sócio-cultural, mas à custa da perda de seus perfis étnicos originais e do seu engajamento como “proletariados externos” do império mercantil-salvacionista ibérico. Face ao novo ciclo de renovação

²⁰² Idem, 1983, p.59.

²⁰³ Ibidem, p.62, passim.

²⁰⁴ Ibidem, p.44.

²⁰⁵ Ibidem, p.62.

desencadeado pela Revolução Industrial, estes povos voltam a experimentar um processo de atualização histórica mediante o qual se desatrelam de uma estrutura de dominação para cair em outra, sempre como proletariados externos que não existiam para si, mas para preencher as condições de existência e de prosperidade de outros povos²⁰⁶.

[...] a maioria das sociedades neoamericanas experimentou um novo processo de atualização histórica. Através dele, apenas conseguiram ascender da condição de colônias escravistas das metrópoles ibéricas, para se converterem em áreas de exploração neocolonial do imperialismo industrial. Nesta condição, experimentaram muitos progressos modernizadores de suas instituições sócio-políticas e de seu sistema produtivo, mas permaneceram dependentes de centros de poder externo. Desse modo as nações latino-americanas foram contidas e condicionadas em seu desenvolvimento pelos desígnios dos seus dominadores que operavam no sentido de perpetuar sua condição de economias complementares e subalternas e, conseqüentemente, como povos inferiorizados e como culturas espúrias²⁰⁷.

Esta nova estrutura sócio-política, para Darcy Ribeiro, como já dito, apenas transferiu o foco das decisões sobre a organização social de uma elite metropolitana, para uma elite a ela vinculada, porém já enraizada na área colonial. Vinculada e enraizada condicionalmente, de acordo com os efeitos dos projetos de vinculação metrópole-colônia que se propunham a infligir:

Deste modo a área colonial pode independentizar-se na forma de uma aceleração evolutiva que a capacite a desenvolver-se autonomamente como um novo foco de expansão, como ocorreu com os Estados Unidos da América do Norte. Ou apenas indenpendentizar-se formalmente e, por via da atualização histórica, ascender da condição colonial à neocolonial. Simultaneamente, as estruturas internas experimentam dois tipos opostos de alteração. No primeiro caso, o que era uma classe dominante colonialista – e, portanto, parcela do complexo global – se transforma numa classe dominante nacional autonomista. No segundo caso, como ocorreu nos demais países americanos, as camadas dominantes apenas mudam de função, associadas a novas esferas de poder externo para as quais passam a exercer o papel de agentes da exploração neocolonial²⁰⁸.

E como há uma modificação no papel da “elite dirigente”, esse processo também refletirá, em termos, no papel das “classes subalternas”:

Correlativamente, se alternam também os atributos das classes subalternas. No primeiro caso, o que era um “proletariado externo” de outra sociedade, criada e mantida como uma feitoria provedora de certos artigos e serviços, pode tornar-se

²⁰⁶ Ibidem, p.66.

²⁰⁷ Ibidem, p.43-4.

²⁰⁸ Ibidem, p.44.

um proletariado nacional que procura se vincular com o exterior num intercâmbio menos espoliativo. No segundo caso, perpetua-se a condição de “proletariado externo” e, com ele, um tipo de vinculação neocolonial limitador das possibilidades de desenvolvimento autônomo²⁰⁹.

Em resumo, ainda nas palavras de Darcy Ribeiro: “Por esse processo é que as populações latino-americanas, com a independência, desatrelaram-se da condição de áreas coloniais de uma formação mercantil salvacionista, para cair na condição de áreas neocoloniais de formações imperialistas industriais”²¹⁰:

No mesmo passo em que se desencadeavam estes sucessivos processos civilizatórios, as sociedades por eles atingidas, como agentes ou como pacientes, se configuravam como componentes díspares de diferentes formações sócio-culturais, conforme experimentassem uma aceleração evolutiva ou uma atualização histórica. Assim é que se modelaram, em consequência da expansão mercantil-salvacionista, por aceleração evolutiva, os *Impérios Mercantis Salvacionistas* e, por atualização histórica, os seus contextos *Coloniais escravistas*. Mais tarde, em consequência do segundo processo civilizatório, se cristalizaram, por aceleração, suas dependências *Coloniais Escravistas*, *Coloniais Mercantis* e *Coloniais de Povoamento*. Finalmente, como fruto do primeiro processo civilizatório provocado pela Revolução Industrial, surgiram, por aceleração, as formações *Imperialistas Industriais* e, por atualização, sua contraparte *Neocolonial*. E, em seguida, como resultado de um segundo processo civilizatório, as formações *Socialistas Revolucionárias*, *Socialistas Evolutivas* e *Nacionalistas Modernizadoras*, geradas como acelerações evolutivas, ainda que com graus distintos de capacidade de progresso²¹¹.

No bojo desse processo é que as diferenças de derivação étnico-cultural, conformaram as diferentes sociedades americanas quanto às suas condições econômico-sociais. Nesse contexto, as sociedades latino-americanas que se conformaram simplesmente como contrapartes neocoloniais de centros industriais exploradores – todos os latino-americanos – passariam a ser explorados, inclusive, pela parte dos povos americanos que obteve acelerações evolutivas, e portanto, desenvolvimento autônomo, e que assim, se voltaria aos próprios latino-americanos, como concorrentes dos antigos centros reitores europeus, pelo controle de sua exploração.

Aqui se encontram os elementos para que possamos continuar perseguindo a compreensão do pensamento de Darcy Ribeiro para a América Latina. Conhecer o “Dilema Latino-Americano” seria o próximo passo: levar às respectivas populações de

²⁰⁹ Ibidem, p.44-5.

²¹⁰ Idem, 1998, p.70.

²¹¹ Idem, 1983, p.35.

cada país latino-americano a optar por continuar corroborando com reiterativos processos de atualização histórica que garantiriam, recorrentemente, uma boa qualidade de vida a apenas pequenas parcelas de cada sociedade latino-americana, em função de ao mesmo tempo, continuar reduzindo a condições de pobreza e penúria toda as parcelas restantes da sociedade, e portanto aceitar a condição histórica de exploração externa, em parte mantenedora da estrutura de exploração social interna, ou enfrentar os desafios históricos de estratificação social interna e externa para traçar projetos de desenvolvimento autônomo e auto-sustentado, correndo o risco de enfrentamento com nações já desenvolvidas e interessadas na manutenção da condição de exploração, e portanto dentro de uma perspectiva de conflito externo que, atuantes junto das mesmas parcelas de população latino-americanas privilegiadas e condutoras dos destinos de suas respectivas nações, e portanto enfrentando também conflitos de ordem interna aos diferentes países latino americanos.

Exatamente nesse momento, em que elaborar projetos coerentes e palpáveis para os tais processos de enfrentamento se torna algo mais difícil, o próprio Darcy Ribeiro abandona seus estudos de caráter eminentemente teórico-acadêmicos e passa não somente a se fundamentar, mas também a dialogar com outros autores, que possuem uma perspectiva eminentemente retórica e de intervenção prática. Seus escritos deixam de se compor como uma interpretação acadêmica da realidade ou dos processos de conformação histórica dos povos latino-americanos e passam a representar propostas político-ideológicas de enfrentamento de grupos político-econômicos dentro e fora da América; chegando a pensar em um contexto de enfrentamento com fatores de abrangência mundial. Com a proposta de compreender essas mudanças, passamos ao próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

Do Academicismo ao ensaísmo latino-americano: Darcy Ribeiro, a América Latina e a composição de uma obra intelectual militante

Apesar de continuarmos analisando o conjunto das obras de Darcy Ribeiro, especificamente seus *Estudos de Antropologia da Civilização*, tomando como foco principal a América Latina, no Capítulo 3, não analisaremos mais o seu conteúdo eminentemente acadêmico, mas o que acreditamos ter se constituído como um conteúdo mais propriamente retórico e militante. Para tanto, faz-se necessário transcender os livros que compõem os *Estudos de Antropologia da Civilização* de Darcy Ribeiro, para complementá-los com outros ensaios do autor. As principais referências de análise nesse capítulo serão duas das fontes principais deste trabalho, os livros: *O Dilema da América Latina*¹ e *América Latina a Pátria Grande*².

Traçamos assim, idas e vindas no pensamento político de Darcy Ribeiro, no sentido de definir, em diferentes contextos, diferentes projetos de transição do subdesenvolvimento e da dependência, para a autonomia latino-americana pelo processo que Darcy Ribeiro chama de “Revolução Necessária”.

3.1 Entre a antropologia acadêmica e a retórica ensaísta e militante

Após realizada a análise dos modelos de desenvolvimento autônomo e dos padrões de atraso histórico, e sua relação com as configurações histórico-culturais dos povos americanos, no sentido de atender às expectativas do autor de compreender as causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos, Darcy Ribeiro passa a se dedicar à superação da condição de atraso histórico e subdesenvolvimento dos povos latino-americanos. No livro *As Américas e a Civilização*, Darcy Ribeiro já afirmava seu

¹ RIBEIRO, Darcy. *O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979a.

² Idem. *América Latina: A Pátria Grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

propósito de “reconstituir o processo de formação dos povos americanos com vistas a diagnosticar seus problemas de desenvolvimento”; mas complementa dizendo que:

[...] como é na impetuosa dinâmica da vida política dos povos que se define seu destino e se realizam suas potencialidades, não há como fugir a esse exame, tanto mais para aqueles que estudam e escrevem inspirados no desejo de influir no processo de mudança a fim de ajudar a pôr em marcha a revolução necessária³.

Darcy Ribeiro tece uma crítica sobre o comportamento científico e as disciplinas acadêmicas, que no processo de definição rígida de regras e métodos puramente acadêmicos, acabariam por condicionar a atuação dos intelectuais, colocando dificuldades, ou limitações, para que estes construíssem uma avaliação de qualquer objeto vinculando-o ao seu contexto real de vivência:

Na verdade, os cientistas sociais estão preparados para a realização de estudos precisos e acurados sobre temas restritos e, em última análise, irrelevantes. Entretanto, sempre que se exorbita destes limites, elegendo temas por sua relevância social, exorbita-se, também, da capacidade de tratá-los “cientificamente”. Que fazer diante deste dilema? Prosseguir acumulando pesquisas detalhadas, que em algum tempo imprevisível permitirão elaborar uma síntese significativa? Ou acertar quanto a temas amplos e complexos que não estamos armados para enfrentar de forma tão sistemática como seria desejável?⁴.

Darcy Ribeiro rebate seus críticos “acadêmicos”:

Muitos de meus colegas, pesquisadores sociais, me desejariam tão isento quanto é possível ser na realização de estudos sem relevância social, em que se exercita o virtuosismo metodológico e o objetivismo cientificista. Muitos companheiros políticos gostariam de um livro ainda mais militantemente engajado que fosse um testemunho de minhas experiências, uma denúncia e um programa normativo. Fiel a algumas das lealdades professadas por uns e por outros, procurei utilizar, tanto o quanto permitia a minha formação científica, o acervo dos conhecimentos antropológicos e sociológicos na análise dos problemas com que se debatem os povos americanos. Mas procurei, por igual, eleger os temas por sua relevância social e estudá-los com o propósito de influir no processo político em curso. Provavelmente não atendi a uns nem a outros. Tenho a esperança, todavia, de que estes estudos sejam de alguma utilidade para um tipo particular de leitores, mais ambiciosos no plano da compreensão e mais exigentes no plano da ação, porque predispostos a entender para atuar e atuar para compreender⁵.

³ Idem. *As Américas e a civilização: processo de formação e causa de desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983, p.7.

⁴ Ibidem, p.9-10.

⁵ Ibidem, p.13.

Darcy Ribeiro complementa a justificativa à sua nova postura “científica” que somente adotará de maneira embrionária em *As Américas e a Civilização*, mas que em *O Dilema da América Latina* aparecerá de maneira bastante contundente:

Nas sociedades que se defrontam com graves crises sociais, as exigências de ação prática não deixam margem a dúvidas quanto ao que cumpre fazer. Os cientistas dos povos contentes com seu destino podem dedicar-se a pesquisas válidas em si mesmas como atribuições para melhorar o discurso humano sobre o mundo e sobre o homem. Os cientistas dos países descontentes consigo mesmos são ungidos, ao contrário, a usar os instrumentos da ciência para tornar mais lúcida a ação de seus povos na guerra contra o atraso e a ignorância. Submetidos a esta compulsão, lhes cabe utilizar da melhor forma possível a metodologia científica, mas fazê-lo urgentemente, a fim de discernir, táticas e estrategicamente, tudo o que é relevante dentro da perspectiva desta guerra. Em nossas sociedades subdesenvolvidas e, por isso mesmo, descontentes consigo mesmas, tudo deve estar em causa. Cumpre a todos indagar dos fundamentos de tudo, perguntando a cada instituição, a cada forma de luta e até a cada pessoa, se contribui para manter e perpetuar a ordem vigente ou se atua no sentido de transformá-la e instituir uma ordem social melhor. Esta ordem melhor não representa qualquer enteléquia que possa confundir quem quer que seja. Representa, tão somente, aquilo que permitirá a maior número de pessoas comer mais, morar decentemente e educar-se. Alcançados os níveis de fartura, de salubridade e de educação viabilizados pela tecnologia moderna mas vetados pela estrutura social vigente, poderemos entrar no diálogo dos ricos sobre os dissabores da abundância que tornam tão “infelizes” os povos prósperos e talvez tenhamos, então, o que dizer dos debates acadêmicos da ciência conformista. Por agora, se trata de enfrentar nossa guerra contra a penúria e contra todos os quem de dentro ou de fora de nossas sociedades, as querem tal qual são, não importa quais sejam suas motivações. Nesta guerra, as ciências sociais, como tudo mais, estão conscritas e, por sua vontade ou a seu pesar, servem a uma das facções em pugna⁶.

Darcy Ribeiro reforça, portanto, que a partir de determinado momento, sua postura intelectual deixa de ser um “exercício meramente acadêmico”, e passa a ser um “esforço deliberado de contribuir para uma tomada de consciência ativa das causas do subdesenvolvimento” dos povos latino-americanos⁷. O que justificaria assumir posturas políticas que, para o próprio Darcy Ribeiro, significavam a representação dos interesses de determinadas classes sociais em detrimento de outras: “Intelectual, para mim, é aquele que melhor domina e expressa o saber de seu grupo”⁸.

De certa maneira, a proposta de utilização das análises acadêmicas como um espelho para a intervenção política e prática na vida da sociedade, já estava presente em seu primeiro livro:

⁶ Ibidem, p.10.

⁷ Ibidem, p.13.

⁸ Idem. *Somos todos culpados: pequeno livro de frases e pensamentos de Darcy Ribeiro* / seleção e organização de Eric Nepomuceno. – Rio de Janeiro: Record, 2001, p.149.

Com essa postura é que escrevemos *O Processo Civilizatório*. Ele é o melhor discurso que podíamos formular sobre o caráter necessário – e, portanto, compreensível – de nosso passado de nações que fracassaram na história. É também a mais clara advertência que podíamos escrever sobre as ameaças que pesam sobre nós de recairmos na condição de povos explorados e subalternizados, ameaça tanto maior porque esse é o projeto de nossas classes dominantes. É, por fim, a expressão mais eloqüente que conseguimos formular sobre as possibilidades reais que se abrem à nossa frente de ruptura revolucionária dos fatores causais do atraso autoperpetuante, para a realização das potencialidades dos nossos povos, dentro da civilização emergente⁹.

Para lograr êxito em suas propostas, Darcy Ribeiro recomendava ser indispensável “observar, comparar e interpretar de olhos postos no trânsito entre o que foi e o que pode ser, e com a predisposição de conhecer para intervir e influir, no sentido de que venham a se concretizar na história, amanhã, as possibilidades mais generosas dela”¹⁰. Essa mesma postura daria o tom ao livro *As Américas e a Civilização*:

Nosso estudo é uma tentativa de integração das abordagens antropológica, sociológica, econômica, histórica e política em um esforço conjunto para compreender a realidade americana de nossos dias. Cada uma dessas abordagens ganharia em unidade se isolada das demais, mas perderia em capacidade explicativa. Acresce, ainda, que existem demasiados estudos parciais desse tipo, quando não agrupados em obras de conjunto, ao menos dispersos em artigos, abordando os diversos problemas de que tratamos aqui. O que nos falta são esforços por integrá-los organicamente, a fim de verificar que contribuições podem oferecer as ciências sociais para o conhecimento da realidade que vivemos e para determinar as perspectivas de desenvolvimento que temos pela frente. Como antropólogo, suponho que esta integração possa ser melhor alcançada sob a perspectiva da antropologia que, por sua amplitude de interesses e por sua flexibilidade metodológica, está mais habilitada a empreender obras de síntese¹¹.

“Compreensão para a intervenção” e “intervenção como forma de compreensão”, esse princípio dialético permaneceria até a última das obras de interpretação “acadêmica” de Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro*:

Portanto, não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira a influir sobre as pessoas, que aspira a ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo¹².

⁹ Idem. *O Processo Civilizatório*: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.27-8.

¹⁰ Ibidem, p.27.

¹¹ Idem, 1983, p.11.

¹² Idem. *O Povo Brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.17.

Compreender como Darcy Ribeiro se utilizou dessa vinculação teórico-prática à sua vivência intelectual com relação à América Latina, propondo o seu direcionamento ao que o autor definia como a “Revolução Necessária”, é a proposta deste capítulo.

3.2 América Latina socialista

Após se propor a um resumo de todas as idéias trabalhadas em livros anteriores, em *o Dilema da América Latina*, Darcy Ribeiro passa a definir a situação dos países atrasados, ente eles todos os Latino-Americanos, frente a duas perspectivas de análise: a primeira referente à realidade internacional, num contexto de existência de países desenvolvidos e em conflito de interesses com os primeiros; e a segunda referente à realidade interna de divisões de classes sociais que determinariam a existência de outras em função de processos de exploração e exclusão:

É geralmente aceita a afirmação de que o principal determinante do destino dos povos modernos foi a onda de transformações econômicas e sociais desencadeada pela Revolução Industrial. A ela se deve acrescentar, como outro fator decisivo, o condicionamento das potencialidades de progresso desta revolução tecnológica por duas ordens de constrição. A primeira delas, de natureza estrutural, corresponde às disputas entre as camadas patronais e as assalariadas pela apropriação dos resultados do progresso técnico. A segunda decorre dos modos de integração dos diferentes povos na civilização industrial, conforme esta se faça pela via da *aceleração evolutiva*, que lhes permite estruturar-se autonomamente como povos para si, ou da *incorporação* ou *atualização histórica*, que os conforma como povos dependentes que não existem para si, mas para atender às condições de vida e de prosperidade de outros¹³.

Mas Darcy Ribeiro reforça que o desenvolvimento dos diferentes países acontecendo por aceleração evolutiva, e portanto conformando os países que deste processo fizeram parte à condição de autonomia, e os países que se desenvolveram pelo processo de atualização histórica, e portanto conformados como países dependentes dos primeiros, não representava um processo de distanciamento, mas, pelo contrário, de complementaridade:

¹³ idem, 1979a, p.21.

As sociedades humanas não transitam de uma a outra etapa da evolução por uma única via, mas por duas vias distintas, embora complementares. A primeira, muito mais rara, corresponde à aceleração evolutiva que ativa um povo no curso de um processo civilizatório, configurando-o como uma sociedade autônoma, dona de seu próprio destino, tendente a expandir sua cultura e sua língua sobre outros povos e capaz de desenvolver-se intensamente pelo domínio autônomo da nova tecnologia, ademais de enriquecer-se com o produto do trabalho dos povos que subjuga ou aos quais se impõe economicamente. A segunda via – muito mais freqüente – corresponde à atualização ou incorporação histórica configuradora de povos dependentes que, havendo perdido a autonomia no comando de si mesmos, ao serem envolvidos e dominados por movimentos de expansão de outros povos, foram reduzidos à condição de proletariados externos não estruturados social e economicamente para si próprios, mas para servir aos interesses e desígnios de seus dominadores. (...) Conforme se verifica, as enormes energias transformadoras das revoluções tecnológicas, operando sob o condicionamento destas constrictões, dão lugar, nos casos de aceleração evolutiva, ao desenvolvimento pleno e autônomo; e nos casos de incorporação histórica, ao subdesenvolvimento. Desenvolvimento e subdesenvolvimento resultam, assim, dos mesmos processos históricos, não como etapas seqüenciais de uma linha evolutiva, mas como configurações coetâneas das mesmas etapas evolutivas e até como formas mutuamente complementares¹⁴.

Baseando-se nos estudos realizados em *O Processo Civilizatório*, onde apresenta a conceituação e caracterização das diferentes formações econômico-sociais, Darcy Ribeiro sintetiza “os aspectos mais necessários à compreensão do desenvolvimento desigual dos povos americanos”¹⁵. Das oito revoluções tecnológicas destacadas em *O Processo Civilizatório*, de acordo com o que já se viu no capítulo anterior, caberia, na visão de Darcy Ribeiro, para compreender a situação atual dos povos americanos, destacar apenas as três últimas: a Mercantil, a Industrial e a Termocnuclear¹⁶.

Sobre a primeira revolução tecnológica, Darcy Ribeiro diria o seguinte:

A Revolução Mercantil, caracterizada principalmente por progressos da navegação oceânica, das armas de fogo, da metalurgia do ferro, expandiu-se a partir do século XV através de dois processos civilizatórios. O primeiro deles configurou, por aceleração evolutiva, os *Impérios Mercantis Salvacionistas* da península ibérica e da Rússia moscovita que romperam, pioneiramente, com o feudalismo europeu e estabeleceram o primeiro sistema de dominação de âmbito mundial. Configurou também, através de movimentos de incorporação histórica, formações *Colonial-Escravistas* (Brasil do século XVI, por exemplo) e *Colonial-Mercantis* (as feitorias asiáticas de portugueses e espanhóis). (...) Um segundo processo civilizatório, impulsionado pela mesma revolução tecnológica, amadureceu, por aceleração evolutiva, as primeiras formações *Capitalistas Mercantis* (Holanda, Inglaterra e França do século XVII); e, por incorporação histórica, as suas contrapartes externas que surgiram também como *Colonialismos Escravistas* (Antilhas, século XVII) e *Mercantis* (Indonésia, século XVIII). Mas a elas acresceram as formações

¹⁴ Ibidem, p.22.

¹⁵ Ibidem, p.25.

¹⁶ Ibidem, p.25.

Colonialistas de Povoamento (costa oriental dos Estados Unidos, entre outras). Como se vê, em todos esses casos, produziram-se estruturas bipartidas embora mutuamente complementares: o centro reitor e seus contextos externos¹⁷.

Dando destaque à última das frases do trecho citado anteriormente, revoluções tecnológicas, geradoras dos mais diferenciados processos civilizatórios, que acabaram por conformar uma estrutura que, apesar de bipartida, definiu-se de modo intrinsecamente complementar, dentro de um sistema unificado de interdependência em que, os povos cêntricos ou autônomos, e por outra parte os periféricos ou dependentes, por suas posições assimétricas, passariam a cumprir funções produtivas e distributivas distintas, embora intrinsecamente complementares que, por sua vez, reproduziria cada uma dessas sociedades, de acordo com uma perspectiva específica e correspondente ao seu modo de integração neste processo, em novos processos de desenvolvimento autônomo ou dependente, cada vez mais os diferenciando e ao mesmo tempo os levando cada vez mais a integrarem-se a uma estrutura única de autonomia e dependência:

Os núcleos cêntricos, depois de beneficiados pelo saqueio das riquezas acumuladas pelos povos que dominaram, continuam fortalecendo-se com a sucção do produto do seu trabalho. O efeito disso foi um desenvolvimento contínuo, limitado apenas por relações eventualmente espoliativas que estabeleceram com outros núcleos cêntricos. As áreas periféricas, além de saqueadas, continuaram tanto mais exploradas quanto mais riquezas pudessem produzir. Experimentaram, não obstante, certo grau de modernização reflexa, principalmente no campo da tecnificação de suas atividades produtivas que permitia vislumbrá-los como economias coloniais prósperas, sempre porém de uma “prosperidade” não generalizável¹⁸.

Na visão de Darcy Ribeiro, devido a essas relações econômicas espoliativas operadas pelos tais “núcleos cêntricos”, as áreas periféricas puderam acumular recursos que as capacitaram a promover reiteradas inovações “nos processos produtivos e nas formas de utilização da energia mecânica que amadureceriam com a *Revolução Industrial*”¹⁹. Portanto, entramos na segunda revolução tecnológica significativa:

Tal como os processos civilizatórios anteriores, entretanto, a nova tecnologia não se expandiu como uma difusão de conhecimentos e práticas livremente adotáveis, mas pela criação de novos centros de poder e pela imposição de seu domínio sobre o mundo. Assim é que, no seu primeiro processo civilizatório, a Revolução

¹⁷ Ibidem, p.25-6.

¹⁸ Ibidem, p.26.

¹⁹ Ibidem, p.26.

Industrial transfigurou, uma vez mais, a todos os povos, fazendo uns poucos núcleos cêntricos ascender, por aceleração evolutiva, à condição de formações *Imperialistas Industriais* (Inglaterra, França, Estados Unidos), enquanto aos outros, bem como à quase totalidade de povos dependentes, apenas permitiu experimentar uma nova incorporação histórica. Neste passo, os últimos transitam de sua antiga condição de dependência à situação de formações *Capitalistas Neocoloniais* a qual só lhes abre um horizonte medíocre de desenvolvimento porque ilimitado pela dupla conscrição: a espoliação imperialista e a exploração classista interna²⁰.

Para Darcy Ribeiro, tanto as formações exemplificativas do desenvolvimento dos países conformados por aceleração evolutiva, quanto os exemplificados pelo subdesenvolvimento gerado pelos processos de incorporação histórica, apresentariam tensões internas decorrentes de conflitos entre interesses contrapostos das diferentes classes sociais e da maneira como passaram a organizar suas “estruturas de poder”²¹. A diferença, no entanto seria que:

No primeiro caso, porém, estas crises não impedem – pelo contrário, muitas vezes facilitam – um alto grau de exploração das potencialidades da nova tecnologia, que aparece com o florescimento e uma nova civilização. No segundo caso, os efeitos da constrição classista e da dependência apenas propiciam graus medíocres de modernização que podem, eventualmente, brilhar em expressões singulares de riqueza barroca e de conforto ostentatório – em meio à pobreza generalizada – como indicações visíveis dos faustosos privilégios que uma classe dominante local pode proporcionar-se dentro de um sistema social altamente desigualitário²².

O mais surpreendente, de acordo com Darcy Ribeiro, seria o fato de que, havendo riqueza entre os povos dependentes, geradoras de novas tecnologias, estas seriam aplicadas “até o limite necessário para tornar mais próspera a economia dependente, mantendo sempre, porém, a situação de dependência”²³:

Surgem, assim, sociedades que, sendo estruturalmente deformadas desde seu nascimento, crescem com estas distorções, incapazes de superá-las através do simples funcionamento do sistema, porque a própria prosperidade, ao reforçar o vínculo externo de dependência, se torna fator de atraso²⁴.

Nesse sentido, a condição correspondente à dependência e ao subdesenvolvimento não impediria que enquanto empreendimentos econômicos, estas formações florescessem como unidades prósperas. Pelo contrário, muitas das colônias que se implantaram na

²⁰ Ibidem, p.26.

²¹ Ibidem, p.22.

²² Ibidem, p.22.

²³ Ibidem, p.23.

²⁴ Ibidem, p.23.

América, por via da incorporação histórica, teriam configurado, nas palavras de Darcy Ribeiro, “algumas das empresas mais ricas que se conhecem em toda a história econômica mundial”; e complementa: “Ricas, porém, para os núcleos cênicos e para os agentes internos da dominação, mas não para si próprias e menos ainda para sua população global”²⁵.

Darcy Ribeiro destaca que por este processo de diferenciação, aquelas colônias “pobres”, “mais capacitadas a se estruturarem desde a primeira célula como um povo para si”, como no caso dos Estados Unidos, “cresceram com enorme potencialidade de autodesenvolvimento”; enquanto que as colônias “prósperas”, como no caso de todas as colônias latino-americanas, “vieram a ser, em nossos dias, precisamente as áreas mais atrasadas e miseráveis das Américas”²⁶:

O aparente paradoxo que converte as áreas mais ricas nas mais pobres e que condiciona os povos mais miseráveis a custear a prosperidade dos mais abastados se explica, precisamente, por esta superexploração, impraticável dentro da própria nação dominadora, mas perfeitamente factível no caso dos seus proletariados externos²⁷.

Se, como já demonstrado anteriormente, ao longo dos séculos, essa superexploração foi justificada como uma ação civilizadora que o europeu empreendeu nas Américas para salvar seus povos da heresia – daí a idéia de Impérios Mercantis Salvacionistas -, com uma base eminentemente religiosa, o mesmo passou a ser feito, em determinado momento pelos estadunidenses que operariam, por sua vez, ações civilizatórias para salvar os mesmos americanos de antes, do atraso e de subumanidade de suas áreas de dominação²⁸.

Atrás destas remarcadas diferenças de níveis de prosperidade empresarial e até de nível de renda global e per capita, estavam, de uma lado, núcleos mais ou menos autárquicos, crescendo vegetativamente e se estruturando como um povo. E do outro lado, um proletariado externo que, crescendo pela mestiçagem, se ia convertendo em povo, malgrado ou contra o propósito de seus dominadores que o encaravam simplesmente como uma força de trabalho, desgastável como mero combustível e renovável mediante a importação de mais escravos²⁹.

²⁵ Ibidem, p.23.

²⁶ Ibidem, p.23-4, *passim*.

²⁷ Ibidem, p.24.

²⁸ Ibidem, p.24.

²⁹ Ibidem, p.23.

Tal é a natureza de um proletariado externo. Assim foi num passado remoto, com relação às massas desgastadas nas grandes plantações latifundiárias e nos *ergasteiros* das colônias em que se fundava a prosperidade (...). Assim foi, por igual, durante toda a História da América Latina. Assim ameaça continuar sendo enquanto permaneceram hegemônicos os interesses que regeram até agora a ordenação social da América Latina³⁰.

Ainda em *As Américas e a Civilização*, Darcy Ribeiro diria que o problema do atraso latino-americano teria deixado de ter como ponto de referência a dependência da região com relação aos colonizadores europeus e, após o crescimento e o desenvolvimento por processos genuínos de aceleração histórica no contexto da revolução industrial por parte dos *Povos Transplantados* do norte, teria colocado todos os latino-americanos sob exploração dos Estados Unidos:

Estes fatores de desenvolvimento e de atraso não são, porém, conquistas ou condenações consolidadas, mas componentes dinâmicos que, por sua atuação, modelaram os povos de cada configuração histórico-cultural e os fazem defrontar-se com uma problemática específica e diversa das demais. Deles resultou um novo fator de diferenciação que é a proletarianização do continente em um núcleo de alto desenvolvimento e um contexto de povos subdesenvolvidos. A interação dentro da área passou, por isto, a realizar-se como relações entre sociedades historicamente defasadas: umas situadas no nível de formação imperialista industrial, outras submetidas à condição de sujeição neo-colonial. Tais relações, sendo intrinsecamente espoliativas para as nações atrasadas, conduzem a conflitos de interesses e tensões. A América do Norte é levada, assim, a um papel de mantenedora do sistema que é lucrativo para suas empresas instaladas na região e que é conveniente à sua política de potência no continente e no mundo. O estudo desta polarização é tanto mais importante porque, quaisquer que sejam os caminhos do desenvolvimento dos povos latino-americanos, ela terá consequências decisivas dado o poderio de intervenção dos norte-americanos, a natureza imperativa de seus compromissos de potência mundial e o peso de seus interesses investidos na região³¹.

Dentro deste contexto é que teriam acontecido, no mundo todo, dentro do processo de acumulação de tensões decorrentes ainda da revolução tecnológica representada pela revolução industrial, um segundo processo civilizatório que, nas palavras de Darcy Ribeiro: “consistiu, essencialmente, em reordenações internas de algumas sociedades, conducentes à criação de formações sócio-culturais de modelo socialista, seja através de procedimentos intencionais, seja mediante um desenvolvimento evolutivo”³²:

³⁰ Ibidem, p.24.

³¹ Idem, 1983, p.420.

³² Idem, 1979a, p.26-7.

A primeira via cristalizou-se em duas formações distintas: o *Socialismo Revolucionário*, cujo padrão básico, inaugurado pelos soviéticos, se expandiu posteriormente por amplas áreas; e o *Nacionalismo Modernizador*, como um regime híbrido que procura combinar conteúdos capitalistas e socialistas. A segunda via vem se concretizando como *Socialismo Evolutivo*, resultante da acumulação de mudanças experimentadas por algumas sociedades altamente industrializadas, que acabou por descaracterizá-la como estruturas capitalistas³³.

De acordo com Darcy Ribeiro, esse novo processo civilizatório. O modelo Socialista, representaria uma nova opção de aceleração evolutiva aos povos atrasados:

[...] representado pela URSS, pelas Repúblicas Populares da Europa Oriental, pela China, pelo Vietnã e Coréia do Norte, e por Cuba, que inaugurou a nova formação nas Américas. (...). Enseja ritmos mais intensos de progresso econômico, social e cultural até hoje conhecidos. Representa, por isto, a via mais direta de induzir um processo de aceleração evolutiva em sociedades subdesenvolvidas de estrutura social rígida e com grandes montantes populacionais³⁴.

Três características distintivas do modelo socialista revolucionário de desenvolvimento o tornam especialmente atrativo para as nações subdesenvolvidas. Primeiro, os altos ritmos de crescimento econômico que consegue imprimir. (...) Outra característica distintiva do modelo socialista revolucionário é a de ser o único que alçou grandes massas populacionais da pobreza à prosperidade. Todos os processos anteriores de desenvolvimento englobavam pequenos contingentes demográficos. (...) A terceira particularidade do modelo socialista revolucionário é que ele conseguiu imprimir processos de aceleração evolutiva e estruturas sociais rígidas, elevando-as do nível de economias agro-artesanais ao padrão industrial moderno³⁵.

Frente ao desafio de sair da condição de subdesenvolvimento, portanto, caberia aos países em tal condição emergirem de acordo com dois modelos de desenvolvimento industrial, o *Capitalismo Tardio* e o *Socialista*, que ofereceriam especial interesse teórico por seu caráter de esforços deliberados de rompimento com a dominação imperialista, operada anteriormente pelos europeus, e de enfrentamento das causas internas do atraso³⁶. Passados os processos de desenvolvimento capitalista tardio representados por Alemanha, Japão, Estados Unidos, que somente teriam conseguido ascender ao nível de autonomia via conflitos bélicos de abrangência mundial, e portanto já sendo um processo de alto risco, de alto custo, e, por tudo isso, que recebia certa resistência por parte dos países

³³ Ibidem, p.27.

³⁴ Idem, 1983, p.538.

³⁵ Ibidem, p.519.

³⁶ Ibidem, p.512.

“centrais”, a única alternativa restante aos ainda subdesenvolvidos seria o trânsito à autonomia pela via socialista.

O choque entre os países que representavam os antigos pólos de imperialismo, com os países emergentes na exploração via desenvolvimento do capitalismo tardio, e ainda com a participação dos países que teriam se desenvolvido via socialista, teria gerado não só duas guerras mundiais, como acabavam por conformar um contexto mundial de conflitos, que em uma visão abrangente da conjuntura internacional traçado por Darcy Ribeiro, seriam de tais ordens:

- as disputas entre as potências imperialistas industriais;
- a oposição entre os povos atrasados e seus exploradores;
- o antagonismo entre o campo capitalista e o socialista
- e as tensões inter-socialistas³⁷.

E complementa:

Estas últimas, embora importantes, parecem menos relevantes na conjuntura mundial e só são destacadas aqui pela contribuição que a disputa sino-soviética parece capaz de aportar para uma emulação pelo aperfeiçoamento dos modelos socialistas de sociedade e para a ativação das lutas de emancipação dos povos atrasados. (...) A primeira ordem de tensões correspondente à oposição entre potências imperialistas enquanto complexos de interesses nacionais mutuamente excludentes, abrandou-se sensivelmente depois da última guerra. Com a derrota da Alemanha, da Itália e do Japão, a conjuntura mundial perdeu o caráter de uma polaridade de imperialismos rivais para assumir a feição de um superimperialismo centralizado na América do Norte que reordenou a economia internacional como potência hegemônica, e financiou a restauração dos parques industriais europeus e japoneses. Deste modo, os norte-americanos não só evitaram a ameaça de progressão de algumas das antigas potências para regimes socialistas, como se apropriaram do comando das economias rivais. Implantou-se, assim, no após-guerra, uma economia mundial do dólar, regida pelas grandes corporações norte-americanas através do seu poderio financeiro e de sua supremacia tecnológica. Nesta conjuntura, tornou-se praticamente impossível o crescimento de qualquer empresa de dimensão mundial sem a participação norte-americana³⁸.

O preço desta hegemonia para a América do Norte foi a assunção ao papel de potência militar mantenedora da ordem capitalista internacional e a aceitação dos compromissos econômicos e financeiros correspondentes, provavelmente superiores às suas forças. Engendram-se, deste modo, ameaças de crise do próprio sistema, que só podem ser enfrentadas pelos esforços conjugados e por sacrifícios comuns que os outros centros imperialistas relutam em aceitar. Nesta conjuntura, a França, à frente do Mercado Comum Europeu, e a Inglaterra, na defesa da área da libra, exigem a revisão do sistema financeiro

³⁷ Idem, 1979a, p.34.

³⁸ Ibidem, p.34-5.

mundial privilegiador do dólar. A Alemanha ameaça voltar-se para os mercados do Leste e todos vêm na estruturação de uma economia européia unificada a única forma de evitar a completa dominação econômica de seus países pelos Estados Unidos. Só o Japão ainda está reticente em estabelecer comércio com a China porque encontra larga margem de expansão econômica nos vazios deixados pela América do Norte nos mercados ocidentais³⁹.

Passadas as disputas inter-socialistas, bem como as disputas entre as potências industriais, na análise das disputas entre os povos atrasados e seus exploradores, passa-se ao que Darcy Ribeiro chama de consciência crítica do subdesenvolvimento, para tentar desvendar as perspectivas de desenvolvimento autônomo, dentro da perspectiva industrial e capitalista, que se abriam aos povos subdesenvolvidos e dependentes das Américas:

A ruptura desta condição só pode processar-se no curso de longos processos de reconstituição étnica, de conflitos sangrentos pela emancipação do jugo da etnia parasitária e de proscrição dos agentes internos da dominação comprometidos com o sistema. Em qualquer caso, porém, a nova etnia surgirá traumatizada porque conduz dentro de si tradições em choque que deverá amalgamar; interesses de grupos e de extratos sociais que contrapor; e, ainda, dependências externas que, de alguma forma, precisará atender⁴⁰.

Dada a dificuldade de os países atrasados dominarem conteúdos tecnológicos novos e incrementar seu uso no sentido de sua autonomia a fim de que “possam, um dia, ascender de um sistema de sustentação da complementaridade desigualitária, a um sistema econômico de atendimento das necessidades de sua própria população e de intercâmbio internacional condicionado aos imperativos da sua autonomia e crescimento”⁴¹:

Só através de um esforço deliberado e conduzido estrategicamente, torna-se possível a ruptura desta cadeia autoperpetuante de dominação. As crises econômicas do sistema oferecem as principais oportunidades de tentar esta ruptura, porque enfraquecem o núcleo dominador e porque compelem a exercer formas mais despóticas de espoliação com o objetivo de transferir as tensões que está suportando. Entretanto, quando estas crises coincidem com a emergência de novos processos civilizatórios, conducentes ao alçamento de novos centros reitores, implicam no risco de que a ruptura com uma esfera de dominação se reduza à transferência a outra esfera, como sucedeu com o impacto da Revolução Industrial e as lutas de Independência que ela desencadeou nas Américas.⁴²

³⁹ Ibidem, p.35.

⁴⁰ Idem, 1983, p.42.

⁴¹ Ibidem, p.43.

⁴² Ibidem, p.43.

Tal é o subdesenvolvimento. Por tudo isto, ele não pode ser explicado como uma polaridade de contrastes interativos, como pretendem os teóricos dualistas. Nem como uma crise de transição entre feudalismo e o capitalismo que afeta uniformemente a todos os povos imersos nesse estágio de evolução, como quer o marxismo dogmático. O subdesenvolvimento é, na verdade, o resultado de processos de atualização histórica só explicáveis pela dominação externa e pelo papel constritor das classes dominantes internas, que deformam o próprio processo de renovação, transformando-o de uma crise evolutiva no trauma paralisador. Desenvolvendo-se dentro deste enquadramento, a maioria das nações americanas evoluiu como estruturas “atualizadas”⁴³.

No entanto, dadas as dificuldades de se conseguir implementar projetos de superação do atraso frente aos países que deles se beneficiam, nada seria mais coerente para Darcy Ribeiro que os subdesenvolvidos aderissem ao próprio conflito socialismo-capitalismo do contexto da sociedade internacional:

Em nossos dias, uma nova onda de criatividade intelectual e um novo alargamento da consciência possível se expressa criticamente e varre o mundo dos povos deserdados. É a inconformidade com seu lugar e seu papel no sistema mundial e a consciência de suas estruturas sociais como problemas (...) Trata-se, provavelmente, de um efeito reiterativo dos mesmos processos estruturais que, alterando as formas de produção das sociedades humanas, força a renovação institucional e enseja a auto-superação ideológica⁴⁴.

O elemento fundamental desta conscientização é a própria concepção do subdesenvolvimento como produto do desenvolvimento de outros povos, alcançado mediante a espoliação dos demais e como efeito da apropriação dos resultados do progresso tecnológico por minorias privilegiadas dentro da própria sociedade subdesenvolvida. É, ainda, a compreensão de que enquanto permanecerem no quadro desses condicionamentos internos e externos, as sociedades dependentes só experimentarão uma modernização reflexa, parcial e deformada, geradora de crises demográficas e sociais impossíveis de serem superadas dentro das estruturas vigentes. É, por fim a percepção de que esta situação de atraso só pode ser rompida revolucionariamente. E que, em consequência, a missão crucial dos cientistas sociais das sociedades subdesenvolvidas é o estudo da natureza da revolução social e a busca dos caminhos pelos quais ela possa ser desencadeada para dar lugar a uma aceleração evolutiva⁴⁵.

Colocados entre a esfera capitalista e a socialista, os povos atrasados na história, nas palavras de Darcy Ribeiro, estariam submetidos às maiores tensões: “Para uns, eles são a caça guardada que deve ser mantida como objeto de espoliação. Para outros, são a

⁴³ Ibidem, p.45.

⁴⁴ Ibidem, p.47.

⁴⁵ Ibidem, p.48.

área natural de expansão de sua influência ideológica e de luta por conquistar alianças e posições estratégicas”⁴⁶. Assim:

Em face dos dois grandes, porém, se foi alcançando a multidão dos pequenos, como um terceiro mundo, caracterizado pela miséria de seus povos, por seu descontentamento com o destino que se lhes prescrevia e com o lugar e o papel que lhes era reservado no sistema mundial. Aos poucos, esse terceiro mundo toma consciência da especificidade de seus interesses e da identidade da luta que trava para alcançar o progresso econômico e social. Desde então, os três mundos se situam no plano ideológico como uma coalizão anti-revolucionária, uma ortodoxia revolucionária e uma rebelião inconformista. As duas últimas esferas pareciam compelidas a se associarem, menos pela identidade de sua postura ideológica do que pela oposição frontal de interesses entre nações cêntricas e periféricas dentro do espectro imperialista⁴⁷.

É o começo do degelo ideológico, em que a conjuntura reacionária se rompe e se desmascara liberando, mais uma vez, as forças virtualmente progressistas de todo o mundo, principalmente do Terceiro Mundo, para a tarefa da reconstrução racional da sociedade como a missão dos filósofos e dos cientistas e, por igual, do homem comum e de suas lideranças revolucionárias⁴⁸.

Darcy Ribeiro passa, assim, a colocar em palavras claras, que a melhor perspectiva de desenvolvimento autônomo oferecida aos países latino-americanos, seria o alinhamento ao socialismo evolutivo:

Na história da América Latina surgiram inúmeros movimentos insurrecionais das classes oprimidas que polarizaram, primeiro, as massas escravas, depois, as camponesas. Alguns deles alcançaram grandes vitórias mas puderam ser dominados porque eram antecipações históricas ainda inviáveis, por serem incapazes de refazer a ordem social. Nos nossos dias, esta carência foi superada pelo surgimento simultâneo de uma consciência crítica e rebelde e de uma teoria revolucionária, reiteradamente aplicada em várias partes do mundo, que proporciona uma orientação estratégica às lutas revolucionárias e torna possível sua vitória e com ela a reordenação racional da sociedade em bases socialistas. Enquanto as esquerdas latino-americanas estiverem integradas no sistema como participantes menores dele e sem propor-se um projeto próprio de poder socialista, esta reativação se torna impraticável. Entretanto, depois que a revolução cubana e, mais recentemente, o desenvolvimento do processo chileno vieram demonstrar a possibilidade de vitória de uma revolução socialista na América Latina, estas condições mudaram radicalmente⁴⁹.

As forças políticas da América Latina vão forjando uma consciência madura a respeito das formas de luta revolucionária adequadas às condições específicas das nações subdesenvolvidas. Estas nações, não tendo encontrado conjunturas

⁴⁶ Ibidem, p.70.

⁴⁷ Ibidem, p.70.

⁴⁸ Ibidem, p.73.

⁴⁹ Idem, 1979a, p.222.

favoráveis para uma renovação estrutural de tipo clássico – através do caminho liberal ou da via plutocrática do desenvolvimento do capitalismo tardio – se vêm na contingência de optar por um dos dois modelos de ação renovadora, correspondente às suas condições estruturais e à época presente. Tais são, como vimos, o socialismo revolucionário ou o evolutivo.

Todos estes traços distintivos do socialismo revolucionário tornam provável que ele se configure como a saída natural para as nações condenadas ao atraso e à penúria enquanto prevalecer a dominação imperialista sobre os mercados mundiais; a exploração de seus recursos pelas corporações monopolistas e a opressão interna por estruturas de poder destinadas a manter a exploração externa e a constrição oligárquica⁵⁰.

Darcy Ribeiro introduz a idéia do “*Dilema da América Latina*”, pela discussão da necessidade de os países da região, no movimento de uma nova revolução tecnológica, a Termonuclear, oporem-se à “industrialização recolonizadora” operada pelas multinacionais, em âmbito externo, e aos regimes de segurança nacional – representados pelos governos de intervenção militar -, em âmbito interno, a todos os países latino-americanos. Uma aliança com os países socialistas e demais subdesenvolvidos, e uma derivação dos latino-americanos para regimes socialistas, seria a única alternativa para que estes pudessem alcançar o desenvolvimento autônomo e independente.

Baseado nas últimas análises sobre o socialismo realizadas em *As Américas e a Civilização*, Darcy Ribeiro, em *O Dilema da América Latina*, estuda as possibilidades efetivas de abandono dos processos reiterativos de “atualização histórica” no sentido de partir para um processo de “aceleração evolutiva”, que alçaria os latino-americanos, subdesenvolvidos, à superação de sua dependência em relação a um o novo pondo de antagonismo e hegemonia, os Estados Unidos. Teria preocupação, também, com a elaboração de um programa político-ideológico, na forma de um plano de ação estratégico, para tal fim.

O “dilema” seria representado pela necessidade de opção entre a adesão a um processo de evolução autônoma, em confronto com os Estados Unidos, ou a permanência na condição dependente geradora de profundas desigualdades econômicas e sociais entre as nações, mas principalmente favoráveis entre as elites dirigentes internas a cada país latino-americano em detrimento das demais classes sociais trabalhadoras, que seriam as principais prejudicadas pela condição de “proletariados externos”, produtores de riquezas

⁵⁰ Idem, 1983, p.520.

para usufruto alheio, vivendo em condição de intensa pobreza e penúria econômica e social.

3.3 Das passagens pela democracia à retomada da Revolução necessária

Passadas as experiências revolucionárias latino-americanas das décadas de 1960 e 1970, e com a implantação de ditaduras militares em quase todos os países latino-americanos – em um ciclo que vai de 1964 no Brasil a 1973 no Chile⁵¹ – Darcy Ribeiro passa a reavaliar a idéia de alinhamento ao socialismo. Em verdade, há uma guinada gritante no posicionamento político-ideológico de Darcy Ribeiro que, na década de 1980, reelabora todo o pensamento produzido sobre a América Latina realizado em décadas anteriores. Essas reavaliações seriam feitas principalmente em *América Latina: a Pátria Grande*, que, após uma passagem sintética de todos os conceitos elaborados nas obras anteriores, trataria especificamente dos “fracassos das esquerdas latino-americanas”, “sobretudo na altura da década de 70 em que, despojados das estratégias revolucionárias em que mais confiávamos, somos desafiados a traçar novas ‘linhas’ que só serão mais eficazes se forem mais lúcidas”⁵².

Decepcionadas com a mediocridade dos resultados do “frente-unionismo” dos comunistas, desalentadas com as frustrações da voluntarista ação guerrilheira cubana, traumatizadas com o retrocesso contra revolucionário chileno, as esquerdas latino-americanas, derrotadas e perplexas, buscam novos caminhos⁵³.

A resposta momentânea para tal problema seria a retomada da crença na possibilidade de reformas estruturais em cada sociedade latino-americana por meio da democracia:

De fato, na presente conjuntura dessa década de 80, vai ficando evidente que todos estamos condenados à democracia. A direita, porque os próprios norte-americanos revelam um temor crescente em confiar a guarda de sua hegemonia continental a ditaduras militares odiadas pelas populações latino-americanas. As esquerdas porque, dissuadidas das ilusões de uma nova revolução socialista de

⁵¹ COMBLIN, Joseph. *A Ideologia da Segurança Nacional: poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

⁵² RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1986, p.30.

⁵³ *Ibidem*, p.33.

exceção, estão compelidas a ingressar no processo político eleitoral e na luta sindical como arenas dentro das quais terão de viver o seu papel histórico⁵⁴.

A estratégia, na década de 1980, não seria mais a de uma derivação ao socialismo, mas a de constituição de um corpo político, econômico e social, capaz de impor-se minimamente frente às demais nações do mundo, por uma união dos países latino-americanos, junto também dos demais países pobres e subdesenvolvidos, para formar, além da “Nação Latino-americana” a união responsável pela “revolução dos pobres” em nome da superação de sua condição de exploração e desigualdade econômica e social⁵⁵. Essa seria a “*Revolução Necessária*” da América Latina alçada à condição de uma “*Civilização Emergente*”.

3.4 América Latina: identidade, autonomia e “emergência”

De acordo com os princípios expostos anteriormente:

Assim é que, nesta metade da década dos anos 70, começam a tornar-se visíveis tendências conduzindo ao aparecimento da América Latina da configuração histórico-cultural que denominamos *Povos-Emergentes*. Eles seriam integrados por grupos indígenas que, tendo sobrevivido à compulsão colonial e nacional e logrado manter grandes núcleos populacionais, começam agora a modernizar-se de tal modo que sua indianidade já não corresponde necessariamente a uma condição de extremo atraso e pobreza. Nestas condições, estes grupos indígenas deverão dinamizar-se para atuar como forças transformadoras dos quadros nacionais em que se inserem. Seu papel será o de combatentes finalmente capacitados a exigir, seja uma participação igualitária no poder dentro dos atuais estados nacionais, o que, os alteraria decisivamente, seja a construção de novas sociedades políticas que, reconhecendo-se multi-étnicas, se organizem como estados multinacionais. (...) **Em qualquer caso, o mundo de amanhã estará enriquecido pela presença destes novos Povos-Emergentes que se levantarão desde os confins da história americana para representar um papel em seu futuro**⁵⁶. (grifos nossos)

O que despertaria o sentimento de unidade latino-americana, na visão de Darcy Ribeiro, seria:

Nos últimos anos, revimos nossa concepção deste problema à luz da ativação da consciência étnica que percorre todo o mundo. Com efeito, nunca as chamadas minorias nacionais foram tão combativas como agora. Isto se pode constatar pela

⁵⁴ Ibidem, p.60-1.

⁵⁵ Ibidem, p.147-8.

⁵⁶ Idem. *Configurações Histórico-Culturais dos Povos Americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p.57.

luta dos Bascos, Catalães, Galegos, Bretões, Flamengos e de tantas outras “minorias nacionais” fanaticamente autônomas e imersas dentro de entidades multiétnicas. (...) É de todo provável que estas tendências civilizatórias, à medida que amadureçam, despertem também os grandes blocos étnicos de origem indígena da América Latina para destinos autonomistas. (...) Neste caso é de supor que nas Américas do próximo milênio se ergam *Povos-Emergentes*, oriundos de populações indígenas remanescentes das altas civilizações americanas para fazer respeitar seu direito de serem eles próprios, dentro de novos quadros estatais ampliados e redefinidos para assumirem um caráter multinacional⁵⁷.

Antes, porém, de fundamentar os aspectos que contribuiriam para a conformação de uma só identidade latino-americana, Darcy Ribeiro avalia os problemas a consecução do mesmo projeto. A começar pela necessidade de os latino-americanos de superarem suas barreiras geográficas. Darcy Ribeiro, se propondo a elucidar o significado da existência da América Latina, ressalta a sua “notória unidade geográfica, fruto de sua unidade continental”, mas releva que “a essa base física, porém, não corresponde uma estrutura sócio-política unificada e nem mesmo uma coexistência ativa e interatuante”⁵⁸ e complementa:

Efetivamente a unidade geográfica jamais funcionou aqui como fator de unificação porque as distintas implantações coloniais das quais nasceram as sociedades latino-americanas coexistiram sem conviver, ao longo dos séculos. Cada uma delas se relacionava diretamente com a metrópole colonial. Ainda hoje, nós, latino-americanos, vivemos como se fôssemos um arquipélago de ilhas e se comunicam por mar e pelo ar e que, com mais frequência, voltam-se para fora, para os grandes centros econômicos mundiais, do que para dentro⁵⁹.

Darcy Ribeiro dá outros exemplos:

Conversando com um chileno, um peruano ou com um cidadão de qualquer país da costa do pacífico, se verifica facilmente que para ele o que seu país tem pela frente é a Europa atlântica ou a América Saxônica. Abstrai totalmente o fato de que para ir à Europa, ele tem de rodear o Estreito de Magalhães lá em baixo, ou atravessar o Canal do Panamá, lá em cima. Se algum malvado lhes diz que eles vivem é cara a cara com a China ou o Japão, os pobres se assustam demais. (...) Nós, da costa Atlântica, que moramos face a face com a África de onde vieram tantíssimos de nossos patrícios, apagamos com igual zelo este fato de nossas mentes. Somos vizinhos é da França ou da América. América, aliás, é para todo latino-americano só a lá do Norte. Nós nos concebemos, de fato, é como uma espécie de subúrbio do mundo. Uma área marginal, periférica, posta de cabeça pra baixo na calota de baixo da Terra para sofrer. Exagero, certamente. (...) Na América do Sul, o Brasil faz uma fronteira terrestre de quinze mil quilômetros com outros países. Como ela corre, deserta, na montanha ou na floresta impenetrada – uma vez que só temos uns

⁵⁷ Idem, 1983, p.97-8, *passim*.

⁵⁸ Idem, 1986, p.11.

⁵⁹ Ibidem, p.11.

poucos pontos de contato -, é como se pertencêssemos a continentes diferentes. Cada país latino-americano, insciente de seu contexto – exceto para tricas e futricas ou para a troca de peças das respectivas fábricas das multinacionais – se relaciona diretamente é com o Centro. Ainda que esteja tão descentrado com as metrópoles que olhamos, pasmados: Paris, Londres, Moscou, Pequim, Nova York, Tóquio⁶⁰.

Outro ponto destacado por Darcy Ribeiro diz respeito à dificuldade de se entender, do ponto de vista lingüístico cultural, dentro de uma mesma perspectiva de “latinos”, povos tão díspares como brasileiros, mexicanos, argentinos ou haitianos. E que a redução da escala de latinos para ibéricos, encontraria uma unidade um pouco mais uniforme, mas que, em verdade, seria bem pouco menos homogênea, “porque excluiria apenas os descendentes de colonização francesa”. Assim, Darcy Ribeiro, reduz o referencial de análise de uma perspectiva ibérica para a sua divisão, distinguindo duas categorias: “Um conteúdo luso-americano concentrando todo o Brasil e um conteúdo hispano-americano que congrega o restante”⁶¹. E que, em verdade, apresentaria diferenças bem pouco significativas, porque: “fundada numa pequena variação lingüística que não chega a ser obstáculo para a comunicação, ainda que tendamos a exagera-la com base na longa história comum, interatuante, mas muitas vezes conflitante”⁶².

Destacando as semelhanças e diferenças entre países latino-americanos, ressalta a participação indígena na composição étnica de países como Guatemala e o Altiplano Andino, onde a sua presença é notória e constitui sua identidade étnico-cultural, ou no México, “onde os índios se contam aos milhões e predominam em certas regiões”⁶³:

Nestes casos é tão grande a massa de sobreviventes da população indígena original que se integrou às sociedades nacionais com um campesinato etnicamente diferenciado que seu destino é se reconstituírem, amanhã, como povos autônomos. Isso significa que países como a Guatemala, a Bolívia, o Peru e o Equador e áreas extensas de outros como o México e a Colômbia estarão sujeitos, nos próximos anos, a profundas convulsões sociais de caráter étnico que redefinirão aqueles quadros nacionais de povos autônomos⁶⁴.

E complementa, se referindo aos latino-americanos não mencionados:

Totalmente distinta é a situação dos demais países onde só se encontram microetnias tribais, mergulhadas em vastas sociedades nacionais etnicamente

⁶⁰ Ibidem, p.95-6, *passim*.

⁶¹ Ibidem, p.12.

⁶² Ibidem, p.12.

⁶³ Ibidem, p.13.

⁶⁴ Ibidem, p.13.

homogêneas. (...) Todos esses povos têm no aborígene uma de suas matrizes genéticas e culturais, mas sua contribuição foi de tal forma absorvida que qualquer que seja o destino das populações indígenas sobreviventes, não se alterará muito sua configuração étnica. Em outras palavras? A miscigenação, absorção e europeização dos antigos grupos indígenas no seio da população nacional estão completas ou em marcha e tendem a homogeneizar – embora não a fundir – todas as matrizes étnicas, convertendo-as em modos diferenciados de participação na mesma etnia nacional⁶⁵.

Para Darcy Ribeiro, no entanto, o elemento indígena permaneceria nas sociedades latino-americanas como um de seus principais componentes, “apesar de cada vez mais aculturados, eles sobreviverão diferenciados e serão cada vez mais numerosos”⁶⁶, junto de outras matrizes, que, para além dos elementos europeu e indígena, teriam como terceira referência os negros africanos:

Outro componente que diferencia o quadro, emprestando-lhe aspectos particulares, é a presença do negro africano, que se concentra de forma maciça na costa brasileira de mais antiga colonização e nas áreas de mineração e também nas Antilhas, onde floresceu a plantação açucareira. Fora dessas regiões encontram-se diversos bolsões negros na Venezuela, Colômbia, Guianas, Peru, e em algumas áreas da América central⁶⁷.

Também neste caso, a absorção e assimilação chegaram a tal ponto que se americanizou esse contingente da mesma forma que os demais, ou talvez de uma forma mais completa que qualquer outro. É certo que reminiscências africanas no folclore, na música e na religião são papáveis nas áreas onde a influência negra foi maior. Mas sua persistência se explica, principalmente, pelas condições de marginalização dessas populações, que em nenhum caso constituem blocos étnicos inassimiláveis à autonomia⁶⁸.

Darcy Ribeiro destaca que os antropólogos sempre produziram uma literatura que enfatizou, por vezes de forma excessiva, as diferenças, e diz: “O certo porém é que, aqui, as semelhanças são mais significativas que as diferenças, já que todos esses contingentes estão plenamente ‘americanizados’ ”⁶⁹.

Essas três matrizes, olhadas do ponto de vista da miscigenação, e portanto em conjunto, seriam a principal referência para a reinvenção étnico-cultural dos povos latino-americanos, de modo que não mais se destacasse a predominância da cultura ibérica na

⁶⁵ Ibidem, p.13-4.

⁶⁶ Ibidem, p.14.

⁶⁷ Ibidem, p.14.

⁶⁸ Ibidem, p.14.

⁶⁹ Ibidem, p.15.

definição da identidade latino-americana, mas a mestiçagem, a idéia de uma civilização, por essência, multicultural, mestiça, híbrida.

Darcy Ribeiro faz a ressalva de que acima de todos os fatores de diversificação étnico-cultural, sobressaíam os fatores de uniformidade, tomando como algo próprio de todos os latino-americanos, o paralelismo entre a cor, ou etnia, não européia, e a condenação à exclusão social, dentro de um quadro de estratificação social marcadamente definido:

Assim, os contingentes negros e indígenas que tiveram que enfrentar enormes obstáculos para ascender da condição de escravos à de proletários concentraram-se principalmente nas camadas mais pobres da população. (...) Assim é que a cor da pele, ou certos traços raciais típicos do negro e do indígena, operando como indicadores de uma condição inferior, continuam sendo um ponto de referência para os preconceitos que pesam sobre eles⁷⁰.

Darcy Ribeiro chega a falar, portanto, em uma “uniformidade sem unidade”:

Por cima das linhas cruzadas de tantos fatores de diferenciação – a origem do colonizador, a presença ou ausência e o peso do contingente indígena e africano e de outros componentes -, o que sobressai no mundo latino-americano é a unidade do produto resultante da expansão ibérica sobre a América e o seu bem-sucedido processo de homogeneização. (...). Amalgamando gente procedente de todos os quadrantes da terra, criaram-se aqui povos mestiços que guardam em seus rostos étnicos heranças tomadas de todas as matrizes da humanidade. (...) Essa mesma homogeneização em curso é notória em certos planos, como o linguístico e cultural. (...) Ou seja: os espanhóis, portugueses e ingleses, que jamais conseguiram assimilar os bolsões lingüístico-dialetais de seus reduzidos territórios, ao mudarem-se para as Américas impuseram às suas colônias, imensamente maiores, uma uniformidade lingüística quase absoluta e uma homogeneidade cultural igualmente notável⁷¹.

Darcy Ribeiro reivindica, assim, a formação da Pátria Latino-americana:

O certo é que nossa latino-americanidade, tão evidente para os que nos olham de fora e vêem nossa identidade macroétnica essencial, só ainda não faz de nós um ente político autônomo, uma nação ou uma federação de estados nacionais latino-americanos. Mas não é impossível que a história venha a fazê-lo. A meta de Bolívar era opor aos Estados Unidos Setentrionais os Estados Unidos Meridionais. A Pátria Grande de Artigas, a *Nuestra América* de Martí apontam nesse rumo⁷².

⁷⁰ Ibidem, p.15-6.

⁷¹ Ibidem, p.17-8, *passim*.

⁷² Ibidem, p.19.

A motivação principal para a união dos Latino-Americanos seria o projeto já recorrentemente perseguido por Darcy Ribeiro:

Pouco apouco vai surgindo uma contradição irreduzível entre o projeto do colonizador e seus sucessores e os interesses da comunidade humana resultante da colonização. Ou seja: entre os propósitos e os procedimentos da classe dominante, subordinada, e a maioria da população que ativava o empreendimento, primeiro colonial, depois nacional. Para essa população o desafio colocado ao longo dos séculos foi o de amadurecer como um povo para si, consciente de seus interesses, aspirante à co-participação no comendo de seu próprio destino. Dada a composição classista, tratava-se de conquistar estas metas através da luta contra a classe dominante gerencial da velha ordenação social. Ainda hoje este é o desafio principal com que nos defrontamos todos nós latino-americanos⁷³.

A utopia de uma Nação Latino-Americana, para Darcy Ribeiro, começaria a ganhar forma: “A América Latina existiu desde sempre sob o signo da utopia. Estou convencido mesmo de que a utopia tem seu sítio e lugar. É aqui”⁷⁴.

Darcy Ribeiro recorre ao período do “descobrimento” em que, com a descoberta do “Novo Mundo”, bem como com as notícias que dele advinham, personalidades, como por exemplo Thomas Morus, passaram a edificar um imaginário paradisíaco refletido pelas descrições de navegantes. Mas:

Vieram logo sábios mais sábios demonstrando, agora, que os índios, na verdade, estavam mergulhados no pecado da nudez e da falta de vergonha, da luxúria e da antropofagia, do incesto, da feitiçaria, da sodomia e da lesbiania. Seriam criaturas do diabo. Homúnculos. A Europa, constrita, assume, então, os deveres da cristandade, propondo-se a arrancar a ferro e fogo aqueles pobres índios das mãos do demo. Santos homens surgem aos magotes, com fanáticas vocações missionárias, e embarcam para cá com suas caras fechadas, suas túnicas negras e suas sólidas virtudes. Vinham desindianizar os índios, tirando-os da vida selvagem para fazer deles cândidos índios seráficos⁷⁵.

Simultaneamente com esta dizimação da indiada, a imagem que deles a Europa teve nos primeiros tempos se transfigura inteiramente. A figura do índio idílico em seu Éden tropical dá lugar à do antropófago no Inferno Verde. O doce nome de povo que assombrou a Colombo pela generosidade passa de caribe a canibe e daí a canibal. Logo, seria declinado como Calibã para assim surgir como o objeto do zelo civilizatório de Próspero, que lhes dando fala e entendimentos os induziria na história. Alcança o clímax, nessa altura, sem quebra de furor salvacionista que se desencadeara na Europa, o processo de desfazimento da indiada, para fundar, como uma empresa, a cristandade ultramarina produtora de ouros e gêneros tropicais⁷⁶.

⁷³ Ibidem, p.21.

⁷⁴ Ibidem, p.65.

⁷⁵ Ibidem, p.66.

⁷⁶ Ibidem, p.68.

Darcy Ribeiro convoca o leitor: “Medite comigo, leitor, sobre esta desventurada epopéia da cristandade utópica européia nos trópicos”⁷⁷. E complementa:

Além de uma tragédia, um terrível equívoco. O que se queria implantar aqui, em nome de Cristo, era o que havia desde sempre, como jamais houve em parte alguma: uma sociedade solidária de homens livres. Como explicar essa cegueira em tão santos homens?⁷⁸

E assim, se a cristandade realizou em terras de América a sua Utopia, para o povo que na América Latina se conformou esse mesmo projeto significava exatamente o oposto, representava se enquadrar nas vontades antiutópicas do europeu: “Uma característica singular da América Latina é sua condição de um conjunto de povos intencionalmente constituídos por atos e vontades alheios a eles mesmos”⁷⁹:

O povo sempre foi, nesse mundo nosso, uma mera força de trabalho, um meio de produção, primeiro escravo; depois assalariado; sempre avassalado. (...) Suas aspirações, desejos e interesses nunca entraram na preocupação dos formuladores dos projetos nacionais, que só têm olhos para a prosperidade dos ricos. (...) De outros povos se pode dizer, talvez, que resultaram, em sua forma presente, do desenvolvimento de suas potencialidades, tal como ele se processou espontaneamente no curso da história. Nós, não. Somos a resultante de empreendimentos econômicos exógenos que visavam a saquear riquezas, explorar minas ou promover a produção de bens exportáveis, sempre de gerar lucros pecuniários. Se destas operações surgiram novas comunidades humanas, isto foi uma resultante ocasional, não esperada e até indesejada. (...) Nascemos, de fato, pela acumulação de crioulos mestiçados racial e culturalmente, que se multiplicaram como uma espécie de rejeito ou de excesso. Um dia essa mestiçaria foi chamada a virar um povo, quando uns nativos ricos decidiram que constituíam um povo nação que queria a independência⁸⁰.

Eles aí estão sempre disponíveis como uma força de trabalho que é o componente mais reles da produção, porque, sendo mais barato do que a terra, o gado, as máquinas e o insumos, nem precisa ser poupado. De fato, até valia mais antigamente, quando era escasso e tinha que ser caçado no mato, transplantado da África ou importado como imigrante, ou quando os europeus excedentários se converteram também em gado humano explorável⁸¹.

Contra essa condição comum de exploração é que, na visão de Darcy Ribeiro, deveriam se unir os latino-americanos, como um povo que:

⁷⁷ Ibidem, p.68.

⁷⁸ Ibidem, p.69.

⁷⁹ Ibidem, p.77.

⁸⁰ Ibidem, p.78.

⁸¹ Ibidem, p.79.

deseja ter, cada qual, seu emprego certo, comer todo dia, fazer um curso primário completo, ser tratado nas doenças graves e de aposentar-se aos setenta anos, excedem tanto as possibilidades do sistema que já não deixam muita gente dormir. Não há nenhuma possibilidade, nem nos horizontes mais longínquos de desenvolvimento das América Latina tal como ele se dá agora pela rota do subdesenvolvimento, de concretizar esta singela utopia, em qualquer tempo previsível⁸².

E destaca as potencialidade latino-americanas:

Com efeito, somos quatrocentos milhões de falantes de duas variedades subdialetais (o português e o espanhol) mutuamente inteligíveis de uma mesma língua. (...) Temos, essencialmente, o mesmo corpo de hábitos e costumes que é uma variante da versão ibérica da cultura mediterrânea européia. É verdade que recheada de componentes culturais e genéticos índios e negros de quem herdamos múltiplos sabores, saberes, sensibilidades, musicalidades, ritmos e pendores⁸³.

Darcy Ribeiro se pergunta, como reconstruir a identidade Latino-Americana:

Bolívar, lutando para tirar a América Latina do jugo espanhol, se perguntava que povo era aquele que se libertava.

-- Quem somos nós? Não somos europeus, nem somos índios. Somos uma espécie intermediária entre o aborígene e o espanhol.

A perplexidade do herói ecoa até hoje. Todos nós, intelectuais latino-americanos, somos uns Zeas aflitos na busca de nossa identidade.

-- Quem fomos? Quem somos? Quem seremos?⁸⁴

E lança as suas propostas:

É tempo já de se lavar os olhos do mundo para ensiná-lo a nos ver no que nós somos, sem nos esconder atrás de estereótipos. A idéia de uma América Latina da siesta e da fiesta, do machismo, dos ditadores vocacionais, da sombra e água fresca e de uma indolência doentia, tem a mesma função do racismo. É escamotear a realidade da dominação colonial e classista⁸⁵.

Caso ainda mais feio é do chamado boom da literatura latino-americana. Neste caso, o preconceito é evidente. Não há nenhum boom espantoso que tenha que ser explicado como um fenômeno. Simplesmente, o mundo moderno não conhece romancistas melhores que o Gabo, Borges, Cortazar, Rulfo e Guimarães Rosa. Nem poetas que poetam melhor do que Neruda, César Vallejo e Drumond⁸⁶.

Darcy Ribeiro não perde de vista a oposição aos Estados Unidos:

⁸² Ibidem, p.79.

⁸³ Ibidem, p.84.

⁸⁴ Ibidem, p.85.

⁸⁵ Ibidem, p.101.

⁸⁶ Ibidem, p.102.

Abra os olhos e o entendimento, leitor, para outra revelação. Ditadores tropicais sanguinários, como Somoza, Trujillo e Batista, são criaturas que Washington criou e nos impôs para o domínio ianque sobre as “repúblicas de bananas” que mantêm no Caribe. Elas são a expressão política natural e necessária da apropriação das terras pelas empresas norte-americanas produtoras de frutas de exportação. Se você duvida, olhe um pouco para a Nicarágua, El Salvador e a Guatemala e se pergunte quem é que quer reter a lucrativa tradição bananeira? Quem é que cria, ceva e perpetua ditaduras no Caribe?. As novas ditaduras militares do Brasil, da Bolívia, do Chile e da Argentina são também criações norte-americanas. São o correspondente político inevitável do domínio de nossa economia pelas corporações transnacionais, que, não podendo ser legitimado pelo volto popular, tem que ser imposto pela mão de governos militares. Cada uma delas foi imposta através de movimentos programados cuidadosamente em Washington com a ativa participação internacional – de desestabilização de governos democráticos e progressistas seguidos da apropriação do poder através de golpes de militares ianquizados. Uma vez implantada a nova ordem, seus mandantes atenderam solícitos a voz do amo. Redefiniram toda a política salarial para anular as conquistas sociais dos trabalhadores e impor regimes de medo e de fome. Logo após, com o mesmo denodo, revogaram por decreto a legislação de defesa dos interesses nacionais, para que as empresas multinacionais se apropriassem de nossos recursos e mercados. Em consequência, nos converteram em exportadores de capitais que mandam para fora lucros cada vez maiores, ao mesmo tempo em que assumimos uma dívida externa que cresce automaticamente⁸⁷.

Nessa altura você concordará comigo no quanto é duvidoso que o projeto de futuro que as nações ricas têm para nós seja alguma liberação. Sabidamente eles querem e necessitam de nossos produtos de exportação e de nossa mão-de-obra barata para com eles se prover e lucrar.[...] Nosso próprio projeto é outro, que fomos e somos impedidos de realizar. Para evitá-lo é que dopam exércitos, subornam políticos, falem empresários. Mas não ficam nisso, entrando a perseguir, prender, exilar, casar, torturar e matar quando se sentem ameaçados em seus privilégios. Uma amostra do que poderia vir a ser amanhã uma América Latina estruturada para si mesma em democracia e liberdade, como queria Salvador Allende, hoje só nos dá Cuba. Apesar do cerco e do boicote ianque, lá todos comem todo dia, toda criança tem escola, completa o primário e muitas vão adiante⁸⁸.

Darcy Ribeiro não teme em radicalizar as perspectivas que enxergava para a América Latina, quanto ao seu próprio papel, e quanto ao papel a desempenhar frente aos outros países:

Imagine comigo, leitor, que será no ano 2000 uma América Latina que valha cinquenta Cubas de poderio e garra como presença calorosa nesse mundo necessitado de ousadias libertárias. Não é impossível nem que o Terceiro Mundo vire o primeiro. (...) Vá se acostumando, leitor, com a idéia de que vamos dar certo e de que isso não fará muito bem ao mundo. Somos e nos vemos como parte da civilização ocidental. Alternos das civilizações orientais como a indiana, a chinesa ou a japonesa. Mas bem sabemos que somos um subúrbio dela, mais distante e

⁸⁷ Ibidem, p.102-3.

⁸⁸ Ibidem, p.104.

diferenciado dos seus orgulhosos núcleos cêntricos do que os soviéticos, além de imensamente importantes⁸⁹.

Pouca ou nenhuma consciência temos, ainda, é de que sobre nossos ombros recairá, em grande parte, a tarefa de criar uma nova ocidentalidade que seja, pela primeira vez, uma civilização humana respeitável. Entretanto, frente à hegemonia infecunda da América saxônica, que parece só preocupada em lucrar e reter a história parada; frente a uma Europa reduzida à sua expressão geográfica, dividida pela linha arbitrária das fronteiras das duas grandes potências hegemônicas e encolhida de medo da terceira guerra que estalará na véspera de sua destruição; frente a um mundo socialista impedido de realizar suas potencialidades libertárias, assoberbado que está na tarefa de manter o poder de represália com uma economia cinco vezes menor que a de seus adversários; frente a tudo isso, só vejo a nós para a tarefa urgente de humanizar nossa civilização e orientá-la por caminhos solidários que livres os homens do medo e lhes devolva a alegria de viver⁹⁰.

Para Darcy Ribeiro, caberia à América Latina, assim, refazer o ocidente por meio de seu caráter emergente; e para isso, teria de realizar a “Revolução Necessária”:

Nosso destino é nos unificarmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América Anglo-Saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade européia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar. Hoje, somos 500 milhões, amanhã seremos 1 bilhão. Vale dizer, um contingente humano com magnitude suficiente para encarar a latinidade em face dos blocos chineses, eslavos, árabes e neobritânicos na humanidade futura. Somos povos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante. (...) Precisa agora ser a nação do domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer um potência econômica, de progresso autosustentado. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida,. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra⁹¹.

⁸⁹ Ibidem, p.105.

⁹⁰ Ibidem, p.105-6.

⁹¹ Idem, 1995b, p.454-5.

CAPÍTULO 4

Uma Tentativa de Identificação dos Itinerários Intelectuais de Darcy Ribeiro

Este trabalho se propôs a compreender as principais idéias de Darcy Ribeiro para os países latino-americanos, na temática que, com relação a esse problema, enxergamos como central em sua obra: a condição desses países, frente às perspectivas de desenvolvimento que a eles se abrem, entre as décadas de 1950 e 1990.

Para envolver o autor em seus contextos, o relacionamos aos fatos históricos em que foi chamado a participar, ou dos quais recebeu influências, que de alguma maneira deduzimos terem contribuído para a elaboração de seu pensamento em relação à América Latina.

Caberia ainda traçar as correntes de pensamento representativas das idéias políticas com que mais claramente dialoga nos diferentes períodos, principalmente as correntes interpretativas da condição dos países latino-americanos frente às suas perspectivas de desenvolvimento. E para contemplar tal proposta entendemos que seja necessário realizar um percurso analítico que leve à compreensão do pensamento de Darcy Ribeiro, especialmente no sentido de identificar suas raízes e filiações bem como inseri-lo nas dimensões individual e coletiva das culturas políticas do continente, para encontrar uma compreensão da coesão dos grupos em debate em torno de questões como o caráter do desenvolvimento dos países no continente Latino Americano, a identidade latino-americana e seus dilemas geopolíticos, sociais, econômicos e político-ideológicos.

Esses debates podem ser situados entre as décadas de 1950 e 1990, tomando-se como base a sua trajetória intelectual, para que assim se possa relacionar a figura de Darcy Ribeiro com os seus pontos de diálogo em diferentes contextos. Sobre isso, Helenice Rodrigues da Silva, considera que a História Intelectual:

...parece visar dois pólos de análise: de um lado, o conjunto de funcionamento de uma sociedade intelectual (o 'campo', na versão de Pierre Bourdieu), isto é, suas práticas, seu modo de ser, suas regras de legitimação, suas estratégias seu habitus; e de outro lado, as características de um momento histórico e

conjuntural que impõe formas de percepção e de apreciação, ou seja, modalidades específicas de pensar e de agir de uma sociedade intelectual¹.

Em outras palavras, somente após a compreensão do pensamento político de Darcy Ribeiro, da relação entre o intelectual estudado e as idéias por ele elaboradas, é que poderemos aproximar suas idéias com as dos grupos de atuação política aos quais acreditamos que ele tenha pertencido.

Considerando que a obra intelectual de Darcy Ribeiro estimulou e colocou em prática, à sua maneira, uma forma de militância política, faz-se imprescindível, como no caso da análise de discursos políticos, inseri-la em seu contexto específico, a fim de que ganhe sentido. Isto advém da concordância de que:

Uma grande parte da nossa prática como historiadores consiste em aprender a ler e reconhecer os diversos idiomas do discurso político da forma pela qual se encontravam disponíveis na cultura e na época em que o historiador está estudando identifica-los à medida que aparecem na textura lingüística de um determinado texto e saber o que eles comumente teriam tornado possível ao autor do texto propor ou dizer. (...). O historiador persegue sua primeira meta, lendo extensivamente a literatura da época e aguçando sua própria sensibilidade e intuição para detectar a presença dos diversos idiomas².

Passamos, assim, do campo de estudo do pensamento político, para o campo de estudo da História das Idéias Políticas, sem o qual seria difícil, “...dar sentido a discursos emaranhados ou incoerentes, descobrir as linhas de força sob uma aparente confusão, identificar melhor o que muda e o que permanece nas idéias em curso”³.

Por outro lado, o pressuposto de Remond de que “as idéias nunca são mais que a expressão dos interesses de grupos que se defrontam, e os atos políticos apenas revelam relações de forças definidas, medidas, reguladas pelas pressões dos conjuntos sócio-econômicos”⁴, conduz a uma melhor apuração do estudo da condição e da função do intelectual, identificando os seus “itinerários políticos” - grandes eixos de engajamento intelectual - , a sua posição em relação às diferentes “gerações” de intelectuais - como “grupos de intelectuais oriundos de uma matriz comum de pensamento”, com

¹ SILVA, Helenice Rodrigues da. “A História Intelectual em Questão”. In: LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p.16.

² POCOCK, J.G.A., *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003, pp.32-3.

³ WINOCK, Michel. As Idéias Políticas. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p.287.

⁴ RÉMOND, René (org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p.18.

“sensibilidades ideológicas comuns” - , e o foco de sua “sociabilidade” - redes ou estruturas de relação, ou ainda, “os meios ou forças de adesão ou de exclusão”⁵.

De forma mais definida, relacionar os itinerários políticos em que Darcy Ribeiro se encontra envolvido para poder localizá-lo frente às diferentes ‘culturas políticas’ em que estão imersas todas as idéias políticas em diálogo nesse mesmo momento poderia constituir também objeto de análise deste trabalho – o que se ocorrer, se fará de modo bastante superficial, já que muito maiores dedicação e maturidade intelectual seriam necessárias para isso. Ainda mais porque, de acordo com S. Bernstein, “a cultura política é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca (vetor unidirecional)”⁶; em outras palavras, não há uma única cultura política, mas diferentes culturas políticas em um mesmo ponto de análise⁶ - e portanto teríamos de conhecer de modo pertinente as diferentes maneiras com que uma suposta cultura política em torno do desenvolvimento latino-americano, ou da identidade e da autonomia latino-americanos se manifestariam em diferentes momentos e qual a sua relação com as idéias de Darcy Ribeiro nos respectivos contextos.

Em verdade, este capítulo figura apenas com alguns indicativos dos caminhos que poderiam ser tomados para compreender o intelectual Darcy Ribeiro, no tocante ao seu pensamento sobre a América Latina, a partir da revisão e do aprofundamento do trabalho que nos três primeiros capítulos se apresenta; e assim, dada a falta de fôlego, de tempo, e de maturidade para tal, obrigatoriamente a proposta se reserva a um eventual trabalho posterior de qualquer pessoa que se proponha fazê-lo.

4.1 Da invenção das Ciências sociais no Brasil: matrizes acadêmicas iniciais

Para realizar uma discussão sobre a formação intelectual de Darcy Ribeiro, com o respaldo de uma literatura direcionada sobre a origem, função e papel dos intelectuais teríamos disponível uma larga bibliografia⁷, no entanto, para o prosseguimento deste

⁵ Ibidem, pp.244-9.

⁶ BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p.356.

⁷ BASTOS, Elide Rugai; RÉGO, Walquíria D. Leão. *Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de*

trabalho acreditamos que seriam as mais importantes, ou as contribuições mais significativas, a de Sergio Miceli⁸ e a de Daniel Pécault⁹.

Centrando a análise no próprio Darcy Ribeiro, iniciariamos pela busca das principais influências intelectuais sobre Darcy Ribeiro no período de sua profissionalização acadêmica, e intelectual, como cientista social especializado em etnologia, ao longo de toda a década de 1940, para compreender a base sobre a qual se ergueriam as múltiplas faces intelectuais de Darcy Ribeiro posteriormente.

Como já visto no primeiro capítulo, em um contexto conturbado na vida Darcy Ribeiro, pelas diferentes atividades que o ocupavam, seria de extrema valia, não somente buscar os principais autores, ou professores – que em determinados momentos o próprio Darcy Ribeiro chega a exaltar como seus “mestres paulistanos” - que lhe serviram de referência, bem como as influências de contextos e acontecimentos que lhe tocaram desta mesma maneira.

Nesse sentido, Darcy Ribeiro dizia se orgulhar de pertencer à primeira geração de cientistas sociais brasileiros profissionalizados e com formação específica para tal atividade. Os professores a que Darcy Ribeiro mais dá destaque são: Donald Pierson, Emílio Willems, Herbert Baldus e Sérgio Buarque de Holanda, por meio dos quais pôde entrar em contato com Lévi-Strauss, Roger Bastide, Radcliffe Brown, entre outros tantos “sábios norte-americanos, alemães, ingleses, italianos”¹⁰ que eventualmente passavam pela faculdade de Sociologia e Política de São Paulo, ou pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 1997. GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as Conferências de Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. SORJ, Bernardo. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

⁸ Principalmente no ponto concernente à relação de dependência dos intelectuais em relação às classes dirigentes, que com a decadência da oligarquia na República Velha e a necessidade de racionalização burocrática nas décadas de 1930 e 1940, de configurar um novo tipo de dominação, acabou levando intelectuais e elites dirigentes a desenvolver relações baseadas em novo tipo de clientelismo, patronato, dependência e fidelidade de trabalho dos primeiros em relação aos últimos. Cf. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁹ Consideramos como uma importante análise da trajetória da intelectualidade brasileira entre as décadas de 1920 e 1980. Principalmente por tocar em pontos cruciais para o nosso trabalho: o papel dos intelectuais dos anos 1920 aos de 1940; o surgimento do tema do engajamento político e o papel dos intelectuais da geração de 1954-64. Cf. PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

¹⁰ RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.126.

Darcy Ribeiro acreditava que o mais importante que lhe tinha sido passado nesse contexto de “invenção” das ciências sociais no Brasil era a postura de questionamento para a composição de uma nova leitura de todo e qualquer aspecto da realidade brasileira de um ponto de vista original. Nem que para isso fosse necessária a conjunção de diferentes leituras de diferenciados matizes e áreas do conhecimento sobre um mesmo objeto. Assim, pesquisas, junto a uma vasta bibliografia de interpretação literária, ensaística, histórica, sociológica, econômica e antropológica sobre o Brasil, serviriam como fonte para a elaboração de seus primeiros trabalhos e estudos.

Foi então que li a sério os romances e os estudos brasileiros que possivelmente me fizeram mais bem que todo o curso. Enquanto as aulas de ciências sociais me arrastavam para fora em esplêndidas construções teóricas, aquela bibliografia me puxava para dentro do Brasil e das brasilianidades, me dando matéria concreta para nos pensar, como povo e como História¹¹.

Darcy Ribeiro confere também bastante relevância a alguns nomes como o de Roquete Pinto, o do alemão Curt Niemandaju, Artur Ramos, Manuel Bonfim, Capistrano de Abreu, Josué de Castro e Gilberto Freyre.

Como já demonstrado no primeiro capítulo, Darcy Ribeiro não se ocupava em São Paulo somente do curso de Ciências Sociais, mas militava, também, na década de 1940, pelo partido comunista. Dizia se dividir entre “o estudante atento e o militante tarefeiro”, se doando às duas atividades “sem quaisquer limitações”¹². Assim, Darcy Ribeiro teria recebido influências importantíssimas de personalidades que militavam, assim como ele, no Partido Comunista em São Paulo, especialmente: Jorge Amado, identificado como um dos principais nomes do partido em São Paulo, mas de quem Darcy Ribeiro sabia muito pouco na época; Caio Prado Jr., para quem Darcy Ribeiro fez uma campanha eleitoral, na condição de assessor; o romancista Oswald de Andrade; Monteiro Lobato; Artur Neves; e muitos outros: “Através deles também conheci muitos outros intelectuais paulistas de esquerda”¹³. Dentro desse “habitus” intelectual poderíamos encontrar a origem do pensamento comunista, ou de esquerda, presente de maneira bastante significativa em alguns momentos da vida de Darcy Ribeiro, ou em alguns pontos específicos de suas obras.

¹¹ RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a, p.125.

¹² *Ibidem*, p.127.

¹³ *Ibidem*, p.119.

Mas logo que formado, procurando uma maneira de sobreviver com a sua profissão, por um sentimento de rejeição por parte do Partido Comunista a funções de destaque e direção no partido, decide viver por quase dez anos entre indígenas, realizando pesquisas etnográficas, de 1947 a 1956. Mas com a mudança para o Rio de Janeiro, e com a atividade de Professor das Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, Darcy Ribeiro retomou as vivências entre intelectuais que discutiam temas de fundamental importância, já na década de 1950. Principalmente com o núcleo de amigos, professores da mesma faculdade em que neste momento trabalhava, quando professor de Etnologia Brasileira e Língua Tupi:

Língua tupi nunca ensinei. Sou ruim para línguas (...). Minha etnografia era, de fato, uma introdução à antropologia teórica, que eu recheava com exemplificações tiradas da etnologia indígena. (...) Minha vida de professor na FNFI foi gratificante. Conheci lá grandes professores, que se tornaram amigos meus. Nosso convívio na faculdade era escasso, mas nos freqüentávamos em casa. Entre eles recorro com gosto Josué de Castro, Anísio Teixeira, Arthur Ramos, Álvaro Vieira Pinto, Maria Yedda Linhares e outros¹⁴.

Muitos desses professores estavam, neste momento, participando do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB, criado em 1955, e que funcionou como centro de referência de discussão intelectual sobre o nacionalismo e o desenvolvimentismo, e o papel do estado frente a esses temas a durante todo mandato presidencial de Juscelino Kubitschek, e que perdurou até sua extinção pelo regime militar quando do golpe de 1964.

Apesar de não compor oficialmente os quadros do ISEB, é possível encontrar entre as idéias e conceitos elaborados por Darcy Ribeiro, muito do que já havia sido produzido pelos participantes do ISEB como Roland Corbisier, Hélio Jaguaribe, Álvaro Vieira Pinto, Cândido Mendes, Celso Furtado e Nelson Werneck Sodré.

Como alguns exemplos, podemos tomar as obras de Hélio Jaguaribe, principalmente quando tratam dos conceitos de “fase” e “estrutura tipo”¹⁵, que encontrariam correspondentes, respectivamente, na forma de “etapas da evolução sociocultural” e “formações socioculturais” na obra de Darcy Ribeiro. Ou ainda temas como “Estado Cartorial” e “condições institucionais do desenvolvimento”, que encontram apropriações correspondentes, na obra *O Dilema da América Latina* de Darcy Ribeiro. O tratamento que Hélio Jaguaribe daria ao tema das “condições de superação da

¹⁴ Ibidem, p.201.

¹⁵ JAGUARIBE, Hélio. *Condições Institucionais do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958a.

dependência”¹⁶ também apresenta semelhanças com o tema da “revolução necessária” de Darcy Ribeiro, na obra *Os Brasileiros*. Assim como a idéia de “desenvolvimento autônomo como projeto”¹⁷.

Quanto às elaborações de Álvaro Vieira Pinto¹⁸, destacamos o conceito de “ideologia do desenvolvimento nacional”, aproximado à idéia de Darcy Ribeiro de que a ideologia congregaria diferentes setores sociais no sentido do desenvolvimento e da “revolução necessária”¹⁹. Idéia presente em quase todos os autores ligados ao ISEB.

Na obra de Cândido Antônio Mendes de Almeida, encontramos como principal aproximação, nos trabalhos de Darcy Ribeiro, o raciocínio que parte da condição de subdesenvolvimento dos países latino-americanos como uma característica comum, e portanto, articuladora da necessidade de sua união, como a perspectiva mais viável de emergência e superação de tal condição, no sentido do “protagonismo latino-americano” em âmbito internacional²⁰. Assim como a idéia de “nacionalismo latino-americano” como base ideológica para a superação da condição periférica²¹.

O tema do nacionalismo aparece, também, em publicações de Hélio Jaguaribe²², Caio Prado Jr.²³ e Nelson Werneck Sodré²⁴. Todos possuem uma série de contribuições à composição da interpretação de Darcy Ribeiro sobre a América Latina, contudo, gostaríamos de destacar as análises do último dos autores sobre as “classes sociais no Brasil”²⁵, sem dúvida alguma como uma importante contribuição para a elaboração de Darcy Ribeiro sobre a “estratificação social” e as “estruturas de poder” latino-americanas²⁶.

Como elemento importante da trajetória de Darcy Ribeiro não se pode esquecer que por volta de 1954, com o suicídio de Getúlio Vargas, se inicia a passagem declarada de filiação de Darcy Ribeiro da causa comunista para cada vez mais se achegar aos trabalhistas. A continuidade do trabalho teria de contar, então, com a compreensão desta

¹⁶ Idem. *Problemas do desenvolvimento latino-americano: estudos de política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

¹⁷ Idem. *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

¹⁸ PINTO, Álvaro Vieira. *Ideologia e desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

¹⁹ RIBEIRO, Darcy. *O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979a.

²⁰ ALMEIDA, Cândido Antonio Mendes de. *Perspectiva atual da América Latina*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

²¹ Idem. *Nacionalismo e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: IBEEA, 1963.

²² JAGUARIBE, Hélio. *O Nacionalismo na atualidade Brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958b.

²³ PRADO JR, Caio. *A revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1966.

²⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *Raízes históricas do nacionalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

²⁵ Idem. *As Classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.

²⁶ RIBEIRO, Darcy. *Oo.Cit.*, 1979a.

transição do pensamento comunista de Darcy Ribeiro para a sua adesão ao trabalhismo, ao nacionalismo, ao desenvolvimentismo e, por fim, ao reformismo marcantes nas décadas de 1950 e 1960. Trabalho que exige uma boa compreensão do significado de cada um desses temas para a história do Brasil, e do período em questão.

Longe de tentar, proceder a uma revisão desses temas, seria suficiente apenas localizar Darcy Ribeiro, e suas concepções, sobre, e frente, aos mesmos. Para tal fim, poderiam ser utilizados como referência alguns autores e pesquisas tomados como clássicos, eleitos como principais para cada um destes temas mas, sempre acompanhados de uma bibliografia de apoio e contextualização. Como exemplificação, listamos alguns autores fundamentais: Sobre o tema do trabalhismo como uma perspectiva de constituição da classe trabalhadora no Brasil, com a construção do conceito de cidadania e da extensão desta aos setores populares, seria de fundamental importância o trabalho de Ângela de Castro Gomes²⁷. Para uma análise que pudesse relacionar o trabalhismo com os vícios políticos que envolviam e dificultavam o seu processo de formação e consolidação, elementos seriam encontrados no trabalho de Maria Celina D'Araújo²⁸ para conhecer as suas bases, o sindicalismo e suas contradições, suas necessidades práticas frente ao poder. Outro trabalho importante tomado como referência, com os olhos retirados da política carioca, e com vistas direcionadas para o sindicalismo paulista, é o trabalho de Maria Victoria de Mesquita Neves Benevides²⁹.

Uma outra abordagem ao tema do trabalhismo giraria em torno do tema do “populismo latino-americano”, levando-se em conta autores como: Francisco Corrêa Weffort³⁰, Octavio Ianni³¹, Jorge Ferreira³², César Ricardo de Andrade³³, entre outros.

Para a compreensão da identificação de Darcy Ribeiro com o Nacional-Desenvolvimentismo, compreendendo suas motivações de engajamento, far-se-ia necessário compreender a trajetória que parte das pesquisas educacionais do governo de

²⁷ GOMES, Ângela de Castro (org.). *A invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice (Ed Revista dos Tribunais); Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

²⁸ D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, Carisma & Poder: o PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

²⁹ BENEVIDES, Maria Victoria. *O PTB e o Trabalhismo: partido e sindicato em São Paulo(1945-1964)*. São Paulo: Brasiliense/CEDEC, 1989.

³⁰ WEFFORT, Francisco Corrêa. *O populismo na política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

³¹ IANNI, Octavio. *A Formação do Estado Populista na América latina*. São Paulo: Ática, 1989. E: IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

³² FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

³³ ANDRADE, César Ricardo. *O conceito de populismo nas ciências sociais latino-americanas: história, representação e debate ideológico*. Franca: FHDSS (Dissertação de Mestrado), 2000.

Juscelino Kubitschek, passando pela elaboração do projeto de estruturação da Universidade de Brasília, a sua reitorias, até abandoná-la para chegar ao Ministério da Educação do governo de João Goulart, e posteriormente a Chefia da casa Civil do mesmo governo. Em cada um destes contextos Darcy Ribeiro carregava projetos explícitos de reforma; e em torno de todos eles se envolvia em intensos debates.

Em 1956, Darcy Ribeiro foi convidado por Anísio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), para compor o programa que fazia parte do projeto de reelaboração das diretrizes da educação no Brasil para o governo de Juscelino Kubitschek. As pesquisas realizadas pelo programa, em cada uma das regiões do Brasil, seriam de fundamental importância para a composição posterior das obras de Darcy Ribeiro que se propõem a interpretar e compreender o Brasil.

A experiência na construção da Universidade de Brasília, a partir de 1959, conferiria a Darcy Ribeiro renome internacional pelas características que ele e Anísio Teixeira nela imprimiram em função de ser uma universidade com preocupação de corresponder às necessidades dos países subdesenvolvidos e atrasados. Sob os mesmos moldes, Darcy Ribeiro seria convidado, durante seu período de exílio, para promover reformas universitárias por toda a América Latina e até fora dela – Universidade de Brasília, Universidade da República Oriental do Uruguai, Universidade Central de Venezuela, Universidade do Chile, Universidade da Argélia, Universidade do México e Universidade do Peru.

Mas ainda no período de 1954 a 1963, este se constituiu na fase em que Darcy Ribeiro foi chamado a participar dos órgãos de decisão do poder, que tinha toda vinculação à idéia do reformismo da doutrina do Nacional Desenvolvimentismo, e à atuação de parte do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Sobre o tema do desenvolvimento, gostaríamos de destacar a obra de Miriam Limoeiro Cardoso³⁴, principalmente sobre o destaque e a importância que a autora atribui para o caráter ideológico do desenvolvimento enquanto projeto político. Este conceito de “ideologia do desenvolvimento” veio a ser, posteriormente, um dos pontos de fundamentação das teses elaboradas pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e do próprio Darcy Ribeiro.

³⁴ CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento*: Brasil JK-JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Sobre a questão do reformismo e do nacionalismo, no período, contamos como referências principais com as obras de: Caio Prado Júnior³⁵, Cândido Antônio Mendes de Almeida³⁶, Celso Furtado³⁷, Hélio Jaguaribe³⁸ e Nelson Werneck Sodré³⁹.

Com relação à experiência de Darcy Ribeiro no poder, na Chefia da casa Civil do Governo João Goulart, sendo responsável pela coordenação dos dois projetos que ele próprio considerava os mais importantes daquele governo, e que no seu entender foram as causas fundamentais da sua derrubada pelo golpe militar em abril de 1964: as Reformas de Base, cujos pontos principais eram a reforma agrária, com a desapropriação dos latifúndios improdutivos, a continuidade da reforma educacional, uma reforma tributária e outras mais; e a regulamentação da lei que impunha controles sobre o capital estrangeiro no Brasil, em outras palavras, restringia a remessa de lucros de empresas estrangeiras para o exterior. Na bibliografia do trabalho encontram-se referências bibliográficas que acreditamos que seriam apropriadas para a contemplação da proposta de compreensão desse contexto, destacando a importância dos acontecimentos do período, no Brasil, e no continente latino-americano, e sua influência na elaboração das obras de Darcy Ribeiro.

O mais importante seria não perder de vista que, ainda quando no Ministério da Educação, do qual Darcy Ribeiro era Ministro, estava sua responsabilidade o já mencionado Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB. Nesse momento responsável por cursos de treinamento em problemas de desenvolvimento econômico e social, por influência da Comissão de Estudos e Planejamento para a América Latina, a CEPAL, congregando áreas como economia, sociologia, filosofia, história, pedagogia e ciência política. É possível encontrar entre os autores e as principais idéias da CEPAL, influências de grande significado na composição das idéias de Darcy Ribeiro sobre a América Latina, principalmente quanto às suas perspectivas de desenvolvimento.

³⁵ PRADO JÚNIOR, Caio. *A revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.

³⁶ ALMEIDA, Cândido Antônio Mendes de. *Nacionalismo e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

³⁷ FURTADO, Celso. *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga, 1968 b.

³⁸ JAGUARIBE, Hélio. *Crises e alternativas na América Latina*. São Paulo: Perspectiva, 1976. E: JAGUARIBE, Hélio. *O nacionalismo na atualidade Brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958b.

³⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *Op.Cit.*, 1960.

4.2 O diálogo com as teorias do desenvolvimento latino-americano

Na hipótese de futuramente perseguirmos os itinerários intelectuais de Darcy Ribeiro sobre relacionados com a sua produção sobre a América Latina, procuraríamos relacionar sua trajetória intelectual, bem como as suas principais idéias, com o debate intelectual sobre o tema do desenvolvimento latino-americano entre as décadas de 1950 e 1990. E em nossa opinião esse debate intelectual não poderia se desvincular das idéias propugnadas pelo conjunto de autores reunidos em torno da CEPAL.

Como principais referência dos pensadores que mativeram diálogo entre as idéias do subdesenvolvimento da Cepal e do ISEB, teríamos alguns trabalhos de Celso Furtado⁴⁰, e pontos de diálogo exemplificados por Gunnar Myrdal⁴¹, além de uma breve análise dos mesmos, realizada por Reginaldo Moraes⁴².

Mas sem dúvida nenhuma os trabalhos de maior impacto sobre as construções teóricas de Darcy Ribeiro sobre a idéia de desenvolvimento e subdesenvolvimento estariam vinculadas à idéia de centro-periferia do maior dos autores cepalinos, Raúl Prebisch⁴³.

Seria possível estabelecer uma trajetória que partiria da década de 1950, com o surgimento do tema do subdesenvolvimento na Cepal, passando por uma reflexão em torno do impacto de tais idéias na elaboração dos trabalhos nacionalistas e desenvolvimentistas do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB, para chegar a como Darcy Ribeiro incorporou à sua interpretação da América Latina elementos tanto do ISEB quanto da CEPAL, diferenciando ou o quê proviria do ISEB e o quê proviria da CEPAL, para vincular o próprio Darcy Ribeiro a um diálogo com autores cepalinos que se estenderia até a década de 1990, desde os trabalhos de Darcy Ribeiro publicados na década de 1970, tais como, *As Américas e a Civilização* e *O Dilema da América Latina*, até a crítica cepalina do neoliberalismo elaborada pelo mesmo autor na década de 1990.

Em outras palavras, seria pertinente buscar os fundamentos teórico-metodológicos das obras de Darcy Ribeiro, principalmente nas influências que sofreu de correntes de

⁴⁰ FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. Idem. *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968a. Idem. *Perspectivas da economia brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

⁴¹ MYRDAL, Gunnar. *Teoria Econômica e regiões subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

⁴² MORAES, Reginaldo. *Celso Furtado: o subdesenvolvimento e as idéias da Cepal*. São Paulo: Ática, 1995.

⁴³ PREBISCH, Raúl. *Dinâmica do desenvolvimento latino-americano*. São Paulo: Fundo de Cultura do Brasil, 1949.

pensamento com que entrou em contato nas décadas de 1950 e 1960, as acima mencionadas ISEB e CEPAL, para posteriormente, compreender o intenso diálogo que, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, Darcy Ribeiro estabeleceu com as diferentes correntes da Teoria da Dependência sobre o caráter do desenvolvimento latino-americano.

Para a compreensão dos trabalhos desenvolvidos pela Cepal, tomaríamos como referência a obra de Octávio Rodríguez⁴⁴, que delineia alguns dos principais conceitos articuladores da teoria da dependência em questão: a concepção do sistema centro-periferia, a teoria da deterioração dos termos de intercâmbio e o tema da industrialização periférica⁴⁵ etc. Estes conceitos teriam importante fundamentação nos trabalhos de Raúl Prebisch⁴⁶, junto de outros intelectuais da própria Cepal⁴⁷, no sentido de aproximar suas análises econômicas à elaboração da tese do subdesenvolvimento.

Apesar de não compor oficialmente os quadros do ISEB nem da Cepal, Darcy Ribeiro se colocou como um dos principais porta-vozes desses grupos políticos, não somente no Brasil, mas também, como já visto, em outros países latino-americanos. E uma de nossas preocupações é conseguir comprovar a existência de relações entre conceitos elaborados por pensadores destas instituições e os conceitos elaborados pelo próprio Darcy Ribeiro no tocante aos problemas e perspectivas de superação dos mesmos pelos países latino-americanos.

Como estas idéias deram origem ao pensamento imperialista sobre a dependência, ou a “a teoria da superexploração”, muito próxima das correntes mais radicais da esquerda latino-americana, pois tomava os golpes militares como ponto de legitimação do imperialismo estadunidense sobre o continente, ou pior, como um instrumento dessa dominação, contaríamos com os trabalhos de André Gunder Frank⁴⁸, Ruy Mauro Marini⁴⁹ e Theotônio dos Santos⁵⁰.

⁴⁴ RODRIGUEZ, Octavio. *Teoria do subdesenvolvimento da cepal*. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

⁴⁵ Há, com o passar dos anos, o surgimento de novos temas tratados pela Cepal, como o da industrialização substitutiva, a preocupação com a inflação, a análise dos obstáculos estruturais do desenvolvimento, enfim, mas que não nos interessa aprofundar, em função do período temporal que selecionamos, décadas de 1950 e 1960, e o problema que perseguimos, a análise do subdesenvolvimento dos países latino-americanos no mesmo período.

⁴⁶ GURRIERI, Adolfo (org.). *La obra de Prebisch en la Cepal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

⁴⁷ CEPAL. *Cinquenta años de pensamiento en la Cepal: textos seleccionados*. Chile: Fondo de Cultura Económica, 1998.

⁴⁸ FRANK, André Gunder. “Desenvolvimento do Subdesenvolvimento”. In: PEREIRA, Luiz (org). *Urbanização e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. FRANK, André Gunder. *Capitalismo y Subdesarrollo en América Latina*. México: Siglo XXI, 1971.

⁴⁹ MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência*. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁵⁰ SANTOS, Theotônio dos. *A teoria da dependência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Seguindo o raciocínio de que, dada a impossibilidade de estabelecimento de um pacto nacionalista de desenvolvimento, decorrente das alianças entre elites econômicas, extratos militares e empresas multinacionais estrangeiras, não restariam alternativas aos países latino-americanos senão trabalhar pela revolução socialista, a “teoria da superexploração” emergiria no cenário do continente e influenciaria claramente Darcy Ribeiro até o final da década de 1970 e início da de 1980, momento em que participa ativamente da política latino-americana. Essa teoria seria a base essencial para Darcy Ribeiro, na interpretação da América Latina, e demais países subdesenvolvidos, nos livros *As Américas e a Civilização* e *O Dilema da América Latina*.

Após as experiências revolucionárias de esquerda que não lograram sucesso entre os países latino-americanos, uma nova perspectiva de análise passaria a se colocar e traria uma nova possibilidade de integração entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos dentro da dinâmica cepalina de centro-periferia: estaria aqui o nascimento da Teoria da Dependência Associada. Para a sua compreensão tomaríamos como principal referência a obra de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto⁵¹. Mas que foi perseguida e debatida, pelos próprios autores, e por alguns outros intelectuais⁵².

A teoria da dependência associada ganha importância no final da década de 1960 e início da década de 1970, encontrando repercussão nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Partia da idéia de que, já que existiria uma impossibilidade estrutural de estabelecimento de um pacto entre trabalhadores e burguesia nacional no sentido do desenvolvimento autônomo, apenas restaria aos países latino-americanos a alternativa de se associarem ao sistema dominante, como a melhor das possibilidades para o seu desenvolvimento, mesmo que dentro do subdesenvolvimento. Na visão de Darcy Ribeiro essa teoria representava a convivência das elites latino-americanas em transformarem os trabalhadores do continente em um proletariado externo para os países centrais. Na medida em que os latino-americanos produziam grandes riquezas exportáveis para as “metrópoles”, somente recebiam em contrapartida o suficiente para a manutenção de suas elites, às custas de uma intensa concentração de renda, para uma pequena parcela da

⁵¹ CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América latina*: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: LTC Ed., 1970.

⁵² Alguns exemplos são: CARDOSO, Fernando Henrique. *O Modelo Político Brasileiro*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. Idem. *Política e desenvolvimento em sociedades dependentes*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1971. GOLDENSTEIN, Lúcia. *Repensando a Dependência*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1994. TRASPADINI, Roberta. *A Teoria da (Inter)dependência*: de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999; entre outros.

sociedade, e penúria social, para a parcela restante e grande maioria da população de cada um dos países.

O contraponto à “teoria da dependência associada”, dentro da conjuntura de fracasso das propostas da esquerda latino-americana nas décadas de 1960 e 1970, e da intensificação do processo de globalização em que não restaria escolha, aos latino-americanos, senão a de aderir e se desenvolver pela democracia⁵³, seria a perspectiva da teoria nacional dependente, do final da década de 1970 em diante, cujo principal representante é Luiz Carlos Bresser Pereira⁵⁴.

Mesmo que em um primeiro momento tenha servido para justificar as reformas neoliberais da América Latina nas décadas de 1980 e 1990, serviram também como contraponto posterior aos resultados, distante dos esperados inicialmente, das mesmas. A teoria Nacional-dependente ganha corpo, assim, como uma possibilidade de nova reforma do Estado, no sentido de condicionar a formação de um pacto entre burguesia nacional e trabalhadores para a integração dos países latino-americanos no sentido de desenvolvimento autônomo que, só não ocorreria por falta de vontade das próprias classes dominantes latino-americanas. De certa forma retoma alguns pontos do ISEB e da Cepal, mas, ao mesmo tempo, reafirma novas necessidades diante da nova conjuntura internacional das décadas de 1980 e 1990.

Levaríamos com esta discussão ao encaminhamento de uma análise do papel da perspectiva do desenvolvimento pela dependência no momento das reformas neoliberais por que passariam os latino-americanos frente a situação atual de crise das mesmas. Em outras palavras, seria possível relacionar algumas críticas de Darcy Ribeiro com relação ao Neoliberalismo para reafirmar alguns debates atuais sobre a falsa lógica nacional-dependente das políticas econômicas latino-americanas ao longo de toda a década de 1990. As análises de Darcy Ribeiro sobre o neoliberalismo das décadas de 1980 e 1990, e as críticas à lógica nacional-dependente se encontram em algumas de suas obras selecionadas⁵⁵.

⁵³ RIBEIRO, Darcy. *América Latina: A Pátria Grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

⁵⁴ BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Crise econômica e reforma do Estado no Brasil: para uma nova interpretação da América Latina*. São Paulo: Ed.34, 1996. _____. *Reforma do Estado para a cidadania: a reforma gerencial brasileira na perspectiva internacional*. São Paulo: Ed.34, 1998. _____. WILHEIM, Jorge; SOLA, Jorge (orgs.) *Sociedade e Estado em transformação*. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: ENAP, 1999.

⁵⁵ RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a. E: RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom*. Rio de Janeiro: Revan, 1997b.

Para além da maneira de como se relacionou com cada uma das tendências mais significativas – as correntes desenvolvimentistas, nacional-progressistas, anti-imperialistas, dependentistas, integracionistas e neoliberais –, pretendemos compreender de que forma Darcy Ribeiro se pronunciou a favor de projetos políticos vinculados a um pensamento das esquerdas latino-americanas das décadas de 1950 e 1960, principalmente as esquerdas que constituíram seus projetos antes dos golpes militares que acometeram a América Latina, durante os anos 1960 e 1970, e interromperam drasticamente os projetos de democratização social em favor de projetos de “democracia política”⁵⁶.

Diante dessa impossibilidade de viabilização dos projetos de esquerda, Darcy Ribeiro passaria a dialogar com as propostas das próprias esquerdas latino-americanas, assim como com os projetos políticos de fato implementados pelos governos de diferentes países latino-americanos, entre as décadas de 1960 e 1990.

Difícilmente conseguimos identificar integralmente Darcy Ribeiro com uma ou outra das correntes em diálogo. O que nos leva a considerar que ele desenvolve uma interpretação bastante peculiar da América Latina que, apesar de contar com influências dos mais diferentes matizes do pensamento latino-americano, possui uma originalidade que repercute, apenas, de forma restrita, mas nem por isto menos importante, já que, a compreensão desta originalidade não se baseia na busca de uma exaltação simplista do objeto de estudo, no sentido de justificá-lo, mas na busca pela compreensão de uma temática essencial aos latino-americanos quanto à sua história política e social, a quebra do paradigma nacionalista de desenvolvimento e a drástica instauração e lenta evolução do paradigma da dependência, partindo-se da perspectiva de um intelectual, Darcy Ribeiro, que o vivenciou, de um lado a outro, enquanto participante ativo de órgãos de poder de diferentes países latino-americanos – diretamente, Brasil, Uruguai, Chile, Venezuela, Peru; e indiretamente, México, Bolívia e Cuba.

Para apreender este percurso intelectual do pensamento latino-americano no século XX, contamos, como uma referência significativa, com os trabalhos de Eduardo Devés Valdés, que abarca de forma bastante abrangente o diálogo entre modernização e

⁵⁶ Sobre a divisão entre democracia social e democracia política, cf: BRESSER PEREIRA, Luis Carlos. Macunaíma e Emília na terra do amanhã. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 de agosto de 2004, Caderno Mais, p.12.

desenvolvimento no pensamento latino-americano entre os anos 1900 e 1950⁵⁷ e, a relação entre desenvolvimento, projetos de segurança e democracia, entre as décadas de 1950 e 1990⁵⁸. Bem como seus resquícios ao longo da década de 1990⁵⁹.

4.3 A adesão e a aceitação da Cultura Política de “Nuestra América”

Por influência de um movimento de renovação do pensamento e das elaborações teóricas por parte das elites intelectuais latino-americanas, entre as décadas de 1930 e 1950, Darcy Ribeiro se propõe à elaboração de uma interpretação baseada em pesquisas genuinamente latino-americanas capazes de “reinventar” o modo como a sua própria sociedade - acostumada a ser subjugada e ser colocada numa situação colonial e a reproduzir os modelos interpretativos vindos dos países “centrais” ou “dominantes” - , pudesse se pensar e se refazer. Recebe, assim, influência de cepalinos e isebianos para pensar a América Latina em suas contradições fundamentais e propor um projeto político com capacidade de intervenção e mobilização dos povos latino-americanos visando à superação de sua condição de subdesenvolvimento e dependência.

Mas, para além das análises estruturais, para Darcy Ribeiro, somente uma revolução de pensamento, com a formação de uma ideologia consistente, direcionada politicamente para a execução de um projeto para levar os trabalhadores dos países latino-americanos a formarem elites políticas que não mais correspondessem aos anseios das elites econômicas, poderia diminuir as desigualdades sociais e promover um desenvolvimento latino-americano autônomo e independente.

Assim, um aspecto completamente desconsiderado por toda a comunidade acadêmica brasileira poderia ser retirado da obra de Darcy Ribeiro com relação à América Latina, a contribuição para a construção de um projeto utópico e ideológico de uma nova América Latina unida, em uma só Pátria. Idéias completamente desconsideradas pela cultura política brasileira, mas não pela resistente cultura política hispano-americana. Darcy Ribeiro seria incluído e debatido por correntes intelectuais militantes e engajadas

⁵⁷ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*, tomo 1: Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

⁵⁸ Ibidem, tomo 2: desde la CEPAL al Neoliberalismo (1950-1990). Buenos Aires: Biblos, 2003.

⁵⁹ Ibidem, tomo 3: Las discusiones y las figuras del fin de siglo (Los años 90). Buenos Aires: Biblos, 2004.

com o desafio de realizar a tão cedo anunciada, por muito tempo suprimida, mas ainda esperada, revolução latino-americana. Em outras palavras, uma corrente intelectual que encontra, ainda hoje, ecos em quase toda a hispano-américa, e que passa quase que completamente despercebida pelo Brasil. A corrente que tentaríamos justificar como a vinculada a uma Cultura Política de “Nuestra América”.

Darcy Ribeiro desempenharia assim mais um de seus múltiplos papéis intelectuais junto a uma corrente de intelectuais latino-americanos que trabalhariam para a construção de uma identidade comum no sentido de conseguir realizar uma velha “utopia latino-americana”. Para Darcy Ribeiro, em seus diferentes momentos, a melhor alternativa aos países latino-americanos consistiria em sua união. Uma união que representaria a única possibilidade efetiva de congregação de forças no sentido da superação também da situação “neocolonial”. Ainda na visão do autor, a América Latina, enquanto uma “pátria grande”, ainda não existia, mas tinha plenas condições para existir, pelos seguintes fatores: (1) Por uma origem comum; uma maça mestiça de ibéricos, negros e índios; (2) Por uma condição comum: povos colonizados e neocolonizados; (3) Por um problema comum: o subdesenvolvimento e a dependência; e (4) Por uma necessidade comum: tornarem-se povos para si⁶⁰.

Como professor de Antropologia da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República Oriental do Uruguai⁶¹, em Montevideu, Darcy Ribeiro elaborou e preparou para publicação os primeiros volumes de sua série de *Estudos de Antropologia da Civilização*, que constitui sua principal obra intelectual. Obras que Darcy Ribeiro concebeu no exílio, entre projetos de Reformas Universitárias e participação em projetos de revoluções latino-americanas. Nas palavras do autor, assim ele teria se descoberto latino-americano, e portanto não seria mais um provinciano brasileiro “de costas à América Latina”.

Com o passar do tempo, também, percebe-se claramente que com a continuidade da realização das obras de caráter acadêmico, como *O Processo Civilizatório* e *As Américas e a Civilização*, em determinado momento, quando da elaboração de *O Dilema da América Latina*, Darcy Ribeiro mescla partes do livro construídas com base em critérios eminentemente acadêmicos, e outras completamente distanciadas de tais critérios. Estas construções chegariam a se comparar a ensaios ideológicos livres de quaisquer comprometimentos, normas, regras e padrões acadêmicos. O que mais chama a atenção é que

⁶⁰ RIBEIRO, Darcy. *América Latina: A Pátria Grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

⁶¹ BRANT, Vera. *Darcy*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

esta seria a tônica de todas as produções posteriores de Darcy Ribeiro. Ensaaios, militantes e engajados.

Se seus primeiros livros sobre a América Latina, de caráter acadêmico, tiveram pouca repercussão no Brasil, seus ensaios passariam a ser completamente ignorados e para não dizer que tiveram pouca repercussão, pode-se dizer claramente que não tiveram nenhuma.

O que acreditamos ter acontecido é uma adesão a um tipo específico de manifestação intelectual por parte dos hispano-americanos, não compartilhada por intelectuais da antiga América Portuguesa, que criaram gerações intelectuais em torno de diálogos estabelecidos com base em ensaios. Nas palavras de Alfonso Reyes o “ensayo” seria: “el centauro de los géneros, donde hay de todo y cabe todo, propio hijo caprichoso de una cultura que no puede ya responder al orbe circular y cerrado de los antiguos, sino a la curva abierta, al proceso en marcha, al ‘Etcétera’ ”⁶². O ensaio para John Skirius seria uma espécie de literatura, metade lírica, metade científica que, no caso da América Hispânica, se definiria em torno de motivações recorrentes, de modo a identificar as gerações intelectuais engajadas em uma mesma proposta ao longo do século XX:

Tópicos de época, problemas contemporáneos, cuestiones de interés humano general, llenan las columnas de periódicos y revistas. El ensayista hispanoamericano del siglo XX tiende a describir y enunciar problemas, no a resolverlos. La solución se deja a los científicos, los sociólogos, los economistas y los políticos. En el siglo XX muchos ensayistas han tratado de ser cronistas de sus sociedades más que redentores. Al contrario, los ensayistas hispanoamericanos en el siglo XIX se sentían más seguros de sí mismos al proponer programas de reforma. Sarmiento, Echeverría, Alberdi, Bello, Hostos, Lastarria, Montalvo, Martí y otros tuvieron que cumplir papeles dobles como líderes políticos y como ensayistas. González Prada y Vasconcelos llenaron el perfil de esos buscadores decimónicos de la utopía mejor que la mayoría de sus contemporáneos en el siglo XX. No obstante, los ensayistas del siglo XX actúan también como estadistas, políticos, conferencistas, educadores, académicos, editores, directores de publicaciones y periodistas. Quieren producir un impacto en la sociedad, pero eluden hacer los diseños de la utopía en la que era de los especialistas y los tecnócratas⁶³.

Para John Skirius, em torno dos ensaios latino-americanos teriam se unido, debatido e dialogado, ensaístas como: os peruanos Manuel Gonzáles Prada, José Carlos Mariátegui, Luís Alberto Sánchez, Sebastián Salazar Bondy, José Miguel Oviedo e

⁶² REYES, Alfonso. *Apud: SKIRIUS, John (comp.). El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. México: FCE, 2004, p.11.

⁶³ SKIRIUS, John (comp.). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. México: FCE, 2004, p.13.

Mario Vargas Llosa; o nicaraguense Rúben Darío; o uruguaio José Enrique Rodó; os cubanos Fernando Ortiz, Alejo Carpentier e Guillermo Cabrera Infante; os mexicanos José Vasconcelos, Alfonso Reyes, Octavio Paz, Elena Poniatowska, Gabriel Zaid, Carlos Monsiváis e Enrique Krauze; o guatemalteco Miguel Ángel Asturias; os venezuelanos Mariano Picón-Salas e Arturo Uslar Pietri; os colombianos Germán Arciniegas, Eduardi Caballero Calderón e Gabriel García Márquez; os chilenos Pablo Neruda e Gabriela Mistral; o guatemalteco Luis Cardoza y Aragón; o porto riquenho Rosario Ferré, e, por fim, os argentinos Ezequiel Martínez Estrada, Jorge Luis Borges, Enrique Anderson Imbert, Ernesto Sábato, Julio Cortázar, Néstor García Canclini, Beatriz Sarlo e Héctor Libertella; entre outros⁶⁴.

Alguns desses autores são novamente mencionados quando da montagem de um curso cujo tema era “Pensamiento de Nuestra América: autorreflexiones y propuestas” ministrado por Roberto Fernández Retamar, para o CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, com a proposta de que fosse um curso sobre a importância das idéias na construção de alternativas para a realidade latino-americana: “Pues, lo que se aborda en este curso es el pensamiento, antes que las realidades sobre las que se piensa”⁶⁵.

Ao considerar os principais ensaístas que comporiam a trajetória do pensamento sobre “Nuestra América”, Roberto Fernández Retamar dá destaque, em âmbito latino-americano, aos seguintes autores, sempre em diálogo com a idéia de *Utopía* forjada por Thomas Morus: Garcilaso de la Vega, Gastón García Cantú, Félix Weinberg, Alfonso Reyes, Pedro Henríquez Ureña, Rafael Gutiérrez Girardot, Ezequiel Martínez Estrada, José Lezana Lima, Darcy Ribeiro e Luis Britto García. Esses acompanhariam e manteriam viva a memória dos autores clássicos do pensamento utópico revolucionário latino-americano - Hidalgo, Morelos, Bolívar, Simón Rodríguez, Bilbao, Juárez, Martí, Manuel Gonzales Prada, Mariátegui⁶⁶ - e portanto fariam parte também da identidade intelectual militante por “Nuestra América”.

Retamar chega a dizer que, para além da contribuição para a formação de identidade latinoamericana em torno da “Utopía de Nuestra América”, alguns autores eram também muito importantes porque, por meio de seus escritos, teriam conseguido, a partir da América Latina, alçá-la e equipará-la ao nível de qualquer outra importante

⁶⁴ SKIRIUS, John (comp.). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. México: FCE, 2004, p.883-8, *passim*.

⁶⁵ FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento de Nuestra América: autorreflexiones y propuestas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2006.

⁶⁶ *Ibidem*. Cf. Cap. 5: Utopía y Radicalización en nuestro pensamiento, p.55-62.

região o mundo, por repensar a sua condição, a partir da América Latina – Cap.8: “América en la historia, América piensa al mundo”. Entre eles estariam Eric Williams, Aimé Césaire, Leopoldo Zea, Edmundo O’Gorman, Frantz Fanon, Walter Rodney, Atilio Boron, e novamente Darcy Ribeiro⁶⁷.

Adolfo Colombres elabora um ensaio, dedicado a contribuir para o reforço da “Utopía de Nustra América”, intitulado *América Como Civilización Emergente*⁶⁸, em que ele diz na primeira frase do livro: “Este libro se origina en la consciencia de que Nuestra América ha comenzado el tercer milenio casi sin proyectos colectivos capaces de afirmarnos ante al mundo como una civilización emergente, esa provincia humana nueva a la que se refería Darcy Ribeiro”⁶⁹. Um pouco mais a frente diria Colombres:

En un plano más próximo, quiero honrar aquí, con un sentido acto de memoria, a Guillermo Bonfil Batalla y Darcy Ribeiro, quienes fueron mis amigos y maestros, y murieron en la ultima década del siglo anterior. Ambos dejaron planteado el problema civilizatorio, tras avizorar las cuestiones que más pesan en el despunte de este nuevo milenio⁷⁰.

Todo este trabalho de Colombres não somente cita as obras e as idéias de Darcy Ribeiro, e chega mesmo a se utilizar do mesmo aparato conceitual elaborado por Darcy Ribeiro para propor, no terceiro milênio, a América Latina como uma Civilização Emergente.

Apropriação conceitual de Darcy Ribeiro poderia ser encontrada facilmente, ainda, no livro *La Nación Sudamericana: del imperativo histórico-cultural a la realización económico-política*, de Carlos Piñeiro Iñiguez⁷¹.

O autor Ernesto Jorje Tenenbaum, ao elencar alguns autores que, de acordo com a sua visão, teriam contribuído para o pensamento utópico de Nuestra América, inclui também Darcy Ribeiro. Em verdade, chega a dar destaque a Darcy Ribeiro, não somente por ter repensado a América Latina, ou por ter participado de projetos de governo, junto a líderes latino-americanos os mais importantes, mas principalmente por servir de referência

⁶⁷ Ibidem. Cf. Cap.8: América en la historia, América piensa al mundo, p.79-82.

⁶⁸ COLOMBRES, Adolfo. *América como Civilización Emergente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

⁶⁹ Ibidem, p.7.

⁷⁰ Ibidem, p.9-10

⁷¹ PIÑEIRO IÑIGUEZ, Carlos. *La Nación Sudamericana: del imperativo histórico-cultural a la realización económico-política*. Buenos Aires: Instituto del Servicio de la Nación – ISEN; Grupo Editorial Latinoamericano Nuevohacer, 2004.

ao “Movimientos populares de nuestra américa” ainda atualmente, constituindo parte intrínseca de sua identidade⁷².

Recorrências como essas poderiam ainda ser encontradas em obras como o de Mario Casalla: *América Latina en Perspectiva: dramas del pasado, huellas del presente*⁷³; ou ainda a editada no México, *Procesos Interculturales: antropología política del pluralismo cultural en América Latina*, de Miguel Alberto Bartolomé, que toma diversas obras de Darcy Ribeiro como algumas de suas referências⁷⁴.

O que se quer dizer com todas essas citações e destaque a possíveis pontos de diálogo é que, se a historiografia brasileira até o presente momento não valoriza o pensamento de Darcy Ribeiro para a América Latina, seria possível não somente encontrar ecos de seu pensamento em outros países latino-americanos, como estudá-lo como parte de um conjunto de intelectuais que se identificam em torno de uma só causa, compreender a América Latina, e repensa-la a partir do plano das idéias e quizá na prática.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS – Entre fracassos e utopias: um balanço da trajetória intelectual de um militante incansável por causas impossíveis

De acordo com Antônio Cândido, Darcy Ribeiro “teve a capacidade de viver muitas vidas em uma só”⁷⁵. Em qualquer lugar em que se procure saber algo sobre Darcy Ribeiro dificilmente se consegue escapar, à primeira vista, do que já de tão recorrente, parece ter se tornado “inerente” à caracterização deste intelectual, e que se trata exatamente, da multiplicidade de seus campos de atuação. Não procedemos de maneira diferente, porque de fato, também em nossa opinião, não seria possível compreender a figura intelectual de Darcy Ribeiro sem revigorar a importância de seus múltiplos campos

⁷² TENEMBAUM, Ernesto Jorge. *Movimientos populares en la historia de nuestra América*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

⁷³ CASALLA, Mario. *América Latina en Perspectiva: dramas del pasado, huellas del presente*. Buenos Aires: Altamira; Fundación OSDE, 2003.

⁷⁴ BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. *Procesos Interculturales: antropología política del pluralismo cultural en América Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2006.

⁷⁵ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.2.

de inserção: foi etnólogo, antropólogo, educador, político, exilado, ensaísta, romancista, legislador, político e crítico social, do Brasil, da América Latina, e do Mundo⁷⁶.

Em cada um destes campos de atuação, no mínimo, ganhou grande repercussão, sem contar que em alguns deles ainda realizou grandes projetos, como se verá adiante. E, para se destacar nesses diferentes campos de atuação, obviamente necessitou de um largo período de tempo, o que o levou a viver em diferentes contextos, desde que ganhou a vida pública na década de 1940, até a sua morte, na década de 1990: de militante comunista nas décadas de 1940 e 1950, passou a político trabalhista, ainda na década de 1950, e, posteriormente, passou do reformismo da década de 1960, novamente à militância revolucionária ainda na década de 1960 e por toda a de 1970, e, novamente se arrefecendo, retorna a exigir a reforma rumo à redemocratização no Brasil da década de 1980, para finalizar sua vida, após ter ocupado cargos no executivo do Estado do Rio de Janeiro e no Legislativo Nacional Brasileiro, militando pela utopia da “Revolução Necessária”, na década de 1990.

O que nos direciona a outra característica importante de Darcy Ribeiro, a de dialogar intensamente com as referências político-ideológicas de cada momento ou contexto nos quais decidiu, ou lhe foi possível, intervir e participar: Comunismo, Trabalhismo, Reformismo, Insurgência, Contestação da Dependência, Democracia, Crítica ao Neoliberalismo, Utopia em nome da “Revolução Necessária”, para o “O Povo Brasileiro”, e para a “Pátria Latino-Americana” – entre outros pontos.

Darcy Ribeiro via a sua obra, assim, como “fruto desse esforço” de conjugação de conhecimentos de diferentes áreas de atuação. Ou ainda, “um intento de reunir e entretecer os fios de minhas vivências, meditando como cientista social, sobre minha experiência política e reavaliando, como político, minhas responsabilidades de estudioso”⁷⁷. Sobre isso, Mércio Pereira Gomes diz: “Difícil é separar o pensamento de Darcy de sua ação, já que ele se movia por uma convicção de que os dois interagem

⁷⁶ Aos olhos de qualquer leitor desavisado tal afirmação poderia parecer um exagero. Mas entre os livros de antropologia acadêmica, projetos de reforma universitária, romances, ensaios sobre o Brasil e a América Latina, e revisões sobre as teorias da evolução humana, Darcy Ribeiro, até o ano de 2000, contava com aproximadamente trinta diferentes publicações, com cerca de 200 edições somadas, em diversos países do mundo – entre eles: Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Cuba, México, Estados Unidos, Portugal, Espanha, França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Israel e Argélia – entre outros.

⁷⁷ RIBEIRO, *Os Brasileiros: Teoria do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991, p.10.

dialeticamente”.⁷⁸ Helena Bomeny o caracterizou como um intelectual “militante engajado”⁷⁹, dado o fato de, não só vincular estreitamente causas “ideológicas” a reiterados projetos de intervenção, como também ao fato de que em cada atividade que exercia, respaldar-se de maneira marcante por convicções político-ideológicas sempre polêmicas e, por vezes, ferrenhamente combativas e combatidas, e que exigiam portanto exemplar militância. Como reforça Mércio Pereira Gomes:

Sua atuação política foi frequentemente marcada pela ousadia e coragem pessoal, por um espírito de confronto, e não de dissimulação, pelo radicalismo ideológico, por uma grande capacidade de enfrentamento e pouca de negociação. Havia muito pouca paciência na atuação política de Darcy, que se movia mais por sentimentos de urgência e necessidade, cujas conseqüências beiravam o ideal de auto-sacrifício⁸⁰.

E para participar de diferentes contextos e sob tantas perspectivas político-ideológicas em confronto, assumiu diferentes posturas. O que não deveria ser um problema, se aos olhos de seus críticos não fosse possível identificar, para cada um desses contextos, posições não somente diferentes, não lineares, descontínuas, mas principalmente profundamente contraditórias. Com base nessas contraditoriedades, por vezes, foi questionado e banalizado, como um caso de “intelectual a se desconsiderar”, e assim, foi também depreciado ou colocado em descrédito; principalmente pela comunidade acadêmica brasileira. Com relação a isso dizia o próprio Darcy Ribeiro que se orgulhava de mudar de convicções de acordo com o que acreditava serem as exigências de cada momento: “Na verdade sou um homem feito muito mais de dúvidas que de certezas, e estou sempre predisposto a ouvir argumentos e a mudar de opinião. Tenho mudado muitas vezes na vida. Felizmente”⁸¹.

A primeira dificuldade, na definição nos itinerários intelectuais de Darcy Ribeiro, consiste, portanto, em aclarar essas mudanças de filiações político-ideológicas e torná-las compreensíveis, para além de reproduzir as caracterizações que nada explicam sob o estigma simplista de “contraditórias”. O que de fato importava, na visão de Darcy Ribeiro, era conseguir defender suas “causas”. O próprio Darcy Ribeiro chegou a se definir, antes de tudo, como “homem de fé e de partido”, que “fazia tanto política como ciência movido

⁷⁸ GOMES, Mércio Pereira. *Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ícone, 2000, p.19.

⁷⁹ BOMENY, Helena. *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.25.

⁸⁰ GOMES, Mércio Pereira. *Op.Cit.*, p.51.

⁸¹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 2001, p.39.

por razões éticas, definindo causas as mais variadas com vistas a, antes de tudo, ser participante”⁸².

“Ser participante”, aspirar “influir sobre as pessoas”, “ajudar o Brasil a encontrar a si mesmo”, “libertar a América latina da exploração”. Darcy Ribeiro dizia que tinha o grande objetivo de intervir na realidade e, de acordo com o que acreditava, torná-la melhor, interferindo, via social ou política, positiva ou negativamente – de acordo com a leitura de terceiros –, mas sempre inferindo sua marca. Pelas suas supostas pretensões desmedidas, Darcy Ribeiro foi considerado por muitos, e talvez ele mesmo tenha desejado construir a imagem de, extremamente vaidoso, ou até mesmo presunçoso. E de tão vaidoso e presunçoso: fátuo, vão, ingênuo, inconseqüente. O mais surpreendente é que Darcy Ribeiro ironiza essa sua condição e desconstrói, ou desconsidera, seus críticos, ao exaltar os sugeridos “defeitos” para forjar novas qualidades: “Muita gente diz que sou insuportavelmente orgulhoso, até vaidoso. É verdade. E daí? Estou cheio de razões do que fiz em minha vida inteira para orgulhar-me de mim. Sempre repito que os modestos têm razão, cada qual sabe de si”⁸³.

O que para Darcy Ribeiro poderia se parecer com “convicções”, aos olhos de terceiros poderiam parecer “auto-enganações”. Um diálogo entre racionalidade e passionalidade também acompanha Darcy Ribeiro: “causas racionais” transformadas em “passionais”, ou grandes paixões a serem perseguidas de maneira “racionalizada”, no sentido de se tornarem realidade. Esses processos de “racionalização de paixões” não teriam chegado a enganar, por diversas vezes, o próprio Darcy Ribeiro? Ou o teriam levado a se apaixonar demasiadamente por suas “racionalizações”? De acordo com Helena Bomeny, ao analisar a atuação de Darcy Ribeiro:

Qualquer que seja o informe, o motivo da reflexão, o relato, percebemo-nos envolvidos em sua paixão exponenciada nas suas muitas formas de tradução: indignação, erotismo, entusiasmo, raiva, alegria e melancolia. (...) Lendo o mundo com as lentes da paixão, a Darcy nada era compreensível fora do registro da emoção. (...) Da Escola Livre de Sociologia, Darcy Ribeiro guardou mais que lembranças. Armazenou não apenas o acervo que foi cultivando ao longo da vida, mas também a marca de um confronto que nunca pôde resolver entre a atividade acadêmica e a militância. Caminhos suspeitos para ambas as adesões que supunha natural: os comunistas lhe cobrando ação, a academia lhe cobrando rigor e isenção. (...) A mudança de rumo com relação à causa indígena também recebeu em Darcy uma justificativa política. Deixa os estudos acadêmicos, mais do interesse dos

⁸² Idem, 1995a, p.17.

⁸³ Idem, 1997a, p.522.

antropólogos do que seus objetos de estudo, e passa a ser um “combatente da causa indígena”. Sai da postura do etnólogo, que busca o índio como quem vai ao primitivo, e presentifica sua ação, politizando-a como questão nacional. (...) Conhecer modelos não implica a adoção desses modelos como projetos nacionais. E se acompanharmos a trajetória de Darcy percebemos muito rapidamente que o diletantismo não era propriamente o fundamento de sua curiosidade intelectual. Conhecer é intervir. O sentido político da atividade intelectual nunca lhe escapou. Ora, se tinha como projeto de vida intervir nos processos sociais e alterar seu curso, se sua estrada no mundo era política, isso se traduziu em uma adesão incondicional à matriz transformadora.⁸⁴

Sempre com grandes convicções e temas a serem perseguidos, que de tão abrangentes e difíceis para o autor ou qualquer intelectual existente e inquestionavelmente atuante, via de regra, se transformavam em causas impossíveis. Impossíveis até que Darcy Ribeiro se cansasse delas, para depois se transformarem em empreendimentos utópicos. E como pressupunha serem as utopias projetos perfeitos a serem realizado em determinado momento, tomava suas utopias, antes inadiáveis e realizáveis, como “fracassos” vitoriosos contra seus opositores de má vontade. Já que Darcy Ribeiro se via como um homem de “boa vontade”. Boa vontade poucas vezes repercutida em realizações duráveis, e que mesmo assim não desmotivaram esse indivíduo, movido pela já mencionada racionalização de suas paixões.

Para Darcy, a política era uma atividade imprescindível, até mesmo nobre, do homem, embora se realize quase sempre amiudada pelas ambições pessoais desenfreadas e pelos interesses de classe. Nesse sentido, fazer política foi uma atividade à qual Darcy se dedicou com empenho dirigido como meio para aplicar as idéias e realizar os objetivos que ele se propunha⁸⁵.

Ao longo de uma longa carreira de projetos realizados e não realizados, Darcy Ribeiro acreditava ter deixado como exemplo e solução para os problemas do Brasil, da América Latina, e do Mundo, a capacidade de se indignar: “Nós, na América Latina, só podemos ser indignados ou resignados. E eu não vou me resignar nunca”⁸⁶. E a partir da indignação reivindicar, e se possível muito mais do que isso, realizar pequenas e grandes revoluções: “O mundo é um projeto que os homens poderiam fazer. A essência da natureza humana é que ela é utópica”⁸⁷.

⁸⁴ BOMENY, op. cit., 2001a, passim.

⁸⁵ GOMES, Mércio Pereira. *Op.Cit.*, p.50.

⁸⁶ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 2001, p.69.

⁸⁷ *Ibidem*, p.27.

Revoluções de qualquer tipo, desde que Revoluções: “Darcy Ribeiro sonhou, por muitos anos, com uma revolução para o Brasil, mesmo quando já era ministro de Estado e exilado político. Seus livros sobre a América Latina e o Brasil exibem esse ideal e buscavam estratégias para sua implantação”⁸⁸. Para Darcy Ribeiro, pensar a América Latina ou o Brasil corresponderia a traçar planos de ação política para resolução de seus problemas, realizando um processo de mudança social, proveniente de uma “compulsão social” necessária, para a superação do atraso e da dependência e compor, o que chamava de “Pequena Utopia Latino-Americana”.

Obtendo sucesso em seus projetos ou não, o fato é que, ao longo de toda a sua vida, Darcy Ribeiro recebeu diversos prêmios e manifestações de reconhecimento, no Brasil e no exterior. Além de professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Darcy recebeu títulos de *Doutor Honoris Causa* de diversas universidades importantes, tais como Sorbonne, Copenhague, Oriental do Uruguai, Central de Venezuela e Brasília. Recebeu, também, de Fidel Castro, em Havana, a medalha Haydée Santamaria, concedida a vinte intelectuais amigos de Cuba. O discurso de agradecimento ao prêmio foi realizado na *Casa de las Américas*⁸⁹. Outros dois prêmios importantes foram: o Prêmio Andrés Bello, concedido pela Organização dos Estados Americanos, a eminentes educadores das América; e a Comenda Anísio Teixeira, que é concedida a cada cinco anos pela CAPES a cientistas e educadores, como reconhecimento dos seus esforços na área da educação brasileira. No entanto, nada teria conferido tanta alegria ao autor como sua eleição para a academia Brasileira de Letras:

Minha fala acadêmica teve por tema o papel dos intelectuais brasileiros como expressões mais ou menos lúcidas do saber erudito de nosso povo, a parcela de gentes de que o Brasil dispõe para entender como viemos a ser o que somos e para iluminar nossos caminhos futuros⁹⁰.

Mas o discurso de agradecimento às suas premiações que mais repercutiu, foi o que fez na Sorbonne, quando do recebimento do título de *Doutor Honoris Causa*, cujas últimas palavras são a reafirmação da convicção de que, enquanto intelectual comprometido em intervir, modificar, melhorar a realidade, de acordo com as idéias, Darcy Ribeiro acreditava ter cumprido, a despeito de seus críticos, o seu papel: “Fracassei

⁸⁸ GOMES, Mércio Pereira. *Op.Cit.*, p.52.

⁸⁹ RIBEIRO, Darcy. *Op.Cit.*, 1997a, p.546.

⁹⁰ *Ibidem*, p.547.

em tudo que tentei na vida. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei alfabetizar as crianças, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria, não consegui. Mas meus fracassos são minhas vitórias. Detestaria estar no lugar de quem me venceu”⁹¹.

Com relação à América Latina, sem dúvida alguma, Darcy Ribeiro é notadamente um personagem intelectual bastante divulgado. Com orgulho, afirmava: “Nenhum brasileiro tem uma teoria tão traduzida e discutida”⁹². Enrique Saravia apresenta Darcy Ribeiro da seguinte maneira: “Darcy Ribeiro constituía, junto com Celso Furtado y Fernando Henrique Cardoso, el trio de intelectuales brasileños más conocidos en el mundo”⁹³. O que não se compreende, no entanto, é o fato de Darcy Ribeiro somente ser conhecido no Brasil pelo que é considerado sua obra Prima, *O Povo Brasileiro*, ou por sua participação política no contexto brasileiro em nome de causas educacionais. Dentro da comunidade acadêmica brasileira, dificilmente se vincula Darcy Ribeiro como um importante teórico para a compreensão da América Latina.

Como já comprovamos estar Darcy Ribeiro, de acordo com comunidades acadêmicas de todo o restante da América Latina, vinculado como uma dos autores fundamentais para a sua compreensão, principalmente sob dois pontos, o que leva em conta a sua composição étnico-cultural, e o segundo vinculado a mais um dos autores responsáveis por fazer ecoar o projeto de unidade e construção de uma identidade latino-americana real e palpável a qualquer um de seus cidadãos, este trabalho representa apenas um primeiro passo rumo ao propósito de fazer chegar ao Brasil esse debate, por intermédio de um intelectual brasileiro, e quiçá, refletir seria e concretamente a utopia de uma nova sociedade latino-americana que, olhando em uma só direção, parta de uma mesma origem, com uma só identidade, com iguais necessidades, enfrente os mesmos problemas e os mesmos desafios e realize um mesmo projeto.

⁹¹ Idem, 2001, p.57.

⁹² Idem, 1997b.

⁹³ SARAVIA, Enrique. Darcy Ribeiro: luchas públicas y guerras privadas. *Humanidades*. N. 138, México: UNAM, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

RIBEIRO, Darcy. *América Latina: A Pátria Grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização: processo de formação e causa de desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BIBLIOGRAFIA

AGGIO, Alberto. *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

_____; LAHUERTA, Milton (orgs.) *Pensar o século XX: problemas políticos e história nacional na América Latina*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

ALMEIDA, Cândido Antônio Mendes de. *Nacionalismo e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

_____. *Perspectiva atual da América Latina*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

ALMOND, Gabriel A. "El estudio de la cultura política" In ALMOND, Gabriel A. *Una disciplina segmentada — escuelas y corrientes en las ciencias políticas*. México: FCE, 1999, p. 196-218.

ANDRADE, César Ricardo. *O conceito de populismo nas ciências sociais latino-americanas: história, representação e debate ideológico*. Franca: FHDSS (Dissertação de Mestrado), 2000.

AZEVEDO, Guilherme. Darcy Ribeiro. In: *Rebeldes Brasileiros: homens e mulheres que desafiaram o poder*. V.2. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Cartéis e Desnacionalização: a experiência brasileira: 1964-1974*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil – 1961-1964*. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Editora da UNB, 2001.

BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo. (orgs.) *América Latina: história, idéias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. *Procesos Interculturales: antropología política del pluralismo cultural en América Latina*. México: Siglo XXI Editores, 2006.

BASTOS, Elide Rugai; RÊGO, Walquíria D. Leão. *Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

BENEVIDES, Maria Victoria. *O PTB e o Trabalhismo: partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo: Brasiliense/CEDEC, 1989.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, pp.349-363.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BOMENY, Helena. Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2001a.

_____. Os Intelectuais da Educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.

BOTELLA, Jean. En torno al concepto de cultura política: dificultades y recursos. In: CASTILLO VERA, Pilar Del; CRESPO MARTINEZ, Ismael (eds.) *Cultura Política: enfoques teóricos y análisis empíricos*. Valencia: Tirant lo Blanch, 1997, pp.17-37.

BRAGA, Roberto Saturnino. As propostas dos Partidos: a proposta do PDT. In: *Lua Nova: cultura e política*. São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), v.1, n.1, 1984, pp. 49-53.

BRANT, Vera. *Darcy*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRESSER PEREIRA, Luis Carlos. Macunaíma e Emília na terra do amanhã. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 de agosto de 2004, Caderno Mais, p.12.

_____. *Crise econômica e reforma do Estado no Brasil: para uma nova interpretação da América Latina*. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. *Desenvolvimento e Crise no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

_____. *Reforma do Estado para a cidadania: a reforma gerencial brasileira na perspectiva internacional*. São Paulo: Ed.34, 1998.

_____.; WILHEIM, Jorge; SOLA, Jorge (orgs.) *Sociedade e Estado em transformação*. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: ENAP, 1999.

CANSINO, César. *Historia de las Ideas Políticas: fundamentos filosoficos y dilemas metodologicos*. México: Centro de Estudios de política Comparada, 1998.

CARDOSO, Fernando Henrique. *O Modelo Político Brasileiro*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

_____. *Política e desenvolvimento em sociedades dependentes*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1971.

_____.; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América latina: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: LTC Ed., 1970.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK-JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CASALLA, Mario. *América Latina en Perspectiva: dramas del pasado, huellas del presente*. Buenos Aires: Altamira; Fundación OSDE, 2003.

CEPAL. *Cinquenta años de pensamiento en la Cepal: textos seleccionados*. Chile: Fondo de Cultura Económica, 1998 – 2 Volúmenes.

CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (orgs.). *Questões para a História do Presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHIAPPINI, Lígia; DIMAS, Antônio; ZILLY, Berthold (orgs.) *Brasil: país do passado?* São Paulo: EDUSP; Boitempo Ed., 2000.

COELHO, Haydée Ribeiro (org). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay: entrevistas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.

COLOMBRES, Adolfo. *América como Civilización Emergente*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

COMBLIN, Joseph. *A Ideologia da Segurança Nacional: poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, Carisma & Poder: o PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*, tomo 1: Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

_____. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*, tomo 2: desde la CEPAL al Neoliberalismo (1950-1990). Buenos Aires: Biblos, 2003.

_____. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*, tomo 3: Las discusiones y las figuras del fin de siglo. Los años 90. Buenos Aires: Biblos, 2004.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp.61-89.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento de Nuestra América: autorreflexiones y propuestas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2006.

FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FORCHERI, Miguel Serna. *Reconversão democrática das esquerdas no cone sul: trajetórias e desafios na Argentina, Brasil e Uruguai*. Bauru: EDUSC, 2004.

FRANK, André Gunder. *Capitalismo y Subdesarrollo en América Latina*. México: Siglo XXI, 1971.

FURTADO, Celso. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

_____. *Brasil: la construcción interrumpida*. México D.F.: FCE, 1992.

_____. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

_____. *Perspectivas da economia brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

_____. *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968a.

_____. *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga, 1968 b.

GOLDENSTEIN, Lúcia. *Repensando a Dependência*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1994.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

_____. (Org.) *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. (org.). *A invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice (Ed Revista dos Tribunais); Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

GOMES, Mércio Pereira. *Darcy Ribeiro*. São Paulo: Ícone, 2000 (Série Pensamento Americano).

GOMES, Paulo de Tarso. *A Universidade em sociedades subdesenvolvidas: estudo das propostas de Darcy Ribeiro*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1989 (Dissertação de Mestrado).

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GURRIERI, Adolfo (org.). *La obra de Prebisch em la Cepal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. *O Labirinto Latino Americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *A Formação do Estado Populista na América Latina*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

JAGUARIBE, Hélio. *Condições Institucionais do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958a.

_____. *Crises e alternativas na América Latina*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- _____. *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- _____. *O Nacionalismo na atualidade Brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958b.
- _____. *Problemas do desenvolvimento latino-americano: estudos de política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LAZZAROTTO, Danilo. *A Teoria de Darcy Ribeiro: evolução cultural da pedra lascada à cibernética*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MORAES, Denis de. *A Esquerda e o Golpe de 64*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- MORAES, Reginaldo. *Celso Furtado: o subdesenvolvimento e as idéias da Cepal*. São Paulo: Ática, 1995.
- MYRDAL, Gunnar. *Teoria Econômica e regiões subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.
- PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PELUSO, Luis Alberto. *O Projeto de Modernidade no Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.
- PEREIRA, Luiz (org.). *Urbanização e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- PIÑEIRO IÑIGUEZ, Carlos. *La Nación Sudamericana: del imperativo histórico-cultural a la realización económico-política*. Buenos Aires: Instituto del Servicio de la Nación – ISEN; Grupo Editorial Latinoamericano Nuevohacer, 2004.
- PINHEIRO, Lucas Miranda. *O pensamento e a ação do intelectual Darcy Ribeiro, com enfoque em suas propostas político-educacionais nas décadas de 1980 e 1990*. Franca: UNESP, 2003. (Trabalho de Conclusão de Curso, História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social).
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ideologia e desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.
- POCOCK, J.G.A., *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *A revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- PREBISCH, Raúl. *Dinâmica do desenvolvimento latino-americano*. São Paulo: Fundo de Cultura do Brasil, 1969.
- RÉMOND, René (org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- _____. (org.). *Hacer la historia Del siglo XX*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. *Ensaio Insólitos*. Porto Alegre: L&PM, 1979.
- _____. *Configurações Histórico-Culturais dos Povos Americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Mestiço é que é bom*. Rio de Janeiro: Revan, 1997b.
- _____. *Nossa escola é uma calamidade*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- _____. *O Brasil como problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a.
- _____. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *O Processo Civilizatório: etapas da evolução sócio cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- _____. *Os Brasileiros: Teoria do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Somos todos culpados: pequeno livro de frases e pensamentos de Darcy Ribeiro/ seleção e organização de Eric Nepomuceno* – Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- RICUPERO, Bernardo. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34/Fapesp, 2000.
- RIoux, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- RODRIGUEZ, Octavio. *Teoria do subdesenvolvimento da Cepal*. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.
- ROMERO, Marcelo. *O pensamento de Fernando Henrique Cardoso: liberalismo e social democracia*. Franca: FHDSS (Dissertação de Mestrado) 2000.
- ROUQUIÉ, Alain. *O extremo Ocidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991.
- SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as Conferências de Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAMPAIO Jr., Plínio de Arruda. *Entre a Nação e a Barbárie: os dilemas do Capitalismo Dependente*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SANTOS, Thetônio dos. *A teoria da dependência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SARAVIA, Enrique. Darcy Ribeiro: luchas públicas y guerras privadas. *Humanidades*. N. 138, México: UNAM, 1997.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. “A História Intelectual em Questão”. In: LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p.16.
- SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Continente em chamas: globalização e território na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SKIRIUS, John (comp.). *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. México: FCE, 2004.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *As Classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.
- _____. *Raízes históricas do nacionalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.
- SORJ, Bernardo. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- TENEMBAUM, Ernesto Jorge. *Movimientos populares en la historia de nuestra América*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.
- TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *O Governo Goulart e o Golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TOURAINÉ, Alain. *Palavra e Sangue: Política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- TRASPADINI, Roberta. *A Teoria da (Inter)dependência: de Fernando Henrique Cardoso*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- WEFFORT, Francisco Corrêa. *O populismo na política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- ZANCANARO, Lourenço. *A filosofia da cultura na ciência da cultura em Darcy Ribeiro*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1990 (Dissertação de Mestrado).